



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

**EM BUSCA DO *MAIS VALIOSO E PRECIOSO TESOURO*,
HISTORIOGRAFIA DA TRADUÇÃO DA BÍBLIA DE JOÃO
FERREIRA DE ALMEIDA**

JAKELINE PEREIRA NUNES

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

BRASÍLIA/DF
JULHO/ 2016

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD**

**EM BUSCA DO *MAIS VALIOSO E PRECIOSO TESOURO*,
HISTORIOGRAFIA DA TRADUÇÃO DA BÍBLIA DE JOÃO
FERREIRA DE ALMEIDA**

JAKELINE PEREIRA NUNES

ORIENTADOR: HANS THEO HARDEN

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

**BRASÍLIA/DF
JULHO/ 2016**

Julho/ 2016

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA E CATALOGAÇÃO

NUNES, Jakeline Pereira. **EM BUSCA DO MAIS VALIOSO E PRECIOSO TESOURO, HISTORIOGRAFIA DA TRADUÇÃO DA BÍBLIA DE JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA**. Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2016, 200f. Dissertação de mestrado em Estudos da Tradução.

Documento formal, autorizando reprodução desta dissertação de mestrado para empréstimo, exclusivamente para fins acadêmicos, foi passado pelo autor à Universidade de Brasília e acha-se arquivado na Secretaria do Programa. O autor reserva para si os outros direitos autorais, de publicação. Nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor. Citações são estimuladas, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

FICHA CATALOGRÁFICA NUNES, Jakeline Pereira. **EM BUSCA DO MAIS VALIOSO E PRECIOSO TESOURO, HISTORIOGRAFIA DA TRADUÇÃO DA BÍBLIA DE JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA**. português / Jakeline Pereira Nunes; orientador Prof. Dr. Theo Harden. - Brasília, 2016.
220f.

Dissertação (Mestrado - Pós-Graduação em Estudos da Tradução POSTRAD)
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) - Instituto de Letras (IL) - -
Universidade de Brasília (UnB), 2016.

1. Tradução. 2. Historiografia da tradução. 3. Teoria da Tradução. 4. História da

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD**

**EM BUSCA DO MAIS VALIOSO E PRECIOSO TESOURO, HISTORIOGRAFIA DA
TRADUÇÃO DA BÍBLIA DE JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA.**

Jakeline Pereira Nunes

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO SUBMETIDA AO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
DA TRADUÇÃO, COMO PARTE DOS REQUISITOS
NECESSÁRIOS À OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO.**

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Hans Theo Harden (POSTRAD/ UnB) (Orientador)

Prof.^a Dr.^a Germana Henriques Pereira de Sousa (POSTRAD/UnB) (Presidente da Banca)

Prof. Dr. Julio Cesar Monteiro (POSTRAD/UnB) (Examinador interno)

Prof.^a Prof.^a Dr.^a Orlene Lúcia de Sabóia de Carvalho (PGLA/UnB) (Examinadora Externa)

À Maria Nunes, minha avó, de quem todos os sonhos surgiram e, que por meio da sua eterna luta, todos se realizaram e continuarão a ser realizados.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Jorginia e Valmir.

Ao Jonas, meu irmão.

Aos amigos de tantos lugares: Priscila, André, Elisama, Felipe, Sophia, Carolina, Leonardo, Amanda, Camila, Renata e Eugênia.

Aos amigos da Universidade de Brasília: Bruna, Agnes, Rodrigo, Francielle, Fernanda e, em especial, Lorena, Gabriela, Gilda e Clarissa.

À Aline Maia e sua família de Niterói, Paulinho e Deco Araújo, pela acolhida durante minha visita à Fundação Biblioteca Nacional.

Às professoras da Universidade de Brasília: Alessandra Harden (pelo incentivo e livros emprestados), Alice Araújo, Alessandra Querido.

Ao meu orientador, Hrans Theo Harden pela supervisão no decorrer desta pesquisa.

A Julio Cesar Monteiro por ter participado da minha banca de qualificação e por novamente ler minha dissertação.

À professora Luana Freitas por ter lido e comentado esta.

À professora Orlene Lúcia Saboia Carvalho por aceitar participar desta banca.

À professora Germana Henriques Pereira de Sousa por ter sido mentora e incentivadora, desde muito tempo, além de ter assumido a presidência desta defesa.

A Timoteo Cavaco, presidente da Sociedade Bíblia por tuguesa, pelos esclarecimentos via *email* sobre as edições da Bíblia de João Ferreira de Almeida.

A Luis Fernandes, doutor em Hitsória pela USP, por compartilhar parte de seus conhecimentos sobre a primeira Bíblia em língua portuguesa e a vida de João de Almeida.

À Ana Virginia Pinheiro Chefe da Divisão de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), e à Cláudia, funcionária da FBN, que me receberam na FBN e colaboram para a minha consulta e reprodução da Bíblia de 1773 de João Ferreira de Almieda.

À Daniele Miranda, bibliotecária da Sociedade Bíblica do Brasil, pelo envio de bibliografia especializada.

À Capes pelo financiamento desta pesquisa.

RESUMO

Esta dissertação consiste na exposição dos resultados de uma pesquisa relativa a textos sensíveis religiosos, a qual teve por objetivos: apresentar um panorama da história da transmissão e da tradução da Bíblia para o português e pôr em evidência a análise crítica do processo de revisão da tradução da Bíblia de Almeida, buscando identificar as marcas de manipulação do texto bíblico nas duas primeiras edições dessa que foi o primeiro projeto de tradução do texto bíblico completo para o português. Quanto ao primeiro objetivo, esta dissertação parte do princípio de que a Bíblia de Almeida é a Bíblia mais lida no Brasil (GIRALDI, 2008), além de ser uma das Bíblias mais editadas e publicadas no mundo e, ainda assim, o âmbito acadêmico carece de trabalhos que arquitetem a história da transmissão e da tradução dessa obra. O texto bíblico em português ainda é um objeto de pesquisa obscuro do ponto de vista da tradução devido à distância no tempo e ao próprio contexto de concepção: sob patrocínio do governo holandês, no século XVII, e em uma colônia na Ásia, a *Batávia*, hoje conhecida como Indonésia. Já o segundo objetivo provém da observação do crescimento da parcela da população brasileira que se declara protestante (LEWGOY, 2003) e, com isso, o aumento do grupo religioso que faz uso dessa versão da Bíblia como base dogmática. O aumento do grupo protestante no Brasil deu-se justamente no século em que muitos manuscritos bíblicos tidos como originais foram encontrados, dando largada para novos projetos de traduções e, assim, a Bíblia de Almeida sofreu sua primeira grande revisão, atualização e correção pela Sociedade Bíblica do Brasil (SBB), depois de três séculos desde a sua publicação em 1671. Diante disso, cabe a esta dissertação dar luz ao processo de tradução de Almeida, evidenciando a corrente ideológico-doutrinária dos patrocinadores do projeto tradutório e a motivação de Almeida durante o processo de tradução e de revisão da primeira e da segunda edição da sua Bíblia, que se manteve integralmente como versão *standart* do texto bíblico em português por cerca de três séculos e continua com seu prestígio inabalável até os dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Textos sensíveis; Bíblia; Tradução bíblica; João Ferreira de Almeida; Revisão de tradução.

ABSTRACT

This research presents the results of a research on sensitive religious texts, of which the main aims are to lay out a scenario of the history of the transmission and translation of the Bible into Portuguese, and to highlight a critical appraisal of the revision process of the Almeida Bible. It seeks to identify indications of ideological doctrinal characteristics and manipulation in two editions of the pioneer Portuguese translation of the biblical text. To achieve the research's first objective, it is accepted that the Almeida Bible is the most read version in Brazil (GIRALDI, 2008), in addition to being one of the most edited and published in the world, and yet scarcely studied in the academic field concerning its transmission and translation. In translation, the Portuguese language Bible is still an obscure research subject, given the age and the circumstances under which it was born: financed by the Dutch Government, in the 17th century in the Asian colony of Batavia, known today as Indonesia. The second aim is motivated by the growing number of the Brazilian population who identify themselves as Protestants (LWEGOY, 2003) and, alongside it, an increase in the portion that adopts this version of the Bible as their dogmatic basis. The growth in protestant groups in Brazil coincided with the discovery of many bible manuscripts believed to be original works, both in the same century. That encouraged entirely new translation projects, as well as revisions of past translations. The Almeida Bible received its first significant revision, update and correction by the Brazilian Biblical Society (SBB, in the Portuguese acronym), three hundred-years after the publishing of the New Testament (NT) in Portuguese, in 1681. Nevertheless, that was not the first time the Almeida Bible underwent updates and changes. The text of the Portuguese translator, who also did missionary work, was repeatedly updated, largely altering its writing. In light of those facts, this thesis intends to analyze Almeida's translation process, highlighting the ideological doctrinal patron in this Bible translation project into Portuguese language, in addition to Almeida's motivation during project execution in both translation and revision of the New Testament in 1681. In that regard, this research also studies how such alterations came to happen, by comparing the 1681 and 1773 NT, the fourth edition by João Ferreira de Almeida.

KEYWORDS: Sensitive texts; Bible; Bible translation; João Ferreira de Almeida; translation revision.

LISTA DE SIGLAS

AT – Antigo Testamento

JFA – João Ferreira de Almeida

NT – Novo Testamento

NTLH – Nova Tradução na Linguagem de Hoje

SBB – Sociedade Bíblica do Brasil

SBP – Sociedade Bíblica Portuguesa

SPCK - Promoting Christian Knowledge

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	6
RESUMO	7
ABSTRACT	8
LISTA DE SIGLAS	9
INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – PANORAMA DA BÍBLIA EM LÍNGUA PORTUGUESA: TRADUÇÃO E HISTÓRIA	26
1.1. Tradução bíblica	28
1.1.1. Investigação sociocultural na historiografia da tradução	38
1.2. Cronologia das traduções bíblicas em Língua Portuguesa	43
1.2.1. Idade Média	44
1.2.2. Período Humanista	46
1.2.3. A Diferença da Chirstandade	47
CAPÍTULO 2 – A BÍBLIA PORTUGUESA NA BATÁVIA, NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XVII	Error! Bookmark not defined.
2.1. A Cristandade nas Índias Orientais	51
2.2. A tradução da Bíblia nos domínios holandeses no Oriente	52
2.3. João Ferreira de Almeida: padre reformado e tradutor da primeira Bíblia para o português	54
2.3.1 De Torre de Tavares às Índias Orientais do século VXII	54
2.3.2 Período de Malaca, 1642 – 1651	57
2.3.3. Período Batávia, 1651-1656	59
2.3.4 Período de Escritos Polêmicos, 1657-1689	59
2.4. O Novo Testamento de João Ferreira de Almeida	61
2.4.1. O Velho Testamento de João Ferreira de Almeida	63
CAPÍTULO 3 – A MAIOR DÁDIVA E O MAIS PRECIOSO TESOURO: MANIPULAÇÃO EDITORIAL NAS EDIÇÕES DE 1681 E 1773 DA BÍBLIA DE JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA	69

3.1. Análise dos Índices Morfológicos	73
3.2. Análise dos discursos de acompanhamento	84
3.2.1 Prefácios	84
3.3. Análise dos metatextos.....	87
3.3.1 Intertítulo do Evangelho de João	89
3.3.2 Intertítulos dos capítulos do Evangelho de João	89
3.3.3 Notas linguísticas.....	94
3.3.4 Notas entre parênteses/ colchetes	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	102
ANEXOS.....	107

INTRODUÇÃO

Não há pensamento religioso (e nem pensamento sequer), por mais puro e desinteressado que seja, que não carregue em si a atmosfera de uma época - ou, se se preferir, a ação secreta das condições de vida que uma mesma época cria em todas as suas convenções, em todas as suas manifestações, de que ela constitui o lugar-comum, e sobre as quais imprime a marca de um estilo que não se viu ainda, e que não se verá mais.

(Lucien Febvre, 1968)

INTRODUÇÃO

Esta dissertação trata-se de uma investigação inserida no âmbito da tradução de textos sensíveis e enquadrada na subcategoria da historiografia de textos sagrados. Ao que se denomina de “textos sensíveis”, Simms (1997, p. 5) determina “as quatro bases nas quais um texto pode ser considerado sensível, elas são as que contrariam ou ao Estado, ou à religião (que estenderia à “cultura”), ou ao pudor ou, ainda, a determinados cidadãos¹”, sendo que não pode ser excluída a possibilidade de essas bases se sobreporem umas às outras. A classificação de texto sensível, conforme exposto pelo autor, não está inserida no texto, fazendo com que gêneros discursivos, além das quatro bases citadas, possam ser considerados sensíveis. Isso ocorre porque a sensibilidade não estaria no texto, todavia, ela seria determinada tanto pela forma como é vista pelos leitores quanto pelo contexto situacional em que é utilizado. Gohn (2001, p. 149), pautando-se nas premissas de Simms, destaca que os textos sagrados² “são sensíveis porque são passíveis de suscitar objeções por motivos ligados à religião. Há de se reconhecer, assim, que alguma coisa peculiar existe em relação à sua tradução”.

De fato, os textos sagrados, além dos fatores litúrgicos e dogmáticos, estão firmados em gêneros discursivos consideravelmente sensíveis, como, por exemplo, a questão autografal e a tradição da transmissão oral. No caso dos textos sagrados do Cristianismo, por exemplo, existe uma grande distância no tempo entre os textos considerados originais e as traduções, e esse distanciamento também existe entre os livros que compõem a Bíblia Sagrada, tendo em vista que estes foram escritos em períodos diferentes.

As bases formadoras da sensibilidade levam ao conjunto de práticas para a censura, que podem ter como justificativa “a insubordinação, a blasfêmia, a obscenidade e a difamação³” (SIMMS, 1997, p. 5). A censura dos textos sensíveis emerge das normas que

¹ Texto original: “*the four grounds on which a text may be considered sensitive are that they may be contrary to the state, to religion (I would broaden this to “culture”), to decency, or to private citizens.*” (Tradução nossa como todas as outras que seguem nesta pesquisa, salvo indicação do contrário).

² Nesta dissertação optamos por denominar o texto bíblico enquanto texto sagrado, tendo em vista que a classificação de textos sensíveis engloba essa tipologia textual. Ademais, informamos que os textos sagrados, de qualquer ordem, evocam especificidades bastante diversas (relacionadas ou não com questões dogmáticas) que, de fato, influenciam o processo de tradução desses textos.

³ Texto original: “*sedition, blasphemy, obscenity, and libel*”.

regem o contexto em que os leitores e o texto estão inseridos, promovendo uma leitura que pode levantar bastantes objeções. Exemplo da censura ao texto bíblico, enquanto sagrado, foi a proibição da tradução da Bíblia pela Igreja Católica Apostólica Romana durante a Inquisição, na Idade Média, fato que foi justificado pela compreensão de que a tradução da Bíblia era tanto insubordinada às ordens dadas pela Igreja quanto uma blasfêmia à sacralidade, na cosmovisão cristã católica da época. A censura para o texto sagrado, dado o caso do cristianismo, é a tentativa de justificar as objeções à leitura do texto sensível, haja vista que ela, constantemente, vai de encontro aos aspectos que mantêm o fundamento das tradições religiosas estáveis. No caso dos textos sagrados, é bastante claro que a tradição é parte fundamental para que as estruturas dogmática e religiosa se perpetuem. É o que sugere Eugene Nida (1997, p. 189), quando diz que “os problemas de uma longa tradição são especialmente relevantes no caso de textos religiosos, porque há sempre muitas pessoas cuja fé é baseada tanto no estilo do texto de documentos antigos quanto no conteúdo desses documentos”⁴.

Assim, quando o processo de tradução desse tipo de texto é realizado, considera-se que a sensibilidade do texto sagrado evoca justamente o caráter religioso, sagrado, a fé, ou seja, aquilo que não poderia ser definido ou mensurado por experiências puramente objetivas. No aspecto sensível, dessa forma, são ajuntados pressupostos e variáveis específicos, que, normalmente, não estão na tradução de outros tipos textuais, como, por exemplo, a multiplicidade de autores, de estilos, de gêneros literários, a compilação e canonização do texto de acordo com a tradição e o próprio aspecto sagrado. Este último fator é, certamente, o que mais evoca a base religiosa da sensibilidade textual. Isso porque o sagrado se dá “como uma realidade de uma ordem inteiramente diferente da das realidades ‘naturais’” (Eliade, 1992, p. 20), buscando exprimir por meio da língua

ingenuamente o *tremendum*, ou a *majestas*, ou o *mysterium fascinans* mediante termos tomados de empréstimo ao domínio natural ou à vida espiritual profana do homem. Mas sabemos que esta terminologia análoga é devida justamente à incapacidade humana de exprimir o *ganz andere*: a linguagem apenas pode sugerir tudo o que ultrapassa a experiência natural do homem mediante termos tirados desta mesma experiência natural (ELIADE, 1992, p. 20).

O texto sagrado em sua natureza, portanto, tem como intenção expressar o que é sagrado por meio da língua, promovendo, via leitura, a experiência religiosa. Aos agentes do

⁴ Trecho original: “The problems of a long tradition are especially relevant in the case of religious texts, because there are always many people whose faith is based as much on the wording of ancient documents as on their content.”

processo de tradução desse texto cabe a função de compreender e interpretar os elementos que se sobrepõem às palavras, o implícito relacionado às culturas às quais esse texto pertence, com o intuito de entender, também, o local e a época em que os textos foram produzidos. Logo, é possível perceber que, muito além da língua, são inúmeros os fatores que influenciam a tradução do texto bíblico.

Exposta a natureza e os pressupostos que circulam o texto sensível, explicitamos o texto sensível que optamos por trabalhar nesta pesquisa: a Bíblia Sagrada “trata-se de uma compilação de escritos muito antigos, resultantes da longa experiência religiosa dos judeus e dos primeiros cristãos” (RAUPP, 2015, p. 25). Como marco fundador de diversas religiões, a Bíblia é concebida como uma verdade absoluta e incontestável por aqueles leitores que a têm como respaldo para a religiosidade. A Bíblia, em seu conjunto antológico de textos, foi sendo aceita aos poucos por alguns grupos religiosos em seus cânones sagrados. No entanto, há outros que a encaram como uma compilação de documentos antigos de alto valor moral, humano, sendo, a Bíblia, um relato histórico de diversos períodos da história da humanidade e, em diversos excertos, com alto teor literário (GABEL; WHEELER, 2003). Para os grupos religiosos que consideram a Bíblia como texto sagrado, também há o entendimento de que ela carrega uma mensagem “transculturalmente aplicável e supra culturalmente evidente – suficiente, portanto, para todo homem, urbano ou tribal, do passado ou do presente, acadêmico ou leigo” (LINDORO, 2011, p. 130).

A concepção da Bíblia, enquanto um livro sagrado, é a de um texto com função evangelizadora universal que implica, por consequência, um caráter tradutório indissociável a ela. Todavia, antes de evidenciar esse impulso evangelizador – mostrando como o acesso ao texto bíblico se deu via tradução e as implicações disso ao curso da história desse texto sagrado, apresentaremos três dimensões em que o texto bíblico está inserido. Essas dimensões são estipuladas dado o uso religioso e histórico, assim como as características literárias desse tipo de texto.

A dimensão religiosa da Bíblia, ou seja, “o uso religioso que lhe é dado desde que ela veio a existir” (GABEL; WHEELER, 2003, p. 223), está “fora do âmbito literário-histórico” (GABEL; WHEELER, 2003, P. 223). A dimensão religiosa não deve ser descartada da compreensão do texto bíblico, tendo em vista que ela é a dimensão que compõe parte da sensibilidade desse texto, e contando que o público-alvo desse tipo de texto está inserido dentro dos contextos religiosos e pratica a leitura, buscando conectar-se com o sagrado. A dimensão religiosa consiste, conforme a compreensão judaico-cristã, na crença de que os

livros bíblicos foram autografados tanto por homens, o autor humano, quando pela Divindade. Assim, os autores bíblicos, fossem os escribas ou as personagens bíblicas, empregaram

todos os seus recursos e toda a sua personalidade para compor a sua obra, mas foi tal o envolvimento de Deus no processo que a obra pronta diz exatamente o que Deus queria que dissesse. E, com frequência, ainda segundo essa concepção, o que Deus desejava que a Bíblia dissesse era mais profundo ou mais abrangente do que o autor humano aparentemente dizia (GABEL; WHEELER, 2003, p. 229).

Dessa forma, para o público-alvo religioso, a dimensão religiosa é a fundação que evoca o aspecto sensível da leitura desse texto. Nessa dimensão é que está inserida a ideia de sagrado, inalcançável e intangível. Essa ideia é perpetuada, também, na autoria e na mensagem que é passada, pois não se sabe ao certo quem, de fato, autografou o livro bíblico. Dentro dessa ótica, somados à dimensão religiosa, encontram-se dois sentidos que permeiam a leitura do texto em questão: o literal e o mais-que-literal. Esses sentidos fazem parte do conhecimento sistêmico dos métodos que o autor humano empregou para formar a Bíblia. O sentido literal é “o significado básico de suas palavras tomadas como uma unidade” (GABEL; WHEELER, 2003, p. 230) e o mais-que-literal “é o sentido mais ‘completo’, ‘implícito’, ‘superior’, ‘profundo’, ‘figurativo’, ‘simbólico’, ‘espiritual’, ‘místico’ e ‘outros’” (GABEL; WHEELER, 2003, p. 230). Como já ressaltamos, os livros bíblicos são composições feitas por autores, fossem eles as próprias personagens bíblicas, escribas ou autores desconhecidos. Eles fizeram tanto uso do sentido literal, associado às culturas em que estavam inseridos e suas próprias realidades, quanto do sentido mais-que-literal, a fim de fazer a expressão do caráter sagrado indissociável do texto bíblico.

Entretanto, descartar o âmbito da dimensão religiosa e suas implicações leva à impunidade falsa da integridade do texto bíblico por, então, esperar um nível de expressão que englobe aquilo que é usual em um texto de outra área, como a literária e a histórica. Dada a complexidade do texto bíblico, parece claro que ele não surgiu do acaso, mas por meio de um processo editorial longo e complexo, que deve ser analisado à luz de sua própria história (FRYE, 2004).

De acordo com Gabel & Wheeler (2003, p. 49), ter uma noção do nível de envolvimento entre a Bíblia e a história é “tomar conhecimento da convicção central daqueles que escreveram o Antigo Testamento e o Novo Testamento: que a sua divindade (...) penetrou na história humana e organizou as coisas nos termos do seu próprio plano para humanidade”. Certamente, é possível pensar na história da humanidade a partir dessa divisão dos

Testamentos, como prosseguem Gabel & Wheeler (2003, p. 49), dizendo que “estudar a Bíblia é estudar história – e uma história deveras específica”. A história que a Bíblia fornece é dada a partir das experiências sociais, religiosas e míticas dos povos antigos do Oriente Médio (no Antigo Testamento⁵), a diáspora desses povos, e suas práticas pela Europa e Ásia (Novo Testamento⁶). Para os autores Gabel e Wheeler (2003, p. 50), as narrativas que se passam na Bíblia e aquelas que fazem a história do mundo ocidental podem até coexistir positivamente, afinal, há “algum vínculo íntimo entre elas”, no entanto, “não seria próprio ler a Bíblia como um livro de história”. O texto bíblico deveras compreende centenas de anos em apenas um livro e não está organizado de forma cronológica. É possível, sim, consultá-lo como uma fonte para identificação de certos acontecimentos históricos num período linear de cerca de mil anos, porém, “os autores bíblicos foram altamente seletivos no tocante a itens que escolheram como base” (GABEL; WHEELER, 2003, P. 51).

A dimensão literária da Bíblia seria, para os autores Gabel & Wheeler (2003, p. 18), utilizar o termo “literatura” em um “sentido mais amplo”, já que na Bíblia há diversos tipos de livros – com caráter jurídico (Levíticos), mítico (Gênesis), histórico (Êxodo, os Evangelhos), geográfico e sociológico (Números) e com alto teor literário (Salmos, Cântico dos Cânticos). Enquadrar a Bíblia no escopo da literatura é pressupor a sua escrita como a expressão de um *tema*, de uma determinada autoria.

Como afirmam Gabel & Wheeler (2003, p. 23), a crença de que a Bíblia falava com uma só voz perdurou durante muito tempo, embora tenha sido “acidentalmente encorajada” na nossa cultura pela longa preeminência de versões traduzidas consagradas e cristalizadas no tempo, como é o caso da *King James Version* e do caso do nosso estudo, a Bíblia de João Ferreira de Almeida. Gabel & Wheeler (2003, p. 23) apontam que essa errada concepção apagou “variações estilísticas entre seções, quando na confecção”. Na *King James Version*, muitas passagens sofreram um grande “obscurecimento” desde sua publicação, há quatro séculos. Para nós, hoje, tudo parece igual – “a tradição que marca, realmente, a autoria do texto bíblico está na tentativa de encontrar no texto um discurso sagrado que revele o ‘sabor da antiguidade’, na forma como esse texto se revela” (GABEL; WHEELER, 2003, PG. 23). Isso se dá, porque o leitor busca na Bíblia “um texto aparentemente tanto estranho quanto celestial, porque isso sugere seu caráter sobrenatural” (NIDA, 1997, p. 194)⁷.

⁵ Doravante AT.

⁶ Doravante NT.

⁷ Trecho original: “prefer a text that seems even strange and unearthly, because this suggests its supernatural character”.

Entretanto, a tradução bíblica não é de toda uma atividade pacífica. Ela oscila entre a necessidade do acesso ao texto bíblico e está sempre condicionada à sensibilidade expressa dentro do âmbito da dimensão religiosa. A tradução da Bíblia vem, ao longo da própria história, levantando objeções ou aceitação definitiva do texto bíblico traduzido que é disponibilizado aos leitores.

Nos leitores da Bíblia, há ou um misto de emoção e devoção ou uma combinação de respeito à história de formação e distância pessoal de quem a lê em relação à dimensão religiosa (GABEL; WHEELER, 2003). Essa dimensão guia-os, de forma constante, a procurar no texto da Bíblia algo que se identifique com a tradição do sagrado catequizada ou em sua historicidade, formando, assim, um contexto de recepção no qual a sensibilidade é ainda mais exposta.

Ao longo de sua grande história, a Bíblia foi lida quase que em sua totalidade através de traduções (TREBOLLE-BARRERA, 1995, p. 150). Essas traduções cumpriram o papel religioso “de disseminar a palavra de Deus” (BASSNETT, 2005, p. 69) e, ao contrário do Judaísmo e do Islamismo, a

difusão da historicamente condicionada Palavra de Deus por intermédio de traduções sempre foi essencial para o Cristianismo, pelo que a Bíblia já foi traduzida, no todo ou em partes, para quase 2.500 línguas. Sendo assim, não é exagero dizer que “a história da tradução da Bíblia também é a história da própria Bíblia⁸” (ENGLER, 2009, p. 32).

A difusão do texto bíblico, como exposto, leva-nos à compreensão do que o teórico Antoine Berman (2012, p. 43) cunhou como “*impulso à tradução da Bíblia*”. Esse impulso se cumpre pela necessidade de que, para que “cada povo possa entender a Palavra de Deus, é necessário traduzir”. O *impulso à tradução* (BERMAN, 2012, p. 43) compõe, de certo modo, a maioria dos projetos de tradução da Bíblia, sob a prerrogativa da evangelização Cristã, desde a política imperial romana, até os conceitos de “equivalência formal” e “equivalência dinâmica” cunhados por Eugene Nida. É possível afirmar que esses projetos, de tão atrelados aos seus agentes, reforçariam a compreensão de uma única voz nas Bíblias traduzidas. Pelo exemplo do Cristianismo, podemos perceber que a tradução é a força motriz, tanto como missão religiosa quanto como parte integrante à história desse livro, que leva a Bíblia pelo

⁸ Trecho original: “*diffusion of God’s Word through translations has always been essential to Christianity, with the Bible now translated, in whole or in part, into almost 2,500 languages. It is not an exaggeration to say, ‘The history of Bible translation is also the history of the Bible’*”. C.f.: ENGLER, Steven. Translation, tradition and the eternal present of the sacred text. In: GOHN, Carlos Alberto; NASCIMENTO, Lyslei (Orgs.). *A Bíblia e suas traduções*. São Paulo: Humanitas, 2009, pp. 225-241.

mundo, tendo em vista que

de nação em nação, a Bíblia tem conquistado espaço em nível mundial. Uma das consequências desse amplo alcance é que cada país onde ela está disponível certamente possui a sua própria diversidade de traduções, alguns contando com uma variedade maior, outros, com uma menor. Com base nesse aspecto, parece também não haver problemas em assumir que cada país detém hoje a sua própria história da tradução da Bíblia, inclusive o Brasil, já que atualmente podemos encontrar por aqui uma série de versões dessa obra, feitas pelos mais variados grupos religiosos e destinadas a toda espécie de público, algo inexistente em um passado não muito remoto. (RAUPP, 2015, p. 25).

A Bíblia é parte indissociável de algumas das culturas, nas quais o Cristianismo tem bastante força de expressão. E, além de pressupor que cada país tem a sua própria história da tradução da Bíblia, ampliamos nossa compreensão para o fato de que cada língua e cultura também tem a sua própria história da tradução bíblica. De fato, não pode ser ignorado o fato de que os estudos com uma perspectiva histórica podem oferecer um conhecimento mais abrangente com o reconhecimento da relação da interdependência entre nações, línguas e culturas.

Para Bassnett, a “tradução da Bíblia corresponde à história da cultura ocidental em microsomo” (2005, p. 69). Compreender essa história é observar que a tradução da Bíblia é

indiscutivelmente o maior empreendimento da comunicação interlingual na história do mundo. É essencial que ela seja vista por diversas perspectivas: da história antiga, das perspectivas futuras, da relevância linguística, dos fatores sociolinguísticos, dos princípios identificadores e dos procedimentos largamente utilizados. O significado da tradução da Bíblia pode ser prontamente percebido quando consideramos que ao menos um livro das Escrituras foi traduzido e publicado em duas mil e nove línguas e dialetos, falado, por no mínimo, noventa e sete por cento da população mundial.⁹ (NIDA, 1998, p. 23).

Somada à perspectiva histórica, a tradução da Bíblia associa um misto da experiência religiosa e da busca pela revelação do sagrado via acesso ao texto para catequese. Dada a complexidade desse texto, seja devido à sensibilidade ou às dimensões que o envolvem, é necessário ponderar sobre a história do texto bíblico e como esta se relaciona com a tradução desde o início do processo tradutório do texto bíblico, do período greco-romano até a

⁹ Trecho original: “*arguably the greatest undertaking in interlingual communication in the history of the world, it is essential to view it from several perspectives: its past history and future prospects, the relevant linguistics and sociolinguistics factors, and the guiding principles and widely used procedures. The significance of Bible translating can be readily sensed when we consider that at least one book of the Scriptures has been translated and published in 2009 languages and dialects, spoken by a minimum of 97 per cent of the world’s population.*”

atualidade, quando esse texto sagrado já se encontra bastante difundido.

É verdade que há partes da história que são bem mapeadas, as muitas traduções da Bíblia, por exemplo. No entanto, também é verdade que ainda permanecem “vastos territórios desconhecidos”, em que a história universal, territórios que dizem respeito não apenas a lugares e tempos, mas também campos inteiros de investigação e pesquisa. Se pensamos na história da tradução como um mosaico, pode existir pouca dúvida de que ainda há muitos pequenos pedaços ou tesselas em falta, bem como grandes espaços vazios ainda a ser preenchido. O projeto completo está longe de ser completado. Muito pouco é conhecido. (SANTOYO, 2006, p. 19)

Ainda que Santoyo afirme que a parte da tradução bíblica na história esteja bem mapeada, é preciso ressaltar que esse mapeamento abrange, sobretudo, a história da tradução da Bíblia na perspectiva dos textos-fonte e nos de língua inglesa e alemã. No entanto, ainda percebe-se reduzido o mapeamento da tradução bíblica em outras línguas, como o espanhol e o português, por exemplo. Indicamos que essa boa cobertura dos fatos da tradução deste texto sensível serviu, em muito, para cumprir com um outro papel para a história de uma disciplina, que era a correção de alguns fatos sobre a tradução bíblica por meio da identificação de erros. Isto é, “na verdade, uma das tarefas mais importantes de historiadores de hoje (...) denunciar, corrigir e erradicar os graves erros que caiu em um bom número de textos atuais” (SANTOYO, 2006, p. 19).

O interesse em recuperar a história bíblica teve bastante incremento nos séculos XIX e XX, por exemplo, porque, entre outras razões, com o avanço da tecnologia, era possível a produção de “revisões e [de] novas traduções para um número maior de línguas europeias, [e] isso se deu, primeiro, em resposta a novas descobertas e *insights* surgidos da arqueologia e do estudo dos manuscritos bíblicos”¹⁰ (NIDA, 1998, p. 23).

Devido a essas descobertas, as Sociedades Bíblicas, por exemplo, dedicaram-se em revisar as versões do texto bíblico no século XX para, então, oferecer textos bíblicos que estivessem em maior conformidade com os textos-fonte. No caso específico da Bíblia em língua portuguesa, houve um grande esforço da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) para que uma revisão e atualização do texto da Bíblia de Almeida fosse feita. Então, no ano de 1943, iniciou-se a revisão do NT, concluída em 1951. A revisão do AT foi feita entre 1953 e 1956. A Bíblia completa, na edição Revista e Atualizada, foi publicada no ano de 1959. O motivo para realizar a revisão, que resultou na edição Revista e Atualizada, teve como objetivo

¹⁰ Trecho original: “*The modern period can be divided into two main phases. The first phase saw the production of revisions and new translations into a number of major European languages, primarily in response to new discoveries and insights coming from archeology and the study of Bible manuscripts.*”

produzir o texto “em linguagem atualizada sem desnaturar certa linguagem bem antiga e tudo sem fugir ao original¹¹”. Outro empreendimento da SBB foi o de realizar uma versão da Bíbliaa espelho da *New English Version*, uma versão da Bíblia em inglês cuja linguagem é mais comum e acessível. Esse projeto resultou na Nova Tradução da Linguagem de Hoje (NTLH). O NT da NTLH foi publicado em 1973 (GIRALDI, 2007).

O resultado principal dessas revisões e atualizações foi, de fato, um texto muito mais legível e fluido para os leitores do português brasileiro. Entretanto, no que concerne à recepção dessas novas versões, ainda há uma forte resistência de parte do público-alvo, mais tradicional, que prefere preservar o “pensamento” de ler um texto bíblico em que o sagrado se revele na forma de uma linguagem mais complexa e difícil de ser compreendida. Para Nida (1997, p. 190), apesar do processo de afirmação das línguas nacionais durante o *Renascimento*, persiste a compreensão de que a linguagem do texto sagrado “sempre tem sido conservadora e, principalmente, é assim na reivindicação religiosa verbal de textos históricos, pois as palavras sozinhas são lembradas por muitos como se tivessem sido, de forma essencial, ditadas pela deidade”¹².

Apesar das revisões, das atualizações e do esforço das Sociedades Bíblias em publicar e distribuir Bíblias que sejam cada vez mais “fieis” aos textos-fontes e mais próximas às línguas dos crentes cristãos, o público tem uma memória pelas palavras dos textos bíblicos, acreditando no caráter sagrado delas, ainda que isoladamente. A recepção é sensibilizada pela expectativa do público-alvo, que é bastante ligada à tradição, que tem no imaginário o pensamento que o texto bíblico se preservará pela conservação das palavras tal qual já estão plasmadas nas culturas. Especificamente à Bíblia em língua portuguesa, a SBB já fez uma extensa bibliografia, justificando o porquê das revisões e da publicação da JFA na NTLH.

A história da tradução da Bíblia pode ser dividida em três períodos, de forma cronológica: 1º) o período *greco-romano*, que durou cerca de novecentos anos; 2º) o período da Reforma, nos séculos XVI e XVII; e 3º) o período *Moderno*, os séculos dezenove e vinte, ou o que pode ser compreendido como “*séculos missionários*” (NIDA, 1998, p. 23).

O nosso objeto de estudo, a Bíblia de João Ferreira de Almeida¹³, está inserida no período da Reforma. Contudo, essa tradução, que foi a primeira para a língua portuguesa, não

¹¹ Disponível em: Site da SBB <<<http://www.sbb.org.br/a-biblia-sagrada/as-traducoes-da-sbb/almeida-revista-e-atualizada/>>> acesso em 30/03/2016.

¹² Trecho original: “*Religious terminology has always been conservative, and especially so in religious claim in verbal inspiration of historical texts, because the words themselves are regarded by many as being essentially dictated by deity.*”

¹³ Doravante JFA.

representa sozinha toda a cultura do texto bíblico na língua lusófona. Ela é o resultado do esforço de uma nação Protestante (a Holanda) em reafirmar o domínio imperial em terras coloniais, as Índias Orientais, realizando missões dentro da sua cosmovisão religiosa a espelho das políticas coloniais portuguesas, que, até o século XV, tinham o controle comercial e político daquela região.

Ainda que o nosso objetivo seja reescrever o processo de tradução da Bíblia de JFA, mais precisamente do NT, procuraremos inseri-lo na história da tradução bíblica para o português, a fim de demonstrar como essa atividade, embora escassa, fez-se presente no cenário da tradução para a língua portuguesa. Além disso, este trabalho visa preencher lacunas sobre o processo de tradução e de manipulação a que a Bíblia de JFA fora exposta, incluindo-a na história da tradução do texto bíblico em língua portuguesa. Dito isso, esta dissertação tem os seguintes objetivos:

1. fazer um inventário das traduções bíblicas em língua portuguesa desde a Idade Média até o Renascimento;
2. refletir criticamente sobre o cenário da tradução durante o Renascimento, avaliando o que existiu ali de fecundo que porventura tenha influenciado a tradução de JFA no final do período analisado;
3. realizar uma arqueologia da Bíblia de JFA, evidenciando os aspectos editoriais aos quais o texto fora exposto durante os anos de 1681 e 1773;
4. fornecer subsídios para que pesquisadores, tradutores, teólogos, historiadores e etc para que quem opere entre a Bíblia e a Tradução e a História possam pensar suas práticas, partindo da escritura e leitura crítica do texto bíblico e permitindo a compreensão sobre a arquitetura da Bíblia enquanto texto sensível.

A fim de cumprir esses objetivos, esta dissertação foi estruturada da seguinte maneira: o **primeiro capítulo**, dividido em três principais tópicos: 1) retomar discussões teóricas acerca da História e historiografia da tradução, a fim de inserir a tradução da Bíblia de JFA na história da tradução bíblica em língua portuguesa, além de retomar discussões teóricas sobre normas e patronagem com relação à tradução do texto bíblico; 2) propor um panorama da tradução bíblica em língua portuguesa; e 3) identificar, no período do Renascimento, o conceito de tradução bíblica e a sua influência no projeto de tradução de JFA.

O **segundo capítulo** apresenta JFA enquanto tradutor e revisor de sua Bíblia, assim como mostra as condições socioculturais às quais ele estava exposto: os domínios holandeses

na Ásia, no quarto do século XVII. Além disso, desdobra o sistema de mecenato ao qual a tradução da primeira Bíblia em português era submetida, explicitando a função da Companhia das Índias Orientais como financiadora e coordenadora dessa tradução.

Organizaremos em tabelas os dados editoriais levantados sobre as traduções da Bíblia em língua portuguesa da Idade Média até a tradução do NT por JFA, com o intuito de estabelecer uma arqueologia da Bíblia em língua portuguesa. As informações editoriais presentes nas tabelas são as seguintes:

1. Tradutor(a) ou tradutores(as);
2. Editor;
3. Impressor;
4. Mecenas;
5. Revisor(es);
6. Local de impressão;
7. Ano de impressão;
8. Elementos paratextuais.

Em relação aos dados sobre as edições da Bíblia de JFA, chamamos atenção para as referências utilizadas, tendo em vista que, em sua maior parte, são textos redigidos por pesquisadores do ramo da Teologia, da crítica textual e da transmissão do texto bíblico. Dessa forma, salientamos que seria praticamente impossível dar seguimento a esta dissertação, deixando de lado essas importantes fontes de dados sobre detalhes editoriais e sobre os epitextos escritos por JFA. Fazê-lo seria como permitir que as lacunas acerca da reflexão e prática da tradução bíblica em língua portuguesa continuassem em branco. Contudo, solucionamos as informações que divergiam nas diferentes fontes, assumindo como padrão para as informações editoriais, principalmente no tocante às datas e nomes dos agentes editoriais, a tese de doutorado de Luís Henrique Menezes Fernandes, *Diferença da Cristandade: A controvérsia religiosa nas Índias Orientais holandesas e o significado histórico da primeira tradução da Bíblia em português (1642-1694)*¹⁴, defendida no início de 2016 pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal de São Paulo (USP).

Encerramos a parte de pesquisa desta dissertação com o **terceiro capítulo**, cujo objetivo é fazer uma análise crítica do processo de manipulação de duas edições da Bíblia de

¹⁴ O Presidente da Sociedade Bíblica Portuguesa, Timoteo Cavaco, em troca de e-mails, sugeriu-nos entrar em contato com Fernandes para solucionar dúvidas com relação às informações das referências bibliográficas de JFA e suas Bíblias.

JFA, a saber, a primeira (1681) e a quarta (1773), focando a análise nos elementos paratextuais do Evangelho de João à luz da definição de paratextos, de Genette (2009) e do método de análise de elementos paratextuais de textos traduzidos, de Torres (2011). Sobre a análise dos paratextos e epitextos, esclarecemos que todos os índices morfológicos transcritos no terceiro capítulo foram copiados com a ortografia da época e que somente alteramos as palavras que nos originais apareciam grafadas com o tipo “f” pela letra “s”, sempre que aplicável.

As perguntas que nortearam esta pesquisa têm como alicerce comum o tema do empreendimento que foi a Bíblia de JFA; contudo, tais questionamentos desdobram-se em outros dois subtemas: 1) a história da tradução da Bíblia e 2) a manipulação editorial à qual esse tipo de texto é submetido. Sobre a tradução da Bíblia de JFA, tivemos como ponto de partida:

- Como se deu o projeto de tradução Bíblia de JFA?
- Quais foram os textos-fonte para a tradução de JFA?
- Quais aspectos socioculturais influenciaram a tradução de JFA, tendo em vista o contexto territorial e social em que o tradutor estava inserido?

A partir disso, buscamos identificar qual era a história da tradução da Bíblia em língua portuguesa da Idade Média ao Renascimento, a fim de inserir a Bíblia de JFA nessa cronologia da tradução bíblica para a língua portuguesa. E, com o intuito de revelar o processo de manipulação editorial, perguntamo-nos também:

- Em que medida o texto editado e distribuído em 1773 é, de fato, correspondente ao texto de 1681 de JFA?

Para tanto, procuramos identificar os agentes editoriais da Bíblia de JFA para mostrar em que medida eles alteraram o texto de 1681. Para isso, recorreremos aos paratextos editoriais, a fim de verificar o que eles revelam sobre a manipulação na Bíblia de JFA.

Contudo, é evidente: o escopo desta pesquisa não abrange todo o extenso campo da Bíblia de JFA, sobretudo porque ele é interdisciplinar, tocando aspectos referentes à Tradução, à História e à Teologia. Além do caráter interdisciplinar, somente dentro do âmbito da Tradução poderiam ser levantados outros dados, utilizando-se da Linguística de Corpus, por exemplo. Por isso, focamos nossas perguntas no aspecto da importância histórica da Bíblia de JFA, propondo uma discussão acerca da transmissão do texto bíblico na língua portuguesa, dos aspectos socioculturais e da manipulação textual aos quais a tradução do texto sagrado está exposta.

Com esta pesquisa, visamos contribuir para a reflexão acerca da tradução bíblica na língua portuguesa, principalmente no que tange à recuperação da micro-história da tradução da Bíblia de JFA, esta que foi o primeiro projeto de tradução integral da Bíblia em português. Muito além de recuperar essa micro-história, queremos propor uma reflexão mais aprofundada nos projetos de traduções bíblicas protestantes, buscando evidenciar o impacto que tiveram na história da tradução enquanto atividade reflexiva, e no enriquecimento e fortalecimento das línguas, como o caso da língua portuguesa.

CAPÍTULO 1 – PANORAMA DA BÍBLIA EM LÍNGUA PORTUGUESA: TRADUÇÃO E HISTÓRIA

No principio era a Palavra, e a Palavra estava junto de deus, e a Palavra era Deus. Esta estava no principio junto de Deus. Por esta foraõ feitas todas as cousas; e sem ella não fez cousa nenhuã do que está feito. Nella estava a vida, e a vida era a luz dos homẽes.

João 1:1-4, 1681

No Principio era a Palavra, e a Palavra estava junto de Deus, e Palavra era Deus. Esta estava no principio junto de Deus. Por esta foraõ feitas todas as cousas, e sem ella se não fez cousa nenhuã do que foy feito. Nella estava a vida, e a vida era a luz dos homens.

João 1:1-4, 1773

Traduzir, portanto, à escuta do falar popular, do falar de todos os dias, para que a Bíblia possa ser ouvida. (BERMAN, 2002)

CAPÍTULO 1 – PANORAMA DA BÍBLIA EM LÍNGUA PORTUGUESA: TRADUÇÃO E HISTÓRIA

Investigar a tradução da Bíblia para o português é revisitar a história de Portugal, redescobrimo os domínios e as conquistas desse país peninsular enquanto império. A primeira tradução integral da Bíblia para o português apresenta complexidades, por vezes não tão óbvias. Uma dessas complexidades é a condição de texto traduzido no século XVII, durante o Renascimento, quase dois séculos depois do *boom* de traduções bíblicas protestantes na Europa. Somado a isso, a tradução incorreu num contexto multilíngue, imerso em conflitos políticos, nas Índias Orientais holandesas. Outro fator de complexidade é o de a então tradução integral da Bíblia na língua portuguesa ter sido feita sob um sistema de patronagem, cujo mecenas era um governo holandês, com interesse genuíno em disseminar a fé Protestante nos domínios holandeses no Oriente, que contava com forte influência portuguesa no século XVII. No entanto, a história da tradução da Bíblia para o português tem seu marco mais representativo apenas no século XVIII. Acima de tudo, a primeira tradução integral da Bíblia para o português é o resultado da realização do sonho de vida do autor da tradução, o padre reformado¹⁵, escritor religioso e missionário, João Ferreira de Almeida. Inserir a Bíblia de JFA na história da tradução da Bíblia em português é compreender a reflexão sobre a tradução na língua portuguesa, de forma diacrônica, procurando compreender a posição e importância da Bíblia em português para a valorização dessa língua.

¹⁵ Durante os séculos XVI, XVII e XVIII, nas Índias Orientais holandesas, ainda persistia o título de padre para os ministros da Igreja Protestante Holandesa. Nas cartas trocadas entre JFA e o Concílio Eclesiástico, fosse de Batávia ou de Amsterdam, JFA sempre era tratado como padre. Nesta dissertação optamos por manter a forma como os biógrafos Hallock & Swellengreble (2000) e Alves (2007) se referem a JFA, o título eclesiástico de padre reformado, que designa a ideia de ministro protestante, o mesmo que compreendemos hoje pelo título de pastor.

1.1. Tradução bíblica

A tradução esteve e está presente nas mais diversas esferas da sociedade, sendo relevante no intercâmbio de informações literárias, comerciais, ideológicas, religiosas e etc. A tradição do pensamento ocidental tem sido, de várias formas, influenciada pelo Cristianismo, que tem a tradução como instrumento de divulgação, manutenção e reforma das doutrinas e dos dogmas religiosos ao longo da história. Entretanto, ao observar a história do Cristianismo, percebe-se que, nem sempre, a relação entre a tradução bíblica serviu de forma amigável para divulgação da tradição e da mensagem cristã. Durante séculos, a Igreja Católica Apostólica Romana controlou não somente a publicação e a edição de *cópias* e traduções da Bíblia, como também proibiu a veiculação de algumas dessas versões traduzidas do texto sagrado de maior importância para o Cristianismo.

Entretanto, a tradução bíblica não é um tipo de tradução que “substancialmente difere da tradução de outro tipo de textos que pertençam a uma cultura remota dos público alvo no tempo e no espaço”¹⁶ (NAUDÉ, 2010, p. 285). Muitos outros textos escritos em épocas distantes, tanto no tempo, quanto no espaço, foram recuperados, traduzidos e retraduzidos ao longo da história, servindo, inclusive, como material documental para a compreensão das civilizações. A problemática em torno da tradução bíblica, por sua vez, se insere em problemas que residem, basicamente, na questão de distância temporal. Esse elemento, o *tempo*, se combina a outros, de cunho religioso, textual e cultural. Isso torna possível categorizá-los em quatro principais fatores desfavoráveis para a tradução da Bíblia, que podem ser descritos da seguinte forma (NIDA, 1964, p. 5):

1. Tempo – a Bíblia é documento de um período histórico remoto;
2. Cultura – diferença cultural entre os povos retratados no tempo bíblico e a do leitor da tradução;
3. Forma – falta de divisão entre as palavras e de pontuação;
4. Organização – a divisão tradicional é arbitrária;
5. Considerações teológicas – as leituras e comentários teológicos, por vezes, distorcem o significado original.

¹⁶ Trecho original: “*substantially different from the translation of the other texts belonging to a culture remote from the target readers in time and space*”.

Logo, a tradução bíblica, que deveria servir aos leitores como um meio para diminuir esses problemas, na verdade, acaba esbarrada na tendência ao “conservadorismo e mistério na expressão religiosa” (NIDA; TABER, 1964, p. 5), porque, para o público, os fatores acima mencionados distorcem o conteúdo que o texto-fonte bíblico deveria realmente expressar. No entanto, os “escritores dos livros bíblicos esperavam ser compreendidos¹⁷” e o mistério na expressão religiosa não está na forma do texto bíblico e, sim, nos significados que ele pode ter. Por isso, é válido pensar na possibilidade de tradução do texto bíblico a partir da compreensão de como ele foi organizado e de como a tradução pode, de fato, ser produzida para que haja um acesso possível ao texto bíblico.

A atividade da tradução pode ser dividida em duas formas de olhar o texto traduzido. A primeira é a perspectiva mais antiga, que tem por objetivo a forma da mensagem. Nela, o tradutor deveria reproduzir o estilo, o ritmo, o jogo de palavras, quiasmas, paralelismo e formas da gramática conforme o texto-fonte (NIDA; TABER, 1964, p. 3). Nessa primeira fase, poderíamos incluir as primeiras traduções bíblicas para o grego, como a Septuaginta – nomeada assim pela crença de que a tradução dela, feita por setenta tradutores ao mesmo tempo, é uma versão tal qual o texto-fonte e, por isso, é perfeitamente literal e acurada no que tange à mensagem original do texto bíblico (GIRALDI, 2013). O outro foco da tradução bíblica, mais moderno, tem como base não o texto-fonte, mas o receptor e a resposta dele à mensagem (NIDA; TABER, 1964, p. 3). Essa mudança de perspectivas é o que pode ser percebido a partir da tradução bíblica de Lutero, cujo objetivo era propor um texto que todos pudessem ler e obter alguma experiência religiosa sem auxílio de um intermediário, culminando, assim, numa ruptura com a Igreja Católica.

Contudo, nenhum desses focos da tradução bíblica pode “cumprir as mesmas funções comunicativas nas sociedades [...] como aquelas para as quais [o texto bíblico] foi destinado em seu contexto social e cultural de origem¹⁸” (NAUDÉ, 2010, 287). Assim como a tradução literal pela forma não comunica de forma total, nem o conteúdo do texto-fonte, nem a tradução com foco na recepção o fazem. A tradução do texto bíblico não foge a essa regra, ainda mais porque pode ser adaptado, reformulado e reescrito para que a recepção seja mais positiva, dependendo de quem for o público-alvo (NAUDÉ, 2010). Sendo assim, compreende-se que a tradução bíblica tem como objetivo principal proporcionar a sua leitura dentro da dimensão religiosa, criando a expectativa da comunicabilidade total entre o texto-

¹⁷ Trecho original: “*writers of the biblical books expected to be understood*”.

¹⁸ Trecho original: “*communicative functions in modern societies as those for which they were intended in their original social and cultural setting*”.

fonte e o receptor. No entanto, essa totalidade na comunicabilidade do texto é algo impraticável, uma vez que “a tradução desses textos não significa apenas as normas de equivalência” (NAUDÉ, 2010, p. 286).

Diante do que foi discorrido anteriormente, cabe, a título de ilustração, descrever os dois primeiros períodos da tradução bíblica, o *greco-romano* e o da Reforma (NIDA, 1998). Esta descrição tem por objetivo revelar:

- ❖ textos-fontes para a tradução do texto bíblico;
- ❖ principais projetos de tradução;
- ❖ tendências de tradução em cada um dos períodos;
- ❖ tradutores;
- ❖ parte do impacto da recepção dessas traduções bíblicas.

Coexistem, no período *greco-romano*, duas atividades para a divulgação do texto bíblico. Entretanto, uma vai se sobrepondo à outra na medida em que o Cristianismo vai se espalhando pelo Ocidente e Oriente via estados-nação, que se declaram católicos. As atividades são: primeiro, a cópia e, em segundo, a tradução para o grego e/ou latim (línguas consideradas sagradas à época).

A Septuaginta Grega feita entre os séculos II e III a. C foi uma tradução realizada dos textos considerados originais para o grego. A Septuaginta advém da necessidade, dos judeus, de padronizar o texto do AT (HUBBER; MILLER, 2012). A Septuaginta “teve uma influência enorme no que diz respeito ao cânone, aos princípios da tradução, e ao vocabulário empregado nas Escrituras cristãs¹⁹” (NIDA; TABER, 1964, p. 23). Então, o processo de cópia vai sendo substituído pelo de tradução para o grego a fim de aumentar o controle da Igreja.

Durante o período que sucedeu a Septuaginta houve uma intensa produção de cópias dos textos bíblicos. Essas cópias foram encomendadas com o objetivo de catequizar os fiéis nas regiões, hoje, conhecidas como Ásia, Leste Europeu e África. As solicitações de cópias eram realizadas espontaneamente, sem um projeto editorial estruturado. As cópias datam do primeiro século depois de Cristo (I d.C.), passando pelo Império de Constantino (PAROSCHI, 2012).

Erros, leituras variantes e falta de padronização das edições ocorriam devido aos poucos recursos tecnológicos. As cópias do texto bíblico tiveram sua importância para a preservação e transmissão da Palavra, contudo, o

¹⁹ Trecho original: “has an enormous influence on matters of canon, translation principles, and vocabulary employed in Christian Scriptures.”

intenso processo de cópia de recópia a que Novo Testamento foi submetido no período que antecedeu o advento da imprensa fez com que muitos e variados erros, ou leituras variantes, fossem introduzidos no texto. E a grande quantidade de cópias apenas contribuiu para que as variações entre elas aumentassem ainda mais, pois cada escriba acrescentava os próprios erros àqueles cometidos pelo anterior (PAROSCHI, 2012, p. xiv).

Existem inúmeras lacunas e imprecisões quanto à fidelidade das cópias dos textos bíblicos originais. A publicação e propagação desses documentos tidos como originais não encontraram as mesmas dificuldades que a Bíblia traduzida para as línguas vulgares sofreu, pois era o mecanismo para a reprodução do texto sagrado disponível na época. Durante o período *greco-romano*, era clara a interferência, inclusive, de comentários dos copistas no texto bíblico. A comunidade eclesiástica, na figura dos papistas, não fazia alertas aos leitores sobre as armadilhas de ter acesso a um texto que, talvez, não expressasse os textos-fonte em sua completude. Pelo contrário, os copistas reproduziram erros no processo de cópia, comentários não explícitos e, inclusive, a adição de conteúdo não existente nos textos-fonte (PAROSCHI, 2012). O processo de cópia, entretanto, fornecia a sensação de leitura fidelizada, já que preservava a estrutura gramatical e a ordem do original.

A maior edição de cópia da Bíblia, antes da invenção da prensa, foi encomendada por Constantino I ao Bispo Eusébio de Cesárea (264-340 d.C.) e sua equipe de copistas. Os 50 exemplares foram encomendados para o uso das Igrejas em Constantinopla, hoje Istambul. Estudos indicam a possibilidade de que as Bíblias de Eusébio “tenham sido copiadas da Hexápia, uma Bíblia de Estudo em seis colunas, elaborada por Orígenes, no século III” (HUBBER; MILLER, 2010, p. 95). As cópias de Eusébio e a Hexápia têm importância histórica para a prática de tradução bíblica porque foi a versão consultada por São Jerônimo para produzir a Vulgata Latina (HUBBER; MILLER, 2012).

As cópias da Bíblia encomendadas por Constantino a Eusébio tinham por finalidade a difusão do Cristianismo e a catequese dos convertidos em Constantinopla (GIRALDI, 2013). Entretanto, as cópias da Bíblia não representavam a eficácia da catequese dos fiéis, pois o texto não era, ainda, acessível para a compreensão da Bíblia. Predominava, na Igreja Católica, a crença na fidelidade ao texto bíblico, representada pela própria mensagem escrita em hebraico e grego.

A tradição da fidelidade ao original, imposta pelo Clero, reverbera nas reflexões teóricas sobre a tradução. Ela não está somente ligada à tradução bíblica, uma vez que tem relação com todos os discursos traduzidos. O discurso tradicional sobre tradução, conforme afirma Berman (2012, p. 342), “é marcado por uma discórdia, a dos partidários da “letra” e a dos

partidários do “sentido”, sendo, na tradição religiosa, a controvérsia ligada à “letra” responsável por levar à proibição da veiculação da Bíblia em línguas vulgares, pois essas línguas não tinham caráter sagrado durante séculos.

Recapitulamos: a Septuaginta e as cópias dos manuscritos bíblicos eram os textos consideradas originais, ainda que contivessem erros. A partir da tradução desses manuscritos para o grego, a Septuaginta é colocada no mesmo patamar dos manuscritos copiados e passa a integrar o *hall* de textos-fonte compreendidos como originais.

O fortalecimento do Império Romano criou uma tendência imperial que não se alastrasse apenas na política e no comércio, mas, também, para a língua, fazendo do latim língua universal espalhada por todos os rincões desse Império. Por isso, após “o período em que os autores latinos escrevem em grego, vem aquele no qual todo *corpus* de textos gregos é traduzido: e este empreendimento de tradução massiva é o verdadeiro fundamento da literatura latina (BERMAN, 2002, p.41).

Somamos a Bíbliaa todo o empreendimento da literatura latina e inserimo-la no processo massivo de traduções, considerando que o imperialismo romano também se expandiu para a dominação religiosa. Dessa forma, o complexo e impactante processo de tradução bíblica adiciona para a reflexão sobre o processo de tradução, pois, do mesmo modo, insere-se na anexação dos termos do grego, latinizando todo o texto e fazendo do produto final da tradução “irreconhecível por esta mescla” (BERMAN, 2002, p.42). Berman pontua que a tendência de tradução por anexação do grego, o estrangeiro à cultura latina, encontra em Jerônimo um marco inicial. Jerônimo, além de importante nome para a tradução bíblica, ao receber a tarefa de revisar as versões em latim dos livros do NT, impõe uma tendência anexadora da cultura latina, produzindo a Vulgata terminada no final do século IV (NIDA, 1998).

A tradução de Jerônimo, todavia, foi mal recebida pelos fiéis, que estavam atrelados à tradição da expressão do sagrado mais literal. Porém, essa tradição mais literal estava atrelada justamente à leitura das cópias e, depois, de traduções para o grego e latim, em que a intenção dos tradutores bíblicos residia em manter distante o texto traduzido do original. Além disso, essas antigas versões das versões em latim eram bastante baseadas na Septuaginta, ao invés do(s) texto(s) considerado(s) original(is) em hebraico, que Jerônimo usa como texto-fonte para a Vulgata (PAROSCHI, 2012).

A resposta de Jerônimo aos críticos, na sua introdução aos Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos (393 d.C), baseava-se na tentativa de propor uma nova perspectiva para recepção da tradução bíblica, pois, para ele, se alguém preferisse

a edição dos Setenta (a Septuaginta), ela está aí disponível, pois foi corrigida e revisada por mim. Porque, ao fazer a nova, não é a nossa intenção destruir a antiga. E, se os amigos lerem com cuidado, vão descobrir que nossa versão é amis inteligível, porque não se tornou amarga por ter sido derramada três vezes em diferentes jarros, mas foi retirada direto da prensa e guardada em um jarro limpo, o que fez com que se preservasse o saber. (JERÔNIMO *apud* HUBBER; MILLER, 2006 p. 108)

Embora a tradução de Jerônimo “tenha sido, primeiro, duramente denunciada, ela se tornou cada vez mais canônica para a igreja medieval no ocidente e se tornou oficialmente canônica no Concílio de Trento²⁰” (NIDA, 1997, p. 190). A ruptura com a tradição, quase impedida pelas objeções levantadas pelo público, acabou por mudar, de forma integral, a função da Vulgata. Ela se tornou, desde então, a base “para todas as traduções Católicas romanas das Escrituras que foram baseadas no texto latino, embora um número de estudiosos também manteve o costume de verificar o texto grego”²¹ (NIDA, 1997, p. 190).

Então, a Vulgata, que tinha por objetivo unificar as traduções para o latim, começa a ocupar o lugar de texto-fonte para futuras traduções bíblicas, ainda que a contra gosto dos críticos papistas e dos fiéis. A Vulgata dá o pontapé para uma reflexão um pouco mais crítica e sistemática sobre o traduzir bíblico. Essa reflexão mais apreciativa sobre o processo de tradução é dada pelos escritos de São Jerônimo, identificados como “diversas reflexões teóricas e técnicas”, porque Jerônimo fornece uma “ressonância histórica aos princípios” da tradução, muito além do que apenas repostas às críticas (BERMAN, 2012, p. 42).

Os princípios para a tradução postulados por Jerônimo são: a “anexação sistemática dos textos, das formas, dos termos gregos, o todo sendo latinizado e, de certa maneira, tornando-se irreconhecível por esta mescla” (BERMAN, 2012, p.42). Logo, a tradução para São Jerônimo não é apenas uma transcrição das palavras de uma língua para outra:

²⁰ Trecho original: “*was at first severely denounced, it became increasingly canonical for the Western medieval church and was made officially canonical at the Council of Trent.*”

²¹ Trecho original: “*all Roman Catholic translations of the Scriptures were based on this Latin Text, although a number of scholars also kept a second eye on the Greek text.*”

[os sentidos, como que capturados, trasladou-os à sua língua, como um direito de vencedor] e [não traduzir uma palavra a partir de outra palavra, mas o sentido a partir do sentido]. Tal é a concepção da tradução que se tornou canônica no Ocidente [Störig, 1963]. Os dois enunciados se completam: se a tradução é anexação, ela só pode ser anexação do “sentido”. Se ela é captação do “sentido”, ela só pode ser anexação (BERMAN, 2012 p. 42).

A tradução bíblica para Jerônimo portanto insere-se naquilo que Berman (2012) denomina de *impulso à tradução*. Ele é necessário para que cada povo possa entender a Palavra de Deus, por isso é preciso traduzi-la como parte obrigatória de uma ética Cristã. Ou seja, o *impulso* mantém-se como força motriz para o empreendimento da tradução bíblica e faz parte dos próximos períodos desta, reafirmando o volume das traduções desse tipo durante a Reforma, no século XVI. Além disso, ele se afasta da única preocupação com a “letra” (o texto-fonte), mas inaugura um novo paradigma – pelo sentido.

Assim, a proposta da Vulgata reverbera para que traduções bíblicas possam produzir um novo texto sincretizado, mesclado na língua para qual a Bíblia fosse traduzida “a fim de que o sopro vivificante do Espírito atinja todas as nações” [Atos dos Apóstolos, 2, 4] (BERMAN, 2012, p. 43).

Pelo que já foi exposto neste capítulo, a partir da Vulgata, reverberam os princípios de Jerônimo por uma tradução bíblica que seja feita para ser lida e compreendida em sua totalidade por todos os cristãos, ainda que isso envolva fazer do texto traduzido parte da cultura da língua para a qual se traduz, diminuindo as diferenças e, até mesmo, enriquecendo a língua local. Embora a Vulgata tenha sido feita para o latim, uma língua franca e língua estrangeira para muitos desses cristãos do século IV, ela inaugura a possibilidade de que o texto bíblico se misture com a “língua dos homens”, deixando de ser somente sacralizada e distante para ser útil (e universal) para (a catequização de) todos.

Sobre a versão bíblica latina de Jerônimo, sumarizamos que ela reverbera no tempo, passando a ser considerada um texto-fonte para futuras traduções. Assim, ao final do período *greco-romano*, os textos-fonte bíblicos canônicos são tanto as cópias dos manuscritos, como a Septuaginta e a Vulgata.

O declínio do latim como língua universal e a afirmação dos estados nacionais dado início ao período da Reforma no final do século XVI. Um pouco antes, algumas traduções começaram a ser realizadas de forma espontânea por cristãos consternados com as práticas da Igreja. Na França do século em 1573, por exemplo, Valdo traduziu a Septuaginta para o provençal, língua falada na França. O tradutor francês e seus seguidores afirmavam que a única fonte da verdade bíblica advinha daquela escrita na própria língua dos fiéis, pensamento

que seria reverberado nos princípios da Reforma. Excomungados, os valdenses apoiaram, anos mais tarde, a Reforma Protestante, expandindo suas doutrinas a outros países (GIRALDI, 2013). O passar dos séculos fez com que fosse crescente a reflexão sobre

o conceito de cultura nacional e o surgimento da Reforma. A tradução passou a ser utilizada como uma arma em conflitos tanto dogmáticos quanto políticos, conforme os estados nacionais começaram a surgir e a centralização da Igreja começou a enfraquecer, o que evidenciava-se, em termos linguísticos, através do declínio do latim como língua universal. (BASSNETT, 2005, p. 69).

O *boom* de traduções era iniciado, principalmente, na Europa. A necessidade da evangelização de fiéis, nas regiões distantes do centro do poder papal, fez com que o *impulso tradutório* fosse retomado durante a Reforma, encontrando resistência tanto na massa de leitores quanto na liderança eclesiástica. O leitor do texto bíblico, durante mais de dez séculos, tinha convivido com a cultura de que a tradução bíblica não era positiva para a relação entre as diferentes culturas e línguas e a Bíblia.

A liderança religiosa usou a censura como justificativa por ver o ato de traduzir como blasfemo à sacralidade do texto bíblico. Somado a isso, a Bíblia reformada trouxe consigo a ideia de maior acessibilidade do texto pelo leitor em traduções da Bíblia, então, com função político-ideológica. Na tradução bíblica durante a Reforma, tanto a

concepção lingüística como tradutológica se subordinam à sua concepção religiosa, ou, dito de outra maneira, a tradução da Bíblia só tem sentido dentro de uma perspectiva teológica (recordemos aqui os três princípios básicos da Reforma protestante: 1) a Bíblia como única regra, 2) só a fé salva, e 3) a universalidade do sacerdócio que faz com que cada homem possa e deva ler a Bíblia e interpretá-la). (FURLAN, 2004, p. 11)

As concepções linguísticas e tradutológicas dos reformadores residem na *dimensão religiosa*, dando à tradução a função de permitir uma experiência religiosa ao leitor. Com a tradução da Bíblia durante o período da Reforma, muito mais do que o fortalecimento das línguas nacionais, as Bíblias desse período tinham como objetivo principal dar novos caminhos para a interpretação bíblica e a reafirmação da fé cristã, por meio de uma teologia reformada. Segundo Berman (2002),

a Bíblia de Lutero desempenha esse papel, é porque ela acredita ser uma **Verdeutschung** das Escrituras ligada historicamente a um vasto movimento de reformulação da fé, de renovação da relação com os textos sagrados, de reinterpretção radical dos Testamentos, assim como a uma afirmação religiosa nacional em face do “imperialismo” de Roma (BERMAN, 2002, p. 53, grifo nosso).

Os conceitos de tradução e de língua, propostos por Lutero, foram analisados a partir da “*Carta Aberta sobre a Tradução*”, escrita pelo sacerdote em 15 de setembro de 1530 e traduzida para o português por Furlan em 2006. Sobre a língua, Lutero indica que teve a intenção do “uso do alemão, embora não seja nem o uso do latim ou do grego” (LUTERO, 2006, p. 100) na sua tradução bíblica. Buscaremos, com mais detalhes, as reflexões de Lutero, por ele ter sido o maior expoente da Reforma e, também, um ministro protestante no qual JFA busca referência para realizar a sua tradução (LOPES, 2016). As reflexões acerca da tradução bíblica durante a Reforma dão, sobretudo,

maior envergadura sobre a arte da tradução: as mudanças que então aconteceram na Europa Ocidental incluem também a concepção e prática da tradução. Estas reflexões constituem, pois, as fontes primárias para a investigação da história da tradutologia moderna e da teoria tradutológica renascentista (FURLAN, 2004, p. 11).

Dentro do escopo de Lutero, havia, por exemplo, a liberdade dos tradutores de levar a “letra” dos textos-fonte para o “espírito” da língua de chegada e, ainda assim, permanecer fiel ao texto-fonte bíblico. “De 1521 a 1534, ele trabalha com uma equipe de eruditos em sua tradução, recorrendo simultaneamente à versão latina e à versão grega, assim como, às vezes, ao original hebreu” (BERMAN, 2000, p. 50).

Para Lutero, não era mais necessário sempre verificar a forma literal da Vulgata para encontrar a forma correta em alemão, pois Lutero se recusava a “fazer uma ‘tradução crítica’”, dedicada às “particularidades do original” (BERMAN, 2000, p. 49). Assim, essa “discussão remete a um propósito mais geral: trata-se de oferecer à comunidade dos crentes um texto em bom alemão” (BERMAN, 2000, p. 49). Sobre isso, completa Lutero (2006):

Basta que perguntemos à mãe em casa, às crianças na rua, à pessoa comum no mercado sobre isso. Devemos ser guiados pela língua deles, pela forma dos seus discursos, e realizar a nossa tradução em conformidade. Então, eles compreenderão e reconhecerão que falamos alemão com eles. (LUTERO, 2006, p. 103)

A “função política da tradução era tornar todo o texto da Bíblia acessível. Este objetivo levou o tradutor a tomar uma posição definida com relação a prioridades” (BASSNETT, 2005, p. 70), se o objetivo fosse o de levar o texto ao leitor mais comum. Dessa forma, foi estabelecido um novo paradigma para a tradução bíblica, no qual o tradutor deveria “traduzir ‘pela sentença’ (o sentido) e não pelas palavras, de modo que a sentença seja clara [simples]” (BASSNETT, 2005, p. 70), sem se afastar do original, adicionando uma nova camada de possibilidades à tradução da Bíblia. Se Jerônimo buscava as palavras mais corretas para expressar o “espírito” (conteúdo) do texto bíblico, a Bíblia de Lutero expressava largamente

o léxico do dia-a-dia, nas palavras dos alemães. Berman completa dizendo que “São Jerônimo e sua tradução permanecem como o horizonte da Bíblia luterana, mas esta última, entretanto, acredita deixar à língua hebraica ‘algum espaço’” (BERMAN, 2000, p. 61). Lutero não esbarra na tentativa de propor uma metodologia sempre pela “letra” ou pelo “sentido” e quando ele não opta

entre a literalidade e a liberdade, entre o “sentido” e a “letra”, o latim e o hebreu, não significa uma flutuação metodológica, mas a percepção das aporias fundamentais da tradução e a intuição do que é possível e necessário fazer em um determinado momento histórico. (BERMAN, 2000, p. 61)

A Bíblia, nesse período, ainda sob fortes objeções e intenso processo de censura eclesiástica, teve como objetivo em seus projetos reformados ser “uma versão compreensível e idiomática” (Bassnett, 2005, p. 71). Levar adiante projetos de tradução bíblicas legíveis nas línguas vulgares teve evidenciados os princípios básicos dos Estudos da Tradução. Na “*Carta Aberta sobre a Tradução*”, foram usados, por exemplo, a ideia de significado e a relação deste com o estilo, a de traduzir, pelo uso do verbo *übersetzen*, e a de germanizar (*verdeutschen*). Ou seja, para os tradutores bíblicos da Reforma, “a fluência quanto à intangibilidade eram critérios importantes no texto na LM (língua materna), mas também preocupavam-se na transmissão de uma mensagem literalmente acurada” (BASSNETT, 2005, p. 71).

A precisão do texto bíblico na língua vulgar era importante, até mesmo para dar-lhe certo *status*, a fim de que cada uma das traduções bíblicas feitas sucessivamente pudessem “evitar dúvidas quanto ao vocabulário e oferecer aos leitores um texto em que possam confiar” (Bassnett, 2005, p. 73). Além da confiança do leitor, a precisão era fundamental, devido à intensa censura da época. No caso da Bíblia de Lutero, há não apenas

uma simples germanização no sentido em que hoje falaríamos depreciativamente, por exemplo, do afrancesamento de um texto estrangeiro. Isso é ainda mais impossível porque, no caso de uma tradução religiosa como a da Bíblia e de um movimento de volta às “fontes” como o protestantismo, o original hebraico não pode pura e simplesmente ser deixado de lado. O recurso ao hebraico tem, nesse caso, mais a função de reforçar a eficácia do movimento de “reforma” (BERMAN, 2000, p. 59).

As formas como Lutero conduziu a sua versão da Bíblia para o alemão resistiram ao tempo: a preocupação com os textos-fonte e com os inúmeros erros variantes persistentes do período de cópia; o estilo mais fluente na língua de chegada; e as divergências sobre as possibilidades de interpretação do texto. Por isso, Bassnett elenca três categorias e normas para a tradução da Bíblia durante a Reforma. São elas:

- a) Esclarecer erros surgidos de versões anteriores, devido a manuscritos inadequados nas LF²² ou a incompetência linguística.
- b) Produzir um estilo em língua vernácula acessível e esteticamente satisfatório.
- c) Esclarecer pontos dogmáticos e reduzir a liberdade com que as escrituras eram interpretadas e rerepresentadas às pessoas leigas como metatextos. (BASSNETT, 2005, p. 73)

Essa preocupação com a confiabilidade dos textos-fonte e da Bíblia traduzida, dentro de uma perspectiva da linguística e teológica, resultou, com certeza, na produção de traduções mais confiáveis, em que os agentes envolvidos se comprometessem com a realidade de perpetuação do texto traduzido. O projeto de tradução bíblica para Lutero passava pela justificação da tradução em “argumentos linguísticos e por reflexões teológicas, e de sua postura enquanto tradutor se deduzem os requisitos básicos do bom tradutor: domínio linguístico e formação teológica” (FURLAN, 2004, p. 20).

As Bíblias reformadas, a exemplo dessa de Lutero, são, desde então, tomadas como textos indispensáveis para a consulta dos tradutores bíblicos que sucedem à Reforma Protestante, junto aos textos-fonte (os manuscritos/cópias em aramaico e hebraico, a Septuaginta e a Vulgata). A Bíblia de Lutero ecoa, com mais destaque, tanto pela sua confiabilidade teológica, para os protestantes, quanto para a importância político-ideológica que teve para a compreensão da função do texto sagrado e a fundação das línguas nacionais.

1.1.1. Investigação sociocultural na historiografia da tradução

Compreendemos historiografia no seu “sentido tradicional, que é definido como história das histórias”²³ (D’ULST, 2011, p. 397), procurando usar a historiografia da tradução como uma disciplina que explique as transformações que aconteceram durante um período longo de tempo e que tem, em muito, relação com a atividade de tradução. Assim, buscaremos compreender “o que a tradução pode significar para a compreensão da história, em particular das práticas culturais”²⁴ (D’ULT, 2011, p. 397), com foco na tradução bíblica de JFA dentro da história da Bíblia para o português.

²² “LF” é a sigla no texto traduzido de Bassnett para *línguas-fonte*, que compreendemos nesta dissertação como os manuscritos (as cópias), considerados *originais*, pelos tradutores bíblicos do período da *Reforma*.

²³ Trecho original: “*in its traditional sense, is defined as the history of histories*”.

²⁴ Trecho original: “*what can translation mean for the understanding of history, in particular of cultural practices*”.

Além da correção dos erros, o exercício da historiografia bíblica vem sendo feito com certa supervalorização das pesquisas em torno da Bíblia na língua inglesa. Isso, de fato, deve-se ao local de onde os muitos pesquisadores em tradução (e história da tradução) estão inseridos, países como Estados Unidos e Inglaterra.

Bassnett (2005), por exemplo, faz uma cronologia das Bíblias reformadas, iniciando pelo exemplo do texto latino de Jerônimo, a Vulgata, porém, dando maior destaque aos reformadores ingleses que se debruçaram na tradução bíblica, como John Purvey, Wycliffe e Tyndale. Nida (2000), no verbete “*Bible*” da *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (2000), recupera a história da tradução com o objetivo de apresentar novas perspectivas nas traduções bíblicas, como o alcance delas em línguas minoritárias e o esforço das Sociedades Bíblicas em traduzir a Bíblia para a maioria das línguas, além das diversas descobertas arqueológicas acerca dos textos-fonte manuscritos. Simon (2012) vai pelo mesmo caminho que os autores anteriores; entretanto, apresenta, ainda que de forma tímida, a tradução da Bíblia em regiões pouco investigadas, como a Ásia e a Índia do século XVIII, sem passar pela de JFA, e apresenta alguns exemplos da tradução da Bíblia para línguas indígenas da América.

No entanto, a tradução da Bíblia para a língua portuguesa não tem encontrado ainda o mesmo espaço dentro de uma história da tradução bíblica portuguesa. Ao contrário do que se possa pensar, as muitas pesquisas sobre a Bíblia de JFA e a Bíblia em língua portuguesa não têm como objetivo analisar criticamente a tradução do texto bíblico de JFA. Dessa forma, nas outras áreas do conhecimento, a investigação não abrange o escopo dos princípios dela e a reverberação dos projetos de tradução desta Bíblia em particular.

Por isso, pensamos os “*vastos territórios desconhecidos*”, de Santoyo, como a reflexão sobre a tradução bíblica para o português enquanto atividade científica, muito mais do que um fato reservado à história da Igreja. Neste trabalho, exploramos a historiografia da tradução da Bíblia para o português com o intuito de revê-la enquanto atividade que pode proporcionar transformações no contexto sociocultural em que está inserida. Buscaremos esmiuçar como essa prática escassa no seu princípio, o século XIV, pôde chegar à maturidade com o projeto audacioso de JFA, no século XVII, impulsionada pela Reforma e, ainda, quais foram os percursos da Bíblia de JFA enquanto texto traduzido produzido num sistema de mecenato. Logo, revelaremos detalhes sobre a manipulação à qual a Bíblia de 1681 foi submetida, para tentar responder em que medida o texto foi realmente perpetuado logo no primeiro século após a sua impressão.

Com o intuito de compreender a Bíblia de JFA como um acontecimento dentro da história da tradução da Bíblia para o português, apresentaremos uma cronologia da tradução para o português desde a Idade Média até a Bíblia de JFA, buscando recuperar a historiografia desta atividade tão presente na língua portuguesa. Isto o fazemos também para inserir a Bíblia de ntro de uma perspectiva dos Estudos da Tradução, listando os tradutores, os textos-fonte, períodos e os principais agentes envolvidos no processo da tradução bíblica portuguesa, que ultrapassou as fronteiras do país ibérico nos séculos XVII e XVIII.

Para tal, inserimos a Bíblia de JFA numa cronologia da tradução bíblica em língua portuguesa, levando em “consideração o contexto social e cultural da sua produção e da sua recepção” (LÉPINETTE, 1997, p. 2)²⁵. Assim, recorreremos ao modelo sociocultural como ferramenta metodológica na pesquisa em historiografia da tradução.

Para fornecer uma cronologia da Bíblia na língua portuguesa, levantamos “tanto o relativo às fontes primárias quanto às fontes secundárias²⁶” (LEPINETTE, 1997, p. 5). E, para entrar no objetivo primário desta pesquisa, que é a análise de duas edições do NT de JFA, catalogar e elaborar um panorama abrangente do contexto em que as traduções bíblicas para o português ocorreram. Por isso, passamos para a análise dos dados, então, disponíveis.

As fontes primárias compõem os documentos essenciais para análise do processo de manipulação que o NT sofreu logo nos primeiros momentos do projeto de tradução até depois da morte de JFA. São as fontes primárias: 1) as edições do NT de JFA publicadas em 1681 e 1773 na cidade de Batávia (hoje Jacarta, na Indonésia); 2) paratextos das/sobre as edições do NT mencionadas, que revelam como o fenômeno da tradução foi entendido e refletido, ainda que somente na forma prática por JFA e também seus agentes editoriais; e 3) a introdução de JFA do texto *A Diferença da Christandade* traduzido por ele mesmo e publicado em 1668.

As fontes secundárias somam a fortuna crítica escrita em português acerca da tradução da Bíblia, composta por artigos e pesquisas sobre a Bíblia em língua portuguesa. Essas publicações foram importantes para o preenchimento, ainda que em parte, de alguns espaços em branco sobre a tradução bíblica para a língua portuguesa, revelando que a pesquisa nesta temática mostra em dados sobre a prática da tradução bíblica nos domínios alcançados pela língua e cultura portuguesa. Mostraremos, portanto, como a atividade da tradução bíblica se dava no princípio e quais eram os fatores mais influenciadores e determinantes para a sua produção e distribuição.

²⁵ Trecho original: “*en consideración el contexto social y cultural*”

²⁶ Trecho original: “*tanto en lo relativo a fuentes primarias como fuentes secundarias*”

Sobre os dados sobre a tradução para o português da Bíblia, elencamos duas versões da Bíblia de JFA, a 1ª edição (1681) e a 4ª (1773). Também utilizaremos os paratextos dessas duas edições para ilustrar o conceito de tradução de JFA. Além de reunir esses textos para propor essa arqueologia da tradução bíblica de JFA, esperamos poder indicar quais foram os textos-fontes (TF) utilizados pelo pastor-tradutor português, a fim de dar andamento ao seu projeto de tradução. O levantamento desses dados possibilitará classificar critérios cronológicos e espaciais, além dos TF utilizados para a realização da tradução e da lista completa de agentes que atuaram no texto de Almeida. Esta análise permitirá responder a algumas interrogações relativas ao conceito de tradução de JFA e do mecenas do projeto, assim como dar luz a outro fator condicionante à tradução, como a manipulação à qual o texto bíblico foi exposto.

No que tange às relações de causa-efeito da produção de uma tradução, levaremos em consideração “os fatores socioculturais” (LÉPINETTE, 1997, p. 4)²⁷ que condicionam as características da Bíblia de JFA enquanto texto traduzido e a sua recepção. Para isso, apresentaremos o contexto histórico no qual a Bíblia de JFA foi produzida. Também tentaremos determinar “as características da tradução, a fim de poder explicar sua influência²⁸” no contexto-cultural receptor. Por isso, privilegiaremos o paratexto, tanto o de JFA, quanto o dos agentes designados pelo Concílio Eclesiástico da Igreja Reformada da Holanda. Faremos dessa forma, porque compreendemos os paratextos como acompanhamentos da “produção de um texto ou de um conjunto de textos traduzidos, e sua aparição em um contexto sociocultural receptor”²⁹. E, enquanto JFA é, para nós, quem manifesta no “seu texto-meta as características da sociedade e da cultura na qual viveu” (LEPINNETTE, 1997, p. 4), ele é o “responsável também por algumas mutações socioculturais³⁰” no texto traduzido.

Entretanto, para nossa análise, não consideramos JFA como único responsável pelas mutações socioculturais nas Bíblias analisadas no terceiro capítulo. Todavia serão considerados responsáveis o “conjunto de dados relativos à publicação³¹” (LEPINNETTE, 1997, p. 4). Os dados levantados nesta pesquisa são, por exemplo, os nomes dos editores e

²⁷ Trecho original: “*los factores sócioculturales que condicionam sus características*”.

²⁸ Trecho original: “*las características de la traducción y permitirá explicar su influencia*”.

²⁹ Trecho original: “*production de un texto o de un conjunto de textos traducidos, y su aparición en un contexto sóciocultural receptor*”.

³⁰ Trecho original: “*también responsable, a través de su texto, de determinadas mutaciones socio-culturales*”

³¹ Trecho original: “*el conjunto de los datos relativos a la publicación*”.

dos revisores enquanto “agentes da produção³²” (LEPINNETTE, 1997, p. 4) e “os próprios textos do tradutor (prefácio, notas, etc.)³³” (LÉPINNETTE, 1997, p. 4). Nesta dissertação, expandimos a questão da autoria dos textos que acompanham a tradução, tendo em vista o fato de a Bíblia de JFA ter sido um texto traduzido elaborado dentro de um sistema de patronagem, em que as interferências, obviamente, eram realizadas em sucessivos momentos do período de tradução.

A análise, que compõe a segunda etapa desta pesquisa, será dada pela crítica aos paratextos e metatextos das duas edições do NT de JFA, mais especificamente do Evangelho de João. Buscamos fundamentar nossa crítica a esses elementos pré-textuais segundo o estudo proposto por Genette (2010), já que o texto é, em pouquíssimas vezes, apresentado sozinho e o que vem no conjunto é o paratexto, “aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal aos seus leitores, e de maneira mais geral ao público” (GENETTE, 2010, p. 9). Os paratextos são como o

reforço e o acompanhamento de certo número de produções, verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, que nunca sabemos se devemos considerar, mas que, em todo caso, o cercam e o prolongam, exatamente para apresentá-lo. (GENETTE, 2010, p. 9)

Os paratextos são, portanto, esses elementos (ou dados) que acompanham o texto traduzido. No caso da Bíblia de JFA, é percebido que esses dados foram fundamentais para apresentar as primeiras edições, revelando as intenções missionária e de valorização da língua portuguesa no quarto do século XVII. No caso das Bíblias analisadas, percebemos que a intenção não era apenas apresentá-las enquanto o texto sagrado cristão, mas, sim, como obra em português feita por meio de um agente do corpo ministerial holandês, um tradutor que fazia parte da comunidade falante de língua portuguesa alocado em um contexto cujo domínio e controle era exercido pelo Concílio Eclesiástico da Igreja Reformada holandesa.

A Bíblia de JFA é, então, vista e apresentada como uma tradução. E, por isso, para nós, a Bíblia não foi apenas analisada pelo seu aspecto externo de forma não especificada. Nesta pesquisa, seguimos a divisão de Torres (2011) e classificamos os paratextos como índices morfológicos e como discursos de acompanhamento. Dessa forma, apresentaremos os paratextos dentro da divisão de Torres (2011) e, também, desdobraremos a ideia da função dos paratextos na visão de outros autores. Por índices morfológicos, entendemos

todas as indicações que figuram nas capas externas – frente e verso – e nas capas internas dos livros (páginas de rosto, páginas do falso título etc.) e que

³² Trecho original: “*el editor como agente de la producción*”

³³ Trecho original: “*los textos propios del traductor (prefacio, notas, etc.)*”

trazem detalhes sobre o estatuto das traduções, ou seja, a maneira pela qual elas são percebidas conforme os elementos informativos que apresentam (TORRES, 2011, p. 16).

Já os “discursos de acompanhamento” são “qualquer marca paratextual (prefácio, pareceres etc.), *o lugar onde frequentemente a ideologia aparece de forma mais clara*” (TORRES, 2011, p. 16). Há, também, outros elementos que constituem o texto: “os intertítulos, as notas de pé de página ou ainda glossários inseridos no corpo do texto”, que serão analisados como metatextos, tendo em vista seu aspecto “de texto dentro do texto” (TORRES, 2011, p. 19).

A fim de fornecer dados mais organizados sobre a tradução bíblica para o português, na historiografia da tradução, incluímos esta dissertação na classificação de Pym (1998) de *arqueologia da tradução*. Para realizar essa *arqueologia* da tradução bíblica para o português.

1.2. Cronologia das traduções bíblicas em Língua Portuguesa

Embora a tradução bíblica na língua portuguesa seja tardia, ela não está ausente da cultura portuguesa. Sobre isso, discorre Nascimento (2010):

Importará atender aos modos diversos como se constituiu e manteve a sua presença e como se transpuseram os conteúdos do texto bíblico para essa cultura que se exprime em modos diversos e complementares, mesmo antes de os falantes terem atingido confiança bastante para traduzirem por palavra humana de comunicação organizada o verbo divino do *textus receptus* (NASCIMENTO, 2010, p. 9).

Sendo assim, buscamos propor uma cronologia descritiva da tradução da Bíblia para o português, evidenciando como a escassez dessa atividade (no caso português) encontra no período pós-reforma, com a *Edição de Batávia*, um espaço indispensável para a cultura da Bíblia em português e para a história desse texto.

Ao caso específico da Bíblia de JFA, percebemos, durante o curso desta dissertação, a ausência de muitas fontes e, ainda, a necessidade de informação sobre o tema. Muito já se escreveu sobre a primeira Bíblia em língua portuguesa, contudo, as informações são faltosas e bastante desconstruídas, dadas as muitas áreas do conhecimento que podem ser acionadas para investigar este assunto. Sabemos que a tradutologia é, por excelência, interdisciplinar (Berman, 2000) e, por isso, pensamos nesta como o ponto de partida para futuras pesquisas

acerca da tradução do texto bíblico para português, apontando seus textos-fonte, tradutores, mecenas, editores, ilustradores, impressores, assim como o local e o contexto sociológico-cultural de onde partiram as primeiras traduções bíblicas para a língua portuguesa. E isso não somente no território português fincado na Europa, mas também nas diversas colônias e territórios onde a língua e a cultura portuguesa eram difundidas por meio das missões católicas, como a Companhia de Jesus. Essas primeiras missões foram fundamentais para a “difusão da língua portuguesa” (LOPES, 1936, p. v) nas regiões coloniais. E, ainda, quase um século depois da afirmação de Lopes, podemos inferir que a difusão da língua portuguesa presente em todos os continentes, em 11 países lusófonos, se deve, entre outros fatores, à política imperial portuguesa e às missões jesuítas.

1.2.1. Idade Média

Embora nessa época não houvesse a possibilidade de impressão dos textos, Seibert (2013, p. 83) informa-nos sobre “os registros de tradução” dos primeiros excertos de textos bíblicos traduzidos para o português no século XIV:

Os primórdios da transmissão escrita do texto sagrado em português, paralelamente ao seu uso litúrgico tradicional em latim, relacionam-se à progressiva aceitação social do vernáculo como língua de cultura, no período baixo-medieval (LOPES, 2016, p. 10).

A transmissão data do tempo do rei D. Dinis (1279-1325), que “se encarregou ele próprio de traduzir algumas porções das escrituras” (SEIBERT, 2013, p.83). Consta que o texto-fonte para esta tradução foi a Vulgata e que o excerto traduzido é de vinte capítulos do Gênesis.

Segundo Seibert (2013, p. 83), no mesmo século da tradução de D. Dinis, mais precisamente por volta do ano de 1343, é produzida uma tradução da parte dos monges de cister, que viviam no Mosteiro de Alcobaça. Esses monges traduziram o livro de Atos, que, depois, foi reunido em forma de códice, em edição que data de 1505, e organizado em forma de livro no ano de 1829 pelo Frei S. De Boaventura (NASCIMENTO, 2010).

Bem antes do impulso da Reforma Protestante, a realeza portuguesa demonstrou bastante interesse na tradução bíblica, tendo o próprio D. João I (1385-1433) encomendado uma tradução da Bíblia. Sabemos, ainda, que o próprio D. João I traduziu o livro de Salmos (Seibert, 2013), mas não podemos afirmar quem foram os padres-tradutores dos Evangelhos e

do Livro de Atos. Ademais, na sequência real, nesta cronologia de tradução da Bíblia, incluímos o primeiro registro de uma tradução feita por uma mulher, a infanta D. Filipa (1435-1497), neta de D. João I. D. Filipa fez uma tradução cujo texto-fonte era uma versão francesa, baseada no Evangelho de Mateus. A Bíblia foi ilustrada e impressa sob o patrocínio de D. Leonor, esposa de D. João II (1455-1495). A preparação e edição da tradução bíblica de D. Filipa foi feita por Valentim Fernandes de Morávia e Nicolau de Saxónia (SEIBERT, 2013).

Anos mais tarde, em 1497, o jurista português Gonçalo Garcia de Santa Maria traduziu os *Evangelhos e as Epístolas* numa tradução indireta. Rodrigo Álvares edita essa obra em 1497. Essas traduções para a língua portuguesa são baseadas na obra de Guillaume de Paris³⁴, um compêndio do NT, cujos textos-fonte para sua elaboração são desconhecidos (SEIBERT, 2013, p. 83).

Em 1505, D. Leonor novamente manda publicar o livro de Atos, a Epístola de Tiago, as Epístolas de Pedro, as Epístolas de João e a Epístola de Judas, que haviam sido anteriormente vertidos para o latim por frei Bernardo de Brivega (SEIBERT, 2013, p.84). O editor dessa tradução é, novamente, Valentim Fernandes.

Na tabela que se segue, recapitulamos as traduções de excertos e livros bíblicos na Idade Média de acordo com a data, o mecenas, o autor da tradução, os editores, os textos-fonte, que porção foi traduzida e o local de publicação.

Tabela 1 – Excertos e Livros Bíblicos traduzidos para o português na Idade Média

Século/ ano de impressão	Mecenas	Tradutor(a)	Editor(es)	Texto(s)-fonte	Texto bíblico traduzido	Local
Século XIV	-	D. Dinis	-	Vulgata	20 capítulos do Livro de Gênesis	Portugal
1343	-	Monges	-	-	Atos	Portugal
Século XIV	D. João	D. João e Padres	-	-	Diversos, entre eles: Salmos Atos	Portugal
1495	D. Leonor	D. Filipa	Valentim Fernandes de Morávia e Nicolau de Saxónia	Compendio de Guillaume de Paris	Excertos dos Evangelhos.	Portugal
1497	-	Gonçalo Garcia de Santa Maria	Rodrigo Álvares	Versão francesa de Guillaume de Paris	-	Portugal

³⁴ Lopes (2016, p. 10) informa que o compêndio de Guillaume de Paris é “identificado ao teólogo francês Guilherme de Auvergne (1228-1249)”.

1505	D. Leonor	Bernardo de Brivega	Valentim Fernandes	-	Atos, Epístola de Tiago, Epístolas de Pedro, Epístolas de João e Epístola de Judas	Portugal
1505 (ano de impressão)	D. Leonor	D. Filipa	Valentim Fernandes de Morávia e Nicolau de Saxónia	-	Mateus	Portugal

1.2.2. Período Humanista

Esse período é marcado pela instauração da Inquisição em Portugal por D. João III (1502-57) em 1536, incluindo as traduções bíblicas para a língua portuguesa no Index de livros proibidos pela Inquisição Católica. Tais fatos “podem explicar o silêncio das versões bíblicas em português” (SEIBERT, 2013, p. 84) durante parte do século XVI e século XVII. Para Cavaco (2010), em seu artigo intitulado “Contribuições para uma cronologia da Bíblia em Portugal”, esses fatos de cunho religioso marcam o abandono do interesse da coroa portuguesa por traduções bíblicas para o português, embora haja alguns exemplos de temas bíblicos nas obras de Gil Vicente (c. 1465-1536) e de Luís de Camões (1524?-80), bem como nas obras dos chamados “místicos portugueses”, como frei Heitor Pinto (c. 1528-84), frei Amador Arrais (1530?-1600), frei Tomé de Jesus (1529-82) e do sefardita Samuel Usque (1553).

A tradução do Livro de Atos e das Epístolas Católicas foi impressa em 1505. A impressão foi feita “por ordem da rainha Leonor, e a tradução era de Bernardo de Brivega” (Seibert, 2013, p. 84). Até a impressão, essa tradução só existia manuscrita.

Apesar das ações doutrinário-religiosas da Igreja Católica que começavam a restringir a prática da tradução bíblica, temos, no período humanista, o registro de algumas poucas traduções, entre elas: a tradução, edição e impressão do Livro de Eclesiastes, realizada por Damião de Góis (1502-74). A impressão foi feita em Veneza em 1538, por Stevão (Stefano) Sabio, “um impressor com várias obras editadas na época” (SEIBERT, 2013, p. 84). Segundo Seibert (2013), o professor T. Earle da Universidade de Oxford foi o responsável por redescobrir essa obra em 2002, que estava até então perdida, por meio de análises da lista de referências da tipografia do impressor italiano Sabio. De acordo com Seibert, é possível

indicar que “Damião Gois conhecia a tradução para o latim do Novo Testamento grego, feita por Erasmo de Roterdã”. Para Seibert (2013, p.84) essa suposição é possível, tendo em vista as “fortes ligações que Góis desenvolveu com o grande humanista europeu”. Concordamos com Seibert (2013) e acreditamos que os textos-fonte para a elaboração da tradução de Góis são: a tradução de Erasmo de Roterdã, as traduções do hebraico para o latim, a própria Septuaginta e a Vulgata.

Devido ao fato já elucidado da Inquisição em Portugal, supomos que a tradução, edição e impressão do texto de Góis não tenha sido amplamente divulgada na contemporaneidade dele. “É possível acrescentarmos nós, que o próprio Damião de Góis, com receio das consequências que daí poderiam advir, tenha evitado a sua divulgação em larga escala.” (Seibert, 2013, p. 84). Porém, foi em vão, pois foi preso em 1571 e apareceu morto (ao que tudo indica por ordem da Inquisição) próximo a sua casa em 1574.

Na tabela que se segue, recapitulamos as traduções de excertos e livros bíblicos no Período Humanista, de acordo com a data, o mecenas, o autor da tradução, os editores, os textos-fonte, que porção foi traduzida e o local de publicação.

Tabela 2 – Excertos e Livros Bíblicos traduzidos para o português no Período Humanista

	Mecenas	Tradutor	Editor	TF	Texto bíblico traduzido	Local
Século XV	Rainha Lonora	Bernardo de Brivega	-	Vulgata latina	Livro de Atos e as Epistolas Católica	Portugal
1538	Corte portuguesa	Damião de Góis	Stevão (Stefano) Sabio	Versão latina do Novo Testamento grego, feita por Erasmo de Roterdã	Livro de Eclesiastes	Veneza

1.2.3. A Diferença da Chirstandade³⁵

³⁵ *A Diferença da Chirstandade* é o título de um livreto, que continha mensagem sobre a “fé” reformada e ataques à Igreja Católica, traduzido por JFA. A tradução feita do espanhol é publicada em 1688. Essa obra representa o marco de conversão de JFA. Consideramos, então, o título deste livreto oportuno para nomear o período que marca, de fato, o início da atividade de tradução bíblica (com motivos protestantes) na língua portuguesa.

A Bíblia de JFA é a primeira versão completa (com AT e NT) do texto sagrado cristão em língua portuguesa. Demos-lhe o nome de Edição em português na Batávia,³⁶ porque foi nessa a cidade que os AT e NT de JFA foram majoritariamente elaborados. O NT de JFA foi primeiramente impresso em Amsterdã, sob o título: “*O Novo Testamento, isto he, todos os sacro sanctos livros e escritos evangelicos e apostolicos do novo concerto de nosso fiel Senhor Salvador e Redemptor Iesu Christo, agora traduzido em portugues pelo Padre Joaõ Ferreira A d'Almeida*”³⁷.

Já para o AT, o desfecho até a publicação é bastante diferente. JFA faleceu enquanto finalizava o projeto de tradução desse Testamento para o português. Consta que ele “já tinha traduzido o AT até Ezequiel 48.21” (SEIBERT, 2013, P.87). Diversos autores³⁸ que se dedicaram a estudar JFA e a Bíblia em língua portuguesa afirmam que um missionário, Jacob op den Akker, foi quem finalizou a tradução do AT e responsabilizou-se pela impressão e publicação em dois volumes.

Podemos inferir que a morte de JFA amortizou a possibilidade de “levar avante a publicação com aquele entusiasmo e dedicação conhecidos” (HALLOCK; SWELLENGREBLE, 2000, P. 121). A obra-prima da vida de JFA pode ter sofrido as intempéries de estar inserida em um ambiente que não lhe era totalmente favorável. Conforme pontua Scholz (2013), a Bíblia de JFA é, por excelência, um pequeno milagre, pois consiste em uma tradução

feita por um português (mesmo que outros, não nativos, tivessem desde cedo participado do projeto), protestante (calvinista e crítico da teologia romana), que, por mais que tivesse Portugal no coração, vivia fora de Portugal (pois, em Portugal, um projeto assim seria impensável), numa região colonizada pela Holanda, que era uma potência rival cuja liderança política teria, quem sabe, razões de sobra para não fomentar a promoção da língua portuguesa (SCHOLZ, 2013, p. 7).

³⁷ Título que consta na folha de rosto da tradução impressa em Amsterdã em 1681.

³⁸ Diversos autores como: ALVES (2007), CAVACO (2010), SIEBERT (2013) e SCHOLZ (2013).

CAPÍTULO 2 – A BÍBLIA EM LÍNGUA PORTUGUESA NA BATÁVIA, NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XVII

Logo nos primeiros Annos de minha Mocidade, foi Servido trazerme ao Saudavel Conhecimento de sua Divina Verdade; no mesmo Instante se serviu Logo tambem de em mim, prantar hum Ardente e Inextinguivel Zelo e Desejo de conforme ao Talento que de sua Paterna e Liberal mãõ recebera, o Communicar tambem aos que ainda de meus Irmaõs, segundo a Carne, ficavaõ abismados no-lamentavel Laberinto d'aquella tam Mortifera e Tremenda Cegueira, de que este Senhor a mim Lendo, Relendo e Penderãdo muitas vezes, mui deveras e maduramente aquellas Palavras que Christo, Senhor e Redentor nosso disse a S. Pedro, Luc. 22:32

João Ferreira de Almeida, 1668

*Perficit qui perseverat
João Ferreira de Almeida*

CAPÍTULO 2 – A BÍBLIA EM LÍNGUA PORTUGUESA NA BATÁVIA, NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XVII³⁹

A tradução da Bíblia por JFA é o pilar desse texto sagrado na língua portuguesa. Tal fato deve-se à Bíblia de Almeida ser o resultado do primeiro projeto de tradução integral do texto bíblico para o português. Um dos objetivos centrais desse projeto era traduzir a Bíblia e, assim, compartilhá-la com os fieis que demonstravam naquela época “um sincero desejo de saberem a verdade” (ALMEIDA, 1668, p. 3). A verdade a que ele se referiu estaria firmada na cosmovisão cristã Protestante, passando, assim, pela necessidade latente do acesso ao texto bíblico na língua das comunidades religiosas locais. Essa prerrogativa alinhava o padre reformado e tradutor português ao ideário de Martinho Lutero, pai da Reforma Protestante – em quem ele se inspirou e moldou a própria trajetória como tradutor e reformador no contexto da língua portuguesa.

O projeto de tradução bíblica de JFA, entretanto, também assumiu outros desdobramentos: o linguístico e o político. Ele traduziu sob tutela do governo holandês a fim de que a tradução da Bíblia servisse à Igreja Protestante holandesa, assim como, “para edificação e aumento da sua Igreja” (ALMEIDA, 1688, p. 5). Almeida referia-se ao aumento da Igreja Protestante no contexto da colonização na Índia Ocidental (atual Indonésia) e da metrópole holandesa. A Bíblia de Almeida acabou por revelar-se uma obra-referência, primeiro, por apresentar a Bíblia na língua portuguesa e, em segundo lugar, por acabar se tornando uma fonte de uma série de alterações, que procuraremos confirmar por meio da análise crítica entre a primeira e a quarta edição, ambas realizadas em Batávia e sob controle da Companhia Eclesiástica das Índias Orientais.

Este capítulo tem por objetivo mostrar JFA enquanto padre reformado e sua dedicação à tradução da Bíblia. Teremos como base pesquisas históricas do cristianismo nas Índias Orientais no século XVII e XVIII. Esperamos poder fornecer ao leitor um panorama que demonstre a importância de se estudar a história da tradução de um texto a partir da análise sobre o contexto em que o tradutor estava inserido, além das questões de língua. No caso da Bíblia de JFA, investigaremos como os envolvidos atuavam, dando outras dimensões possíveis para o produto final da tradução, sejam elas no campo político, religioso, social,

³⁹ O título deste segundo capítulo faz referência ao livro *Uma edição de Batávia em português no último quartel do século XVII: Diferença da Christandade* de autoria de Cadafaz de Matos publicado em 2002.

cultural e linguístico. Ademais, as implicações positivas para a historiografia do texto bíblico enquanto tradução são sem precedentes.

2.1. A Cristandade nas Índias Orientais

A situação social nas Índias Orientais, mais especificamente em Batávia⁴⁰, pode ser descrita como uma espécie de quadro dividido entre “a competição entre diversas nações europeias” e um largo espaço “aos circuitos de comunicação dos jesuítas” (CURTO, 2009, p. 195) sobreposto pela presença dos protestantes. Às competições entre as diversas nações da Europa podemos elencar aquela entre os portugueses e os holandeses, pano de fundo político-imperial para a produção da Bíblia de JFA. Já aos circuitos missionários dos jesuítas ressaltamos o fato dos portugueses terem chegado a essa região previamente e, por isso, terem expandido a cultura cristã-católica ali. Somamos a isso, o fato de outras nações protestantes⁴¹ também terem controlado aquelas regiões, assim como os portugueses, holandeses, dinamarqueses e ingleses estabeleceram portos na região das Índias Orientais no século XVI.

É fato que a expansão portuguesa e a cristandade católica já instaladas por essas regiões desde o século XV mantiveram a configuração linguística em que o português era a língua para o comércio e culto cristão. Um pouco disso deve-se ao fato de que a Companhia dos Jesuítas se empenhava “na compilação de cartas e na sua difusão através de cópias manuscritas ou impressas” (CURTO, 2009, p. 195). Além de relatar das experiências das missões religiosas, essas cartas relatavam algo da história, dos costumes, da geografia e, em muito, das possibilidades mercantis nessas terras coloniais. Tais cartas espalhadas entre os jesuítas de diversas nacionalidades possibilitaram, via traduções, várias “trocas entre o português, o latim, o castelhano e o italiano” (CURTO, 2009, p. 195), reafirmando a presença do português na região.

A perda da força imperial por Portugal na região já no curso do século XVII não impede que a língua portuguesa continue presente nas Índias já que o português era “a língua de comunicação dos europeus entre si e com os povos com quem estavam em relações”

⁴⁰ Para compreender o território da cidade de Batavia, ver anexo A.

⁴¹ Para compreender o domínio das nações europeias na região das Índias Orientais, ver anexo B.

(LOPES, 1936, pp. 105-106). Assim, a cidade de Batávia, construída em 1619 para servir de sede para o governo da Companhia holandesa das Índias Orientais, foi fundada sob uma miscelânea de idiomas, como o “holandês, o javanês; e falava-se sobretudo o português, muito mais do que a língua dos dominadores” (LOPES, 1936, p. 105).

O confronto dos holandeses com os portugueses que se estendia até as terras da, agora, Recife colocou a língua portuguesa e o culto religioso em português em crise. O português foi banido, prensas jesuítas, que permaneciam em Batávia, foram fechadas (CURTO, 2009). Há registros de que no ano de 1674, o Governador Maetsuyker alertou os diretores da Companhia em Amsterdam sobre o preocupante “uso tam grande do português” (LOPES, 1936, p. 106) na cidade de Batávia. O que mostrava quão poucos habitantes naquela região eram capazes de falar holandês. Quando os conflitos são, enfim, acabados e Holanda afasta a total possibilidade de perda da região aos portugueses, o uso da língua portuguesa é liberado e, por exemplo, o culto nesse idioma ocorre autorizado, pela primeira vez, 1664.

Em Batávia, a crise torna o período de transição entre do domínio cultural português e o domínio político e comercial holandês bastante crítico aos que moravam nessa cidade portuária das Índias asiáticas do século XVI justamente no período em que JFA empreende na sua tradução bíblica. A morosidade de aceite de impressão do NT e as intensas querelas travadas entre o padre reformado e o Concílio podem explicar-se pelas disputas entre as nações pelo controle da região. O Catolicismo, antes prática religiosa do “colonizador” da região, é substituído pelo protestantismo, que se aproveita da difusão dessa língua europeia na região, para ser alastrado pelas Índias Orientais – já que as outras que controlavam a região também eram protestantes. O que ocorrerá nos séculos seguintes é a instalação de tipografias e a tentativa de difundir o cristianismo protestante nas Índias Orientais, fato que não ganha tanta força tendo em vista a valorização da tradução e culto nas línguas europeias dos colonizadores ao invés do culto na língua dos nativos, como os jesuítas faziam.

2.2. A tradução da Bíblia nos domínios holandeses no Oriente

A Bíblia traduzida para o português na Batávia ocorre, em parte, como fruto do empenho dos jesuítas em difundir a língua do colonizador por meio das missões religiosas naquela região. Entretanto, não é a primeira ocorrência de tradução Bíblica na cidade

holandesa, cujo português e outras línguas locais configuravam o arquipélago linguístico da cidade portuária. Ali, então, houve o interesse de

membros da Companhia Holandesa das Índias Orientais, formada em 1602, em produzir uma das primeiras traduções das Escrituras para língua não-europeia. John (Jan) Van Hasel, um Diretor da Companhia, realizou uma versão para o malaio do Evangelho segundo Mateus. Logo depois, em 1612, um outro comerciante holandês, Albert Cornelisson (Cornelisz) Ruyl, também traduziu Mateus. Sua versão foi considerada preferível em vez da Bíblia de Van Hasel de tal modo que ele se propôs a traduzir o resto do Novo Testamento. Ele morreu antes que ela fosse concluída, mas suas versões de Mateus e Marcos foram impressas, juntamente com as versões holandesas, na Holanda, em 1629. Van Hasel, entretanto, preservou e completou uma versão para o Malaio de todos os quatro Evangelhos, e desses Lucas e João foram publicados em Amsterdã em 1646⁴². (SIMON, 2012,p. 169).

Essa tradução para o Malaio foi uma tentativa de extirpar a língua portuguesa na região e também de facilitar o culto protestante aos locais da cidade de Batávia e região. Entretanto o empreendimento de tradução bíblica para a língua minoritária não encontrou motivo algum para os dirigentes do Concílio em Amsterdam. E é na resposta do Concílio que se encontram algumas das normas que condicionaram a tradução bíblica para a língua portuguesa na região, eram elas:

Os criolos malaios (...) só falando falando-o [**português**] são admitidos na religião cristã; [...]

Pode fazer-se idea da importância do português por esta lista das obras que nos servimos para pregar: Breve resumo da religião, traducões portuguesas do Catecismo de Aldegone, Catecismo de Heideberto, os livros do prægador Ferreira de Almeida sôbre a religião crista, as traducões de Outrein e o curso do Catecismo. [...]

A língua em que nós prægamos, grammatical, só diferere da língua comum das ruas, isto é do português crioulo, pelas terminações, ou seja, o número, o género, as pessoas, o modo e os tempos, como sucede em tôdas as línguas gramaticais: não

⁴² Trecho original: “*In interesting, but not unusual, convergence of commerce and proselytism, members of the Dutch East India Company, formed in 1602, produced one of the earliest translations of the Scriptures into a non-European language. John (Jan) Van Hasel, a diretor of the company, completed a Malay version of the gospel according to Matthew. Soon after, in 1612, another Dutch trader, Albert Cornelisson (Cornelisz) Ruyl, also translated Matthew. His version was considered preferable to Van Hasel’s so he set out to translate the resto f the New Testament. He died before it was completed, but his versions of Matthew and Mark were printed, along with the Dutch versions, in Holland in 1629. Van Hasel, meanwhile, preserved and completed a Malay version of all four gospels, of wich Luke and John were published in Amsterdam in 1646.*”

há nesta uma palavra que não esteja naquela. (LOPES, 1936, p. 111).

O conhecimento da língua portuguesa, então, era a forma para conseguir permissão para poder fazer parte do Cristianismo em Batávia. Imaginamos que a vertente Cristianismo a que se refere seja, de fato, o Protestantismo, tendo em vista o interesse pela tradução da Bíblia e de toda uma literatura religiosa para o português com o intuito de formar uma cultura religiosa naquela região, assim como os jesuítas. Outro fator que chama a atenção é o de considerar a língua portuguesa como idioma que ocorria já com duas variantes. Uma da rua, mais comum, o português crioulo, e outra mais erudita, a pregada na Igreja com classes gramaticais e regras de uso mais normatizadas. A língua compreendida como um conjunto de classes gramaticais e uma norma padrão, como parecia ser entendida a portuguesa na descrição dos motivos para a tradução da Bíblia em português, não foi a forma como foi visto o malaio para que a tradução para essa língua local fosse autorizada pelos chefes eclesiásticos de Amsterdam. Eles negaram financiamento para outras edição de excertos bíblicos em malaio, a língua local da Batávia (LOPES, 1936, p. 111).

2.3. João Ferreira de Almeida: padre reformado e tradutor da primeira Bíblia para o português

JFA foi padre reformado, visitador de doentes, ministro da Igreja de Batávia e tradutor da Bíblia para o português. Ele encabeçou o primeiro projeto de tradução bíblica integral para a língua portuguesa e, com isso, marcou o nome dele na história da Bíblia em língua portuguesa. Nesta seção traçaremos o caminho dele enquanto tradutor da Bíblia, trajetória que se confunde com as funções eclesiásticas, a fim de recuperar a tradução da primeira Bíblia para a língua portuguesa enquanto um texto traduzido, mostrando os indivíduos que participaram do processo – com foco principal no tradutor.

2.3.1 De Torre de Tavares às Índias Orientais do século XVII

Sabe-se muito pouco sobre JFA antes de chegar pela primeira vez a Batávia (hoje Indonésia) no ano de 1642. Pode-se afirmar que ele nasceu no norte de Portugal, em Torre de Tavares no ano de 1628 (HALLOCK; SWELLENGREBEL, 2000; SCHOLZ, 2008). “Sabe-

se que João Ferreira A. de Almeida, a partir de 1870, passaria a ser conhecido simplesmente como João Ferreira de Almeida.” (SCHOLZ, 2008, p. 7). Almeida era sobrinho de um tio monge “com a esperança de ele ser padre algum dia” (HALLOCK; SWELLENGREBEL, 2000, p. 36) e, por isso, já na adolescência já conhecia várias línguas estrangeiras. Entretanto os “estudos” e a convivência com o tio é interrompida quando Almeida “deixou Portugal aos 14 anos de idade, indo para Holanda. Depois foi para Málaca nas Índias Orientais.” (SCHOLZ, 2008, p. 7). Há suposições que Almeida foi à Holanda porque tinha parentes judeus, favorecendo sua conversão do Catolicismo ao Protestantismo (MATOS, 2002, p. 86).

Ele teve acesso a um livreto espanhol intitulado *Diferencias de la cristandade*, mas não é certo o local onde essa leitura se deu, se na Holanda, na Batávia “ou já em Malaca, em 1644, quando ocorreu a conversão” (SEIBERT, 2008, p. 86). Esse livreto era uma compilação de pensamentos escrito em castelhano que apontava equívocos da doutrina católica segundo a interpretação da doutrina reformada protestante. O autor original deste pequeno texto é desconhecido, porém, Almeida revela que, no momento da leitura, foi livre das “espessas trevas em que andava” (ALMEIDA, 1668, p. 4).

É a partir do fato da conversão que a biografia de Almeida vai se confundir com a história da tradução da Bíblia para o português. Os dados da sua vida pessoal como casamento, filhos, formação acadêmica vão dando lugar à incessante busca: de conseguir autorização (a tempo) para ver publicados os AT e NT em sua língua materna a fim de que “as pessoas chegassem à fé e fossem edificadas” (SEIBERT, 2008, p.86).

O jovem padre reformado “tinha a idade de 16 anos” (SEIBERT, 2008, p.86) e, por isso, não é possível afirmar que ele “tenha estudado teologia na Batávia, pois a essa altura não havia um Seminário propriamente dito em Batávia, pois todos os missionários vinham da Holanda, com os estudos feitos e já ordenados” (ALVES, 2007, p. 26). Todavia, pode-se inferir que ele tinha aptidão para o trabalho de missionário na Ásia, conforme informa Alves (2007, p. 26): “João Ferreira de Almeida [...] cultivou não apenas as línguas da Bíblia, mas sobretudo as línguas necessárias para sua atividade pastoral, nos territórios onde se cruzavam diferentes povos e culturas: francês, para os hungretões procedentes da Europa, espanhol e holandês”. Alves afirma dessa forma que Almeida, apesar da pouca idade, “traduziu do espanhol para o português” (ALVES, 2007, p. 26) partes dos Evangelhos e Epístolas, entre os 16-17 anos (1644-1645) “todo o Novo Testamento da versão latina de Beza (com auxílio das edições italiana e francesa)” (ALVES, 2007, p. 26), além da liturgia reformada e o Catecismo de Heidelberg, embora não soubesse holandês fluentemente àquela época, mas aprendeu ao

longo dos anos sendo capaz, inclusive, de pregar sermões em língua holandesa em 1669 (HALLOCK; SWELLENGREBEL, 2000, p. 97) .

Devido à erudição de Almeida, Alves (2007, p. 26) sugere a possibilidade de haver na Batávia

“pelo menos uma incipiente “*Escola Bíblica*”, onde se ministravam estudos das línguas da Bíblia e técnicas de tradução, como tinha ficado decidido no Sínodo de Dor Dreht. Essa escola era chamada de *Seminário*, que aparece sempre que é referida a “*Imprensa do Seminário*” no frontispício das obras de Almeida”.

O conhecimento da existência dessa escola esclarece apenas alguns fatos obscuros acerca da trajetória de Almeida como tradutor, mas ainda não deixa claro, de fato, que línguas sabia ele nas distintas fases como tradutor. A fim de solucionar esse impasse, será utilizado nesta pesquisa, a divisão em Períodos proposta por Alves (2007, p. 28) para o trabalho de Almeida como tradutor nos “Período de Malaca e o Período de Batávia”. O Período de Malaca vai de 1642 a 1651. Já o segundo abrange os anos entre 1651 a 1656 (ALVES, 2007, p. 54). Esses períodos serão adotados, pois sabe-se que ele fez uso da versão espanhola e também das versões “francesa e italiana, que eram as que também, então, melhor entendia” (ALMEIDA, 1668, p. 3) para traduzir a primeira versão dos Evangelhos e Cartas Epistolares, como ele mesmo afirma no prefácio à tradução do livreto que levou-o à conversão, *A Diferença da Christandade* (1668). Os autores Hallock e Swellengrebel (2000, p. 36) afirmam que somente após a transferência para Batávia é que ele está, de certa forma, fluente em holandês (o espanhol de Valera, o italiano, a Bíblia de Lutero e a versão holandesa) e também com conhecimentos suficientes para consultar os textos bíblicos fonte para dar continuidade ao seu projeto de tradução. Outro fator que essa divisão deve-se ao motivo de Almeida só passar a receber pela tradução da Bíblia no ano de 1656 (HALLOCK; SWELLENGREBEL, 2000, p. 51). Esse último pode revelar que a Companhia esperava que Almeida se mostrasse mais maduro, como ministro e como tradutor, para poder ser, de fato, financiado pela metrópole holandesa.

No mais, será adicionado à cronologia de Alves (2007) um último período chamado de Período de Escritos Polêmicos (1657-1663). Este será adotado porque engloba os anos entre 1657 e 1663 quando Almeida escreveu diversos tratados polêmicos e também traduziu livros bíblicos do Velho Testamento para o português.

2.3.2 Período de Malaca, 1642 – 1651

O início de transição política da colonizatória portuguesa para a holandesa nas Índias Orientais está, de fato, firmado no Período de Malaca. Hallock e Swellengrebel (2000, p. 48) afirmam que a região estava “em guerra, mesmo depois de um armistício de 1645 a 1652, e assim permaneceu até 1663”. Almeida, portanto, chega à região das Índias Orientais no momento de transição política e guerra, fatos que tornaram os territórios ainda mais tensionados. O contexto histórico em que Malaca estava é o mesmo a que Almeida seria exposto durante todo o seu trabalho, como membro eclesiástico da Companhia das Índias Orientais e tradutor da Bíblia.

Portugal tinha domínio dessa região desde o século XV, quando em abril de 1511, Afonso de Albuquerque aportou em Goa e estabeleceu uma base estratégica para expansão portuguesa nas Índias Orientais. Essa base era subordinada à base do estado Português na Índia e era importante rota para se fazer comércio. O processo de colonização portuguesa durou um pouco mais de 130 anos na região conhecida naquela época de Índias Orientais, que hoje se conhece como sul da Índia e leste da Ásia.

A intensa colonização portuguesa nas Índias Orientais colaborou para a difusão da cultura e religião portuguesa por meio do trabalho missionário da Companhia de Jesus e o já mencionado estado Português na Índia, o que pode evidenciar as grandes missões religiosas para a “difusão da língua portuguesa na região” (LOPES, 1936, p. v). David Lopes, ex-professor da Universidade de Lisboa, chegou a afirmar que há evidências suficientes em documentos de que a “Batávia foi desde a sua fundação em 1619 uma cidade de língua portuguesa, a tal ponto que as autoridades holandesas intentaram várias vezes impedir a sua difusão. A igreja portuguesa dela esteve ao culto até o século XIX.” (LOPES, 1936, p. vii).

Como a língua portuguesa era uma espécie de língua-franca da região onde Almeida estava, os holandeses, inimigos políticos de Portugal, poderiam ter o interesse de abafá-la. Todavia, tudo parecia ter a clara intensão, ainda que fosse “economicamente secunda, pelos administradores da Companhia das Índias, apostada em afastar, mediante a pregação dos Reformadores, os povos da tutela cultural e política de outras nações católicas, sobretudo de Portugal” (ALVES, 2007, p. 47). Talvez por isso Almeida tenha solicitado que a impressão da Bíblia em português fosse feita bem como para “honra e gloria de Deus bem para edificação

e aumento da sua Igreja⁴³ [...] e salvação dos que outra nenhuma língua senão a portuguesa” (1688, p. 3).

O pedido de Almeida foi concedido com a encomenda de manuscritos do Novo Testamento traduzidos entre 1644 e 1645 por um dos eclesiásticos que estavam em Amsterdam. Porém em 1647 “solicitou-se a cópia que havia sido enviada à Amsterdam por intermédio de Loosvelt (ou Kantherus), mas ninguém respondeu” (HALLOCK; SWELLENGREBEL, 2000, p. 51). Esses manuscritos são considerados perdidos para os autores Alves (2007), Hallock e Swellengrebel (2000), Scholz (2008) entre outros. Por isso, o concílio incumbiu Almeida de novamente “verificar a cópia mais uma vez com todo cuidado e trazei-la a reunião para que fosse verificado por um grupo entendido naquela língua específica.” (HALLOCK; SWELLENGREBEL, 2000, p. 51). A correspondência e a tecnologia disponíveis no século XVII de fato colaboraram para atrapalhar a apropriada manutenção do trabalho de Almeida enquanto tradutor. O tempo que as cartas com pedidos e correspondências com os textos levavam para chegarem aos destinos corretos somados à morosidade da Companhia das Índias Orientais em dar pareceres positivos às solicitações de Almeida facilitaram a perda de documentos repletos de informações, o que torna a pesquisa sobre este caso de tradução da Bíblia, em particular, repleta de suposições sobre o que realmente acontecera.

Além da presença da língua, cultura portuguesa e o desaparecimento de manuscritos da Bíblia em português desaparecidos, outro fator complicava o andamento do trabalho de Almeida: o porquê de o missionário-tradutor português ter se instalado em uma colônia holandesa, quando Holanda e Portugal eram impérios inimigos. Anos antes, o governo das Companhias Orientais “procuravam descobrir métodos para evitar o aumento do uso da língua portuguesa” (HALLOCK; SWELLENGREBEL, 2000, p. 48) porque a língua portuguesa era mais difundida frente à língua dos novos colonizadores e que “isto deveria ser evitado por motivos políticos” (HALLOCK; SWELLENGREBEL, 2000, p. 48). Entretanto, a língua portuguesa “prevaleceu durante o tempo da Companhia Holandesa das Índias Orientais, tornando-se a língua dos *Mardijkers* e dos Nativos, e ainda a língua das conversas do povo” (HALLOCK; SWELLENGREBEL, 2000, p. 51) sem falar que era a língua por meio da qual a fé Protestante poderia ser difundida mais rápido justamente por ser mais popular.

Seibert (2008, p. 87) afirma que Almeida “não conseguiria realizar a tradução da Bíblia em Portugal”, mas não fornece quais seriam os motivos. Pode-se inferir que a doutrina

⁴³ Grifo meu

Católica era um dos impasses à tradução do vernáculo sagrado para o português, língua secular.

2.3.3. Período Batávia, 1651-1656

Ainda sob a crise política e social, esse período é marcado pelo que se pode considerar o amadurecimento de Almeida como tradutor e pastor. É no ano de 1652 que o resultado da tradução do Novo Testamento foi discutido pelo Concílio da Igreja, referindo-se “aos quatro evangelistas e os Atos dos Apóstolos traduzidos na língua portuguesa” (HALLOCK; SWELLENGREBEL, 2000, p. 50) por João Ferreira de Almeida e, então, o Concílio decide remunerá-lo pela primeira vez por esse tipo de serviço. Nas Atas de 15/04/1652, conforme informam Hallock e Swellengrebel (2000, p. 51), a quantia era “uma remuneração muito pobre por um grande trabalho”. A partir dessa remuneração pela tradução da Bíblia, Almeida passa a receber quantias pelos trabalhos que enviava ao Concílio na Batávia. Todavia, Almeida se lança em seu projeto e continua a trabalhar na tradução.

Porém esse período é marcado pela busca de Almeida à ordenação a pastor para que pudesse ter mais autonomia em seu trabalho missionário. Os pedidos se iniciam no ano de 1652 e seguem até 1656 quando finalmente foi possível marcar a avaliação e, por sorte, ser aprovado. Após a ordenação, Almeida foi a secretário e, depois, presidente do Concílio da Batávia (HALLOCK; SWELLENGREBEL, 2000, p. 115).

2.3.4 Período de Escritos Polêmicos, 1657-1689

A partir do ano de 1656 Almeida intensificou sua missão de traduzir a Bíblia para o português e também de levar a fé Protestante aos nativos da região das Índias Orientais, viajando por Tuticorin (extremo sul da Índia), Quilon (ou Coilan ou Kollan) na costa de Calabar até, por fim, chegar à Batávia. A ordenação e o fato de ser parte da tomada de decisões do Consílio o ajudou a ter mais voz e levar seu projeto em frente.

Porém, os conflitos entre Almeida e o Concílio central da Igreja Protestante Reformada Holandesa intensificam-se. Em 1657 reclamaram sobre “polêmicas contras as superstições romanas” (HALLOCK; SWELLENGREBEL, 2000, p. 62) e os fanatismos que ele impunha aos moradores seculares dessas colônias. Além disso, o governador Rijiklof Van Goens de Oudere o proibiu de falar na língua portuguesa. Tal fato, para os autores Hallock e Swellengrebel (2000, p. 62) estava associado ao interesse de “promover o aumento e o estabelecimento do idioma holandês e causar o desaparecimento da língua portuguesa. Para Almeida essa decisão, se aceita pela Companhia das Índias Orientais, significaria “a impossibilidade de realizar o seu ministério” (Hallock; Swellengrebel, 2000, p. 62).

Além desse impasse, ele foi acusado no Ceilão de ensinar a fé Católica e a fim de rebater essas acusações lançou-se na elaboração de alguns textos sobre a fé Protestante, que Hallock e Swellengrebel (2000, pp. 196-197) afirmam serem de “natureza polêmica [...] produzidos principalmente na época de sua perseguição” e também de conter “o verdadeiro Almeida, sem interferência de revisores”. São eles:

- ❖ Diferença d'a christandade (1668);
- ❖ Epistola ou Carta do Padre João Ferreira A. d'Almeida, Ministro preg do S. Evangelho A os R. Padres e Religiosos Agostinhos, de Bengala, Em que lhes manifesta as justas Causas & urgentes Razoens que de todo o Convenceraõ, Obrigaraõ, Moveraõ, & em Consciencia Forçaraõ e Constrangerãõ A Deixar a Igreja Romana & a se reduzir so a verdadeira Christaõ Catholica Apostolica Reformada. Com todas as licenças necessárias (1672);
- ❖ Seis propostas... do padre João Ferreira A. d'Almeida, Enviadas no anno de 1665, Aos Ecclesiasticos de Goa, particularmente Aos Loyolitas d'a Companhia de Loyola, Acrescentadas com mais Doze, Que agora de novo a eles, e a todos os demais dos reynos e Senhorios de Portugal, les propoem, para ver se, Pois ate o presente nada respoderaõ às Seis Primeiras, se atrevem pelo menos agora a cousa alguã responder a Estas Doze Segundas. Com todas as Licenças Necessárias (1672);
- ❖ “A Advertência ao Pio Leitor” (explicação de erros na 1ª edição do Novo Testamento, 1681).

O Concílio na Batávia intercedeu perante o governo, que transferiu Almeida definitivamente para Batávia em 1663 porque as críticas chegaram ao ponto de o pastor-tradutor ser condenado à morte em Goa por disseminar a fé Católica. A transferência ocorreu

antes mesmo da publicação impressa de seus escritos que ele considerava fundamentais por exporem sua fé na teologia Protestante.

De volta à Batávia, Almeida consegue imprimir seus textos porque o Concílio disponibilizou uma pequena prensa para que ele pudesse imprimir seus escritos, mas eles só seriam impressos em 1672. Em março de 1669 Almeida foi promovido a secretário e no ano seguinte, a presidente do Concílio em Batávia. A ocupação desses dois cargos podem confirmar o amadurecimento de Almeida para levar adiante sua missão como pastor e tradutor e também que ele pode ter conseguido dar continuidade ao seu projeto com mais autonomia frente ao patrocinador holandês.

Em 1689, Almeida consegue a aposentadoria e fica “livre das vistas e da pregação, mas ainda recebia pela tradução” (HALLOCK; SWELLENGREBEL, 2000, p. 62). Continuar recebendo pela tradução, mesmo que aposentado, pode indicar que ao longo de 27 anos (entre 1642 e 1669) o trabalho de Almeida passou a ser de fato reconhecido como trabalho digno de remuneração por parte da Companhia das Índias Orientais, indicando que o Concílio demorou para confirmar que Almeida tivesse uma real capacidade técnica para a elaboração da Bíblia em português.

2.4. O Novo Testamento de João Ferreira de Almeida

O NT é o texto bíblico pelo qual JFA inicia seu projeto. Sabemos que ele iniciou essa empreitada aos 16 anos, por volta de 1642. Sabemos também que ele já havia concluído seu trabalho em 1645 e essa versão do NT de JFA é dada como perdida (ALVES, 2007). Sabemos que durante os Períodos de Malaca (1642-1651) e de Batávia (1651-1656) JFA fez a tradução das línguas vulgares que conhecia, o que fez com que suas traduções não fossem feitas a partir dos textos-fonte tido como originais, “mas a partir das línguas modernas, ou do latim” (ALVES, 2007, 28). Seriam essas línguas modernas: espanhol, francês, italiano.

Posteriormente, no período de Escritos Polêmicos (1657-1669), o padre reformado já pregava em holandês. E, por sugestão do Concílio Eclesiástico de Amsterdam, JFA começou a utilizar o NT em holandês como textos-fontes, para consulta, também. Já na altura dos 50 anos, JFA passou a pregar quando voltou para Batávia, vivendo um intenso momento de escrita literária crítica à Igreja Católica.

Entretanto, ao nos voltarmos às publicações que foram impressas e autorizadas pelo Concílio Eclesiástico da Igreja holandesa, verificamos que JFA comunica em 1670 que a tradução está pronta, porém até a impressão ser feita passam-se 11 anos. O motivo mais provável é o envio de revisores para auxiliarem JFA em seu processo de preparação do texto do NT para impressão (HALLOCK; SWELLENGREBLE, 2000, p. 116).

Esses novos agentes da tradução do NT, os revisores, foram divididos em duas equipes, uma em Batávia e outra em Amsterdã. Os revisores que estavam na região das Índias Orientais eram: Reverendo Cornélio Lindius⁴⁴, Reverendo Theodore Zas⁴⁵ e Augustibus Thorton⁴⁶. A equipe de Holanda se compunha por: Reverendo Johanes de Vooght⁴⁷, Reverendo Bartholomeus Heyenen⁴⁸ e há também mais um revisor que aparece nos registros como “um judeu português convertido ao cristianismo, e que tomou sobre mesmo a maior parte do trabalho” (HALLOCK; SWELLENGREBLE, 2000, p. 105).

Em relação ao processo de revisão, os autores Hallock e Swellengreble (2000, p. 101) pontuam que a atividade de revisão deve ser interpretada com ressalvas, pois há referências “às pessoas que supervisionavam a impressão e corrigiam as provas” e por outras vezes essa tarefa modula para indicar a performance de agentes que apresentaram ao NT de JFA “uma interferência autoritária e incisiva no texto” (2000, p. 101). O Concílio da Igreja Reformada holandesa “sempre procurava usar estes revisores para exercer a sua autoridade e controle sobre o trabalho do tradutor, para que se pudesse assumir a responsabilidade por essas traduções, recomendando-as às autoridades eclesiásticas ou seculares” (Hallock; Swellengreble, 2000, p. 101). Alves (2007, p. 49) pontua outros aspectos sobre a designação de revisores para que a tradução do NT fosse feita, para ele “os **revisores**⁴⁹ nunca confiaram muito na capacidade de tradutor de Almeida, por motivos técnicos eóu (sic.) “políticos”. Para os autores mencionados e dado o contexto em que JFA estava inserido parece ser correto

⁴⁴ Chegou à Batávia em 1650. Pregou lá até 1683. Em 1652 recomendou a tradução de JFA ao Concílio da igreja

⁴⁵ Serviu no Cabo da Boa Esperança e durante 15 anos como Capelão naval em Málaca. (falava português)

⁴⁶ Serviu na Índia, pastor da Igreja portuguesa na Batávia, 1674-1689

⁴⁷ Foi pastor em Ceilão de 1667 a 1679 e em dezembro de 1681 chegou à Batávia.

⁴⁸ Nasceu na Paraíba em 1644. Trabalhou em Ceilão de 1664 a 1676 e na Batávia de 1676 a 1679. Retornou à Holanda em 1679, mas em 1683 voltou à Batávia para ficar até o ano de 1686 como pastor.

⁴⁹ Grifo nosso. Observamos que os revisores nutriam tal desconfiança devido às próprias recomendações do Concílio. Entendemos também que o mecenato se deu de forma bastante autoritária, tendo em vista que, por vezes, as decisões de Almeida eram questionadas por líderes da Igreja que desejavam a Bíblia em português em conformidade com a holandesa. Sabemos, no entanto, que somente uma análise detalhada das correspondências trocadas entre JFA, líderes religiosos de Batávia e o Governo central na Holanda serão capazes de responder as nossas suposições dadas a partir da análise dos dados fornecidos pela leitura crítica dos textos que serviram de bibliografia desta pesquisa.

afirmar que a primeira tradução da Bíblia foi feita sob tensão, de um lado pela própria tradução, do outro pelos interesses políticos de um Império que queria (re)afirmar seu domínio. É possível, inclusive, apoiar-se no que afirmam os autores Hallock e Swellengreble (2000, p. 103) sobre um dos motivos pelos quais o NT demorou tanto para ser impresso: “a tradução em português não estava exatamente conforme a tradução oficial holandesa”.

Tabela 1 – Dados sobre as duas primeiras impressões da tradução do NT de JFA

	Mecenas	Tradutor	Editor	TF	Revisores	Local
1681	Concílio da Igreja Reformada holandesa (e impressão da viúva de J. V. Someren ⁵⁰)	JFA	JFA	TF usados por Almeida: versões gregas e hebraicas, a holandesa, a versão de Martinho lutero e a espanhola de Valera	Rev. Johanes de Vooght e Rev. Bartholomeus Heyenen	Amsterdã
1693	João Vires	JFA	Reverendos Zas e Akker	TF usados por Almeida: versões gregas e hebraicas, a holandesa, a versão de Martinho lutero e a espanhola de Valera	Reverendos Zas e Akker	Batávia

2.4.1. O Velho Testamento de João Ferreira de Almeida

Sabemos a partir do exposto anteriormente que Almeida não chegou a finalizar o seu projeto de tradução do AT. Traduziu “mais ou menos 90% do Antigo Testamento; deixou a tradução à altura de Ezequiel 48.21” (SCHOLZ, 2013, p. 11). Também já informamos que op den Akker, um missionário holandês na Batávia foi quem finalizou a tradução. Akker finalizou a tradução “em três anos, isto é, em 1694” (SCHOLZ, 2013, p. 11). Já a impressão

⁵⁰ Podemos inferir pelo exposto que Almeida era o responsável pela edição de seu projeto bíblico enquanto ainda estava vivo. Ainda que tenha sido recorrente ler nas referências sinais de que desconfiavam de seu trabalho, é possível que muito tenha sido feito conforme a vontade dele porque ele era o idealizador do projeto.

desses livros teve um grande tempo de espera. Somente vinte e dois anos após a morte de JFA é que as impressões começam e, ainda assim, se dão de forma partilhada em tomos com o Pentateuco; os Salmos; os livros dos Profetas menores; livros históricos, livros poéticos e os livros dos profetas maiores. Uma edição completa só foi publicada em único volume em 1819.

Assim com a publicação da tradução do NT, o AT de JFA e Akker sofreu revisões por uma equipe designada pelo Concílio da Igreja Holandesa. Os dois revisores⁵¹ designados para a função foram: Thorton e Dr. Servantius Clavius. Esses dois revisores trabalharam conjuntamente a Akker no processo de revisão até a finalização completa da tradução.

Com relação à revisão do AT houve bastante desentendimento entre JFA e o Concílio (LOPES, 2016, p. 116). Ele solicitou à igreja holandesa que permitisse a impressão do AT na Holanda “depois de revisto e examinado da mesma maneira que o Novo Testamento, para que ele fosse publicado e se tornasse de propriedade do público” (HALLOCK; SWELLENGREBLE, 2000, p. 113), porém seu pedido foi negado. Sabemos que JFA tentou também imprimir o Pentateuco⁵², mas, novamente, o Concílio respondeu negativamente, alegando “que as seções traduzidas fossem revisadas mais uma vez pelos mesmos três revisores, e que estes homens foram comissionados a revisar todo o Antigo Testamento” (HALLOCK; SWELLENGREBLE, 2000, p. 113). É possível perceber a morosidade que o financiador do projeto dava às demandas de JFA. As posições da tradutor e dos financiadores, os dirigentes do Concílio Eclesiástico, pareciam opostas no desejo de fazer essa impressão possível. Para o primeiro, o tradutor, havia muita pressa e vontade que as edições fossem logo distribuídas. Já para o segundo, o mecenas, havia outros pormenores como a avaliação do texto traduzido conforme a Bíblia holandesa e a aprovação do texto por um número muito grande de agentes. Só pela análise dos dados já apresentados nos informa como a lentidão imposta “atrasou” o desejo de JFA em ver a Bíblia em LP. “As objeções de Almeida quanto à inércia da comissão deviam ter recebido o apoio do governo, mas ele era o culpado, segundo a sua opinião (do governo)” (HALLOCK; SWELLENGREBLE, 2000, p. 115). Para o governo, JFA dedicava-se demais a discussões, quando deveria apenas aguardar a autorização de

⁵¹ Também havia sido designado outro revisor, o Reverendo Lindius. Entretanto, como informam Hallock e Swellengreble (2000, p. 111) o Concílio tinha objeções à indicação de Lindius, pois ele “já havia 66 anos de idade, e que tinha residido em Batávia por 34 anos”. Aparentemente o Concílio temia que a idade avançada de Lindius pudesse atrasar o processo.

⁵² Os cinco primeiros livros do Antigo Testamento, cuja autoria é atribuída a Moisés, são os textos que compõem o Pentateuco.

impressão ou do texto integral ou de excertos. Porém é possível inferir que as discussões emergiam da

diferença entre o sentimento linguístico que naturalmente existiu entre um português nato e seus colegas holandeses, que não falavam nem escreviam português como língua mater (sic). Outra causa provavelmente seria a incerteza quanto ao tipo de português a usar, ou o português puro, que era difícil de entender na igreja, conforme alguns, ou “o português poluído” que era mais comum para o povo (HALLOCK; SWELLENGREBLE, 2000, p. 116)

Além dos revisores, os pastores locais que sabiam português “foram nomeados como leitores de provas, que iriam supervisionar a impressão de um texto já estabelecido. Esse texto tinha sido determinado e estabelecido pelos revisores Thorton e Clavius, em cooperação, Almeida”. (HALLOCK; SWELLENGREBLE, 2000, p. 113). Com essa informação sobre os “leitores prova” do AT de JFA podemos inferir que o Concílio, apesar da demora em permitir a impressão, queria cercar o texto de JFA com uma supervisão suficiente para que o AT “saísse” de Batávia o mais condizente com uma boa impressão, ou seja: sem muitos erros.

JFA faleceu em 6 de setembro de 1681 e o AT foi publicado somente em 1694. Devemos pontuar que a morosidade da Igreja holandesa em promover a impressão fez com que duas entidades participassem da impressão da primeira Bíblia em português: a *Society for Promoting Christian Knowledge* (SPCK)⁵³ e *A missão de Tranquebar*^{54 55 56}.

A missão de Tranquebar juntamente com a SPCK tomou para si a responsabilidade de publicar textos bíblicos em língua portuguesa para os fieis da região das Índias Orientais, estabelecendo uma oficina gráfica em Tranquebar (na Índia) em 1713.

Ao que tudo indica, SPCK e a *Missão de Tranquebar* não estavam a par do andamento do projeto de tradução de JFA. E entre 1713 e 1737, essas missões publicaram traduções bíblicas feitas por missionários da Real Missão da Dinamarca (LOPES, 2016, p. 102). As fontes secundárias informam que os missionários tinham algum conhecimento de português, o que prejudicou a transmissão do texto de JFA pela inclusão de estrangeirismos e formas verbais, que não cabiam na língua portuguesa (MOHR, 1773, p. 12).

⁵³ A SPCK foi uma missão anglicana fundada em 1698 por Thomas Bray, desde a sua fundação ela se propõe a difundir a literatura cristã.

⁵⁴ A missão de Tranquebar foi fundada pelo rei dinamarquês Frederico IV em 1620 e pertenceu à Companhia Dinamarquesa das Índias Orientais.

⁵⁵ Ver figura 3 em anexos.

⁵⁶ Para compreender o território de Tranquebar, ver anexo A.

Mesmo sem o acesso aos manuscritos de JFA, esses missionários levaram a frente um projeto de tradução da Bíblia para o português. Imaginamos que a missão de Tranquebar teve como principal objetivo a difusão do texto bíblico em língua portuguesa com fins de auxiliar a evangelização dos fiéis na região das Índias Orientais e não conseguimos responder por quê essa missão não teve conhecimento da tradução de JFA, tendo em vista que o padre tradutor português também fez missão na região do que hoje conhecemos por Índia.

A partir do ano de 1738, a publicação de trechos da tradução bíblica de Almeida foi iniciada e finalizada a impressão do AT em 1751. Abaixo as publicações feitas pela *Missão de Tranquebar*:

- ❖ 1713-1719 – *Os cinco livros de Moisés* (O Pentateuco). Responsáveis: Johann Ernst Grundler, Bartholomaeus Ziegenbalg e Schultze (padres missionários dominicanos da Real Missão da Dinamarca);
- ❖ 1721, *Os Salmos*. Responsável: Benjamin Schultze (1689- 1760);
- ❖ 1732, *Os Profetas Menores*⁵⁷. Responsáveis: Nicolaus Dal (1690-1747) e Christoph Theodosius Walther (1699-1741);
- ❖ 1738, *Os Livros Históricos do Velho Testamento*⁵⁸, JFA
- ❖ 1740, Salmos;
- ❖ 1744, *Livros Dogmáticos do Vellho Testamento*;
- ❖ 1749, Salmos⁵⁹; e
- ❖ 1751, Profetas Mayores⁶⁰.

Tabela 2 – Dados das impressões feitas pela missão de Tranquebar em parceria com a SPCK

	Mecenas	Tradutor(es)	Editor(es)	TF	Revisores	Local
1713/ 1719	Missão de Tranquebar e SPCK	Grundler, Ziegenblag e Schultze	Grundler, Ziegenblag e Schultze	Septuaginta Vulgata Cópias em hebraico e aramaico	Thornton e Servatius Clavius	Amsterdã
1721	Missão de Tranquebar e SPCK	Benjamin Schultze	Benjamin Schultze	Septuaginta Vulgata Cópias em hebraico e aramaico	Thornton e Servatius Clavius	Tranquebar

⁵⁷ Os livros cuja autoria é dada a Profetas Menores são: Oséias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

⁵⁸ Para os protestantes, os livros históricos são: Josué, Juízes, Rute, I Samuel, II Samuel, I Reis, II Reis, I Crônicas, II Crônicas, Esdras, Neemias e Ester.

⁵⁹ Segunda impressão.

⁶⁰ Os livros cuja autoria é dada aos Profetas Mayores são: Isaías, Jeremias e Ezequiel.

1732 ⁶¹	Missão de Tranquebar e SPCK	Nicolaus Dal e Christoph Theodosius Walther	Nicolau Dal e Christovão Theodosio Walther	Septuaginta Vulgata Cópias em hebraico e aramaico	-	Tranquebar
1738	Missão de Tranquebar e SPCK	JFA Akker	Padres missionários de Tranquebar	Septuaginta Vulgata Cópias em hebraico e aramaico	-	-
1740	Missão de Tranquebar e SPCK	JFA Akker	-	Septuaginta Vulgata Cópias em hebraico e aramaico	-	Batávia
1744	Missão de Tranquebar e SPCK	JFA Akker	-	Septuaginta Vulgata Cópias em hebraico e aramaico	-	Batávia
1749	Missão de Tranquebar	JFA Akker	-	Septuaginta Vulgata Cópias em hebraico e aramaico	-	Batávia
1751	Missão de Tranquebar	JFA Akker	Rev. Christovão Theodoio Whalther Padres Missionários de Tranquebar	Septuaginta Vulgata Cópias em hebraico e aramaico	-	Batávia

Enquanto as impressões do AT aconteciam na Índia e Batávia as impressões voltaram à tona em 1748 com o reitor do Seminário de Batávia, João Mauritz Mohr. Ele retomou os trabalhos de revisão do AT em 1744, traduzindo dos “textos em hebraico” (LOPES, 2016, p. 106), mas revisando e conferindo o texto de JFA com “as versões gregas e hebraica, a holandesa, a versão de Martinho Lutero, e a espanhola de Valera” (HALLOCK; SWELLENGREBLE, 2000, p. 126).

⁶¹ Entre 1731 e 1751, não são informados os nomes dos tradutores bíblicos que se empenharam em realizar a Bíblia em português.

Tabela 3 – Dados sobre as traduções do AT de organizados por João Mauritz Mohr

	Mecenas	Tradutor(es)	Editor(es)	TF	Revisores	Local
1748	Concílio eclesiástico de Batávia	JFA e Jacobus op den Akker	Johan Maurits Mohr e Lebrecht Augustus Behmer	Textos em hebraico	Johan Maurits Mohr e Lebrecht Augustus Behmer	Batávia
1753	Concílio eclesiástico de Batávia	Jacobus op den Akker	Johan Maurits Mohr e Lebrecht Augustus Behmer	Textos Em hebraico	Johan Maurits Mohr e Lebrecht Augustus Behmer	Batávia

**CAPÍTULO 3 – A MAIOR DÁDIVA E O MAIS PRECIOSO TESOURO:
MANIPULAÇÃO EDITORIAL NAS EDIÇÕES DE 1681 E 1773 DA BÍBLIA
DE JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA**

Finalmente em nossa Cristandade Reformada aparece, e se presenta a nos huã nova Impressão [da Bíblia de JFA] tanto representa nós huã nova Impressão, que é aumento na língua portugueza, e que de nossos Cristaõs na India Oriental já de muito tempo grandemente foi desejada, naõ somente por falta de bastantes.

Joaõ Maurits Mohr, 1773

CAPÍTULO 3 – A MAIOR DÁDIVA E O MAIS PRECIOSO TESOURO: MANIPULAÇÃO EDITORIAL NAS EDIÇÕES DE 1681 E 1773 DA BÍBLIA DE JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA

Este capítulo cumpre o objetivo primário desta dissertação: propor uma análise comparativa entre a primeira e quarta edição do NT de JFA. Neste colocaremos em evidência a manipulação sob a qual a tradução do NT de JFA foi submetida. Isso dará-se, analisando os paratextos, ou seja, os índices morfológicos, os discursos de acompanhamento e os prefácios dos dois NTs e, por fim, os metatextos, as notas e os intertítulos presentes no Evangelho de João.

Como exposto ao longo desta, o texto bíblico traduzido de JFA sofreu ao longo do processo de tradução e revisão, durante a vida e, ainda, após a morte do tradutor, diversas mutações no conteúdo original. Além dos manuscritos perdidos de 1645, as diversas divergências entre tradutor, revisores e Concílio sobre como o processo da tradução deveria proceder e como o produto final, o NT na língua portuguesa, deveria ser entregue aos leitores (adequado à forma da Bíbliaholandesa) tornou as alterações, entendidas aqui como parte da manipulação textual, indissociáveis do texto bíblico traduzido por JFA.

Dessa forma, a nossa análise dar-se-á conforme o modelo de Torres (2011) em que, primeiro, será apresentada a análise dos índices morfológicos, seguida pela análise dos discursos de acompanhamento e, por último, a dos metatextos (notas e intertítulos).

Analisando os NTs objetos desta pesquisa, verificamos que eles saíram da prensa em capas de couro sem figuras e/ou outras informações impressas neles, como também não foram impressas informações na lombada e na quarta capa. Também não há a presença de sumários (índices) que organizem e/ ou facilitem a leitura/ pesquisa do leitor do texto bíblico.

Sendo assim, recapitulamos em ícones o que os dois NTs não contêm:

- ❖ Capa;
- ❖ Falsa folha de rosto;
- ❖ Dedicatória;
- ❖ Sumário;
- ❖ Lombada; e
- ❖ Quarta capa.

Dada a época em que a Bíblia em português foi, primeiro, editada, entre os séculos XVII e XVIII, compreendemos que a tendência de inserir as informações que hoje vemos nas capas, lombadas e quarta capas, foram todas inseridas na frente e no verso da folha de rosto das duas edições nos NTs. No mais, também servirão de índices morfológicos para a nossa análise o título do Evangelho de João e os títulos de cada um dos capítulos deste Evangelho.

Sendo assim, resumizamos em ícones os índices morfológicos dos dois NTs analisados nesta:

- ❖ Folha de rosto;
- ❖ Verso da folha de rosto.

Já quando passamos para os discursos de acompanhamento que estão presentes nos dois NTs de JFA, encontramos: a) o prefácio; e b) notas. Na primeira edição do NT o prefácio é escrito em língua portuguesa e apresenta o conteúdo da obra bíblica traduzida, passando por uma longa reflexão sobre o conceito de “testamento”. Ainda sobre a primeira edição, as notas e comentários estão presentes em todo o Evangelho de João. Há notas ou de cunho linguístico e/ ou cultural que mostram ao leitor algo da cultura em que o texto bíblico foi primeiro escrito ou têm a função de tentar explicar determinado conceito e/ ou prática dos personagens retratados no texto bíblico. De outro modo, o NT de 1773 fornece mais discursos de acompanhamento e também um refinamento no estilo editorial, tendo em vista que o texto é apresentado de forma mais limpa (sem demasiadas notas) ao leitor. Na quarta edição de 1773, está presente um prefácio em que o se editor ocupa de dedicar mais de oito páginas, das 15 que compõe o prefácio, para tratar de assuntos relacionados à forma e ao conteúdo da obra bíblica traduzida em questão. Além disso, a quarta impressão traz o prefácio em holandês e em quesitos de notas é bem mais sucinto porque, como já dito anteriormente, contém bem menos notas, restringindo-se quase que completamente àquelas de ordem linguística e cultural.

Os discursos de acompanhamento dos dois NTs analisados são:

- ❖ Prefácios das duas edições.

Na análise dos metatextos, buscamos identificar quais elementos estavam inseridos no corpo do texto dentro do Evangelho de João. Identificamos: i) intertítulos, o título do Evangelho de João e os títulos de cada um dos capítulos dos evangelhos; e ii) notas linguísticas do tradutor, para helenismos e hebraísmos.

Na análise dos índices morfológicos analisaremos então:

- ❖ Intertítulos do Evangelho de João;
- ❖ Títulos dos capítulos;
- ❖ Notas linguísticas;
- ❖ Notas entre parênteses.

Com o objetivo de fornecer uma visão geral dos índices morfológicos e discursos de acompanhamento analisados, elaboramos uma tabela com aqueles das duas edições, observando que, no caso dos NTs de JFA, os índices podem estar inseridos no mesmo espaço (a folha de rosto, por exemplo) e nem sempre repetidos nas duas edições.

Tabela 6 - Índices morfológicos dos NTs de 1681 e de 1773.

	Capa	Falsa folha de rosto	Folha de rosto	Verso da folha de rosto	Dedicatória	Epígrafe	Prefácio	Sumário	Lombada	Quarta capa
1681	∅	∅	√	√	∅	√	√	∅	∅	∅
1773	∅	∅	√	√	∅	∅	√	∅	∅	∅

Esperamos que esta análise, que se divide na análise dos índices morfológicos, dos discursos de acompanhamento e dos metatextos, abranja as seguintes considerações sobre a relação entre paratexto e a tradução: i) como se apresenta a tradução; ii) o que mostra o paratexto; e iii) se o texto traduzido se apresenta como uma tradução. Compreender essa relação é poder propor a forma como os dois NTs de JFA foram apresentados à primeira comunidade de leitores daquele texto bíblico, na época dessas primeira e quarta impressões: os habitantes da região das Índias Orientais, na cidade de Batavia convertidos ao protestantismo, que viviam sob o controle religioso da Companhia das Holandesa das Índias Orientais.

3.1. Análise dos Índices Morfológicos

As folhas de rosto e os versos das folhas de rosto⁶² dos dois NTs analisados informam dados diferentes. O nosso objetivo, ao analisar de forma detalhada os índices morfológicos dessas duas edições, é verificar em que medida eles mostram a presença de agentes editoriais no processo de tradução e de impressão dos NTs que perpetuam o nome do tradutor JFA como agente principal deste processo.

Embora impressos com quase um século de distância, a primeira e quarta impressão do NT de JFA contam com os mesmos elementos paratextuais: as folhas de rosto e verso da folha de rosto. Nessas folhas estão os índices que compõem a primeira parte da análise deste quarto capítulo. As essas folhas são somadas a análise dos títulos do Evangelho de João.

No tocante específico a frente e o verso das folhas de rosto da primeira e da quarta edição, percebemos o estilo sobrecarregado de informação que a ordem eclesiástica dava aos textos bíblicos impressos por ela. No processo de dar forma à obra no papel impresso, percebe-se a tentativa de levar “a força do discurso oral” (HARDEN, 2015, p. 23) para os NTs de JFA. A folha de rosto, como outros índices dos oitocentos, fazem uso da hipérbole e de tipos diferentes (em negrito, itálico e maiúsculas) numa tentativa de fazer com que: as marcas no papel fossem “como substitutos para os recursos retóricos disponíveis a um orador” (HARDEN, 2015, p. 23).

As folhas de rosto e os versos dos textos bíblicos traduzidos por JFA e impressos sob o controle da Companhia das Índias Orientais Holandesas apresentam uma estrutura em que fica claro o uso de elementos gráficos e tipográficos como recursos retóricos. Esses índices apresentam e caracterizam o tradução de JFA. Elas são exageradas e trazem em si muitos dados sobre a obra, são feitas com recursos diferentes tipográficos, como itálico e capitalização, além das fontes em diversos tamanhos. Os esquemas das figuras 1 (folha de rosto, NT de 1681), 2 (verso da folha de rosto, NT de 1681), 3 (folha de rosto, NT de 1773) e 4 (verso da folha de rosto, NT de 1773) mostram os índices encontrados em cada uma das folhas analisadas nesta seção. Ao lado de cada um dos esquemas das figuras tem-se a reprodução de cada um dos paratextos.

⁶² Ver anexo D para ampliação da frente e do verso da folha de rosto do NT de 1681 e ver anexo E para para ampliação da frente e do verso da folha de rosto do NT de 1773.

1. Título da obra
(menção ao tradutor, enunciando seus títulos)

- 2. Menção ao local de impressão
- 3. Brasão
- 4. Local de impressão (Batavia)
- 5. Menção ao impressor
- 6. Ano de impressão



Figura 3: Esquema da folha de rosto do NT de 16773

- 1. Menção ao número da edição.
- 2. Título da obra
(resumido)
- 2. Menção ao ilustríssimo governador geral da Índia Oriental.
- 3. Menção ao Conselho da Igreja de Batavia.
- 4. Menção ao revisor e seu título eclesiástico.

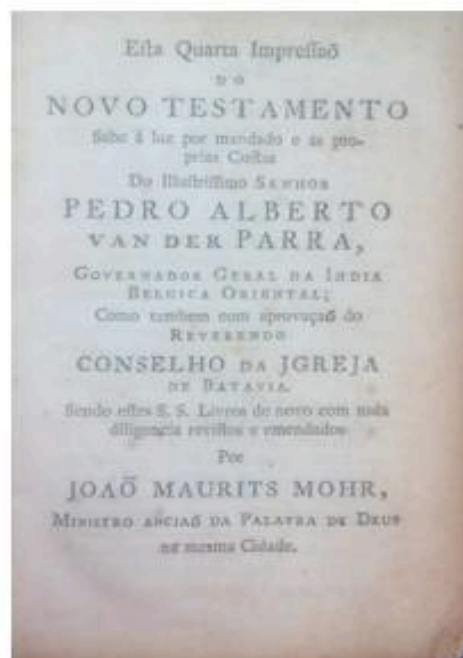


Figura 4: Esquema do verso da folha de rosto do NT de 1773

A folha de rosto pode “ser considerada um resumo das práticas editoriais e expectativas do leitorado em determinado período histórico” (OLIVEIRA HARDEN, 2015, p. 24), assim como servem para revelar “o jogo de forças ideológicas subjacente à publicação da obra, jogo em que as relações de mecenato têm papel fundamental” (HARDEN, 2015, p. 24). É sob esses dois aspectos que pretendemos mostrar como a manipulação editorial deixou marcas que alteraram profundamente o texto de JFA, todavia dão ao tradutor bíblico um papel fundamental na história da tradução do texto bíblico para a língua portuguesa.

Nas subseções que seguem, daremos início à análise mais detalhada de cada um dos índices quem formam a frente e o verso das folhas de rosto dos NTs de 1681 e 1773 com o objetivo de comparar uma edição com a outra e também de investigar se o revisor da quarta impressão, Joaõ Maurits Mohr, cumpre o objetivo de trazer à luz uma versão revisada e emendada que esteve mais próxima o possível da primeira feita por JFA.

3.1.1 Epígrafe

Na folha de rosto da edição de 1681, encontramos informações sobre a obra bíblica traduzida para o português centradas no interior de uma ilustração que remete a uma fachada. No topo da ilustração está centrada uma Bíbliaaberta. No interior desta ilustração, há uma epígrafe com dois versículos bíblicos (Salmos 5 - versículo 8 e 1Pedro – versículo 25) que transcrevemos na tabela abaixo.

Tabela 7 - Epígrafe da edição de 1681

	Psalm 19, 8	1 Carta de Pedro I, 25
Na folha de rosto	“A Ley de Senhor he perfeita, convertendo as almas: o testemunho de Senhor he certo, donde sabedoria a os [trecho incompreensível]”	“A Palavra de Senhor permanece pera sempre, e esta ha a Palavra que entre vos he anunciada.”.

A ilustração da Bíbliaaberta nesses dois versículos transcritos acima lança ao leitor da Bíblia de JFA as definições de dois conceitos bíblicos sinônimos, os de *Ley* e de *Palavra*. Há nesta epígrafe claramente a intenção de alinhar o projeto de tradução bíblica para o português com a forma como os reformadores, principalmente o expoente dela, Martinho Lutero, pensavam a função da tradução bíblica: a de trazer por meio do texto bíblico o que os reformadores consideravam como verdade para os cristãos.

Em outros níveis de leitura, podemos entender que a epígrafe reforça a ideia, na dimensão divina, tanto da *Ley* quanto da *Palavra* do deus cristão. Já na dimensão histórica reforça a representação da *lei*, ou seja, o conjunto de costumes que regulavam as culturas dos povos retratados no texto bíblico.

Na edição de 1773, pelo contrário, não há nenhuma epígrafe. O texto é apresentado pelo título somente.

3.1.2 Títulos

A tradução da Bíblia é em si uma tarefa bastante complexa e complicada. Erasmo, Jerônimo, Lutero entre outros lançaram-se na atividade da tradução bíblica e transformaram-se em ícones devido ao fato de que fizeram o trabalho de forma solitária. Embora a história de JFA seja praticamente a mesma, um jovem convertido e a missão pessoal de propagar a mensagem do texto bíblico, o padre reformado e tradutor português lançou-se nesta seara sozinho, no início, porém quando já se encontrava nos domínios holandeses na região das Índias Orientais nos setecentos.

O trabalho deste tradutor, assim como o de outros, foi feito sob o controle e supervisão do Concílio Eclesiástico da Igreja Reformada Holandesa. Dessa forma, ainda que encabeçasse todo o projeto de tradução da Bíblia para o português, JFA dependia da sua equipe editorial para poder tornar possível a distribuição da Bíblia em português aos leitores daquela época, assim como ao público da Bibliaprotestante em português que viria a se formar num horizonte de expectativa da Igreja Protestante de língua portuguesa.

Vemos na inclinação do trabalho de JFA a um projeto editorial maior do Concílio que o texto bíblico de JFA tem como destinatário não o tradutor como o “seu produtor de fato. Já encontramos um ou dois casos de títulos criados pelo editor, e muitos outros membros do círculo do autor podem desempenhar esse papel” (GENETTE, 2009, pp. 69-70). Este é exatamente o caso dos NTs de JFA analisados nesta dissertação, assim como o de toda a obra bíblica traduzida por ele.

Os títulos dos NTs de JFA, certamente, destinam-se ao “o público”, mas essa evidência é um pouco imprecisa” (GENETTE, 2009, p. 71) porque, de certo, não é possível mensurar quem poderiam, quem foram e quem são os leitores dos NTs de JFA, tendo em vista a proporção que a obra traduzida dele tornou devido à sua importância para a história da

tradução da Bíblia para o português. Genette (2009) ainda pontua que o título tem por funções: a) identificar a obra; b) identificar o conteúdo dela; e c) valorizar o conteúdo.

Exposta essa breve reflexão sobre os destinatários, destinadores e as funções do título de uma obra, seguiremos para a análise crítica dos títulos dos do NT de 1681 e o de 1773, que está dividida em três partes: a) o título das edições das obras traduzidas.

Ao examinar os títulos dados aos NTs das duas edições inseridos nas folhas de rosto, percebemos que, tanto na primeira edição quanto na quarta, os títulos apresentam a obra traduzida com muitas minúcias. As palavras dos títulos contadas somam 44 no título da primeira edição, 1681, e 41 palavras no título de 1773. Genette (2009) define esse estilo de título minucioso em informações como título-sumário. A fim de mostrar os títulos-sumário das duas edições, transcrevemo-os abaixo na tabela que segue para em seguida dar conta da descrição crítica deles.

Tabela 8 – Título das Edições

1681	<p style="text-align: center;">O NOVO TESTAMENTO; Isto he Todos os SacroSantcos Livros e Escritos Evangelicos e Apostolicos do Novo Concerto do nosso Fiel Senhor Salvador Redemptor IESU CHRISTO <i>Agora traduzido em Portuguez</i> Pelo Padre JOÃO FERREIRA D'ALMEIDA Ministro Pregador do Sancto Evangelho Com Todas as Licenças Necessarias</p>
1773	<p style="text-align: center;">O NOVO TESTAMENTO; Isto he Todos os Sacro Santcos Livros e Escritos Evangelicos e Apostolicos do Novo Concerto do Nosso Fiel Senhor Salvador Redemptor JESU CHRISTO. <i>Traduzido em PORTUGUEZ pelo Reverendo Padre</i> JOÃO FERREIRA D'ALMEIDA Ministro Pregador do Sancto Evangelho <i>Nesta Cidade.</i></p>

O título longo remonta à tendência da era clássica, sobretudo no século XVIII. A tendência dos títulos-sumários segue um intuito de pôr em evidência, após o nome

propriamente dito da obra, também “o nome do autor seguido de seus títulos funções, e algo como um subtítulo” (GENETTE, 2009, p. 69).

Subvertendo a ordem comum descrita por Genette (2009) (título – nome do autor – título do autor – subtítulo), há nesses dois NTs outra ordem: 1º) título, 2º) subtítulo, 3º) informação de que é uma tradução; 4º) nome do tradutor e títulos e acrescidas as informações das licenças para impressão (1681) e do local e data (1773) .

Ao destrinchar os títulos-sumários temos nas duas edições o mesmo título da obra propriamente dita, “O NOVO TESTAMENTO”, escrito em letras capitalizadas. O subtítulo das obras também é o mesmo nas duas edições:

Todos os Sacrosantos Livros e
Escritos Evangelicos e Apostolicos
do Novo Concerto do nosso Fiel
Senhor Salvador Redemptor
JESU CHRISTO

A informação de que o livro que está nas mãos do leitor é uma tradução segue junto ao título como forma de um reforço ao título e às características da obra. No título, é possível observar essas tendências, mas, claro, com as devidas alterações ao tipo da obra, que é uma tradução. A referência ao autor é substituída pela menção ao tradutor. A referência ao tradutor (autor) é feita nas duas edições pelas menções aos cargos eclesiásticos acumulados pelo tradutor, que grifamos nas transcrições abaixo.

- 1681

Pelo **Padre** JOÃO FERREIRA D’ALMEIDA
Ministro Pregador
do
Sancto Evangelho
Com Todas as Licenças Necessarias

- 1773

Reverendo Padre
JOÃO FERREIRA D’ALMEIDA
Ministro Pregador do
Sancto Evangelho
Nesta Cidade.

Nas duas edições os títulos informam sobre a função de padre e de ministro pregador do tradutor. Descrever as funções dele, como Padre, Ministro e Pregador, mostra a autoridade do tradutor para realizar a tarefa de pôr em português o verbo bíblico. No título de 1773, o editor adiciona ao cargo de padre o adjetivo *Reverendo*. É bastante comum, além disso, no

título da obra haver também a indicação de que a Bíblia em questão foi disponibilizada com “todas as licenças necessárias”.

3.1.3 Símbolo

Os símbolos aparecem em locais diferentes nos dois NTs. Como é possível observar no esquema da figura 1 deste capítulo, a edição de 1681 tem um brasão na frente da folha de rosto. Já no NT de 1773, o símbolo do governo geral de Batávia está no verso da folha de rosto (ver figura 4) e não traz nenhuma mensagem que faça alusão a algum ideário Protestante.

O símbolo impresso nesta folha é o símbolo do Concílio da Igreja Reformada Protestante em Batavia. No interior do símbolo, há uma mensagem “Concordia da forças”, como mostramos no esquema da figura 5.

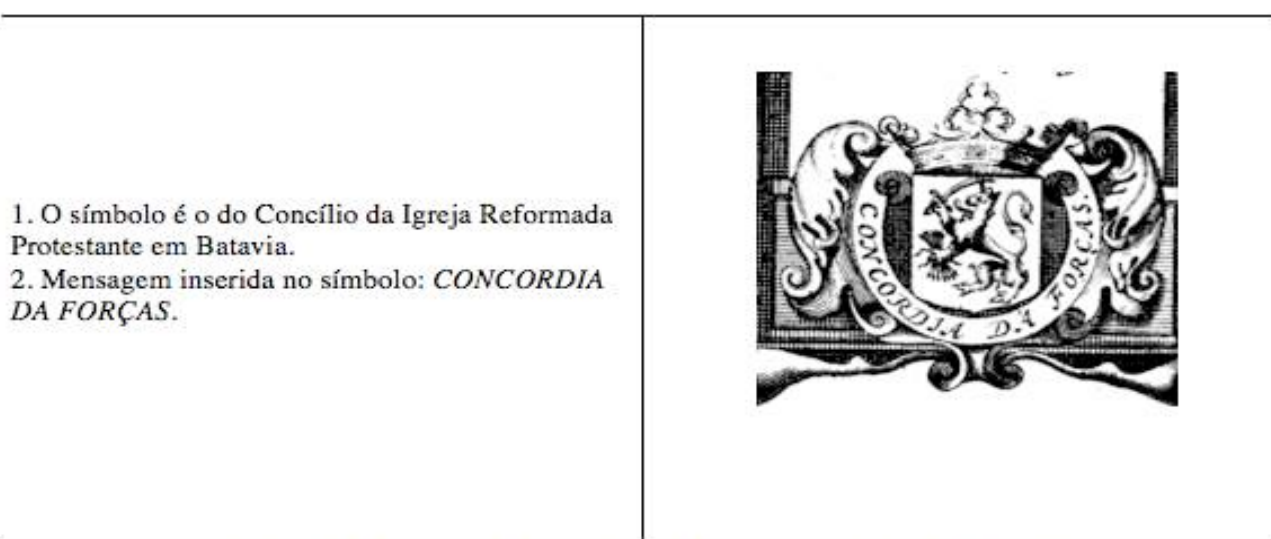


Figura 5: esquema no símbolo da folha de rosto do NT de 1681

Essa frase faz referência ao credo confessional, do ano de 1577, *Fórmula de Concordia*⁶³, de Jakob Andreae e editado em conjunto com Martin Chemnitz. Esse credo

⁶³ Tradução em português para o título em alemão. Para acessar o livro confessional <http://www.bookofconcord.org>. Ademais, o n. 38 da publicação luterana da revista para os adultos em Cristo fornece um panorama da Fórmula de Concordia em língua portuguesa, evidenciando sua dimensão histórica e importância religiosa doutrinal para os luteranos.

confessional reflete os ideais dos luteranos, que buscavam fornecer aos fieis da Igreja Luterana uma base para unificação, assim como, uma doutrina básica para esses protestantes (PREUS, 1978).

A alusão ao credo confessional demonstra como JFA, na medida em que era possível, na sua coordenação do projeto de tradução em alinhar a tradução de NT de 1681, enquanto objeto missionário, ao ideário Protestante. Por meio da coordenação de JFA em 1681, a tradução portuguesa do texto bíblico, ainda que tardia em relação ao impulso tradutório vivido na Europa durante o século XVII, mostra que entre os reformadores havia a intenção de deixar marcas do ideário Protestante no texto.

3.1.4 Ano e local de impressão

O local e ano de impressão nos dois NTs revelam a tensão à qual o trabalho desenvolvido por JFA estava submetido. Debruçaremos-nos muito mais em demonstrar como os locais de impressão revelam as relações do tradutor e revisor com o Concílio da Igreja em Batavia.

Em 1676, JFA informa ao concílio que a tradução do NT estava finalizada e que gostaria fazer uma reunião com alguns representantes do Concílio para que fosse possível “verificar a sua tradução com o fim de imprimi-la” (HALLOCK; SWELLENGREBLE, 2000, p. 102). E seis anos se passaram entre essa solicitação e a impressão de fato. A demora deve-se ao processo de revisão. A equipe de revisão foi composta e enviada a Batávia em 1676. Como era visto com certa desconfiança pelo governo local das Índias Orientais, por ser português, JFA tinha seu projeto sempre atrasado pela declarada desconfiança à nacionalidade dele e pela sua postura de não querer alinhar seu texto às versões da Bíblia em holandês. Então, a equipe de revisores, que deveria ajudá-lo a desenrolar o processo de impressão e revisão, na verdade, deu início a divergências, que serão mais detalhadas na seção que trata dos metatextos. JFA, portanto, tenta

“escapar da revisão em Batávia. Enviou a sua obra à Holanda, sem o conhecimento do Concílio de Batávia e dos revisores. O Concílio da Igreja ficou muito desgostoso por causa disso e, em outubro de 1678, decidiu ‘que a resolução seja enviada em forma de sumário às igrejas e aos sínodos da Holanda, tratando da questão da tradução do Rev. Ferreira enviada por iniciativa particular.’” (HALLOCK; SWELLENGREBLE, 2000, p. 103).

E talvez pela perseverança do tradutor, JFA recebe a agradável notícia que o Concílio da Igreja “resolve que a presente tradução seja impressa sem mais revisão, por causa do grande desejo dos cristãos aqui e em outros lugares” (HALLOCK; SWELLENGREBLE, 2000, p. 104). Sendo assim, a impressão finalmente ocorre três anos depois da ida de JFA à Holanda no solo da metrópole e não em Batavia.

O NT de 1773, por outro lado, foi impresso em Batavia, sem maiores complicações. Consideramos essa facilidade ter sido possível porque Mohr, o revisor responsável, fosse um ministro e padre holandês. Por isso, o trabalho desenvolvido por ele não levantaria tantas objeções já que nunca poderia ser cogitada a ideia de que ele fosse um intruso no domínio holandês nas Índias Orientais. Além disso, uma prensa foi instalada em Batavia para que Mohr prosseguisse com a impressão. No mais, Mohr informa que o processo de revisão e impressão das provas da quarta edição do NT de JFA foi um serviço que “necessariamente devia custar muy trabalho, para ser executado como convém” (MOHR, 1773, p. 9) e, assim, “a correção dele e das provas foi feita por mim só, o que durou nove anos” (MOHR, 1773, p. 11).

Percebemos que mesmo com os problemas relacionados à impressão de uma obra tão complexa quanto o texto bíblico nos oitocentos numa região colonial sem tantos recursos, Mohr não teve entraves na sua relação de mecenato para a impressão poder ser realizada em 1773.

3.1.5. Menção aos agentes editoriais

A frente e o verso das folhas de rosto das duas edições (ver figuras 1, 2, 3 e 4) retratam em seu conteúdo a preocupação em reconhecer o tradutor, o governo local, mecenas deste projeto de tradução, os impressores, os revisores e a o Conselho da Igreja de Batavia. Essas folhas se valem de adjetivos e elencam todos os envolvidos no processo de tradução, revisão e impressão. O que verificaremos nesta seção é de que forma a relação de mecenato pode ser descrita nessas folhas dos NTs de 1681 e 1773.

3.1.6.1 Menção aos agentes editoriais, NT de 1681

No topo da folha de rosto da edição de 1681, há a menção de que o NT fora feito “Com Todas as Licenças Necessarias”, evidenciando que todo o processo foi devidamente licenciado para que a tradução pudesse estar nas mãos dos leitores. Apesar de não informar quais os responsáveis pela licença, damos essa função ao governo da Companhia da Índia Oriental e a Reverenda Classe da cidade de Amsterdam. E destacamos as informações do verso da folha de rosto que dão ao governo local em Batávia a característica de “Ilustre”. Embora não caracterize a Reverenda Classe, fica clara a informação de que a tradução seguiu “e com conhecimento” dessa Classe. Foram revisores do NT de 1681, os Ministros e Pregadores reformados Bartholomeus Heynen e Joannes de Vooght.

Viúva de J. V. Someren citada no final da página de rosto é a esposa de JFA, que assumiu a impressão do NT, levando-o a Amsterdam.

3.1.6.2 Menção aos agentes editoriais, NT de 1773

No topo da folha de rosto da edição de 1773, há a menção de que o NT fora traduzido por JFA, enunciando que ele traduziu em “PORTUGUEZ” e ressaltando o cargo eclesiástico “Reverendo Padre” e “Ministro pregador”, além de localizar o local em que JFA cumpria as suas funções, a “cidade de Batavua”. Há destaque no final da página para o nome do impressor, Egbert Heemen, cujo cargo era de “Impressor da Ilustre Companhia” e o ano “ANNO de MDCCLXXIII”.

Ao contrário da edição de 1681, não há uma sobreposição de informações e referências à Companhia e à Reverenda Classe de Amsterdam na folha de rosto. Essas informações estão no verso da folha de rosto, onde há a indicação do número da impressão: “Quarta Impressão”. Entretanto, JFA informa que o NT de 1773 foi impresso “às próprias Custas do Illustríssimo Senhor Pedro Alberto Van Der Parra”, que era o governador Geral da Índia Belgica Oriental, mas com a autorização e “aprovação” do Conselho da Igreja de Batávia. No final das informações trazidas na folha de rosto segue a informação de que os livros do NT foram revistos e emendados com “diligência” pelo editor João Maurits Mohr cujo cargo de “Ministro” também é citado, com um adendo para o fato de ele ser “anciaão da palavra de Deus”, que revela o quanto era importante para a Companhia Eclesiástica de Amsterdam demonstrar para os leitores que o responsável pela edição bíblica era, de fato, um

indivíduo que tinha experiência no ministério, como se o cargo e experiência revelassem a confiabilidade para o trato com a tradução bíblica.

3.2. Análise dos discursos de acompanhamento

As alterações no NT de JFA deram-se, principalmente, no que diz respeito aos discursos de acompanhamento devido às diferentes posturas editoriais dos muitos mecenas que financiaram as reimpressões do NT do padre português. Ao que observamos, as alterações desta ordem são muito expressivas na primeira e na quarta edição. A análise crítica desses discursos de acompanhamento da primeira edição em relação à quarta será fundamental, porque houve muita interferência na edições dos NTs póstumos de JFA pelas equipes de revisores e dos editores, de certa forma. A quarta edição do NT (1773), sabemos, foi uma tentativa do editor Mauritz Mohr em propor uma nova edição que representasse, de fato, a primeira publicada em vida por JFA, além da correção de erros e “limpeza” da disposição do texto nas páginas impressas. A análise desses discursos será fundamental para identificar as divergências entre a versão de JFA, que é considerada como obra-prima do próprio tradutor português (já que ele coordenou o projeto) e a última versão publicada sob a principal influência do principal agente da Bíblia em português, o Concílio da Igreja holandesa.

3.2.1 Prefácios

Consta na biografia de JFA que a produção de tantas novas edições da Bíblia de JFA devem-se ao fato de que ela “saiu do prelo com tantos erros, que a edição toda estava em perigo de ser destruída [...] os erros foram corrigidos à mão, a página de rosto foi alterada” (HALLOCK; SWELLENGREBEL, 2000, p. 27) pelo próprio tradutor.

No prefácio de 1681⁶⁴, JFA trata da mensagem do NT, dando foco aos principais assuntos relacionados à vinda de Jesus Cristo; e evidenciando o significado de “*Testamento*”, que é a palavra latina para “*Berih*” do hebraico. E, ao dar destaque ao significado de “*Testamento*”, JFA elucida os sentidos de “*Testamento*”: “pacto” ou “conserto”. Para o tradutor esse conceito

⁶⁴ Ver anexo E.

“propriamente da a entender o mesmo Pacto, que fez Deus com os homens, pera lhes conceder com alguãs condiçoens a vida eterna: o qual pacto he de duas fortes, a saber o *Novo e Velho*. O *Velho* he que fez Deus com o primeiro homem antes da sua vinda, em o qual se promere a vida eterna com condição de huã total e erfeita obediencia e observancia da Ley” (ALMEIDA, 1681, p 2).

Essa postura de JFA em apresentar o texto bíblico a partir da sua interpretação teológica confirma o compromisso de tradutor com o ideário da Reforma Protestante cujo ponto fundamental é esclarecer a função e importância do acesso ao texto bíblico e aproximar o leitor do texto em si. Contudo, podemos afirmar que o prefácio de 1681 não informa nada sobre a tradução, embora demonstre, também, que o NT de JFA está muito mais próximo das edições contemporâneas de estudo, que são repletas de paratextos explicativos sobre a Bíblia.

Por outro lado, o prefácio⁶⁵ à quarta edição, escrito pelo editor Mauritz Mohr informa o interesse em resolver alguns problemas da primeira edição. Para Mohr a quarta edição era fundamental porque essa nova

Impressão, que é aumento na lingua portugueza, e que de nossos Cristãos na India Oriental já de muito tempo grandemente foi desejada, não somente por falta de bastantes Exemplares das precedentes de impressões, mas tambem por serem elas (principalmente a primeira e terceira enchidas de tantos e tantos grosseiros erros, que a lingua e o texto Bíblico de tal maneira tem afetado, que huã Edição nova e emendada para o melhor uso maior edificação das Igrejas Portuguezas absolutamente necessária. (MOHR, 1773, p. 5).

Mohr apresenta sua edição do NT como parte da resolução de problemas nas edições anteriores e também como contribuição para a língua portuguesa. Na primeira edição do NT, Mohr indica que os erros “são quase inumeráveis por não haver na lingua portugueza bem visto e então a ela feita como corretor para rever as provas ou as impressas primeiras folhas emendar suas erradas como convinha” (MOHR, 1773, p. 5). Sobre os erros, podemos destacar o fato de, durante o processo de tradução e revisão do NT de 1681, JFA ter bastante pressa dada a sua idade avançada e interesse em finalizar a tradução para que a Companhia Eclesiástica holandesa autorizasse a impressão.

A segunda edição foi a impressão do mesmo texto de 1681 adicionado de uma folha de rosto, funcionando como errata, na qual eram apresentados os quase “1000 erros sem contar aqueles que pelo Reverendo Ferreira mesmo não foram marcados e que o número de 1000 mais que huã vez se sobrepassam” (MOHR, 1773, p. 6). Já a terceira edição do NT de

⁶⁵ Ver anexo F.

JFA, do ano de 1712,

foi feita em Amsterdam na forma de 8º por João Grêmio no ano de 1712 por não haver também quem he ela assistia como corretor a falta de erradas ela também não pouco foram multiplicados por isso que elas de quantidade e qualidade seja um pouco menos que a da primeira edição atual desta pela maior parte é imitada. (Mohr, 1773, p. 7)

Os erros aos quais Morh se refere estão relacionados ao estilo da língua portuguesa, como a colocação de verbos no final da frase, erros de acentuação, de pontuação e construção das frases. Mohr afirma que a quarta impressão sai do prelo de forma uniforme

no estilo no Velho e no Novo Testamento, a construção portugueza, e o restituir dos verbos a seu lugar natural, era não menos preciso para ter observado nesta nova impressão. As palavras, partículas, letras, pontos, acentos e etc, que faltavam por omissão, ou que eram supérfluos e mal postos, emendei do mesmo modo; e assim também o fiz com os demais [...] (1773, p. 9)

Percebemos portanto que para Mohr os objetivos para a tradução bíblica perpassavam pela impressão de um texto claro e sem intrucamentos, que respeitasse a língua para qual tinha sido traduzido. Além disso, também é possível notar o compromisso desse editor com a divulgação de um texto revisto e emendado com diversos textos-fonte como

a nova versão Holandesa ou Belgica de 1618 & 1619 a Versão alemã de Lutero, e a Casteliana de Cypriano de Valera de 1602, da qual (como também da Belgica) o Reverendo Traductor usou frequentemente e felizmente, por merecerem ellas entre as melhores o primeiro lugar. (Mohr, 1773, p. 9)

Destacamos o fato de Mohr considerar a versão holandesa e a belga como textos-fonte, ao lado de Bíblias históricas como a alemã de Lutero e a espanhola de Cypriano de Valera, demonstrando o quanto os textos bíblicos de maior destaque na História entram também para o *hall* de textos considerados originais para a tradução da Bíblia.

3.3. Análise dos metatextos

A análise dos metatextos dar-se-á em dois momentos: i) análise dos intertítulos, que é bipartida no título do Evangelho de João nas duas edições; e nos intertítulos de cada um dos vinte e um capítulos do Evangelho de João; e ii) análise das notas entre parênteses de helenismos e hebraísmos (que aparecem no meio e nas margens laterais do texto) e daquelas que foram feitas para mostrar que determinados trechos da tradução não apareciam no original.

Foram os metatextos que, na verdade, mais atrasaram o processo de impressão do primeiro NT em língua portuguesa. Entre os muitos motivos que levaram JFA a entrar em conflito com a equipe de revisores, a inserção dos intertítulos longos e de notas ao longo dos livros fez com que a Bíblia de JFA ficasse mais parecida na forma com a holandesa. Porém também fez mudanças estruturais no texto traduzido por JFA ao longo de mais de quarenta anos. Os revisores foram enviados quando JFA já tinha informado que a tradução do NT estava finalizada em 1676 e solicita que fosse formada uma comissão para verificar a tradução com o fim de imprimi-la na Holanda.

A equipe de revisores foi formada, enviada a Batavia para verificar a tradução de JFA. O Reverendo e revisor Theodore Zas foi quem encabeçou as solicitações ao Concílio de Eclesiástico de Batavia e de Amsterdam para que os intertítulos e notas do NT em português fossem como o do holandês. O outro motivo devia-se ao fato de que esses três pontos eram entraves constantes entre os revisores e JFA.

Um dos componentes da equipe, Theodore Zas, escreveu para o Concílio a fim de apresentar “algumas questões relacionadas com a revisão da tradução portuguesa do Rev. Ferreira” (HALLOCK; SWELLENGREBLE, 2000, p. 102). Para Zas, em primeiro lugar, “devia-se decidir se os títulos descritivos deviam ser acrescentados a cada capítulo” (HALLOCK; SWELLENGREBLE, 2000, p. 102). A resposta foi de que não era necessário. Entretanto, na primeira edição o que é apresentado ao leitor é exatamente o oposto: títulos descritivos em todos os capítulos de todos os livros do NT de 1681. Essa padronização talvez seja devido ao comentário do Concílio de que os títulos descritivos tinha “utilidade para o leitor, o exemplo e a praxe de muitas igrejas holandesas recomendam que sejam

acrescentados a capa capítulo, com a preferencia da redação usada na Bíblia oficial holandesa” (HALLOCK; SWELLENGREBLE, 2000, p. 102).

No ano de 1676, Zas procurou o Concílio para verificar a necessidade de “usar no texto em português com tipo grifado ou em parênteses as palavras que não ocorram no texto em grego, mas são implícitas na forma” (HALLOCK; SWELLENGREBLE, 2000, p. 103). A resposta obtida foi positiva, “enquanto a sintaxe do português” (HALLOCK; SWELLENGREBLE, 2000, p. 103) permitisse. A última dúvida em relação à padronização do texto de JFA feita pelo Reverendo Zas era relacionada ao léxico hebraico e helênico presente no texto. Zas queria saber da necessidade de usar, no NT de 1681, “os hebraísmos ou helenismos com a tradução literal das palavras” (HALLOCK; SWELLENGREBLE, 2000, p. 103). Como resposta, o Concílio sugeriu que se mantivesse “em mente sempre a capacidade da língua portuguesa para comunicar idéias; e que, onde isso não for possível, então, deviam-se colocar os hebraísmos ou helenismos em notas ao pé da página” (HALLOCK; SWELLENGREBLE, 2000, p. 103).

Tendo posto os metatextos que a equipe de revisores e o Concílio impuseram ao texto de 1681, seguimos para a análise dos metatextos. Buscaremos identificar se JFA seguiu as sugestões dadas pelo Concílio na sua primeira impressão e se o editor da quarta impressão agiu diante do seu próprio estatuto de tradução de fazer da quarta impressão uma edição “mais linda que a primeira e terceira” (MOHR, 1773, p. 6), apresentando o NT em língua portuguesa novo e emendado, “para o melhor uso maior edificação das Igrejas Portuguezas” (MOHR, 1773, p. 5). Ao mencionar que apresentaria uma nova edição mais linda na qual a tradução fosse, de fato, edificar a Igreja Protestante de língua portuguesa, o editor se refere ao fato de que a primeira edição saiu do prelo com tantos erros, com tantas interferências de uma equipe de revisores, que não eram fluentes em português, e impressores que deixaram passar diversas impropriedades relacionadas à tipografia que Mohr faria um trabalho que realmente fosse comparado ao que JFA tinha feito enquanto traduzia sem tamanha interferência dos agentes editoriais.

3.3.1 Intertítulo do Evangelho de João

Os Evangelhos das duas edições analisadas recebem todos os mesmos tipos de título: tipo de livro (Evangelho, Carta, Epistola e etc.), o personagem principal do Evangelho, seguido pelo autor o do autor (quando autor é aquele consagrado pela História e crítica). Transcrevemos abaixo o intertítulo do Evangelho conforme aparece nos NTs:

Tabela 9 - Título do Evangelho de João na edição de 1681 e 1773

O SANCTO EUANGELHO De nosso Senhor JESU CHRISTO SEGUNDO S. JOAÕ.

O título do evangelho, que é o mesmo nas duas edições, dá característica sagrada ao Evangelho, ao colocar o adjetivo “SANCTO” grafado em letra capitalizada, evocando ainda uma dimensão divina do livro em questão; a João a autoria da narrativa, “SEGUNDO S. JOAÕ”, também capitalizado numa demonstração da importância do autor do Evangelho, reafirmando o título de são/santo, mas no título usado de forma abreviada. Nota-se que a grafia do nome Jesus, no título, é feita sem um “s” no final da última sílaba da palavra. Não há notas e/ou explicações nos documentos analisados sobre a opção de retirar o “s” do nome de Jesus quando escrito de forma totalmente capitalizada nos títulos dos livros do NT.

3.3.2 Intertítulos dos capítulos do Evangelho de João

Na análise dos intertítulos, os títulos descritivos, dos vinte e um capítulos do evangelho de João, percebemos uma grande discrepância entre a edição de 1681 e a de 1773. A edição de 1681 tem em todos os vinte e um capítulos do Evangelho de João a presença dos títulos descritivos. Já na edição de 1773 não há nenhum deles. Um dos motivos pode estar relacionado ao fato de que o revisor da quarta impressão queria apresentar uma edição mais limpa do NT, facilitando a leitura do público.

Tabela 10 – Intertítulos do NT de 1773

CAPÍTULO I	I A pessoa de Christo que se ele he a eterna palavra de Deus, verdadeiro Deus, criador de tudo, a vida e a luz dos bons homens, principalmente dos fieis 14. Que essa palavra se encarnou. 15 O Joaõ bautista da testemunho d'elle 23 Como tambem de si mesmo. 29 Declara que o Christo he o cordeiro, e o filho de Deus. 32 E lhe ficou notorio pelo sinal de Espirito Sancto. 37 Dous discípulos de Joaõ por isso segue em Christo. 41 Andreas hhum delles traz tambem a Simaõ seu irmão. 44 Christo chama Philippe e a Nathanael, e Louva a sinceridade dele.
CAPÍTULO II	I O Christo n'as bodas em cana converte a aqua em vinho. 11 Que he começo de seus milagres. 12 Vae Capernaum. 13 E d' ali a Jerusalem. 14 Lan,ca do templo os que vendiaõ, e os cambiadores. 18 Os Judeos pedem bom sinal, a os quaes propos o desfacimento e alevantamento do templo de seu corpo. 23 Muitos vem a nelle crer. 24 Mas não se confiava a si mesmo d'elles, porque os conhecia.
CAPÍTULO III	I Chirsto ensina a Nicodemus a cerca necessidade e maneira da rehenaração. 14 Ensina com exemplo da serpente que he necessária que ele seja levantado para salvar os que n'elle crem. 22 Christo e mais Joaõ bautizaõ no mesmo tempo. 25 Discipulos de Joaõ se indgnaõ que todos venhaõ a Christo. 27 Por esta ocasião ensina os Joaõ, ostendendo qual diferença ha entre sy, e Christo. 36 E que receberaõ assi feieis como os infieis.
CAPÍTULO IV	I Christo faz e bautiza mais discípulos em Judea do que Joaõ. 3 Foi [ilegível] a Galilea passando por Samaria, e sendo cançado se assentou a par da huã[ilegível]_ 7. Sua pratica com a Smaritana. 20 Informa a do verdadeiro modo de adorar. 26 E declara que ele era o Messias prometido. 28 Ella disto o da parte a os Samaritanos que sahiraõ e vieraõ a ele. 31. Declara a seus discípulos qual era sua principal comida, e que o tempo da espiritual sega estava presente. 39 Muitos Samaritanos crem nelle assi pela palavra da mulher como principalmente pola propria ouvida. 43 Se torna a Cana de Galilea, aonde deu saúde a o filho hum regulo.
CAPÍTULO V	I Christo se [ilegível][ilegível] a Jerusalem e Sara em Sabado a hum bonẽ que avia estado trinta e oito anos enfermo. 8 A quem, tomando ele sua coma conforme a palavra do Senhor, os Judeos repreenderam. 16. Por isso procuraraõ de matar a Christo como que quebrantava o Sabado, e fazia se igual a Deus. 19 Christo defende seu feito, e testifica que em todas suas obras he igual a seu Pae, como em dar a vida. 22 Em julgar. 23. Em receber divina hora. 24 Em salvar. 25 E em resuscitar os mortos. 31 remite os a o testemunho de seu pae. 33 De Joaõ. 26 E de suas maravilhas. 38. Reprende a incredulidade do Judeos. 39 Remite os a as Escrituras. 45 Ate a as de Moyses.
CAPÍTULO VI	I Christo com cinco paens e dous peixes farta cinco mil homens. 14 Querendo eles por isso fazelo Rey, se retira á eles. 16 Anda a noite sobre mar e vem a seus discípulos. 22 A companhia vem vem a Capernaum embusca de Jesus, e o achaõ. 26 Amoesta os que buscassem pela se hua comida que não perece. 41 Murmuraõ d'isso os Judeos. 43 Respondeu Jesus que a se so de seu Pae vem, ensina que sua carne he a verdadeira comida e seu sangue a verdadeira bebida pera a vida eterna. 59 Do que muitos se escandalizaõ. 61 Por isso explica Chirsto suas palavras. 66 Muitos de seus discípulos o deixaõ. 67 Porem os doze se ficaõ com elle, e consessaõ que elle tem as palavras da vida. 70 [ilegível] que hum d'elles era diabo.
CAPÍTULO	I. Andado Jesus em Galilea amoestaõ o seus irmãos, de ir a Jerusalem pera festa

VII	das cabanas. 6 O que entonces nega. 10 Mas segue despois secreto. 14 Ensina no Templo, e defende sua doutrina, como tambem a maravilha feita d'elle no Sabado. 25 Diversas opinioens que o povo dele tinha. 30 Alguns procuraõ prendelo, mas naõ podiaõ. 32 Os Principes dos Sacerdotes e os Phariseos mandaõ servidores que o prendessem. 33 Ameaça a os incrédulos Judeos que despois o naõ acharaõ 37 Convida a todos os sedentes, e promete o Espirito Sancto a os fieis. 40 Donde avia dissensaõ na companhia. 45 Os servidores se tornaõ sem trazelo preso, e louvaõ sua doutrina dele. 47 Insdignados os Pariseos injuriaõ a Christo e a povo. 50 Nicodemus os redargui, e avendo dissensaõ entre eles foraõ se.
CAPÍTULO VIII	I. Christo pelamanhaã no templo. 3 O sucesso da mulher adultera. 12 Manifesta ser elle a luz do mundo. 13 E defende se contra os Phariseos assi com seu próprio testemunho como com o de seu Pae. 21 Diz a os judeos que de balde lhe buscaraõ, e que em seus pecados haõ de morrer, se naõ n'elle crem. 25 Promete a os que nelle crem noticia da verdade, e liberdade do serviço de pecado. 37 Demostra que os incrédulos Judeos naõ saõ filhos de Abraham, nem de Deus, mas do demônio. 46 Reprende a incredulidade d'elles. 48 Sobre o que os Judeos o inspiraõ. 50 Testifica que Abraham vio dia, e que era antes que Abraham fosse, 59 Por isso o querem apedrejar.
CAPÍTULO IX	I. Christo da vista em Sabado a hum cego de nacimiento. 8 O que o cego seus vizinhos conta. 13 E tambem a os Phariseos. 16 Que blasphemaõ por isso a Christo. 18 Chamaõ a os paes do cego peera ouvir, se avia sido cego. 24 Chamaõ outra vez a o cego e o examinaõ. 27 Que lhes responde, e testifica que Christo naõ he pecador, senaõ de Deus vindo. 34 Por isso lançaõ o fora. 35 O cego ainda mais por Christo informado, cre n'elle, e o adora. 40 Christo a os Phariseos condena por cegos espirituais.
CAPÍTULO X	I Com exemplo do bom pastor demonstra a Christo que elle era o verdadeiro pastor das suas ovelhas e naõ jornaleiro. 19 E ouve dissençaõ sobre isso entre os Judeos. 22 Os Judeos , sendo Christo em Jerusalem na festa , o rodeaõ , e perguntaõ se elle era o Christo. 25 O que testifica , e demonstra pelas suas obras. 26 Diz que eles naõ cre, por quanto de suas ovelhas naõ saõ. 27 Que suas ovelhas nelle crem , e que pera sempre ninca perceraõ. 31 Os judeos querem o apedrejar como hum basphemador. 34 Mas defende se com a Escritura e com suas obras. ? E sahio de suas maõs pera a Jordaõ.
CAPÍTULO XI	I De como o lazaro estava enfermo , morreo, e foi resucitado pelo Christo. 45 Perisso muito nelle crem. 46 E os outros daõ as novas a os Phariseos. 47 Que convocaõ por isso o Concilio. 50 Aonde Cajaphas , sem saber o que dizia , profetiza do fruto da morte de Christo. 53 E consultaõ de matalo. 54 Mas se retira a Ephraim. 55 Buscaõ o na festa da Paschoa. 57 Os Principes dos Sacerdotes daõ mandamento que se alguém soubesse aonde estivesse, que o manifestasse.
CAPÍTULO XII	I Christo ceando com Lazaro, Maria o ungui. 4 Aqual Judas reprende. 7 Mas Christo a defende. 9 Muitos Judeos vem por ver a Lazaro. 10 E por isso consultaõ os príncipes dos Sacerdotes de tambem a elle matarem. 12 Christo entra gloriosamente em Jerusalem. 20 Alguns gregos chegando a Philippe rogavaõ lhe de ver a Christo. 23 E por esta occasiaõ Christo fala do fruto da sua morte pela parábola do graõ de trigo. 27 Sua alma esta turbada, ora a seu Pae e fica glorificado pela huã vez do ceo 26 Informa torne a campanha do fruto e da maneira de sua morte, e amoesta pera andar na luz. 37 Os Judeos permanecem

	endurecidos como ora predito pelo Esaias. 42 Muitos príncipes crem nelle em secreto. 44 Amoesta torne a fé , e a consessaõ da fe.
CAPÍTULO XIII	I Christo levantandose da cea, cingi se, e lava os pees a seus Apostolos. 12 Os exhorta a seguirem isto exemplo de sua humildade. 18 lhes discubri a traiçaõ de Judas, e consola seus Apostolos. 31 Fala depois com os outros discipulos de sua glorificaçãoo. 34 Exhorta os a amar huns a os outros. 37 A o Pedro , que queria por suas vida por Christo, prediz, que três vezes o avia de negar.
CAPÍTULO XIV	I Christo consola a seus discipulos com promessa de aparelhar lhes lugar. 5 Declara a Thomas que elle he o caminho, a verdade, e a vida. 7 Ea Phillppe que quem a elle visto tem, tem visto a o pae. 12 Prometelhes que grandes milagres aviaõ de fazer, e receber o Espirito Sancto. 21 Exorta pera amor e obediência de seus mandamentos, com proeza que lle e mais seu Pae aviaõ de morar com eles. 26 E que o Espirito Sancto todas as cousas lhes assombrava. 27 Deixelhes a sua paz. 28 Declara que per via [ilegível] sua ida pera o Pae , lhes convem de se alegrar. 30 Mostra sua promptidaõ pera ate a paixãõ obedecer a o Pae.
CAPÍTULO XV	I Christo comparar a si mesmo com huã videira, e seus Apostolos com as vides. 9 Testifica seu especial [ilegível] com que os amava, e xhorta os a guardar seus mandamentos, e a amar huns a os outros. 13 Este seu amor oseende com sua morte por eles, e nomeando os seus amigos e eleitos. 18 Consola os contra a inveja do mundo com seu exemplo. 22 Mostra que os Judeos pela sua palavra e obras são inexcusáveis. 26 E que o Espirito Sancto e mais sues Apostolos daraõ testemunho d'elle.
CAPÍTULO XVI	I Prophetiza a o Christo a seus discipulos as affliçoens. 5 E consola os com promessa do Espirito Sancto. 16 Declara que depressa d'elles sera tirado, mas que bem pouvo de tempo torne o veraõ. 20 E que a tristeza d'elles depressa se tornara em gozo, como as dores da mulher que pare. 23 Os exhorta a em seu nome orarem com promessa de ouvidos serem. 28 Claramente e sem parabolos fala que deixa a o mundo. 31 Avisa os de serem espalahados, e promerelhes sua paz.
CAPÍTULO XVII	I Christo aparelhando se a paiaõ e morte, faz sumõ sacerdotal oraçaõ regardando a seu Pae, que lhe glorificasse , a vida eterna desse a os fieis. 4 Conta quem fielmente e com que goza a obra comprio que lhe tinha dado que fizesse. 9 Ora por seus Apostolos que o Pae os guardasse na unidade e amor, 15 De mal, 17 E santificasse na sua verdade. 20 Ora por todos os de mais que por sua palavra d'elles nelle aviaõ de [ilegível]_ 21. Paraque todos hum sejaõ. 24 E estivessem eles com figo, paraque vissem sua gloria.
CAPÍTULO XVIII	I Estando Christo na huã horta, vinha ali Judas com hum esquadrãõ pera prendelo. 4 O eaquadrãõ com a palavra do Christo cahio em terra. 10 Pedro corta a orelha do Malco, quem Christo reprende. 13 Christo foi preso, e levado a Annas, depois a Cayphas. 15 Seguido de Pedro e negado. 19 Examinado de Cajaphas. 22 De hum dos criados bofetando, a quem reprende. 25 Negado ainda dous vezes de Pedro. 28 Depois foi levado a casa de Pilatos, a qual pergunta a os Judeos de sua acsasaõ deles, e a Christo de seu reino, e ouvindo que seu reino naõ era deste mundo, logo por inocente o declara, e quere soltalo. 40 Mas os Judeos que soltasselhes a Barabbas.
CAPÍTULO XIX	I Pilatos manda o açoutar, e os saldados o escarnecem e o afrontaõ. 4 Foi assi apresentado a os Judeos. 6 Que bradavaõ, crucificao: mas Pilatos por inocentes o declara. 12 E procura terne soltalo, mas os Judeos o ameaçaõ com desfavor de Cefar. 16 e por isso entrega a Christo pera ser crucificado. 17 Leva sua cruz. 18

	Foi crucificado no meio de dous salteadores. 19 O titulo da cruz. 19 O titulo da cruz. 23 Os soldados repartem vestidas d'elle. 25 Encomenda sua mae a o discipulo, a quem amava. 28 Tem sede, e daõ lhe de beber vinagre. 30 Espira na cruz. 31 Os ossos de salteadores se quebraõ. 34 O lado de Christo se abri huã lança. 38 Joseph de Arimathea mais Nicodemos e enterroaõ.
CAPÍTULO XX	I mARIA Magdalena vae a o sepulchro, e acabando o vazio da as novas ao Pedro e Joaõ. 3 Que ambos juntos correm a o sepulchro, e assi o achaõ. 11 Maria ve no sepulchro dous Anjos. 14. Christo aparece a ella e lhe manda a dar o [ilegível][ilegível] de sua resurreiçaõ a os discipulos. 19 A os quaes tambem a tarde [ilegível]_. 22 Da lhes o Espirito sancto , e poder pera perdoar e reter os pecados. 24 A o que thomas naõ quer dar credito por se naõ aver achado presente. 26 Mas oito dias despois ve a Christo , e o [ilegível]. 30 Joaõ declara, porque de muitos outros so estes estaõ escritos.
CAPÍTULO XXI	I Estando alguns discipulos pescando, o Senhor lhes aparece. 6 B [ilegível]_ com huã grande presa dos peixes, por d'onde o conhecem. 7 O Pedro lança se a o mar pera chegar a elles, e os [ilegível]_ com barco seguem. 9 Christo janta com elles. 15 E a Pedro três vezes perguntava se o amava , e suas ovelhas lhe encomenda. 18 Lhe profetiza a morte comque a Deus avia de glorificar. 20 Reprende sua pergunta d'elle acerca Joaõ. 24 Conclui Joaõ 24. Conclui Joaõ seu Evangelho.

A leitura desses títulos descritivos fornece um panorama do conteúdo de cada um dos capítulos e torna possível, apesar da mancha textual exagerada no espaço da página, a leitura mais catequética, cumprindo uma das funções do texto bíblico traduzido no período clássico: tonar possível uma educação bíblica. E essa educação, cultura de leitura do texto bíblico, desdobra-se de forma pedagógica, levando a mensagem do texto para um público ainda maior.

A postura editorial de Morh mostra o quanto esse editor tomou para si a causa da tradução da Bíblia para o português. Ele quis imprimir uma versão de NT em 1773 que remetesse ao texto original de JFA de 1681. Contudo, ao abdicar do excesso de metatextos, ele se alinha à própria ética: apresentar um texto mais fluído. Porém ao remontar, na impressão, ao texto “puro” de JFA, que nunca fora impresso, demonstra que o seu objetivo estava menos ligado à catequese do texto bíblico em português. Se comparada com as Bíblias contemporâneas, o NT de 1773 apresenta-se como uma edição mais simples, não anotada e não comentada em que o leitor só acessa à mensagem. Já o texto de 1681, ainda que contivesse muitos erros e uma mancha textual que incomodasse a disposição do texto na página, dá ao leitor muito mais possibilidades para compreender a mensagem, tendo em vista que o excesso de informações dispostas na página revelam detalhes sobre o texto que não estavam nos texto-fontes, dado o caso dos resumos descritivos.

3.3.3 Notas linguísticas

Genette (2009, p. 281) afirma que “a nota é um enunciado de tamanho variável (basta uma palavra) relativo a um segmento mais ou menos determinado de um texto, e disposto seja em frente seja como referência a esse segmento”. No NT de JFA as notas são de diversos “sistemas” (GENETTE, 2009, p. 282), tanto no texto de 1681 quanto no texto de 1773, as notas estão dispostas ou no corpo do texto ou ao lado de algum versículo.

Nesta dissertação nomeamos de *notas linguísticas*⁶⁶ aquelas em que há a explicação de uma palavra, seja para indicar a tradução de um termo do grego para o português ou para indicar a possível troca da palavra, via de regra um termo cultural, por um sinônimo.

Percebemos que o texto de 1681 é repleto de notas em todo o corpo do texto, enquanto o de 1773 não é. Sabemos que isso se deve, em parte, ao interesse de Mohr em imprimir algo que fosse mais legível pelos leitores de língua portuguesa. As notas que chamamos de *linguísticas* são, entretanto, muito poucas em relação àquelas entre parênteses. Imaginamos isso ter acontecido porque as *notas linguísticas* não precisam ser feitas a cada vez que a palavra aparece no texto, bastando portanto que o “significado” ou o “sinônimo” seja explicitado apenas na primeira vez que ocorre no texto.

Posto isto, passamos para a análise do conteúdo dessas notas com o intuito de mostrar como o tradutor e o editor encaminharam a tradução, revisão e impressão do NT. As *notas linguísticas* do NT de 1681 são:

- ❖ Cap. I, versículo 39 – tradução do título *rabi*: “**que declarado quer dizer mestre**”;
- ❖ Cap. II, versículo 16 – sinônimo para venda: “*mercado*”.
- ❖ Cap IV, versículo 6 – indicação de duas interpretações para o horário ou 12h (*meio dia*) ou 18h (seis horas);
- ❖ Cap. IV, versículo 46 – sinônimo para enfermo: *relago*;
- ❖ Cap. VII, versículo 22 – comentário sobre Moyses: “*Por isso; Moyses vos deu a circuncisão (não porque de Moyses seja, mas dos paes:)*”;
- ❖ Cap. IX, versículo 7. Explicação do significado de Siloe: “**(que declarado, significa, enviado)**”.

Observamos, portanto, que JFA usa o adjetivo “declarado” para designar que a palavra não é da língua portuguesa, evidenciando a postura do tradutor frente às palavras estrangeiras

⁶⁶ Ver anexo F para notas do NT de 1681 e G para notas do NT de 1773.

que fazem parte da compreensão do texto bíblico enquanto parte da cultura(s) de onde a Bíblia vem.

O Evangelho de João do NT de 1773 tem apenas 4 *notas linguísticas*, são elas:

- ❖ Cap. I, versículo 39 – tradução do título *rabi*: “**que traduzido quer dizer mestre**”;
- ❖ Cap. IV, versículo 25 – indicação que *messias* é um dos nomes do Cristo: “*Eu sei que o Messias vem , (que chama o Cristo;) quando elle vier , todas as coisas nos denunciara.*”;
- ❖ Cap. VII versículo 22 – comentário sobre Moyses: “*Por isso; Moyses vos deu a circuncisaõ (naõ porque seja de Moyses, mas dos paes:)*”;
- ❖ Cap. IX, versículo 7 – tradução para Siloe: “*Vae, lava te no tanque de Siloe, (que se interpreta Enviado)*”;

Damos destaque ao versículo 39 do capítulo 1 do Evangelho de João que teve mantida sua nota. Todavia Mohr alterou de “declarado” para “traduzido”, assumindo a mesma postura que JFA frente às palavras estrangeiras, embora o adjetivo traduzir tenha em seu campo semântico mais espaço para a ideia de tradução da Bíblia, enquanto atividade que media duas línguas e culturas a fim de que possa ser estabelecida alguma interpretação da mensagem “sagrada” pelo leitor. No mais, o uso desse adjetivo indica que a postura de Mohr frente à tradução é muito mais prática dada a função primária das traduções da Bíblia: catequizar. Além disso, Mohr também utiliza o verbo “interpreta” (capítulo IX, versículo 7), abrindo, talvez, o espaço da Bíblia para que o leitor perceba que é possível interpretar não só as passagens, mas cada palavra em particular.

3.3.4 Notas entre parênteses/ colchetes

O uso das *notas em parênteses/colchetes*⁶⁷, como já explicitamos no item **3.3. Análise dos metatextos** desta, foi solicitado por um dos integrantes da equipe de revisão do NT de 1681. Elas deveriam ser usadas sempre que a sintaxe do português permitisse para que fossem explicitadas as palavras que não estavam no grego (HALLOCK;

⁶⁷Ver anexo F para notas do NT de 1681 e G para notas do NT de 1773.

SWELLENGREBLE, 2000, p. 103), ou seja, quando houvesse a necessidade de adicionar um advérbio, conjunção, complemento e etc para que a frase traduzida fizesse sentido. Essa postura do Concílio é bastante interessante, pois dá espaço para que a sintaxe da língua para a qual se traduz seja respeitada, fazendo, assim, que o texto fique mais compreensível pelo leitor da tradução e aproximando o NT de 1961 do foco no conteúdo da tradução e, não, na forma. Todavia o que se percebe durante a leitura do NT de 1681 é um texto bastante confuso para leitor, porque as notas desviam a atenção do conteúdo dos capítulos. Além disso, as *notas entre parênteses/colchetes* do Evangelho de João do NT de 1681 são feitas de uma forma que não parecem se adequar, de fato, a sintaxe da língua portuguesa, fazendo o efeito contrário: de deixar o texto mais distante e “sacralizado” do leitor, que tem a leitura mais prejudicada. Ainda sobre isso é possível afirmar que as notas do NT de 1681 revelam bastante a *letra* do original, evidenciando a todo instante quais são as interferências do tradutor na Bíblia traduzida – ainda que possa servir para mostrar que o texto bíblico “vem” de uma cultura distante. Damos, como exemplo, o Capítulo III do Evangelho de João no NT de 1681:

Tabela 11 – Notas entre parênteses/colchetes, NT de 1681

13	E ninguém a o Ceo sábio, senão o que d’o ceo descendeo; [a saber] o filho d’o homem, que está no Ceo.
34	Porque aquelle que Deus enviou, as palavras de Deus fala; porque não [lhe] dá Deus o Espirito por medida.

No versículo 13, foi inserida a nota cujo texto é “a saber” com o intuito de reafirmar que quem desce do “Céu” é o filho do homem, “Jesus”, e não outro. Já no versículo 34 a nota foi inserida para explicitar quem recebe o “Espírito por medida”. Apesar de o português dos NT com que trabalhamos nesta ser do século XVII e XVIII, podemos perceber que, apesar da inserção das notas, o texto apresenta, em muito, uma sintaxe que não é a usual para o português. Assim, ao adicionar a nota, o tradutor e sua equipe de revisores tiveram o efeito contrário do que desejavam.

Por isso, acreditamos que o NT editado por Mohr em 1773 apresenta uma proposta cujo foco é realmente a língua portuguesa e não uma semelhança com as línguas dos textos-fonte. Assim, apresentamos abaixo dois exemplos de *notas entre parênteses* feitas por Mohr.

Tabela 12 – Versículo 9, Capítulo II do Evangelho de João do NT de 1773

9	E como o Mestre fala gostou a agoa, feita vinho (e não sabia d’onde era , porem os servidores , que agoa avião tirado, o sabiaõ) chamou o Mestre sala ao esposo:
---	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Tabela 12 – Versículo 2, Capítulo XI do Evangelho de João do NT de 1773

2	E acabala a Cea (avendo ja o Diabo metido no coração de Judas de Simão Iscarioda que strhisse.)
---	----------------------------------------------------------------------------------------------------------

Nos dois exemplos apresentados na tabela, percebemos uma sintaxe mais simples do português. Nesses versículos, as notas aparecem numa posição mais natural para o texto da Bíblia em língua portuguesa, servindo para dar suporte ao trecho do Evangelho que é narrado.

Ao analisar as notas do Evangelho Segundo S. João dos dois NTs que compõem o corpo desta pesquisa, verificamos que a Bíblia de Mohr apresenta o texto Bíblico dentro do foco mais voltado para a comunicabilidade da mensagem, em que o leitor apreende a mensagem do texto da Bíblia, lendo-o na sua língua de forma fluída.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A historiografia da tradução enquanto área de pesquisa nos Estudos da Tradução permite compreender o processo evolutivo das formas, dos gêneros e do gosto, verificando a penetração rápida ou tardia das ideias, dos estilos e atitudes críticas da literatura traduzida em um determinado lugar e em um determinado período. Essa subárea da Tradução também busca investigar a introdução, permanência das dicotomias tradicionais sobre a prática de tradução ou a introdução de novas. Ela contribui para o estudo crítico da tradução sob a perspectiva da historicidade dela, ou seja, da inserção da tradução num contexto histórico.

Este tipo de estudo permite revelar dados e fatos sobre a tradição de tradução de um determinado tipo de texto, num determinado período e local. Esperamos que a pesquisa sobre as formas de se traduzir a Bíblia possibilite um avanço para o futuro com algo distinto acerca da tradução do texto bíblico.

Além de empreender pesquisa em história da tradução como um todo, esta dissertação permite colocar a tradução da Bíblia para o português na historiografia das traduções bíblicas do período posterior à Reforma Protestante, além de revistar a cronologia dessa atividade em Portugal, demonstrando que, assim como em outras nações da Europa, a Bíblia em português fez parte do interesse dos leitores religiosos de Portugal.

Todavia antes de chegarmos ao ponto de podermos apresentar as respostas, precisamos revistar o nosso percurso de investigação proposto nesta dissertação. Imaginamos essa trajetória, que envolvia catalogar a história da tradução da Bíblia para a língua portuguesa e reescrever a micro-história da Bíblia de JFA, ao percebermos a necessidade de tratar da tradução bíblica enquanto atividade em que o objetivo é fornecer um texto para ser lido dentro de uma dimensão religiosa e que, ainda assim, a reflexão sobre a atividade importa muito para os Estudos da Tradução.

Em primeiro lugar, percebemos a quase impossibilidade de desvincular a prática de tradução bíblica protestante do seu interesse religioso e, dentro disso, levantamos o fato de a atividade da tradução bíblica estar bastante associada ao seu *impulso* tradutório. Comprendemos, assim, a Bíblia de JFA com o objetivo primeiro de possibilitar a catequese

protestante em língua portuguesa e, em segundo plano, o interesse de dar à língua portuguesa a possibilidade de receber esse texto sagrado.

Dada a implicação segunda da tradução da Bíblia de JFA, ou seja, a tradução para o português como forma de enriquecer a essa língua da nação peninsular, é sob essa prerrogativa de língua, que consideramos o principal objetivo do nosso trabalho. Tendo em vista que o rescrever a história deste texto em microsomo é: 1) inserir a Bíblia portuguesa na reflexão sobre a tradução bíblica; 2) escrever a micro-história da tradução de JFA, inserindo-a na tradução bíblica do período pós-reforma; e 2) mostrar e descrever como trabalharam os agentes editoriais em conformidade com o tradutor.

A Bíblia em português é um empreendimento que se inicia ainda na Idade Média. As primeiras traduções, como expomos, surgiram do interesse da Corte portuguesa em ter acesso a excertos bíblicos, o que pode revelar o quanto o governo de Portugal empenhava-se no culto católico e no alinhamento com o poder papal. Entretanto, fica evidente, apesar da grande força imperial desse país, que Portugal não se estabeleceu de forma mais forte frente às outras nações católicas, que entre os séculos III e IV solicitaram cópias dos textos bíblicos para catequização dos fiéis. E que a leitura do texto bíblico em português ficava, então, restrita à realeza. Quando a Inquisição é instaurada, a Bíblia em português é, portanto, um projeto deixado de lado e apenas recuperado no século XVIII com a tradução do NT, dentro de uma perspectiva teológica católica, pelo Padre Antônio Pereira Figueiredo.

Quando surge a Bíblia de JFA há por detrás dela um contexto sociocultural muito maior do que o da língua portuguesa e o da Reforma. Há, de fato, o interesse de evangelização protestante nas Índias Orientais pela Holanda, além de uma corrida por colocar o texto bíblico na língua vernácula portuguesa. Condicionado ao contexto, JFA empreende sua tradução, visando levar a ideologia da Reforma aos falantes do português. E, com isso, trava uma disputa ideológica sobre a língua portuguesa com o mecenas dessa tradução, o governo holandês. O que vimos, portanto, é uma tradução feita sob tensão que se insere na história da língua, da Bíblia e da religião Cristã como pilar. Contudo, também visualizamos uma tradução altamente manipulada devido, justamente, ao contexto em que estava inserida.

Ainda sobre a questão da Bíblia em língua portuguesa, podemos perceber o quanto o projeto editorial de JFA foi alterado da primeira para a quarta edição, revelando que o projeto do tradutor e padre reformado era muito mais baseado no acesso à mensagem em conformidade com os textos-fonte, pela inserção de notas, alusões a tratados luteranos, e marcação sempre presente dos trechos que não estavam implícitos na língua grega. Essa

postura de JFA é subvertida pelo revisor da quarta edição, Morh, que apaga as demasiadas informações dentro do texto para possibilitar que o leitor lesse sem se perder na mancha textual das páginas do NT. A posição de Morh enquanto revisor e editor do texto se aproxima bem mais da tentativa de produzir uma Bíblia que pudesse ser lida em português mais facilmente por leitores da massa e também que apresentasse uma “língua portuguesa” mais “fiel” à gramática da época.

Levamos em consideração também o fato de Morh ser de nacionalidade holandesa e, devido a isso e aos dados levantados, ele teria tido mais liberdade para editar e revisar a Bíblia por portuguesa conforme o que achava ideal. Afirmamos isso, porque, ao aproximamos a Bíblia editada por ele e a que é atribuída a JFA, é possível perceber que o tradutor português teve seu projeto sempre modificado pelo Concílio Eclesiástico de Batávia e o Governo Geral de Amsterdam. Isso pode ser verificado pelo envio de revisores, não fluentes em língua portuguesa, a morosidade em aprovar a impressão e a constante solicitação de alterações no texto – como a inclusão de notas e resumos. Já no NT de 1773, Morh retira todas as alterações exigidas pelo Concílio de Batávia, resumos dos capítulos, além de apontar defeitos na edição de 1681 causados pelos revisores não fluentes daquele NT.

Ainda sobre as questões de língua, percebemos que em 1773, com a impressão da quarta edição do NT, era possível estabelecer uma gramática para a língua portuguesa mais claramente. Isso é possível, porque o NT de 1773 contém menos erros e é apresentado de forma mais limpa, sem sobreposição de informações na mancha da página, e, assim, é mais fácil perceber como a língua era falada na época. É claro que seria necessário uma análise mais próxima de uma pesquisa que lida com corpus para estabelecer as possíveis regras da época, mas é possível descrever algumas regras ortográficas, como: a forma verbal “é” grafada como “he”; palavras terminadas em “ão” grafadas como “aõ” ou “am”; palavras terminadas em “an” grafadas apenas como “ã”; e os verbos do passado terminados em “aõ”.

Ao analisarmos os paratextos, plasmados nos índices morfológicos e metatextos, percebemos o estatuto da tradução do NT de 1681 e verificamos as alterações nele pela revisão e impressão do mesmo NT em 1773. Aproximando-os pela análise crítica realizada, foi possível destacar que os dois projetos, apesar do objetivo comum, podem ser colocados em campos separados. O NT de 1681, com suas muitas notas, resumos de capítulos, inclina-se para o que hoje compreendemos para Bíblia de estudo, cujo o público-alvo é um leitor mais maduro no acesso ao texto bíblico e tem interesse pelos detalhes dos textos-fonte. Já o NT de 1773, com sua ausência de muitas informações, informa-nos que o objetivo era voltado para o

acesso ao conteúdo dos textos-fonte, enquadrando-se no que compreendemos hoje dia pelas versões simplificadas (na linguagem de hoje).

Sobre a tradução da Bíblia para a língua portuguesa enquanto objeto da modernidade dos setecentos e oitocentos, destacamos o empenho da nação holandesa em publicar um texto na língua de um dos maiores rivais políticos, Portugal. E, apesar do conflito político ter sido findado na altura do ano 1644, percebemos que o interesse maior era em divulgar a teologia protestante na região das Índias Orientais. Podemos pontuar que, mesmo que o objetivo principal de colonização holandesa não passasse pelo imperialismo cultural, os esforços de tradução da Bíblia na quela região serviram, em parte, para afastar a cultura portuguesa que persistia na região. Contudo, além disso, essa tradução demonstra o quanto o *impulso à tradução* do período pós-reforma moveu as nações protestantes a contribuírem com a transmissão bíblica nas regiões fora da Europa, entretanto essa produção de tradução bíblica só é retomada na metade do século XIX em diante, quando as muitas Bíblias são publicadas nas línguas de nações asiáticas e americanas pelo esforço de missionários protestantes e, em muito, sob a tutela das Sociedades Bíblicas.

Chegamos ao fim desta pesquisa e consideramos a reflexão sobre a tradução bíblica como um fato que se inicia com objetivos puramente missionários e que amplia para as questões mais recorrentes dos Estudos da Tradução, como a diferença entre as línguas, os distanciamentos entre o tempo dos textos-fonte e aquele dos textos traduzidos, as diferenças entre as culturas, a impossibilidade de comunicação total e a implicação das traduções na recepção dos muitos leitores. Além disso, a inserção da Bíblia portuguesa na história da tradução da Bíblia permite recolocar a atividade da tradução em língua portuguesa, antes franca nas muitas regiões colonizadas, no amplo contexto das traduções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, João Ferreira De. **Novo testamento**. 1 ed. Batávia, 1681.

ALMEIDA, João Ferreira De. **Novo testamento**. 4 ed. Batávia, 1773.

ALVES, Herculano. **A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida**. Coimbra: Sociedade Bíblica de Portugal, Sociedade Bíblica do Brasil, Difusora Bíblica, 2006.

ALVES, Herculano. João Ferreira de Almeida, tradutor da Bíblia. In: SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL - Fórum de Ciências Bíblicas: a tradução da Bíblia para a língua portuguesa – 325 anos da 1ª edição do Novo Testamento em português. Vol. 2. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007, p. 23-52.

BASSNETT, Susan. **Estudos de tradução: fundamentos de uma disciplina**. Tradução: FIGUEIREDO, Vivina de Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005. Tradução de: Translation studies.

BERMAN, Antonie. **A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romantica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Holderlin**. Tradução: Maria Emília Pereira Chanut. Buru, SP: EDUSC, 2002.

_____. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução: Marie-Hélène Catherine Torres; Mauri Furlan; Andreia Guerini. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. Tradução de: La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain.

CAVACO, Timóteo. Contribuições para uma cronologia da Bíblia em Portugal. **Imago Dei**, n. 7, 1º semestre, 2003/04.

CURTO, Diogo Ramada. **Cultura Imperial e Projetos Coloniais: (séculos XV a XVIII)**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2009.

DESCONHECIDO. *Diferença d'a Christandade. Em que Claramente se Manifesta, I. A grande Disconformidade entre a Verdadeira e Antiga Doctrina de Deus, e a Falsa e Nova d'os homens. II. A Notoria Contrariedade entre a Sacro S. Cea de Christo Senhor nosso, e a Profana Missa d'o Antichristo. III. Quem seja o Antichristo, e porque Marcas se possa Conhecer. Traduzido E acrescentado Tudo, agora de Novo, pelo P. Joaõ Ferreira A. d'Almeida, Ministro Pregador d'o S. Evangelho 'na India Oriental*. Em Nova Batávia: Por Henrique Brando, e Joao Bruyng, Anno 1668.

D'HULST, Lieven. **Translation history**. In: DOORSLAER, Luc van; GAMBIER, Yves. (Orgs) *Handbook of translation studies*. Amsterdam/ Philadelphia: Jonh Benjamins Publishing Company, 2010, p. 937-405.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Engler, Steven. **Translation, tradition and the eternal present of the sacred text**. In: GOHN, Carlos Alberto; NASCIMENTO, Lyslei (Orgs.). *A Bíblia e suas traduções*. São Paulo: Humanitas, 2009, p. 225-241.

FURLAN, Mauri. **A teoria de tradução de Lutero**. 2004. In: Annete Endruschat & Axel Schönberger (orgs.). *Übersetzung und Übersetzen aus dem und ins Portugiesische*. Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea. (p. 11-21)

_____. In: LUTERO, Martinho. **Carta aberta sobre a tradução**. In: FURLAN, Mauri (Org.) *Clássicos da teoria da tradução*, Vol. 4, Renascimento. Tradução: Mauri Furlan. Florianópolis: UFSC/NUPLITT, 2006, pp. 91-115. Tradução de: Sendbrief vom Dolmetschen.

FRYE, Northrop. **O Código dos Códigos: a Bíblia e a Literatura**. Tradução: Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004. Tradução de: The Great Code: the Bible in Literature.

GABEL, John B.; WHEELER, Charles B. **A Bíblia como literatura**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1993. Tradução de: The Bible as literature.

GALLOIS, Dominique Tilkin. Traduições e aproximações indígenas à mensagem cristã. **Cadernos de tradução**, UFSC, v. 30, p. 63-82, 201./mar. 2016.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Tradução: Álvaro Faleiros. 1 Ed. Cotia, SP: Ateliê, 2009. 372 p.

GEISLER, Norman L.; HOWE, Thomas. **Manual popular de dúvidas, enigmas e “contradições” da Bíblia**. Tradução: Milton Azevedo Andrade. São Paulo: Mundo Cristão, 1999. Tradução de: When critics ask: a popular handbook on Bible difficulties.

GIRALDI, Luiz Antônio. **A Bíblico Brasil Império: como um livro proibido durante o Brasil Colônia tornou-se uma das obras mais lidas nos tempos do Império**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

_____. **História da Bíblia no Brasil**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

GOHN, Carlos. **Pesquisas em torno de textos sensíveis: os livros sagrados**. In: PAGANO, Adriana. (Org.) *Metodologias de pesquisa em tradução*, Belo Horizonte, v. 3, p. 147-170, 200./mar. 2016.

HALLOCK, Edgar F.; SWELLENGREBEL, J. L. **A maior dádiva e o mais precioso tesouro**: A biografia de João Ferreira de Almeida. 1 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 2000. 208 p. Tradução do inglês para o português por Edgar F. Hallock.

HARDEN, Alessandra Ramos de Oliveira. **Portal Para A História Da Tradução**: Páginas De Rosto Da Arca Do Cego. In: SOUSA, Germana Henriques Pereira (org.) *História da Tradução: Ensaios de Teoria e Tradução Literária*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

KOENINGS, Johan. Tradução e traduções da Bíblia no Brasil. **A Bíblia e suas traduções**, São Paulo, p. 103-126, 200./mar. 2016.

LEFEVERE, André. **Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame**. 1 ed. London/New York: Routledge, 1992.

LEWGOY, Bernardo. **O livro religioso no Brasil recente**: uma reflexão sobre as estratégias editoriais de espíritas e evangélicos. Ciências Sociais e Religião. Porto Alegre, ano 6, n. 6, p.51-69, outubro de 2004. * Versão modificada de trabalho apresentado nas XII Jornadas sobre Alternativas Religiosas para a América Latina no Seminário Temático Religião e Mídia. São Paulo, outubro de 2003

LINDORO, R. (2011): **Introdução à antropologia missionária**. São Paulo: Vida Nova.

LOPES, David. **A expansão da língua portuguesa no oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII**. Barcelos: Portucalense Editora, 1936.

LOPES, Jairo Paes. **Diferença da Cristandade**: A controvérsia religiosa nas Índias Orientais holandesas e o significado histórico da primeira tradução da Bíblia em português (1642-1694). Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2016.

LÉPINETTE, Brigitte. La historia de la traducción - Metodología Apuntes bibliográficos. **LynX Documentos de Trabajo**, Universitat de Valencia, v. 14, p. 1-24, 199./mar. 2016.

MITCHELL, Bil. Por um novo Pentecostes: A tradução da Bíblia no novo milênio. **Fórum de Ciências Bíblicas**, São Paulo, v. 2, p. 15-25, 200./mar. 2016.

NAUDÉ, Jacobus. **Religious translation**. In: DOORSLAER, Luc van; GAMBIER, Yves. (Orgs) *Handbook of translation studies*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010, p. 285-298

NASCIMENTO, Aires Augusto. **Dizer a Bíblia em português**: fragmentos de uma história incompleta. In: CAVACO, Timóteo e DANIEL, Simão (org.). *A Bíblia e suas edições em língua portuguesa*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas & Sociedade Bíblica de Portugal, 2010.

NIDA, Eugene. **Bible translation**. In: BAKER, Mona (org.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London/ New York: Routledge, 1998.

_____. **Message and Mission:** the communication of the Christian faith. Revised Edition. Pasadena, CA: William Carey Library, 1990.

_____; TABER, Charles R. **The theory and practice of translation.** Leiden, The Netherlands: United Bible Societies, 1969.

_____. **Toward a Science of Translating:** with special reference to principles and procedures involved in bible translating. 1 ed. Leiden: E. J. Brill, 1964.

_____. **Translating a Text with a Long and Sensitive Tradition.** In: SIMMS, K. (Org.) *Translating sensitive texts: linguistic aspects.* Amsterdam – Atlanta: GA, 1997.

PAGANO, Adriana Silvina. **As pesquisas historiográficas em tradução.** In: PAGANO, Adriana Silvina (org), *Metodologias de pesquisa em tradução.* Belo Horizonte: Faculdade de Letras – Universidade Federal de Minas Gerais, v. 3, 2001, p 117 – 146.

PAROSCHI, Wilson. **Origem e transmissão do texto do novo testamento.** 1 ed. Barueri, São Paulo: SBB, 2012. 325 p.

PYM, Anthony. **Method in Translation History.** Manchester: St. Jerome, 1998.

RAUPP, Marcelo. **A história da transmissão e da tradução da Bíblia em nível mundial e no Brasil e as marcas ideológicas nas primeiras traduções brasileiras completas dessa obra.** Orientador, Mauri Furlan - Florianópolis, SC, 2015. 230 p.

SANTOYO, Julio-César. **Blank Spaces in the history of translation, Spain.** (p. 11-41). In: *Charting the Future of Translation History.* BASTIN, Georges; BANDIA, Paul (orgs). Ottawa: University Ottawa Press.

SEIBERT, Erní Walter. **Historiografia das traduções da Bíblia para o português.** In: *SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. Fórum de Ciências Bíblicas: 1600 anos da primeira grande tradução ocidental da Bíblia – Jerônimo e a tradução da Vulgata Latina.* Vol. 1. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006, p. 81-101.

SCHOLZ, Vilson. **Bíblia de Almeida: sua origem, as revisões e os princípios envolvidos.** In: *SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. Fórum de Ciências Bíblicas: 1600 anos da primeira grande tradução ocidental da Bíblia– Jerônimo e a tradução da Vulgata Latina.* Vol. 1. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006, p. 7-35.

SCHOLZ, Vilson. O desafio da tradução para o português de hoje. **Fórum de Ciências Bíblicas,** São Paulo, v. 2, 2013, p. 96-118.

SIMON, Sherry. **Translators and the spread of religions.** In: DELISE, Jean; Woodsworth, Judith. **Translators through History: Revised edition.** Amsterdam: Jonh Bejanmins Publising Company, 2012.

SIMMS, Karl (Ed.). **Translating sensitive texts: linguistic aspects**. Amsterdam: Atlanta, GA., 1997.

TREBOLLE-BARRERA, Julio. **A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: Introdução à história da Bíblia**. Tradução: Ramiro Mincato. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. Tradução de: La Biblia judía y la Biblia cristiana: introducción a la historia de la Biblia.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. **Traduzir o Brasil literário: Paratexto e discurso de acompanhamento**. 1 ed. Tubarão, SC: Copiart, 2011. 136 p. Tradução do francês de Marlova Aseff e Eleonora Castelli.

ANEXOS

Anexo A – Mapas das Regiões das Índias Orientais no século XVII, Batavia e Tranquebar.

Figura 1 - Mapa da Cidade de Batavia, 1672



Figura 2 – Mapa da Cidade e do Forte de Batávia, 1681

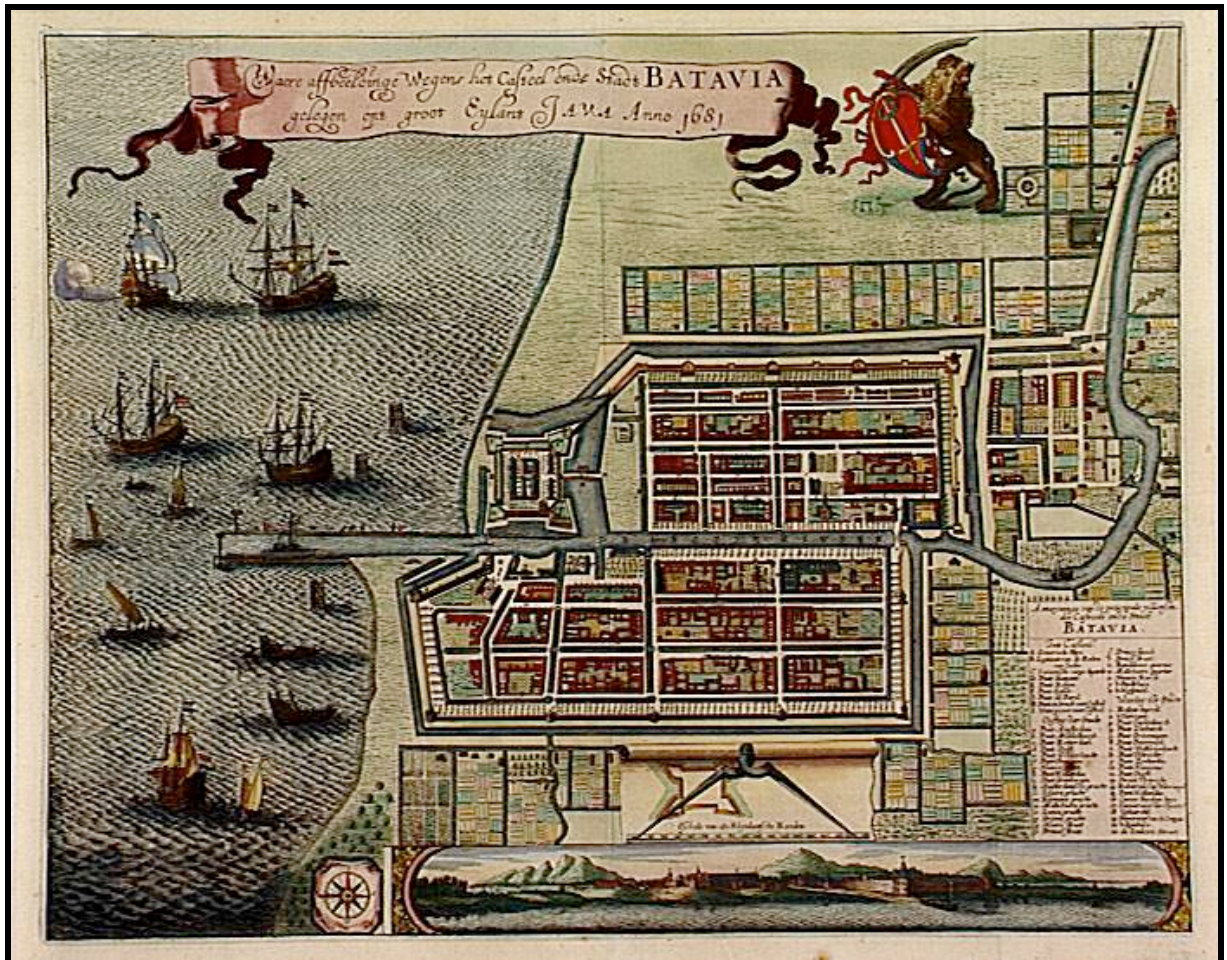


Figura 3 - Mapa do Forte e do Distrito de Tranquebar, século XVII



Anexo B – Mapas que apresentam o domínio das nações europeias na região da Índia e da Ásia no século do século XV ao século XVIII.

Figura 4 - Domínios Europeus na Índia de 1498 a 1739

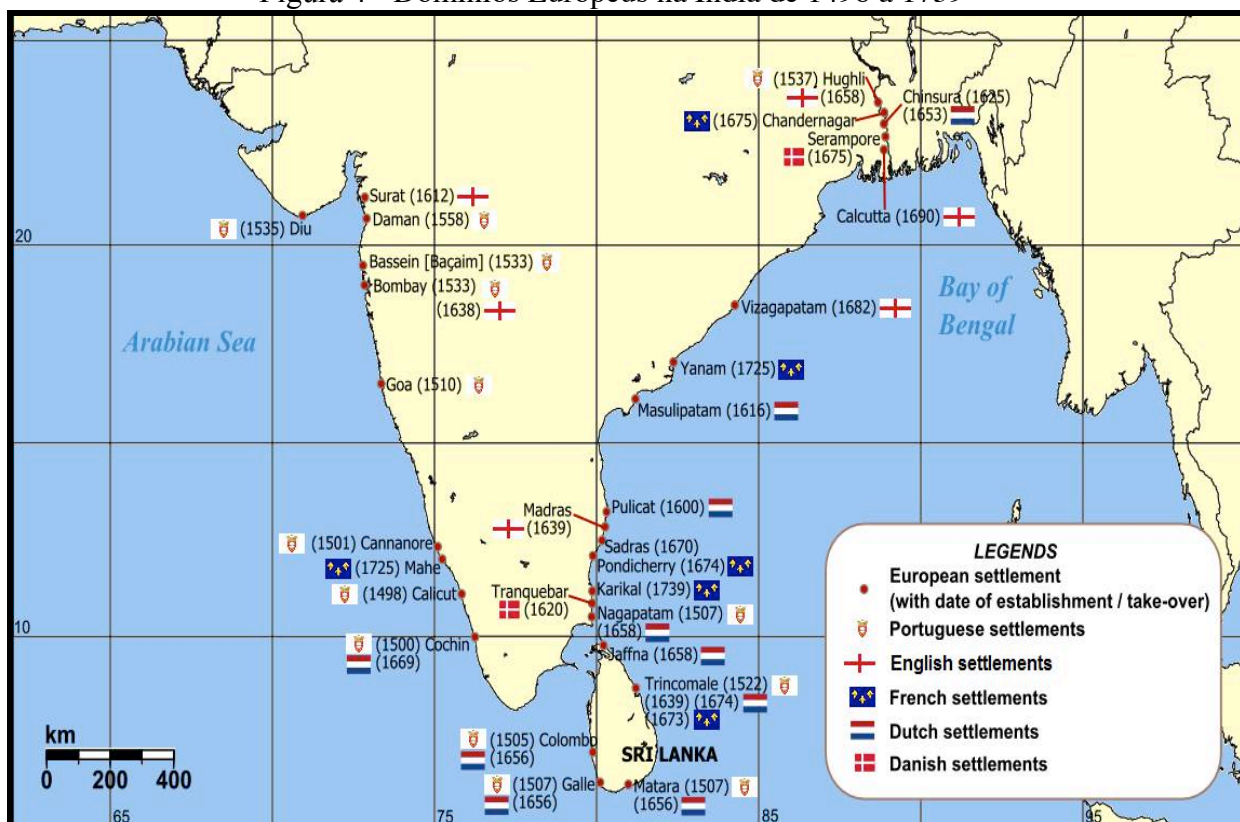
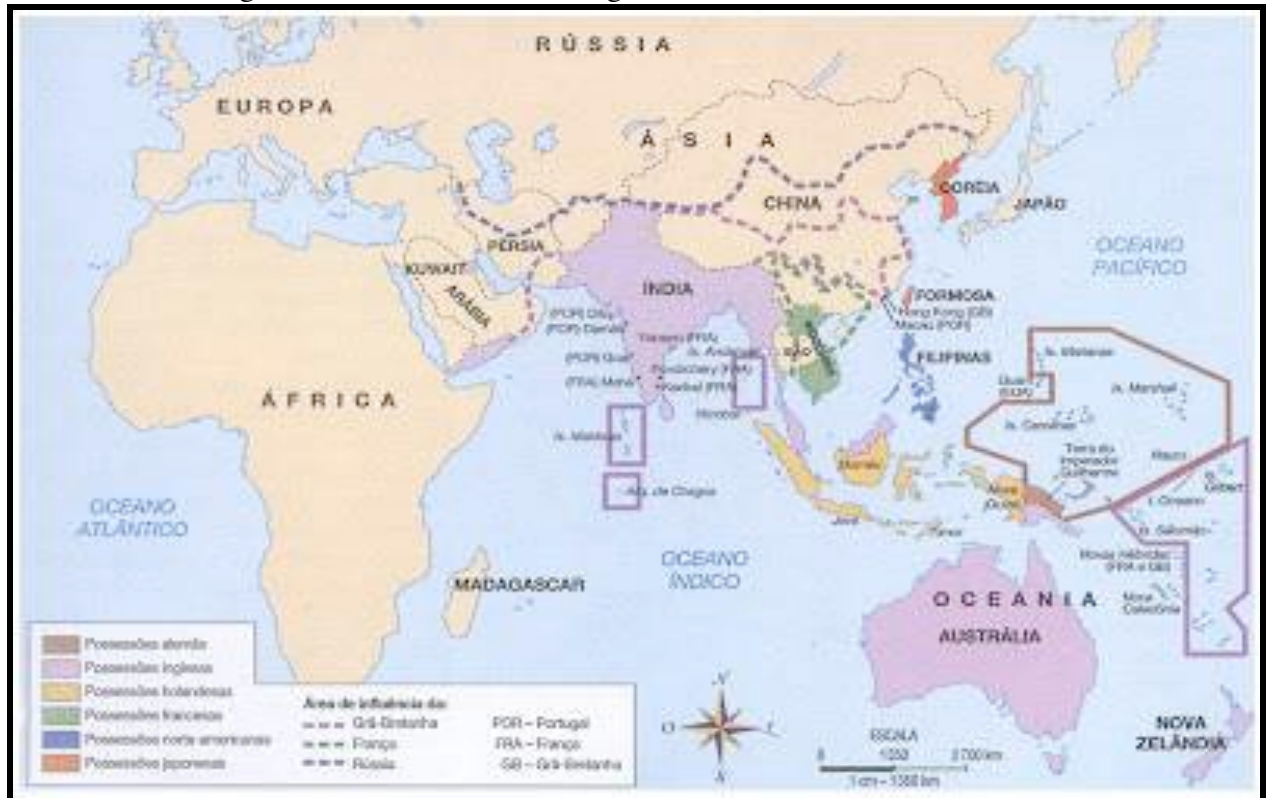
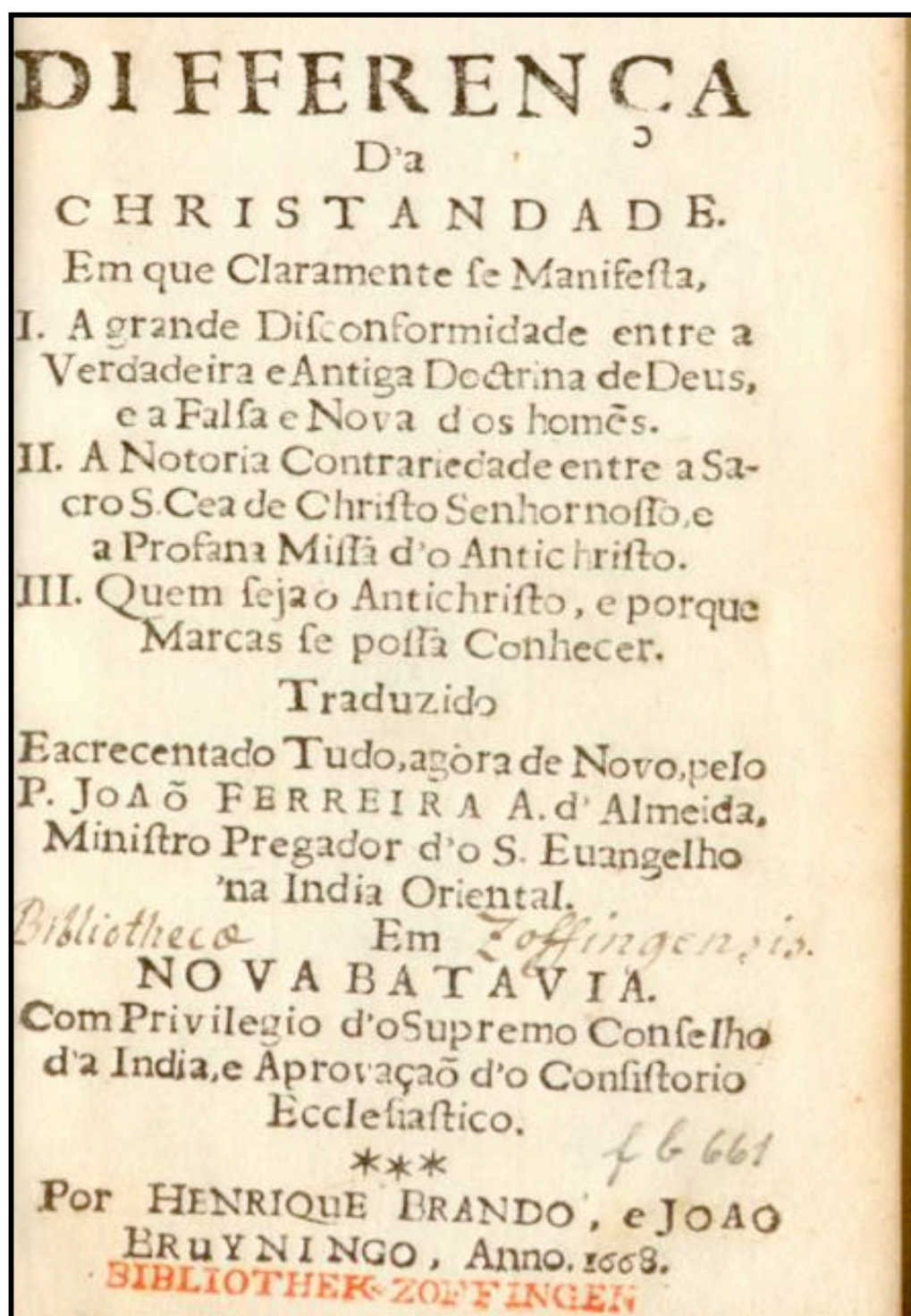


Figura 4 - Os Domínios Estrangeiros na Ásia no Século XVIII



Anexo C – Folha de rosto do livreto: “Diferença D’a Christandade” em por João Ferreira de Almeida, impresso em 1668.

Figura 5 – Folha de rosto

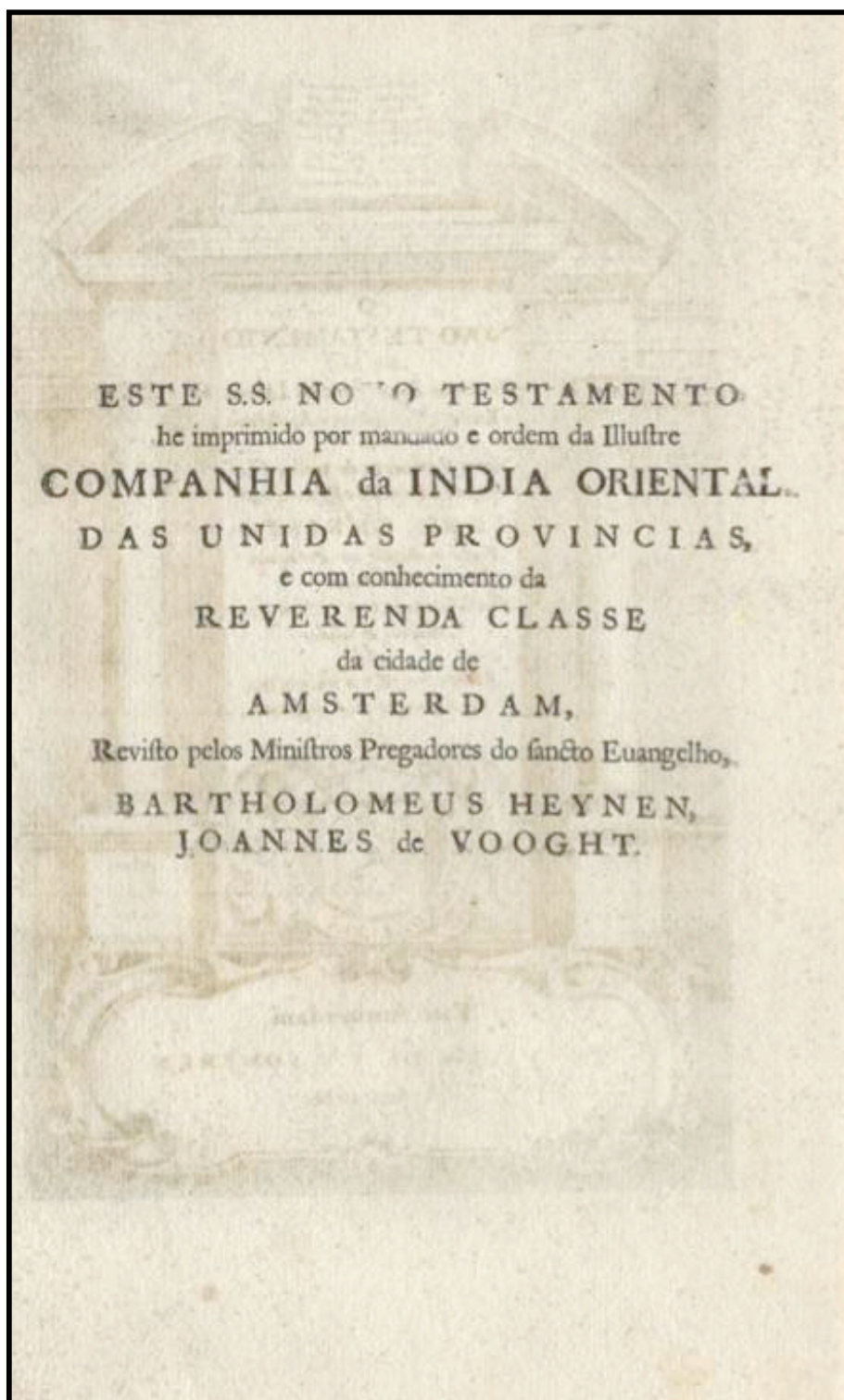


Anexo D – Folha de rosto e verso da folha de rosto de O NOVO TESTAMENTO; Isto he Todos os Sacrosantos Livros e Escritos Evangelicos e Apostolicos do Novo Concerto do nosso Fiel Senhor Salvador Redemptor IESU CHRISTO, 1681.

Figura 6 – Folha de rosto do Novo Testamento de 1681

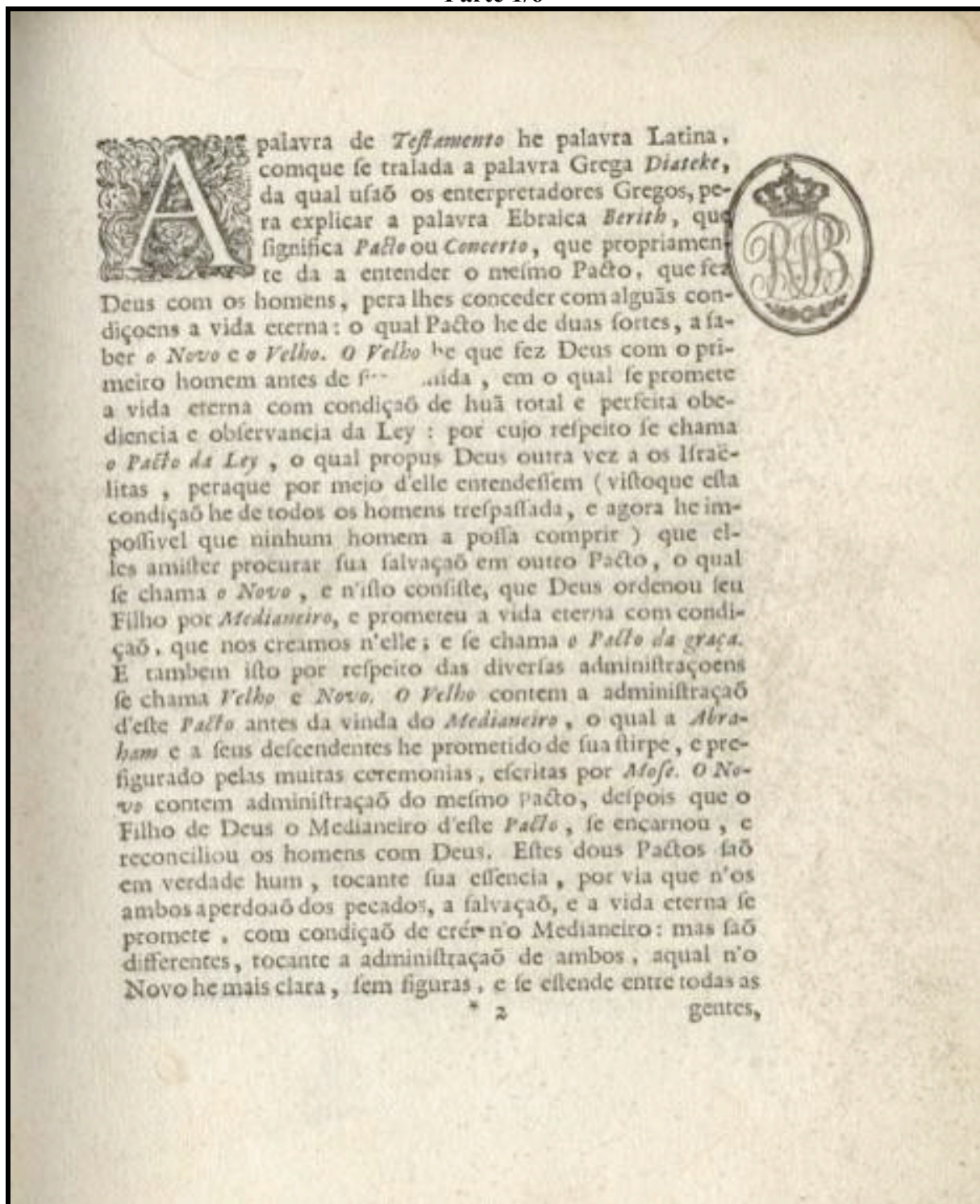


Figura 7 – Verso da Folha de rosto do Novo Testamento de 1681



Anexo E – Prefácio de O NOVO TESTAMENTO; Isto he Todos os Sacrosantos Livros e Escritos Evangelicos e Apostolicos do Novo Concerto do nosso Fiel Senhor Salvador Redemptor IESU CHRISTO, 1681.

Figura 8 – Prefácio do Novo Testamento de 1681
Parte 1/6



gentes, e o Velho se pode chamar muy bem o *Testamento da promessa*, e o Novo, o *Testamento do comprimento*. A de mais d'isso ordinariamente se entendem pelo *Novo e Velho Testamento*, os livros, n'os quaes o estabelecimento, e administração do Pacto são escritos: na qual significação as palavras *Testamento Novo* aqui n'õ titulo se entende, e se poem contra os livros dos sanctos Propheras, n'os quaes o Medianeiro deste pacto he prometido, e descrito de que geração, e em que tempo avia de ser encarnado, e que avia de obrar, e padecer, pera reconciliar os homẽs com Deus, e lhes alcançar, e aplicar a salvação eterna, como n'as Escrituras do Testamento Velho antes estãva dito e prefigurado. Que o *Messias* ou o *Medianeiro*, o qual avia de reconciliar os homẽs com Deus, avia de ser o unigenito Filho de Deus, eterno e verdadeiro Deus com o Pae, e com o Espirito Sancto, Pl. 45, 8 e 110, 1. Esai. 9, 5. Jerem. 23, 6. e 33, 16. Mich. 5, 1. Malac. 3, 1. E que elle no comprimento do tempo avia de tomar a verdadeira natureza humana de huã mulher virgem Gen. 3, 15. Esai 7, 14. da geração d'*Abraham, Isaac, Jacob, Judas e David*, Gen. 21, 12. e 22, 18. e 49, 9, 10. 2. Samuel 7, 12. Esai. 11, 1. Jerem. 23, 5. Que avia de nacer na cidade de Betlehem, Mich. 5, 1. n'õ tempo que o cetro de *Juda* avia de ser tirado, Gen. 49, 10. Esai. 11, 1. Dan. 9, 24. Que sendo nacido, avia de fugir a Egipto, Hosea 11, 1. Que avia de ser criado em Nazareth, Esai 11, 1. E que avia de ter *E'iam* por precursor, que avia de pregar n'õ deserto e aparelhar lhe o caminho, Esai 40 3. Mal. 3, 1. e 4, 5. Que avia de começar apregar o Evangelho em Galilea Esai 9, 1, 2. Que avia de confirmar com muitas maravilhas a sua doutrina, Es. 35, 5. Que avia de fazer sua entrada em Jerusaleem cavalgando sobre huã asina, Pl. 118, 25. Sach. 9, 9. Que avia de ser atraysoado de hum de seus discipulos, Pl. 41, 10. e 55, 14. Que avia de ser vendido por trinta.

Parte 3/6

trinta seteis de prata, Sach. 11, 12. Que avia de ser aso-
 do, escarnecido, e cuspidado n' o rosto, Esa. 50, 6. E que o
 aviaõ de tratar como delinquente Esa. 53, 12. Que por respeito
 de nossos pecados avia de padecer extrema angustia em sua
 alma, Pl. 22, 2. Esai 53, 11. Que avia de ser crucificado, Deu-
 ter. 22, 23. Pl. 21, 17. Que avia de ser escarnecido, estando na
 cruz: e que lhe darãõ a beber vinagre e fel, Pl. 22, 8. e 69, 22.
 Que aviaõ de deitar sorte sobre seus vestidos, Pl. 22, 19. Que
 seus ossos naõ se aviaõ de quebrar Exod. 12, 46. Pl. 34, 21.
 E que avia de morrer nua violente morte, Esa. 53, 8. Dan.
 9, 26. Que avia de ser enterrado de hum rico, Esa. 53, 9.
 Que naõ avia de apodrecer na sepultura, Pl. 16, 10. porem a o
 terceiro dia avia de resuscitar dos mortos, Esa. 53, 10. Jon.
 1, 17. Que avia de subir a o ceo, e ali assentar se a maõ direi-
 ta de Deus, Pl. 68, 19. e 110, 1. E que d' ali avia de mandar o
 seu Espirito Sancto, Joël 2, 28. Assi está escrito n' o Novo
 Testamento dos sanctos Euangelistas, e Apostolos, que tudo isto
 he cumprido n' o nosso Senhor e Salvador JESU CHRISTO. O ar-
 gumentõ pois dos livros do Novo Testamento he, que n' o
 mesmo, principalmente se descreve a Pessoa e o Officio de nos-
 so Salvador JESU CHRISTO. De sua *Pessoa* que elle he verdadei-
 ro Deus e verdadeiro e justo Homem n' a unidade da Pessoa. De
 sua Divina natureza se testifica em todos lugares, quando lhe
 foi attribuido, os nomens de Deus, como JEHOVA, Unigenito
 Filho de Deus, Principe da vida, Senhor sobre tudo, Juiz dos
 vivos e dos mortos, Rey dos reys, Senhor dos senhores.
 Item, as propriedades divinas, como saõ, Infinitude, Eter-
 nidade, Toda sabedoria, Toda poderia. Divinas obras, que saõ
 a criaçaõ, e a conservaçaõ de todas as criaturas, a eleiçaõ
 pera vida eterna, a ordenaçaõ do ministerio Ecclesiastico,
 e dos Sacramentos, o dar do Espirito Sancto, a regenera-
 çãõ, a livraçaõ do poder do diabo, a resuscitaçaõ dos mor-
 tos, o juizo do mundo, e assentar se a maõ direita de Deus,

* 3

pera.

pe a o que tambem serve , a descripção dos muitos milagres que obrou com seu proprio poder , e finalmente , a honra e o serviço Divino , a saber , que devemos crér n'elle, lhe adorar, e em seu nome ser bautizados. Sua humana natureza se descreve, quando se declara, que foi concebido do Espirito Sancto, da geração de *David* , que foi nacido da virgem *Maria* , que tem huã alma humana, e hum verdadeiro corpo humano, com todas propriedades naturaes de ambos, a saber, que padeceu fome e sede, comeu, dormiu, que se cançou, se lastimou , sentiu dores , se entristeceu, e se agastou. Seu *Officio* a o qual foi mandado do Pae n'õ mundo , de tres maneiras se descreve, conforme o seu sobre nome, *CHRISTO*, que he, *unguido*, a saber, seu *Prophetic*, seu *Sacerdotal* , e *Real Officio*, seu *Prophetic Officio*, administrou assi por si mesmo, como por seus discipulos, principalmente doze , quem elegiu pera Apostolos. Elle mesmo pregou o Euangelho, ensinando que era elle o prometido *Messias* , e o Salvador, e que aquelles que haõ de alcançar a salvação , devem crér n'elle e converter se a Deus. Pera cujo fim tambem declarou a ley , e dos falsos comentos dos Escribas e Phariseos alimpou. Despois de subir a os ceos , mandou seus Apostolos por todo o mundo, os quaes pregáraõ a todos os homens o Euangelho e a conversão a Deus , assi com boca e com vivas vozes , como pelas escrituras e cartas, as quaes são huã grande parte do Novo Testamento. Seu *Officio Sacerdotal* administrou, quando por nossa causa n'a terra , n'õ corpo e n'alma padeceu a' pena que nos mereciamos por via de nossos pecados, e n'a madeira da cruz sendo matado, si mesmo por sacrificio de reconciliação a o Deus seu Pae por nos offereceo : e que agora entrou n'õ Lugar sanctissimo, a saber, n'os ceos, e se assentou a maõ direita do Pae, aonde esta orando por nos. Seu *Real Officio* administrou , a parte n'a terra quando

do nos livrou do poder de nossos inimigos pela sua morte, e contra o mesmo nos defende ; e quando d'isto deu huã mostra , lançando fora os espiritos immundos , e deitando fora os que vendiaõ e comprávaõ n'õ templo , e por sua Real entrada dentro de Jerusalem. A parte o administra agora ariba n'õ ceo , com sua palavra e Espirito governando sua Igreja , e contra a violencia de seus inimigos defendendo , e seus, e nossos inimigos castigando , e pondo por estrado de seus pees. E finalmente o comprirá, quando virá a juizõ , e perennamente sua Igreja glorificará , e a todos seus inimigos condenará n'a eterna morte. Este he o compendio do que n'õ Novo Testamento esta escrito , e se repartem muy bem estas escrituras do Novo Testamento, em duas partes , e n'a primeira se descrevem alguãs Historias, e n'a segunda se trataõ alguãs doutrinas da religiaõ Christã , seja que n'as Historias tambem alguãs doutrinas se declaraõ , e n'as doutrinas tambem se relataõ alguãs Historias, com tudo assi saõ distinguidas por respeito da principal materia. Os livros historicos do Novo Testamento trataõ ás cousas acontecidas, ou ás que ainda aviaõ de acontecer. As cousas acontecidas se descrevem de dous modos , a saber, as que acontecêraõ , ou do mesmo JESU CHRISTO, contidas n'õs *quatro Evangelhos, Matheo, Marco, Lucas, Joã*, ou as que saõ feitas pelos sanctos Apostolos, comprehendidas de *Lucas* n'õs *Actos dos Apostolos*. As cousas que ainde aviaõ de succeder , saõ escritas de *Joã* n'õ suo *Apocalipse*, n'õ qual he predito o estado da Igreja de *Christo*, despois de sua subida a o ceo, ate o fim do mundo. Os livros que trataõ as doutrinas, saõ *as cartas dos sanctos Apostolos*, assi do Apostolo *Paulo*, como de alguns outros. O Apostolo *Paulo* por diferentes occasioens escreve quatorze cartas, alguãs a as particulares Igrejas, a saber, a os *Romanos*, a os *Corinthios* duas, a os *Galatos, Ephesios, Philipenses, Colossenses*.

ses, e os *Theſſalonicenſes* duas. Alguãs a as peſſoas parti-
culares, com tudo, que o argumento pertence a toda Igreja.
A o *Timotheo* duas, a o *Tito* e *Philemon*, e tambem a
os *Hebreos*, da qual'carta, fora de razaõ, alguns duvidaõ
ſe de Apõſtolo *Paulo* he eſcrita. Alguns outros Apõſtolos
tambem eſcrevêraõ a as Igrejas alguãs cartas, como *Jacobo*,
Pedro duas, *Joaõ* tres, e *Judas*. Eſtes ſaõ as eſcrituras do
Teſtamento Novo, as quaes todas ſaõ eſcritas a eſte fim, pe-
raque, com o Euangelista *Jo.* cap. 20, 31. Creamos que *JESU*
he o *CRISTO* o *Filho de Deus*, e que aque crendo, tenhamos
a vida em ſeu nome.



O SAN.

Anexo E – Folha de rosto e verso da folha de rosto de O NOVO TESTAMENTO; Isto he Todos os Sacro Santcos Livros e Escritos Evangelicos

e Apostolicos do Novo Concerto do nosso Fiel Senhor Salvador Redemptor JESU CHRISTO, 1773.

Figura 9 – Folha de Rosto do Novo Testamento de 1773

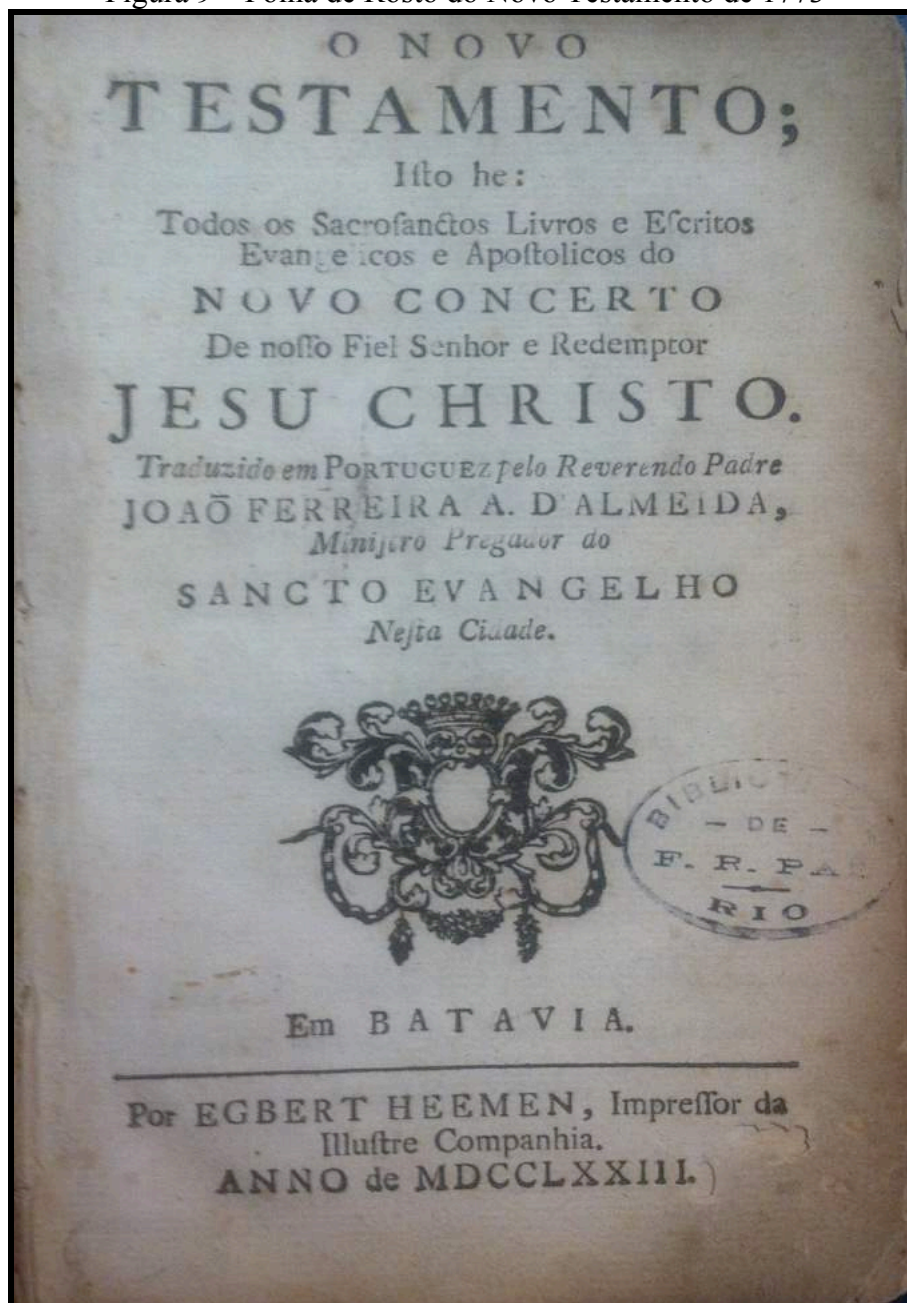


Figura 10 – Verso da Folha de Rosto do Novo Testamento de 1773

Esta Quarta Impressão
D O
NOVO TESTAMENTO

Sahe á luz por mandado e ás pro-
prias Custas

Do Illustrissimo SENHOR
PEDRO ALBERTO
VAN DER PARRA,

GOVERNADOR GERAL DA INDIA
BELGICA ORIENTAL;

Como tambem com aprovaçãõ do
REVERENDO

CONSELHO DA JGREJA
DE BATAVIA.

Sendo estes S. S. Livros de novo com toda
diligencia revistos e emendados

Por

JOAÕ MAURITS MOHR,
MINISTRO ANCIAõ DA PALAVRA DE DEUS
na mesma Cidade.

ANEXO F – Prefácio de O NOVO TESTAMENTO; Isto he Todos os Sacro Santcos Livros e Escritos Evangelicos e Apostolicos do Novo Concerto do nosso Fiel Senhor Salvador Redemptor JESU CHRISTO, 1773

Figura 11 – Prefácio do Novo Testamento de 1773

(5)
A OLEYTOR PORTUGUEZ,

Que de veras teme a Deus,
e ama sua Ley.

Finalmente em nossa Christandade Reformada apparece, e se presenta a nos huã nova Impressão, que he a quarta do *Novo Testamento* na lingua Portugueza, e que de nossos Christãos na *India Oriental* ja de muito tempo grandemente foy desejada, naõ fomite por falta de bastantes Exemplos das precedentes impressões, mas tambem por serem ellas (principalmente a primeira e terceira) enchidas de tantos e tam grosseiros erros, que a lingua e o texto Biblico de tal maneira tem affeado, que huã Edicaõ nova e emendada para melhor uso e mayor edificaçaõ das Igrejas Portuguezas absolutamente era necessãria.

A primeira Edicaõ* do *Novo Testamento* em Portuguez foy feita na cidade de *Amsterdam* em 4^{to} pela Viuva de *J. v. Zomeren*, no anno de 1681. Porem os erros que nesta impressãõ ocorrem, saõ quasi innumeraveis, por naõ aver quem, na lingua Portugueza bem visto, entãõ a ella affilia como Corrector, pera rever as Provas ou as impressas primeiras folhas, e emendar suas erratas, como convinha: do que o Reverendo Traductõr desta Versãõ muito se queixou na sua advertencia, que publicou em *Batavia* a o

1. de Janeiro de 1683, e com a qual vae acompanhado hum Indice muy largo de mais que mil erros, sem contar aquelles que pelo Reverendo *Ferreira* mesmo não foraõ marcados, e que o numero de mil mais que huã vez sobrepassãõ.

A segunda Edição do *Novo Testamento* Portuguez foy feita nesta cidade de *Batavia* em 4^{to} por *Joaõ de Vries* em 1693, tendo com a aprovação do Reverendo *Conselho Ecclesiastico* revista e emendada pelos Reverendos Senhores *Theodoro Zas* e *Jacobo op den Akker*.

Postoque esta impressão seja mais limpa que a primeira e terceira, com tudo nella ainda occorrem faltas e erratas em grande numero, que necessariamente devião remediarse em hua quarta ou nova impressão, como isso do Reverendo Senhor *Nicolao Dal*, Missionario anciãõ em *Trangambar*, muy bem foy considerado em sua carta, acerca disso a my em 1744. escrita; em que se diz:

„ De huã carta que sua Illustrissima nos escreveo, parece, que o *Novo Testamento* Portuguez se ha de imprimir outra vez.
 „ Se isto he assim, os verbos, que na impressão de *Batavia* de 1693 foraõ postos no cabo, devião ser restituídos a seu lugar natural, como estaõ postos na impressão de *Amsterdam* de 1681. Assim o fazemos nos livros do Velho Testamento; pois o lançar os verbos a o cabo, faz o sentido obscuro a hum *Leytor* Portuguez. Não
 „ sabe-

„ sabemos por que motivo o R. P. *Joaõ Ferreira* foy induzido nos ultimos annos de sua vida, a fazer esta novidade no estylo Portuguez. O celebre *Lexicographo* D. *Raphaël Bluteau* diz em seu *Vocabulario*: *Fallar com o verbo no cabo, he elegancia, mas vilicula, quando affectada.* Na impressão do *Novo Testamento* de *Batavia* ha varios erros da estampa, que não se ficeis de conhecer.

Ainda he duvidoso, se esta mudança e novidade no estylo Portuguez do N. T. foy feita pelo Reverendo *Ferreira* mesmo como Traductor, ou pelos Senhores Revedores e Correctores desta Versãõ. Entremettes muy certo he, que este estylo d'pravado, e a viciosa contrução de palavras, tam frequentes são no Texto Biblico desta segunda impressão, que ellas em todas as partes occorrem, e quasi em qualquer verso em que *Verbos* ha.

A terceira Impressãõ do *Novo Testamento* na lingua Portugueza foy feita em *Amsterdam* na forma de 8^{vo} por *Joaõ Crellius*, no anno de 1711. Por não aver tambem quem a ella assistia como Corrector, as faltas e erratas della tambem não pouco foraõ multiplicadas. postoque ellas de quantuade e qualidade sejam hum pouco menos que as da primeira Edição, a qual desta pola mayor parte he imitada.

E assi claro he, que nenhuma destas tres
 Edi-

Edições podia servir de Modelo ou de Copia na Officina dos impressores, para dar à estampa e ser imitada, sem se fazerem nella tantas e tam grandes mudanças e emendas, quantas foram necessarias a remediar as faltas e erratas, contra o *Estilo*, *Orthographia*, *Phrasologia* e *Construção* da lingua Portugueza, e ás vezes contra o sagrado *Texto* mesmo cometidas: com muitas *enormidades* no sentido, *impropriedades* na lingua, *Belgismos* ou modos de fallar Belgicos, que o *estilo* e a lingua muito deslustram: as erratas de *letras*, *ris*, *virgulas*, *pontos* e *acentos*, faltos ou superfluos, e que muitas vezes se poem, aonde por se não deviam, são de hum muy grande numero. Tambem em todas estas tres Edições não ha pequeno numero de *verbos*, *nomes* e *particulas*, de que se usa superfluamente, como principalmente do Verbo substantivo *sou*, *es*, *he* &c. muitas vezes a o contrario elles faltam. Outro grande mal dellas he, que o *estilo* e a *construção* por todo o *Novo Testamento* em geral, e particularmente em os *passos parallellos* delle, não he uniforme nem constante, mas variavel e diferente consigo. Tambem na Edição de 1693. (naõ sey por quem) se fizeram muitas *mudanças arbitrias* contra o *estilo* e *costumado*; e nella ás vezes se segue a primeira de 1681. juntamente com todas as suas faltas e erratas sem differença: donde procedeo, que o *estilo* e a *construção* della em muitos

muitos lugares he mais peyor que em as outras duas. As de mais erratas, tem apontadas aqui, em silencio passo.

E assi destas tres antigas e tam mal condicionadas Edições devia formar-se huã nova e em tudo emendada, que possa satisfizer a o intento e desejo do Leitor Christiano. Hum tal serviço necessariamente devia custar muito trabalho, e tambem gastar muito tempo, para ser executado como convem. Huã nova Revista e collação destes S. S. Livros com o *Texto* original, sem duvida era o primeiro e principal requisito para isto, o que tambem em casos duvidosos observei constantemente; avendo tambem em semelhantes casos ás vezes consultado as Versões de outras linguas, e entre ellas a nova Versão *Hollandoza* ou *Belgica* de 1618 & 1619. a Versão *Alemã* de *Luthero*, e a *Castelhana* de *Cyriano de Valera* de 1602. da qual (como tambem da *Belgica*) o Reverendo Traductor usou frequente e felizmente, por merecerem ellas entre as melhores o primeiro lugar. A *uniformidade* do *estilo* no Velho e no Novo Testamento, a *construção* Portugueza, e o restituir dos *Verbos* a seu lugar natural, era não menos preciso para ser observado nesta nova impressão. As *palavras*, *particulas*, *letras*, *pontos*, *acentos* &c. que faltavam por omissões, ou que eram superfluos e mal postos, emendei do mesmo modo; e assi tambem o fiz com os de mais. Entre

as feitas mudanças na segunda impressão de 1693. também notar-se deve, que o estylo e texto com as dicç ões das outras duas (especialmente da terceira de 1712.) muitas vezes foy preferido como melhor; e que as notas e dicç ões marginaes, pela mesma razão ás vezes furaõ preferidas sobre o Texto mesmo. De tudo isto o Leytor Christão devia informar-se primeiramente.

Avendo assi feito todas as necessarias mudanças e emendas nesta nova impressão, ella jahe à luz tal qual he; nao quero dizer, totalmente pura e limpa de todos os erros (porque huã tal Edição do *Velho* nem do *Novo Testamento* ainda nao apparece em nenhum Idioma mesmo) porêm purgada de todos aquelles, que podião offender o olho e a attenção dos Leytores. O que agora de minha parte nisto se tenha feito, julgue o discreto Leytor mesmo, o qual conterindo esta impressão com as precedentes, facilmente ha de descobrir a differença que he entre dous. Entrementes ella tem hum inconveniente nao pequeno, causado pela letra gasta, com que nao só o *Novo*, mas tambem todo o *Velho Testamento* annos ha foy estampado, com outros escritos mais; donde ella por hum uso longo de muitos annos perdeu muito da sua primeira limpeza e qualidade, de bem exprimer as figuras dos seus caracteres; o que nao pouco distruy a obra, e offende mesmo a lição prompta dos menõs

excrc-

exercitados na lingua. Por nao aver nova letra em nossa officina, este mal na presente impressão nao podia ser evitado.

Tocante a forma deste *Novo Testamento*, ella em tudo he a mesma com a do *Velho Testamento* Portuguez, o que ás custas da Illustra Companhia *Hollandeza* no *Seminario* foy impresso, e do que o primeiro Tomo appareceu no anno de 1748, e o segundo em 1753. Na revista e collação do *Trellado* manuscrito com o Texto original fuy ajudado por hum Collega, mas a correccão delle e a das provas foy feita por my só, o que durou nove annos.

O de mais que he preciso para aviso de nossos Leytores, toca a favoravel disposiçãõ, pela que o *Illustrissimo Senhor PEDRO ALBERTO van der PARRA*, em tomando felizmente o Governo geral destas Terras, foy induzido a ordenar huã nova impressão dos S. S. Livros do *Novo Testamento* ás proprias custas, e carregar me no mesmo tempo com a necessaria revista e correccão desta obra, o que tomei de boamente. Entre tanto muito me pety, de que esta obra tam util teve hum successo menos prospero, de nao acabar-se a teu tempo ordinario, e que ella durou tantos annos.

Differentes obstaculos e embaraços tem causado esta tardança: a morte que de entre nos leva muita gente, mais vezes privou a nossa officina dos seus impressores e compo-

sito-

fitores, sem aver quem nella assistia: os que ficão com vida, neste clima inclemente de ordinario são vagarosos no convalecer, e por diurnas doenças ficão incapazes no serviço.

Hum accidente muy molesto de Vigia demasiada, e de não poder dormir, sobreveyo a my mesmo, o que muito me agravou nestes dez ultimos annos, e o que ainda me agrava cada dia. Por este mal a tardança deste serviço tambem foy causada da minha parte, e assi eu mesmo não fiquei sem culpa nito. Com tudo não posso dissimular, que esta *Revista* de todo, e especialmente a *correção das provas*, para my era mais difficil que a de todo o *Velho Testamento* mesmo, e que ella tambem levou mais tempo, por serem estas *provas* de ordinario tam viciadas e tam cheas de erros, que o numero delles em huã unica chegou até muitos centos; o que a os compositores e impressores menos exercitados e incapazes avia de imputar-se. De tudo isto o *Leytor* Caristaõ tambem não devia ser ignorante.

E assi esta emendada impressão do *Novo Testamento* sahe à luz por mandado e ás proprias custas da sua *Illustrissima*; pera ser distribuida de graça entre os membros da muy numerosa Igreja Portugueza desta cidade, para uso e util edificação de todos os verdadeiros amadores do *Evangelho* de *Christo*, e desta doutrina Evangelica da graça divina, tam pura e sancta, quam perfeita e precisa para

para salvação. Propagar a tal Religião de qualquer modo conveniente entre os povos da Terra, sem duvida he a acção mais gloriosa dos que governaõ a elles; pois pera ser a Religião do mundo, ella de Deus mesmo foy revelada do Ceo annunciada por Christo na Terra, e confirmada por sua propria morte; pola que o mundo mesmo foy feito, e ainda se conserva. Ella não sómente contem em si o supremo e mais glorioso fim acertado do Criador em suas obras (a gloria de teu sanctissimo Nome e a nossa salvação) mas ella tambem a seus amadores encaminha para o summo bem, e lhes traz todas as felicidades do ceo e da terra, temporal e eternamente; pois conhecer a Deus, he a summa sabedoria, e servilo a summa felicidade. Desta maneira os Christaõs em geral (que tem recebido huã tal Revelação) satisfazem às obrigações da tua Chrittandade, porèm principalmente e em particular iloutros, a os quaes a Providencia encarregou o governo daquellas terras e povos, que com evidente risco de perder suas vidas e felicidades eternas, ainda affastados andão de Deus, e de seu Culto glorioso; aquella infeliz sorte de gente (Mouros e Genticos) que não mais conhecem a hediondez da sua Religião, que a sanctidade da nossa; e os que ainda estaõ assentados em as trevas da ignorancia e da superstição, como na sombra da morte.

Pois com muito direito se considera este nego-

go.

gocio (de propagar huã tal Religião) como o mais digno e decente de todos os negocios humanos debaixo do sol; em que a Criatura racional descobre o lustre divino do seu Criador, Conservador, e Redemptor; e por isso mesmo efficaçmente se induz a o seu Culto bemditofo, na esperança da vida eterna. Qualquer de nos, que está morando e conversando com os Indios e povos Orientaes, de-ia e podia facilmente saber, qual seja sua obrigação nisto; a saber, andar honestamente entre elles, sem em seu trato com elles, para desdouro do Nome Christão, atender mais ás razões do lucro e propria conveniencia, que a os interesses da gloria de Deus, e da salvação do proximo: pera que esta obra da conversão dos povos não venha a ser retardada ou impedida por nossa inercia e peccados, mas que ella de veras e com incansavel trabalho de nos seja intentada nestes ultimos dias da graça divina; considerando a nos mesmos como instrumentos felizes neste serviço, por cumprimos assi não sómente a palavra das Prophcias e o pio desejo da Igreja, mas também as partes principaes do nosso officio Christão, que he propagar a fé de Christo nestas Terras, para o que ellas pe-los Christãos foraõ conquistadas: em que caso a Illustre Nação e Companhia Hollandeza goza tanta preminencia, quanta nenhuma outra. Polo que ella também não deixou de render seu piedoso affecto a este sanc-

to negocio em seus Estados e Senhorios da India, desde que os tem occupado; como consta das notaveis despezas, que de tempo a tempo para isso fez de tal sorte, que as Escrituras S. ja de muito tempo nelles impressas estaõ nas linguas dos *Portuguez's*, *Malayos*, *Cingales*, e *Malabares*; o que confiamos ser bem aceyto em toda a Christandade, aonde o nome do seu Autor divino he venerado.

Por onde também na Igreja de Deus ainda se conserva a agradecida memoria de tantos illustres Varoẽs, quantos em differente tempo este negocio de veras e com successo emprenderão na Europa e na Asia, pera dilatar o Reyno de Christo em todas as partes do mundo entre udeos e Gentios, segundo era prediado pellos Prophetas.

Como ministro anciao do Evangelho nesta Igreja e Cidade (na qual ago a ja por trinta e seis annos trabalhei) e como Corrector desta Edição nova, eu por minha parte, como também no nome de meus Collegas e de toda a Christandade Portugueza, com estas publicamente declaro o devido agradecimento a nosso Illustrissimo e supremo Governador por este Dom tam precioso, com que benignamente enriqueceo a nossa Igreja, e do que tua generosa e caritativa liberalidade engrandece seu Louvor, de si benemerito na menos no Serviço de Deus, que em o da Companhia.

Quando a my mesmo, bem me darei por ga-
lardado nelle meu trabalho, se no fim delle
chegarei a colher o fruto desejado, a gloria
de Deus e a edificação de meu proximo: ro-
gando a Deus, que sua Sancta Magestade se-
ja servida, de abençoar esta obra em seu
principio e no fim, a que não somente sirva
de remedio efficaz contra os embustes de
Mafoma e do Antichristo no Oriente, senão
tambem para se confirmarem os nossos Chris-
tãos na fé, que lhes foy entregada; e pera-
que ella seja hum instrumento feliz, de ef-
feituvar a salvação de muitos entre Judeos e
Gentios. Tu pois, Leytor pio! esquadri-
ha estas Escrituras, e medita nellas dia e noi-
te; rogando a Deus com nosco, que sua sanc-
ta Religião mais e mais se engrandeça sobre
todas as outras, semelhante á vara de Aaron,
que tornada em dragão, tragou as dos Ma-
gos; até que somente aja hum Rebanho e
hum Pastor, e todos os cabos da terra te-
maõ a nosso Deus. Deus te guarde!

BATAVIA a os XXI. de Dezembro
MDCCLXXIII.

JOÃO MAURITS MOHR

Ministro da Palavra de Deus na Igre-
ja Portugueza; e Membro da
Sociedade Hollandeza das
Sciencias de *Haarlem*.

Transcrição do prefácio do NT de 1773

Ao Leytor portuguez, que de veras teme a Deus, e ama tua Ley.

Finalmente em nossa Cristandade Reformada aparece, e se presenta a nos huã nova Impressão tanto representa nós huã nova Impressão, que é aumento na língua portugueza, e que de nossos Cristãos na India Oriental já de muito tempo grandemente foi desejada, não somente por falta de bastantes Exemplares das precedentes de impressões, mas tambem por serem elas (principalmente a primeira e terceira enchidas de tantos e tantos grosseiros erros, que a língua e o texto Bíblico de tal maneira tem afetado, que huã Edição nova e emendada para o melhor uso maior edificação das Igrejas Portuguezas absolutamente necessária.

A primeira edição do Novo Testamento em língua Portugueza foi feita na cidade de Amsterdam pela viúva de F. V. Zomerem, porém os erros que nessa impressão, são quase inumeráveis inumeráveis por não haver na língua portugueza bem visto e entã a ela feita como corretor para rever as provas ou as impressas primeiras folhas emendar suas erradas como convinha do que o Reverendo tradutor desta versaõ muy se queixou na sua advertência que publicou em batávia a o primeiro de janeiro de 1683 e com a qual vai acompanhado um índice muy largo de mais de 1000 erros sem contar aqueles que pelo Reverendo Ferreira mesmo não foram marcados e que o número de 1000 mais que huã vez se sobrepassam.

A segunda edição do novo testamento portuguez foi feita nesta cidade de batalha em quarto de século por João devires em 1693 tendo com aprovaçã do Reverendo Conselho clesia Chico revista e emendado pelos Reverendos senhores Theodoro Zas e Jacob op den Akker.

Posto que essa impressão seja mais linda que a primeira e terceira com tudo nela ainda ocorrem faltas e erradas em grande número que necessariamente deviam remediar se em huã quarta ou nova impressão, como isso do Reverendo Senhor Nicolau Dal, Missionário anciaõ em Trangambar, muy foi considerado em sua carta acerca disso a mim em 1644 escrita em que diz

" De huã carta que sua Ilustríssima nos escrevo parece que o Novo Testamento portuguez EAD imprimir outra vez se isso é assim os verbos que na impressão de batalha de 1693 foram postos no cabo deviam ser restituídos a seu lugar natural como estão postos na impressão de Amsterdam em 1681. Assim o fazemos nos livros do velho testamento pois eu lançar os verbos ao cabo faz o sentido escuro ao leitor portuguez não sabemos por que motivo o Reverendo João Ferreira foi induzido nos últimos anos de sua vida a fazer essa novidade no estilo portuguez o celebra lexicógrafo Rafael Brito dizem teu vocabulário falar com verbo no

cabo é elegância mais ridícula quando afetado na impressão do novo testamento de batalha a vários reinos de estampas que são fáceis de conhecer. "

Ainda é duvidoso se essa mudança sem novidade no estilo portugueza Novo Testamento foi feita pelo Reverendo ferreira mesmo como tradutor ou pelos senhores revisores e corretores dessa versão entrementes muy certo é que este estilo de fala palavreado e a viciosa construção de palavras tam frequentes são no texto bíblico desta desta segunda impressão que elas em todas as partes ocorre em quase em qualquer verbo em que verbos há.

A terceira impressão do novo testamento na língua portugueza foi feita em Amsterdam na forma de oitavo por João Grêmio no ano de 1712 por não haver Também quem é ela assistia como corretor a falta de erradas ela também não pouco foram multiplicados por isso que elas de quantidade e qualidade seja um pouco menos que a da primeira edição atual desta pela maior parte é imitada.

E assim claro é que nenhuma dessas três edições podia servir de modelo ou de cópia na oficina dos impressores pena dar a estampa e ter imitado sem se fazer em meio a tantos e tam grandes mudanças e emendas Quantos foram necessárias a remediar as calças erradas contra o estilo ortografia fraseologia e construção da língua portugueza e às vezes contra o sagrado texto mesmo cometidas com muitas novidades no sentido impropriedades na língua belges mudou modo de falar Bélgica que o estilo e a língua muy deslustra haver rato de letras de vírgulas pontos e acentos salto outro perfil e que muitas vezes se põe aonde for se não deviam são de um grande número também em todas as suas três edições não é pequeno número de verbos nomes e partículas de que sim USA superficialmente e como principalmente do verbo substantivo sou eu e muitas vezes o contrário eles faltam outro grande mal delas é que o estilo e a construção por todo o novo testamento em geral e particularmente em uso passa os paralelos vezes não é uniforme em constante mas variável diferente consigo também na edição de 1693 não sei por quem se fizeram muitas mudanças arbitrários quanto estilo contudo e nelas às vezes se fosse a primeira de 1681 juntamente com todas as suas faltas errado sem diferença de proceder que o estilo e construção dela em muy lugares é mais pior que em as outras duas as demais erradas tem apontadas aqui em silêncio passo.

E assim destas edições devia formarsse huã nova e em udo emendada, que possa satisfazer ao intento e desejo do leitor cristao. Um tal serviço necessariamente devia custar muy trabalho, para ser executado como convém. Huã nova revista e collação destes S. S. Livros com o Texto original, sem dúvida era o primeiro e principal requisite para isso, o que

também em casos duvidosos observei constantemente; havendo também em semelhantes casos às vezes consultado as versões de outras línguas, e entre elas a nova versão holandesa ou belgica de 1618 & 1619 a versão alemã de Lutero, e a casteliana de Cypriano de Valera de 1602, da qual (como também da belgica) o Reverendo Traductor usou frequentemente e felizmente, por merecerem alas entre as melhores o primeiro lugar. A uniformidade do estilo no Velho e no Novo Testamento, a construção portugueza, e o restituir dos verbos a seu lugar natural, era não menos preciso para ter observado nesta nova impressãõ. As palavras, partículas, letras, pontos, acentos e etc, que faltavam por omisãõ, ou que eram supérfluos e mal postos, emendei do mesmo modo; e assim também o fiz com os demais. Entre as feitas mudanças na segunda impressãõ de 1693 também notarse deve, que o estilo e texto com as dicções das outras duas (especialmente é da terceira de 1712.) muitas vezes foi preferido como melhor; e que as notas e dicções marginaes pela mesma razão às vezes foram preferidas sobre o texto mesmo. De tudo isto o leitor christãõs devia informasse primeiramente.

Havendo assim feito todas as necessárias mudanças e emendas nesta nova impressãõ, ela sai à luz qual é; não quero dizer, totalmente pura e limpa de todos os erros (porque huã ediçãõ do Velho nem do Novo Testamento ainda não aparecem em nenhum idioma mesmo) porém purgada de todos aquelles, que podiam ofender o olho e a atençãõ dos leitores. O que agora de minha parte nisto tenha feito, julgue o discreto leitor mesmo, o queal conferindo esta impressãõ com as precedentes, facilmente há de descobrir a diferença que há entre as duas [he entre dous]. Entrementes ela tem um inconveniente não pequeno causado pela letra gastada, com que não só o Novo, mas também todo o Velho Testamento [o anos] há foi estampado, com outros escritos mais; donde elas por um uso longo de muy anos perdeu muy da sua primeira limpeza e qualidade, de bem exprimir as figuras dos seus caracteres; o que não pouco [deslutra] a obra, e ofende mesmo a liçãõ [prompta]dos menos exercitados na língua. Por não haver nova letra em nossa officina, este mal para presente impressãõ não podia ser evitado.

Tocante a forma deste Novo Testamento, ela em tudo é a mesma com a do Velho Testamento Portuguez, o que às custas da Ilustre Companhia Holandesa no Seminário foi impresso, e do que o primeiro Tomo apareceu no ano de 1748, e o segundo em 1753. Na revista e colaçãõ do Tratado manuscrito com o texto original fui ajudado por um colega, mas a correçãõ dele e das provas foi feita por mim só, o que durou nove anos.

O demais que é preciso para aviso de nossos leitores, toca a favorável disposiçãõ, pela que o Ilustrissimo Senhor Pedro Alberto van der Parra, em tomando felizmente o Governo

geral destas Terras, foi induzido a ordenar huã nova impressã dos S. S. Livros do Novo Testamento ás proprias custas, e carregar me no mesmo tempo com a necessária revista e correção desta obra, o que tomei de boamente. Entretanto muito me pesa, de que esta obra tão útil teve um successo menos prospero, de não acabarse (ser acabada) a seu tempo ordinário, e que ela durou tantos anos.

Diferentes obstáculos e embaraços tem causado esta tardança: a morte de que entre nos leva muita gente, mais vezes privou a nossa officina dos seus impressores e compositores, sem haver quem nela assistia: os que ficam com vida, neste clima inclemente de ordinário são vagarosos no convalescer, e por diurnas doenças ficam incapazes no serviço.

Um acidente muito molesto de Vigia demasiada, e de não poder dormir, sobreveio a mim mesmo, o que muito me agravou nestes dez últimos anos, e o que ainda agrava cada dia. por este mal a tardança deste serviço também foi causada da minha parte, e assim eu mesmo não fiquei sem culpa nisso. Com tudo não posso dissimular, que esta Revista de todo, e especialmente a *correção das provas*, para mim era mais difícil que a de todo o *Velho Testamento* mesmo, e que ela também levou mais tempo, por serem estas provas de ordinário tão viciosas e tão cheias de erros, que o número deles em huã única chegou até muitos centos; o que a os compositores e impressores menos exercitados e incapazes havia de imputarse [de ser imputado]. De tudo isto o leitor cristão também não devia ser ignorante.

E assim esta emendada impressã do *Novo Testamento* fahe [faz-se] à luz por mandado e ás próprias custas da sua *Ilustríssima*; para ser distribuída de graça entre os membros da muito numerosa Igreja Portugueza desta cidade, para uso e util edificação de todos os verdadeiros amadores do Evangelho de *Cristo*, e desta doutrina do Evangelho d graça divina, tão pura e sancta, quão perfeita e precisa para salvação. Propagar a tal religião de qualquer modo conveniente entre os povos da Terra, sem duvida é a acção mais floriosa dos que governara, a eles; pois para religião do mundo, ela de Deus mesmo foi revelada do Ceu anunciada por Christo na Terra, e confirmada por sua propria morte; pola que o mundo mesmo foi feito, e ainda se conserva. Ela não sómente contem em si o supremo e mais glorioso fim caertado do Criador em suas obras (a gloria de seu sanctissimo Nome e a nossa salvação) mas ela também a seus seus amadores encaminha para o sumo bem, e lhes traz todas as felicidades do ceu e da terra, temporal e eternamente; pois conhecer a Deus, é a suma sabedoria, e servilo a suma felicidade. Desta maneira os Christãos em geral (que tem recebido huã tal Revelação) satisfazem às obrigações da sua Christandade, porém principalmente e em particular illustres, a os quais a Providencia encarregou o govveno daquelas terras e povos,

que com evidente risco de perder suas vidas e felicidades eternas, ainda afastados andam de Deus, e de seu Culto glorioso; aquela infeliz sorte de gente (Mouros e Gentios) que não mais conhecem a hediondez da sua Religião, que a sanctidade da nossa; e os que ainda estão assentados em as trevas da ignorância e da supertição, como na sombra da morte.

Pois com muito direito se considera este negocio (de propagar huã tal Religião) como o mais digno e decente de todos os negócios humanos debaixo do sol; em que a Criatura racional descobre o lustre divino do seu Criador, Conservador, e Redemptor; e por isso mesmo eficazmente se induz a o seu Culto bemdito, na esperança da vida eterna. Qualquer de nos, que está morando e conversando com os Indios e povos Orientaes, devia e podia facilmente saber, qual seja a sua obrigação nisto; a saber, andar honestamente entre eles, sem em teu trato com eles, para desdouro do Nome Christaõ, atender mais as razões do lucro e propria conveniencia, que a os interesses da gloria de Deus, e da salvação do proximo: paraque esta obra da conersaõ dos povos não venha a ser retardada ou impedida por nossa inercia e oeados, mas que ela de veras e com incançavel trabalho de nos seja intentada nestes últimos dias da graça divina; considerando a nos mesmos como instrumentos felizes neste serviço, por comprimirmos assim a não somente a palavra das Prophecias e o pio desejo da Igreja, mas também as partes principaes do nosso officio Christaõ, que é propagar a fé de Christo nestas Terras, para que elas pelos Christaõs foram conquistadas: em que caso a Ilustre Nação e Companhia Holandeza goza tanta preminencia, quanta nenhuma outra. Pelo que ela também não deixou de render seu piedoso afeco e aeste sancto negocio em seus Estados e Senhorios da India, desde que os tem ocupado; como consta da notáveis despesas, que de tempo a tempo para isso fez de tal sorte, que as Escrituras S. Já de muito tempo neles impressas estão nas lingoas dos *Portuguezes, Malayos, Chingalas, Malabares*; o que confiamos ser bem aceyto em toda a Christandade, aonde o nome do seu Autor divino é venerado.

Por onde também na Igreja de Deus ainda se considerava ainda se conserva a agradecida memoria de tantos illustres Varões, quantos em diferente tempo este negocio de veras e com sucesso empreenderam na Europa ena Asia, para dilatar o Reyno de Christo em todas as partes do mundo entre judeos e Gentios, segundo era prediçoado pelos Prophetas.

Como ministro anciaõ do Evangelho nesta Igreja e Cidade (na qual agora ja por trinta e seis annos trabalhei) e como Corrector desta Ediçaõ nova, eu por minha parte, como também no nome de meus Collegas e de toda Christandade Portugueza, com estas publicamente declaro o devido agradecimento a nosso ilustríssimo e supremo Governador por

este Dom tam precioso, com que benignamente enriqueceo a nossa Igreja, e do que a sua generosa e criativa liberdade engrandece seu Louvor, de ser benemérito na menos no Serviço de Deus, que em o da Companhia.

Quanto a my mesmo, bem me darei por gardoando neste meu trabalho, se no fim dele chegarei a colher o fruto desejado, a gloria de Deus e a edificação de meu proximo: rogando a Deus, que sua Sancta Magestade seja servida, de abençoar esta obra em seu principio e no fim, a que não somente sirva de remédio eficaz contra os embustes de Masoma e do Antichristo no Oriente, senão tambem para se confirmarem os nossos Christaões na fé, que lhes foy y entregada; e pera que ella seja hum instrumento feliz, de efeituar a salvação de muitos entre Judeos e Gentios. Tu pois, Leytor pio! Esquadrinha estas Escrituras, e medita nelas dia e de noite; rogando a Deus com nosco que sua sancta Religiaõ mais e mais se engrandeça sobre todas as outras, semelhante á vara de Aaron, que tornada em dragaõ, tragou as dos Magos; até que somente aja hum Rebanho e hum Pastor, e todos os cabos da terra temaõ a nosso Deus. Deus te guarde!

BATAVIA A OS XXVI DE DESEMBRO
MDCCLXXIII.

JOAÕ MAURITS MOHR

Ministro da Palavra de Deus na Igreja Portugueza; e Membro da
Sociedade Hollandeza das
Scienciasde *Haarlem*.

Anexo G – Transcrição da notas entre parênteses e colchetes do Evangelho de João de O NOVO TESTAMENTO; Isto he Todos os Sacro Santcos Livros e

Escritos Evangelicos e Apostolicos do Novo Concerto do nosso Fiel Senhor Salvador Redemptor IESU CHRISTO, 1681.

1. Capitulo 1

8	não era ele a luz mas [era enviado] Será que desse testemunho da Luz
12	mas todos a quantos receberam lisbel potestade da serem filhos de Deus convem a saber aonde querem seu nome creme os quais não são gerados de sangue nem da vontade da Carne nem da vontade de varão senão de Deus e aquela palavra encarnou e habitou entre nós outros e vimos sua glória glória como unigênito do pai cheio de graça e de verdade
18	a Deus nunca ninguém ouviu unigênito filho que está na regaço do pai ele [nolo] declarou
36	e vender [por ali] andar a Jesus disse veja aqui o cordeiro de Deus
39	“... rabbi, (que declarado quer dizer, mestre) que buscais e eles me disseram rabbi que declarado quer dizer mestre Onde moras
46	[aquelle] [a saber] 46 Felipe achou a Natanael e disse-lhe achava vendo aquele de quem Moisés na lei escreveu e os profetas a saber a Jesus o filho de José de Nazaré

2. Capitulo 2

9	a agoa feita de vinho (e não sabia d’onde era, porem os servidores, que a agora avião tirado, o sabiaõ)
10	E disselhe: Todo homem põem primeiro o bom vinho, e quando ja aviam bem bebido, entonces o que he peor: [<i>Mas</i>] tu huardaste o bom vinho té agora.
11	Este principio de finas fez Jesus em Cana de Galilea, e manifestou sua gloria, e crêraõ seus dscipulos nelle.
14	E achou no Templo a os que vendiaõ boys, e ovelhas, e pombas, e a cambiadores [<i>ali</i>] assentados.
16	E a os que vendiaõ as pombas disse: tira d’aqui isto e não faças de ^a venda, a casa de meo Pae. <small>a ou, mercado.</small>

3. Capitulo 3

13	E ninguém a o Ceo sábio, senão o que d’o ceo descendeo; [a saber] o filho d’o homem, que está no Ceo.
34	Porque aquelle que Deus enviou, as palavras de Deus fala; porque não [lhe] dá Deus o Espirito por medida.

4. Capitulo 4

2	(Ainda que Jesus mesmo não bautizava, senão seus discípulos.)
---	---------------------------------------------------------------

6	E estava ali a fonte de Joseph; Jesus, pois, cansado do caminho, se assentou assi a par da fonte: Era isto quasi ás ^a seis horas. A Ou, meio dia.
8	(Porque seus discípulos eraõ idos á cidade a comparar de comer.)
9	E a mulher Samaritana lhe disse: Como, sendo tu, kudeo, me pedes a my de beber, que sou mulher Samaritana? (porque os Judeos não se comunicaõ com os Samaritanos.)
23	Porem a hora vem, e agora he, quando os verdadeiros adoradores a o Pae adoraraõem espirito e em verdade: Porque tambem o Pae a taes busca que o [assi] adorem.
42	E didiaõ á mulher: Ja não cremos por teu dito; porque nos mesmos [o] temos ouvido, e sabemos que verdadeiramente este he o salvador do mundo, o Christo.
46	_____ : E estava ali hum a da corte del Rey, cujo filho estava ^a enfermo em Capernaum. ^a ou, relago.
53	O pae, entonces, entendeo que aquella [era] mesma hora, quando Jesus lhe disse: Teu filho vive. E creo ele e toda sua casa:

5. Capítulo 5

2	E estava em Hierusalem, [á porta] das ovelhas h̃u tanque, que em Hebreo se chama Bethasda, o qual tem cinco alpendres.
15	Foi [entaõ] aquelle homem, e deu aviso a os Judeos, que Jesus era o que tinha sarado
17	E Jesus lhes respondeo: Meu Pae ate agora esta obrando, e eu [tambem] obro.

6. Capítulo 6

1	Passadas estas cousas, passouse Jesus da outra bando do mar de Galilea, que he o [mar] de Tiberias.
6	(Mas isto dizia atentando o; porque bem sabia elle o que avia de fazer.)
8	Disselhe hum de seus discípulos [a saber] Andre, irmão de Simaõ Pedro:
27	Trabalhae, não [pola] comida que perece, mas [pola] comida que pera vida eterna permanece, aqual o Filho do homem vos dará: Porque a este assinalou deus Pae.
52	Entonces os judeos contendiaõ entre si, dizendo, como nos pode este dar [sua] carne a comer?
57	Assi como Pae vivente me enviou, e eu vivo pelo Pae; [assi tambe,] quem a my me comer, tambem por my ha de viver.
60	E muitos de seus discipulos, ouvindo [isto,] disseraõ: Dura he esta palavra; e quem pode ouvir?
62	Pois [que será] se virdes a o Filho do homem, sobir a onde estava pirmeiro?

7. Capítulo

17	Quem quiser fazer sua vontade, da mesma doutrina conhecerá, se vem de Deus, [ou] te fallo de my mesmo.
22	Por isso; Moyses vos deu a circuncisaõ (não porque de Moyses seja, mas dos paes:) e no Sabado circuncidaes a o homem.
34	Buscarmeheis, e não [me] achareis; e a onde eu estiver, vosoutros não podeis vir.
36	Que dito he este que disse: Buscarmeheis, e não [me] achareis; a eaonde eu

	estiver, vosoutros naõ podeis vir?
39	(E isto disse elle do Espirito que aviaõ de receber aquelles que nelle cressem : Porque ainda o Espirito sancto naõ era, por quanto ainda Jesus naõ era glorificado.)
50	Disselhes Nicodemus (o que a elle de noite viera, que era hum deles.)

8. Capítulo 8

9	Ouvindo pois eles [isto,] e redarguidos da consciencia, foraõ se saindo hum a hum, começndo dos mais velhos até os derradeiros, e ficou so Jesus, e a mulher que no meio estava.
28	Disse lhes pois Jesus: Quando levantardes a o Filho do homem, entaõ entendereis que eu o sou, e [que] nada faço de my mesmo: Mas isto digo assi como o Pae me ensinou.
41	Vosoutros fazeis as obras de vosso pae. Disseraõ lhe pois: nosoutros naõ fomos nacidos de fornicacaõ; hum Pae temos, [a saber] Deus.
43	Porque naõ reconheceis minha lingoagem? [he] poruqnato naõ podeis ouvir minha palavra.
44	Vosoutros de pae diabo dois, e os desejos de vosso pae quereis cumprir: Elle homicida foi desdo principio, enaõ permaneceu na verdade ; porque naõ ha verdade nelle ; quando fala mentira, desi próprio fala : Porque he mentiroso, e pae [da mentira.]
45	Porem a my, que [vos] digo a verdade, naõ me credes.
56	Abraham vosso pae se alegrou com desejo de ver meu dia; e vio [o,] e alegrouse.

9. Capítulo 9

3	Respondeo Jesus : Nem este peccou, nem seus paes; mas [isto sucedeu] peraque as obras de Deus nelle se manifestem.
7	E disselle: Vae, lavate no tanque de Siloe , (que declarado, significa, enviado) foi pois, e lavouse; e tornou vendo.
13	Leváraõ a o que dantes [avia sido] cego a os Phariseos.
17	Tornaõ [pois] a dizer a o cego : tu que dizes dquelle que te abrio os olhos? E elle disse: que he Propheta.
40	E ouviraõ isto [alguns] dos Phariseos, que com elle estavaõ; e disseraõlhe :fomos nosoutros tambem cegos?

10. Capítulo 10

12	Mas o ^a jornaleiro, e que naõ he o pastor, cujas naõ saõ proprias as ovelhas, vé vir a o lobo, e deixa as ovelhas, e foge: e o lobo arrebatada e dissepa as ovelhas. ^a Ou, mercenário.
15	Como o Pae me conhece a my, [assi] conheço eu a o Pae e minha vida polas ovelhas ponho.
35	Pois se [a ley] a aquelles chamou deuzes, a quem a palavra de Deus era encaminhada, e a Escritura naõ pode ser quebrantada:
36	[Amy,] a quem o Pae sanctificou, e a o mundo mandou dizeis vosoutros, blasfemas, porque disse, Filho de deus sou?

11. Capítulo 11

1	E estava enfermo hum certo [homem chamado] Lazaro de Bethania da aldeã de
---	---------------------------------------------------------------------------

	Maria, e de Martha, suas irmãs.
2	(E era Maria que a o senhor ungiu com o unguento, e com seus cabelos lhe alimpou os pees, cujo irmão Lazaro era o que enfermo estava.)
4	E ouvindo [o] Jesus disse, esta enfermidade não he para morte, mas para gloria de Deus; paraque o Filho de Deus por ella seja glorificado.
6	Ouvindo pois, que estava enfermo, ficouse com tudo [ainda] dous dias naquele mesmo lugar aonde estava.
29	E assi como ella [o] ouvio, logo se levantou, e foi ter com elle.
33	Jesus entoncos como a vio chorando, e a os Judeos que juntamente com ella tinhaõ vindo [tambem] chorando, moveu ___ espirito, e alvoroçou se assi mesmo.
39	Disse Jesus, tira a padra. Martha, a irmã do defunto, lhe disse, Senhor, ja dêde, que he ja quatro dias [ali posto.]

12. Capítulo 12

2	E fizeraõ lhe ali huã cea, e Martha servia; e Lazaro era hum dos que juntamente como elle [á mesa] estavaõ asentados.
5	Porque se não vendeo este unguento por trezentos ^a dinheiros, e se deu a os pobres? ^a Ou ceitis.
13	Tomáraõ ramos de palmas, e sahiraõ o a receber ; e clamavaõ: Hosanã. Bendito aquele que vem em nome d'o Senhor, o [que he] Rey de Israel.
16	Porem isto não entenderaõ seus discipulos a o principio : mas sendo Jesus ja glorificado, entoncos se lembraraõ que isto d'elle estava escrito, e [que] isto lhe fizeraõ.
21	Estes pois se chegaraõ a Phillippe, (que era de Bathaida de Galilea) e rogaraõ lhe, dizendo, Senhor, queríamos ver a Jesus.
28	Pae, glorifica teu Nome, entoncos veio hua voz d'o Ceo : [dizendo] ja [o]tenho glorificado, e tambem outra vez [o] glorificarei.

13 Capítulo 13

2	E acabada a Cea (avendo ja o diabo metido no coração de Judas de Simaõ Iscarioda, que o entregasse)
12	Assi que avendo lhes lavado os pess, e tomando seus vestidos, e ternando se a ssentar [á mesa] disse lhes: Sabeis o que voz tenho feito.
18	Naõ fallo de todos vosoutros ; que bem sei a os que escolhido tenho ; mas [isto acontece] peraque se cumpra a Escritura , o que comigo paõ come, contra my seu calcanhar levantou.
20	Em verdade, em verdade vos digo, que [qu'è] a o que eu enviar, receber, a my me recebe : e quem a my me receber, recebe aquelle que me enviou.
22	Entoncos os discipulos se olhavaõ huns para osoutros, duvidando de quem [isto] dizia.
23	E hum de sus discipulos, a quem Jesus amava, estava assentado [à mesa] no regaço de Jeus.
24	A este pois ^a fez sinal Simaõ Pedro, que perguntasse, quem era aquelle de quem dizia. ^a Ou, acenou.
28	Mas isto nenhum dos que [á mesa] estávaõ entendeo a que porposito lho dissera.
33	Filhinhos, ainda hum pouco estou com vosco; buscarmeheis: Mas, com a os Judeos disse, aonde eu vou, não podeis vosoutros vir [assi] agora volo [tambem] digo.

14. Capítulo 14

10	Naõ cres tu que eu [estou] no Pae, e que o Pae está em my? As palavras que eu vos fallo, naõ as fallo dy mesmo, mas o Pae em my permance, elle he o que as obras faz.
11	Credeme que no pae [estou] e que o Pae está em my : quando naõ, crede me polas mesmas obras.
17	[Convem a saber] o Espirito de verdade, a quem o mundo receber naõ pode, porquanto nem o vé, nem o conhece ; mas vosoutros o conheceis, porque com vosco permanece, e com vosco hade estar.
18	Nem orfaõ vos deixarei; [outra vez] a vos ____
20	Naquelle dia conhecereis que eu em meu Pae [estou] e vosoutros em my, e eu em vosoutros.
22	Disse lhe Judas: (naõ o Iscarioda) Senhor, que ha , porque a nossoutros te has de manifestar , e naõ a o mundo?
27	A paz vos deixo, minha paz vos dou: naõ como o mundo [a] dá, vola dou. Naõ se tirbe nem tema vosso coraçãõ.
28	Ja ouvistes como voz tenho dito : Vou, e [outra vez] venho a vosoutros : se me amáreis, vos gazarires, porque tenho dito a o Pae vou : Pois maior he o Pae que eu.

15. Capítulo 15

25	Porem [isto he] pereque se cumpra aquella palavra que em sua Ley esta escrita: sem causa me aborrecéaõ.
26	Mas quando vier aquella Consolador, que eu d'o Pae voz hei de enviar [a saber] aquella Espirito de verdade, o qual procede do Pae, elle dará testemunho de my.

16. Capítulo 16

17	Entonces disseraõ [alguns] de seus discipulos huns a os outros, que he isto que nos diz. Hum pouco, enaõ me vereis ; e outra vez, hum pouco, e vérmeheis : que he isto que diz? Hum pouco, e naõ me vereis; e outra vez, hum pouco, e vérmeheis?
----	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

17. Capítulo 18

3	Judas pois tomando hum esquadraõ [de soldados,] e [alguns] ministros dos Pontifices e dos phariseos, veio ali com lanternas, e com fachtas, e com armas.
24	(Assi amarrado o mandára Annas a o Pontifece Cayphas:)

18. Capítulo 19

1	Assi que entonces tomou Pilatos a Jesus, e açoutou [o].
2	E entretecendo os soldados huã coroa de espinhos, puseraõ [a] sobre sua cabeça, e destiraõ o de hum roupaõ de graã.
5	Sahio pois Jesus fora, lvando a coroa de espinhos, e o roupaõ degraã; e [Pilatos] disse lhes: vedes aqui o homem.
6	E vendo o os Principes dos Sacerdotes, e os servidores, deraõ brados, dizendo, Crucifica [o] Crucifica [o] disse lhes Pilatos: Tomae o vosoutros, e crucifitae [o] porque eu nenhum crime nelle acho.
16	Entonces lho entregou, pera que fosse crucificado : e tomaraõ a Jesus, e levarãõ [o].
17	E levando elle sua cruz veio a o [lugar[chamado o Calvario e em Hebraico Golgotha.

22	Respondeo Pilatos: [O] que escrevi, escrevi.
25	Estavaõ junto á cruz de Jesus, sua mãe, e a irmã de sua mãe, Maria [mulher] de Cleophas, e Maria Magdalena.
26	E vendo Jesus a [sua] mãe, e a o discípulo que elle amava, que estava presente, disse a sua mãe: Mulher, ve teu filho.
31	Entonces os Judeos, porque os corpos não ficassem o sábadado na cruz; (porquanto entãõ era a preparação, porque era o grande dia do Sabado) rogarão a Pilatos, que se lhes quebrassem os ossos, e fossem tirados.
36	Porque estas cousas aconteceraõ paraque se cumprisse a Escritura [que diz] nenhum osso dele sera quebrado.
38	Passadas estas cousas, rougou a Pilatos Joseph de ARIMATHEA (que era discípulo de Jesus, porem oculto por medo dos Judeos) que lhe permitisse tirar o corpo de Jesus; o que Pilatos lhe permitio. Entonces veio e tirou o corpo e Jesus.
39	Enonces veio tambem Nicodemos (aquele que dantes de noite a Jesus tinha vindo) trazendo hũ composto de mirra, e de aloes, como quase cem arráteis.
42	Ali pois (por causa da vespõra da Pachoa dos judeos, e porque aquelle sepulchro estava perto) puserãõ a Jesus.

19. Capítulo 20

1	E no primeiro [dia] da somana veio Maria Magdalena pela manhaãzinha, sendo ainda escuro, a o que sepulchro ; e vio a pedra ja do sepulchro tirada.
7	E o sudário que sobre sua cabeça fora posto, não [vio] estar com os lenções, senãõ envolto em hum lugar á parte.
12	E vio a dous Anjos [vestidos] de branco, que estavaõ assentados o hum a cabeceira, e o outro a os pees, aonde o corpo de Jesus avia sifo posto.
16	Disselhe Jesus: Maria? Virandose ella disselhe: Rabboni! (que quer dizer mestre)
17	Disselhe Jesus: Não me toques; porque ainda não sobi a meu Pae: por;em ___ meus irmãos, e dizelhes: subo a o meu Pae, e a vosso pae; [a] meu Deus, e a vosso Deus.
20	E dizendo isto, mostrou lhes suas mãõs, e [seu] lado : entonces se gozãõ os dicipulos, vendo a o Senhor.
22	E avendo isto dito, assoprou [sobre eles] e disse lhes : recebei o Espirito santo.
24	Mas Thomas, hum dos doze, que se diz o Didimo, não estava com elles quando jesus veio [ahi.]
26	E oito dias depois, estando outra vez seus discipulos recolhidos, [e] com elles Thomas veio Jesus, fechadas ja as portas, e pos se no meio, e disse : A paz seja com vosco.

20. Capítulo 21

2	Estavaõ juntos Simaõ Pedro, e Thomas que se diz o Didimo, e Nathanael o que era de Cana de Galilea, e [os filhos] do Zebedeo, e outros dous de seus discipulos.
15	E avendo ja jantado, disse Jesus a Simaõ Pedro: Simaõ, [filho] de Jonas, amas me ainda mais que estes? disselhe: Si Senhor, tu sabes que te amo. Disselhe: Aoacenta meus cordeiros.
16	Tornoulhe a dizer a segunda vez: Simaõ, [filho] de Jonas, amas me? Respondeu lhe : Si Senhor, tu daves que te amo. Disselhe : Apacenta minhas ovelhas.
17	Disselhe a terceira vez: Simaõ, [filho] de Jonas, amas me? Entristeceuse Pedro de que ja pela terceira vez lhe disse: ammas me? E disselhe : Senhor tu sabes todas as cousas, tu sabes que eu te amo. Disse lhe jesus: Apacenta minhas

	ovelhas.
--	----------

Anexo H – Transcrição da notas entre parênteses e colchetes do Evangelho de João de O NOVO TESTAMENTO; Isto he Todos os Sacro Santcos Livros e

Escritos Evangelicos e Apostolicos do Novo Concerto do nosso Fiel Senhor Salvador Redemptor JESU CHRISTO, 1773.

1. Capitulo 1

14	E aquella Palavra encarnou, e habitou entre nos: (e vimos sua gloria, como gloria do unigênito do Pae) cheyo de graça e de verdade.
39	Que buscaes? e elles lhe disseraõ: Rabbi, (que traduzido , quer dizer Mestre) aonde moras?

2. Capitulo 2

9	E como o Mestre fala gostou a agoa, feita vinho (e não sabia d'onde era , porem os servidores , que agoa aviaõ tirado, o sabiaõ) chamou o Mestresala a o esposo:
---	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

3. Capitulo 4

2	(Ainda que Jesus mesmo não bautizava , senaõ seus Discipulos)
8	(Porque seus discipulos eraõ idos á cidade, a comprar de comer)
25	Disselho a mulher : Eu sei que o Messias vem , (que chama o Cristo;) quando elle vier , todas as coisas nos denunciaraõ.

4. Capitulo 6

6	(Mas isto dizia , atentando o; porque bem fazia elle o que avia de fazer.)
23	(Porem que outros barquinhos vieraõ de Tiberias, perto do lugar , aonde comeraõ o paõ , avendo o Senhor dado graças.)

5. Capitulo 7

22	Por isso Moyses vos deu a circuncisaõ (naõ porque seja de Moyses , mas dos pes) e em Sabbado circuncidadas a o homem.
39	(E isto elle do Espirito , que aviaõ de receber aquelles , que n'elle cressem. Porque ainda o Espirito sancto não era vindo , por quanto ainda Jesus não era glorificado.

6. Capitulo 8

7	E disselho : Vae, lava te no tanque de Siloe, (que se interpreta Enviado) Foy pois, e lavouse ; e tornou vendo.
---	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------

7. Capitulo 9

2	(E era maria a que ungiu ao Senhor com o unguento , e com seus cabelos lhe alimpou os pés ; cujo irmaõ Lazaro era o que estava enfermo.)
18	(E Bethania estava como quasi quinze estádios perto de jerusalem.)
30	(Que ainda Jesus não era chegado á aldea ; mas estava no lugar , aonde Martha lhe saíra a o encontro.

8. Capitulo 12

33	(E isto dizia , significando de que morte avia de morrer :)
----	-------------------------------------------------------------

9. Capítulo 13

2	E acabala a Cea (avendo ja o Diabo metido no coração de Judas de Simão Iscarioda que strhisse.)
---	-------------------------------------------------------------------------------------------------

10. Capítulo 17

21	Paraque todos hum sejaõ ; como tu , <i>b</i> Pae , em my, e eu em ty , que tambem elles em nos hum sejaõ paraque o mundo crea , que tu me tens enviado.
----	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

11. Capítulo 18

24	(Assi pois marrado o mandara Annás a o Summo Pontifice Caiphas.)
----	------------------------------------------------------------------

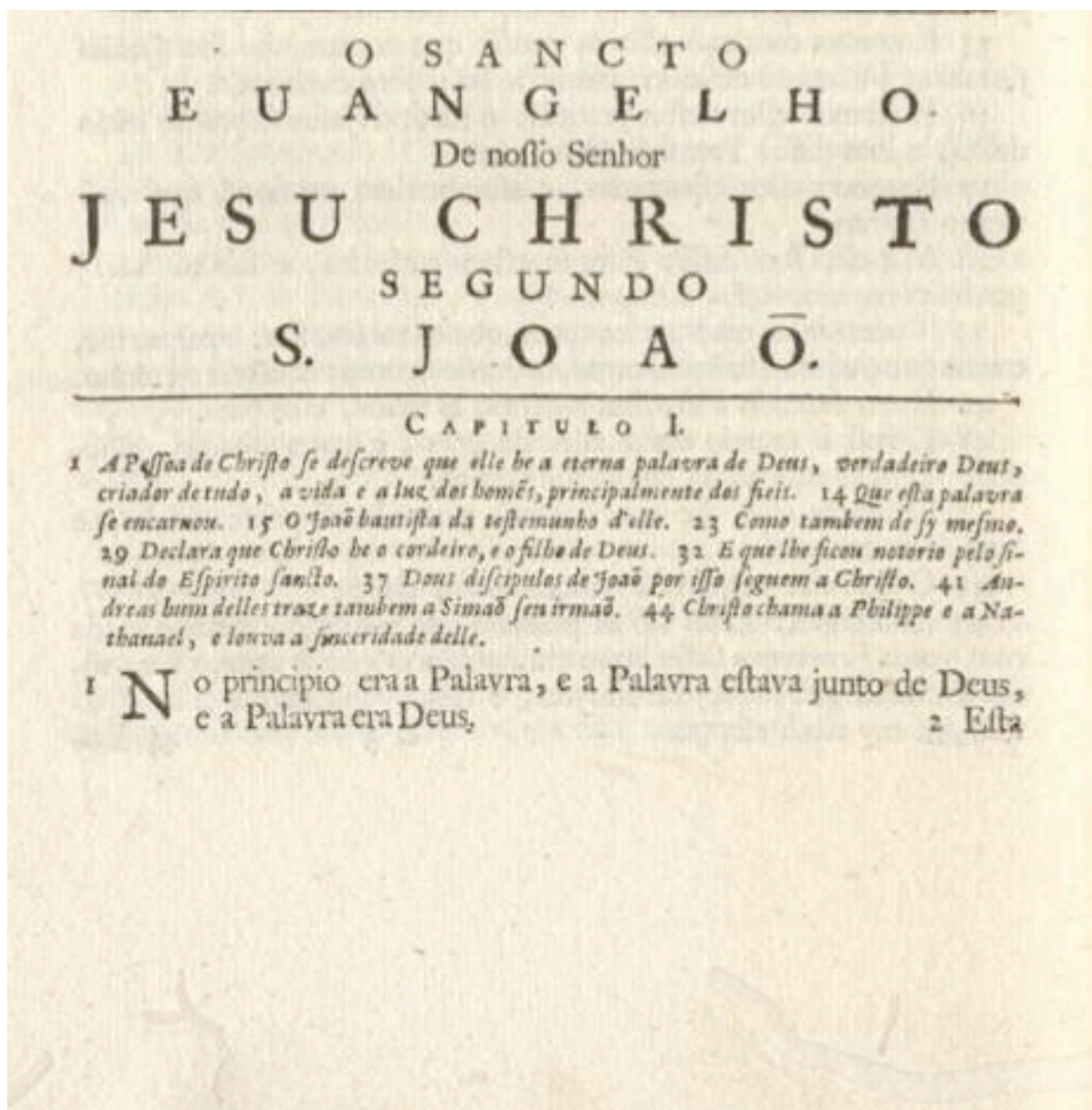
12. Capítulo 19

23	Avendo pois os soldados crucificados a Jesus, tomaraõ seus vestidos , (e fizeraõ quatro partes , a cada soldado huã parte.)
31	Os Judeos , pois porque os corpos naõ ficassem o Sabbado) rogaraõ a Pilatos , que se lhes quebrassem as pernas , e fossem tirados.
38	E depois rogou a Pilatos joseph de Arimathea , (que era Discipulo de Jesus , porem oculto por medo dos Judeos) que pudesse tirar o corpo de Jesus ; e Pilatos lh'o permitio. Veyo pois e tirou o corpo de Jesus.
39	E veyo tambem Nicodemos , (aquelle que d'antes de noite tinha vindo a Jesus) trazendo hum composto de myrha e aloes , de quasi cem arráteis.
42	Ali pois (por causa da preparação da Paschoa dos Judeos , e porque aquelle sepulchro estava perto) pusseraõ a Jesus.

13. Capítulo 20

7	Disse pois aquelle Discipulo, a quem Jesus amava , a Pedro : O Senhor he ouvindo pois Simão Pedro que era o Senhor , cingio se com o capote , (porque estava nu,) e lançou se a o mar.
8	E os outros Discipulos vieraõ com o barquinho , porque naõ estavaõ , senaõ como dizentos cõvados longe de terra) tranzendo após si a rede de peixes.

Anexo I – Reprodução integral do Evangelho de João de O NOVO TESTAMENTO; Isto he Todos os Sacro Santcos Livros e Escritos Evangelicos e Apostolicos do Novo Concerto do nosso Fiel Senhor Salvador Redemptor IESU CHRISTO, 1681.



- 2 Esta estava no principio junto de Deus.
- 3 Por esta foraõ feitas todas as cousas; e sem ella se não fez cousa nenhuma do que está feito.
- 4 Nella estava a vida, e a vida era a luz dos homês.
- 5 E a luz nas trevas resplandece: Porem as trevas não a comprehendéraõ.
- 6 Houve hum homem enviado de Deus, que tinha por nome Joaõ.
- 7 Este veio por testemunho, pera que dellsẽ testemunho fizessem pera que todas por elle cressem.
- 8 Não era elle a luz mas [*era enviado.*] peraque dellsẽ testemunho da luz.
- 9 Este era a luz verdadeira, que a todo homem, que neste mundo vem, alumia.
- 10 No mundo estava, e por elle foi feito o mundo, e o mundo o não conheceo.
- 11 A o seu proprio veio, e os seus o não receberaõ.
- 12 Mas a todos quantos o receberaõ, lhes deu potestade da serem feitos filhos de Deus [*convem a saber*] a os que em seu nome crem.
- 13 Os quaes não são gerados de sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade de variação, senão de Deus.
- 14 E aquella Palavra encarnou, e habitou entre nosoutros: E vimos sua gloria, gloria como do unigenito do Pae, cheio de graça e de verdade.
- 15 Joaõ deu testemunho dellsẽ, e clamou, dizendo, este he aquelle de que eu dizia: O que apos my vem, antes de my he: Porque he primeiro que eu.
- 16 E de sua plenidão recebemos todos tambem graça por graça.
- 17 Porque a ley por Moyfes foi dada: Mas a graça e a verdade, por Jesu Christo foi feita.
- 18 A Deus, nunca ninguem o vio; o unigenito Filho que está no regaço do Pae, elle [*nolo*] declarou.
- 19 E este he o testemunho de Joaõ, quando os Judeos mandáraõ de Hierusalem Sacerdotes e Levitas, que lhe perguntassem: Tu quem es?
- 20 E confessou, e não negou; e confessou, eu não sou o Christo.
- 21 E perguntáraõ lhe: Quem pois? es tu Elias? e disse: Não sou. Es tu o Propheta? e respondeo: Não.
- 22 Disseraõ lhe pois: Quem es? pera que demos resposta a os que nos enviáraõ: Que dizes de ty mesmo?

23 Disse:

23 Disse: Eu sou a voz do que clama no deserto; enderêcae o caminho do Senhor, como disse o propheta Esaias.

24 E os enviados, eraõ dos Phariseos.

25 E perguntáraõ lhe, e disseraõ lhe: Porque pois bautizas, se tu não es o Christo, nem Elias, nem o Propheta?

26 E Jesus lhes respondeo, dizendo, eu bautizo com agoa, mas em mei de vosoutros está, quem vos outros não conheceis.

27 Este he aquelle que apos my vem, que ja he antes de my, do qual eu não sou digno de desfatar a correa do çapato.

28 Estas cosas aconteceraõ em Bethabara, da outra banda do Jordão, aonde João bautizava.

29 O seguinte dia vio João a Jesus que vinha a elle, e disse: Vedes aqui o cordeiro de Deus, que tira o peccado do mundo.

30 Este he aquelle de quem eu disse: Apos my vem hum varaõ, que ja he antes de my: Porque ja era primeiro que eu.

31 E eu não o conhecia; mas paraque a Israei fosse manifestado, por isso vim eu bautizando com agoa.

32 E Joam deu testemunho, dizendo, eu vi a o Espirito, que como pomba descendia de ceo, e repousou sobre elle.

33 E eu não o conhecia, mas aquelle que com agoa me mandou a bautizar, esse me disse: Sobre aquelle que descender vires a o Espirito, e que sobre elle repousa, esse he o que com Espirito sancto bautiza.

34 E eu o vi, e tenho dado testemunho, que este he o Filho de Deus.

35 O seguinte dia, estava outra vez ali João, e dous de seus discipulos.

36 E vendo [por ali] andar a Jesus, disse: Vedes aqui o cordeiro de Deus.

37 E ouviraõ [o] os dous discipulos fallar, e seguirãõ a Jesus.

38 E virandose Jesus, e vendo que o seguiãõ, disse-lhes:

39 Que buscaes? e elles lhe disserãõ: Rabbi, (que declarado, quer dizer, Mestre) aonde moras?

40 Disse-lhes: Vinde, e vede, vieraõ, e viraõ aonde morava, e ficaraõ se com elle aquelle dia: Porque ja era perto das dez horas.

41 Era Andre, o irmaõ de Simão Pedro, hum dos dous que ouviraõ aquillo de João, e o aviam seguido.

42 Este achou primeiro a seu irmaõ, e disse-lhe: Ja achamos a o Messias, que declarado, he o Christo.

43 E trouxe o a Jesus. E v^o Jesus, disse: Tu es Simam filho de Jonas, tu seras chamado Cephaz, que quer dizer, Pedro.

44 O dia seguinte quis Jesus ir a Galilea, e achou a Phelippe; e o qual disse: segueme.

45 E era Phelippe de Bethsaida, a cidade de André e de Pedro.

46 Phelippe achou a Nathanaël, e disse-lhe: Achado avemos [*a-quelle*] de quem Moyses na ley escreveu, e os Prophetas [*a saber*] a Jesus, o filho de Joseph, de Nazareth.

47 E disse-lhe Nathanaël: Pode de Nazareth ser cousa alguma boa? disse-lhe Phelippe: Vem, e vé o.

48 Vio Jesus vir a si a Nathanaël, e disse delle: Vedes aqui hum verdadeiramente Israélita, em quem engano não ha.

49 E disse-lhe Nathanaël: Donde me conheces tu a my? respondeo lhe Jesus, e disse-lhe: Antes que Phelippe te chamára, quando de baixo da figueira estavas, te vi eu a ty.

50 Respondeo Nathanaël, e disse-lhe: Rabbi, tu es o filho de Deus, tu es o Rey de Israël.

51 Respondeo Jesus, e disse-lhe: Porque te disse: De baixo da figueira te vi, crês: Couzas maiores que estas verás.

52 E disse-lhe: Em verdade, em verdade vos digo, que d'aqui em diante vereis aberto o Ceo, e a os Anjos de Deus, sobre o filho do homem sobendo e descendo.

CAPITULO II.

1 O Christo n'as bodas em cana converte a aqua em vinho. 11 Que he começo de seus milagres. 12 Vaee a Capernaum. 13 E d'ali a Jerusalem. 14 Lança do templo os que vendião, e os cambiadores. 18 Os Judeos pedem hum sinal, a os quaes propoz o desfacemento e alevantamento do templo de seu corpo. 23 Muitos vem a nelle crer. 24 Mas não se confiava a si mesmo d'elles, porque os conhecia.

1 **E** a o terceiro dia se fizeram huás bodas em Cana de Galilea: E estava ali a mãe de Jesus.

2 E foi tambem convidado Jesus, e seus discipulos a as bodas.

3 E faltando o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Vinho não tem.

4 E disse-lhe Jesus: Que tenho eu comtigo, mulher? Ainda minha hora não he vinda.

5 Disse sua mãe a os servidores: Fazei tudo quanto elle vos disser.

6 E estavaõ ali postas seis tinas de agoa, de pedra, conforme á purificação dos Judeos, que cabia em cada huã dous ou tres almudes.

7 Dízilhes Jesus: Enchei estas tinas de agoa, e enchéraõ as até riba.

8 E dízilhes: Tirae agora, e apresentae a a o Mestrefala. E apresentaraõ lha.

9 E como o Mestrefala gostou a agoa feita vinho (e não sabia d'onde era, porem os servidores, que a agoa aviaõ tirado, o sabiaõ) chamou o Mestrefala a o Esposo.

10 E dízilhe: Todo homem poem primeiro o bom vinho, e quando já não bem bebido, entonces o que he peor: [Mas] tu guardaste o bom vinho até agora.

11 Este principio de sinaes fez Jesus em Cana de Galilea, e manifestou sua gloria, e créraõ seus discipulos nelle.

12 Despois disto descendeo a Capernaum, elle e sua mãe, e seus irmãos, e seus discipulos, e estiveraõ ali não muitos dias.

13 E estava perto a Paschoa dos Judeos, e sobio Jesus a Hierusalem.

14 E achou no Templo a os que vendiaõ boys, e ovelhas, e pombas, e a os cambiadores [ali] alientados.

15 E feito hum açoute de cordeis, lançou os a todos do Templo, e a as ovelhas, e a os boys; e espalhou o dinheiro dos cambiadores, e tratornou as meias.

16 E a os que vendiaõ as pombas disse: tirae d'aqui isto e não façaes casa de venda, a casa de meo Paẽ.

² Ou, mercade.

17 Entonces se lembráraõ seus discipulos, que estava escrito: O zelo de tua casa me tragou.

18 E responderaõ os Judeos, e disseraõ lhe: Que finalnos mostras tu para taes cousas fazeres?

19 Respondeo Jesus, e dízilhes: Desfaizei este Templo, e em tres dias o levantarei.

20 Disseraõ pois os Judeos: Em quarenta e seis annos foi este Templo edificado, e levantalohas tu em tres dias?

21 Mas elle fallava [isto] do Templo de seu corpo.

22 Portanto, quando resuscitou dos mortos, se lembráraõ seus discipulos que isto lhes avia dito; e créraõ á Escritura, e á palavra que Jesus lhes dissera.

23 E estando elle em Hierusalem pola Paschoa, no dia da festa, créraõ muitos em seu nome, vendo os sinaes que fazia.

24 Mas o mesmo Jesus se não confiava a si mesmo delles, porque a todos os conhecia.

25 E não necessitava de que alguem do homẽ lhe desse testemho, porque bem sabia elle o que no homem avia. C A.

CAPITULO III.

1 Christo ensina a Nicodemus a cerca necessidade e maneira da regeneração. 14 Ensina com exemplo da serpente que ha necessario que elle seja levantado pera salvar os que n'elle crem. 22 Christo e mais João baptilão no mesmo tempo. 25 Discipulos de João se indignão que todos venhão a Christo. 27 Por esta occasião ensina os João, ostendendo qual differença ha entre sy, e Christo. 36 E que receberão assi os fiéis como os justos.

1 E avia hum homem dos Phariseos, que se chamava Nicodemus, principe dos Judeos.

2 Este veio a Jesus de noite, e disse-lhe: Rabbi, bem sabemos que de Deus tens vindo por Mestre: Porque ninguem pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus com elle não for.

3 Respondeo Jesus e disse-lhe: Em verdade, em verdade, te digo, que aquelle que outra vez não nacer, não pode ver o reyno de Deus.

4 Disse-lhe Nicodemus: Como pode o homem nacer, sendo ja velho? por ventura pode entrar outra vez no ventre de sua mãe, e nacer?

5 Respondeo Jesus: Em verdade, em verdade, te digo, que aquelle que de agoa e de Espirito não nacer, não pode entrar no Reyno de Deus.

6 O que he nacido de carne, carne he; e o que he nacido de Espirito, espirito he.

7 Não te maravilhes, de que te disse: Necessario vos he nacer outra vez:

8 O vento a d'onde quer sopra, e ouves seu soado; porem não sabes nem d'onde vem, nem pera onde vae; assi he todo aquelle que he nacido de Espirito.

9 Respondeo Nicodemus, e disse-lhe: Como se pode isto fazer?

10 Respondeo Jesus, e disse-lhe: Tu es Mestre de Israél, e nem isto sabes!

11 Em verdade, em verdade te digo, que o que sabemos, isso fallamos; e o que visto temos, isso testificamos; e não recebeis nullo testemunho.

12 Se avendo vos eu dito cousas terreaes, vos as não credes; como crecereis se vos disser as celestiaes?

13 E ninguem a o Ceo sobio, senão o que d'o Ceo descendeo; [a saber] o Filho d'o homem, que está no Ceo.

14 E como Moyfes levantou a serpente no deserto, assi he necessario que o Filho do homem seja levantado.

15 Peraque todo aquelle que nelle crer, não pereça, mas alcance a vida eterna.

16 Porque de tal maneira amou Deus a o mundo, que deu a seu Filho unigenito, para que todo aquelle que nelle crer, não pereça mas alcance a vida eterna.

17 Porque não mandou Deus a seu Filho a o mundo, para que a o mundo condene; mas para que o mundo seja salvo por elle.

18 Quem nelle crer, não he condemnado; mas quem não cre, ja está condemnado; porque não creio no Nome do unigenito Filho de Deus.

19 E c. he a condemnação, que a luz veio a o mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque erao más suas obras.

20 Porque todo aquelle que obra mal, aborrece a luz, e não vem á luz, porque suas obras não sejam redarguidas.

21 Mas quem obra verdade, vem á luz, para que suas obras sejam manifestas, que são feitas em Deus.

22 Passado isto, veio Jesus com seus discipulos a terra de Judea, e estava ali com elles, e bautizava.

23 E bautizava tambem Joáo em Enon, junto a Salim; porque avia ali muitas agoas, e vinhaó ali, e erao bautizados.

24 Porque ainda Joáo não avia sido levado á prisão.

25 E ouve questaó entre os discipulos de Joáo, e os Judeos, acerca da purificação.

26 E vierao a Joáo, e disserao lhe: Rabbi, aquelle que contigo estava da outra banda do Jordaó, do qual tu deste testemunho, ves aqui esta bautizando, e todos vem a elle:

27 Respondeo Joam, e disse: Não pode ó homé coufa alguá receber, se d'ó Ceo lhe não for dado.

28 Vosoutros mesmos me sois testemunhas, que disse: Eu não sou o Christo; mas que diante d'elle sou enviado.

29 Aquelle que tem a Esposa, he o Esposo; mas o amigo do Esposo, que lhe assiste, e o ouve, gozase grandemente da voz do Esposo; assi pois ja este meu gozo he cumprido.

30 A elle convem crescer, e a my diminuir.

31 Aquelle que de riba vem, sobre todos he; aquelle que he da terra, terreno he, e coufas terrenas falla: Aquelle que vem do Ceo, sobre todos he.

32 E aquillo que vio, e ouvio, isso testifica; e ninguem recebe seu testemunho.

33 Aquelle que seu testemunho recebo, esse sellou que Deus he verdadeiro.

34 Por-

34 Porque aquelle que Deus enviou, as palavras de Deus falla; porque não [lhe] dá Deus o Espirito por medida.

35 O Pae ama a o Filho, e todas as cousas deu em sua mão.

36 Aquelle que no Filho cre, tem vida eterna; mas aquelle que não Filho he incredulo, não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre elle.

CAPITULO IV.

1 Christo faz e baptiza mais discipulos em Judea do que Joaõ. 3 Foi baptizado a Galilea passando por Samaria, e sendo cansado se assentou ali a par da huã fonte. 7 Sua pratica com a Samaritana. 10 Informa a do verdadeiro modo de adorar. 16 E declara que elle era o Messias prometido. 28 Ella disse da parte a os Samaritanos que sabião e viraõ a elle. 31 Declara a seus discipulos qual era sua principal comida, e que o tempo da espiritual sego estava presente. 39 Muitos Samaritanos crem nelle assi pola palavra da mulher como principalmente pola propria ouvida. 43 Se torna a Cana de Galilea, donde deu fãde a o filho de hum regulo.

1 **D**e maneira que como o Senhor entendeu que os Phariseos ouviraõ, que Jesus fazia mais discipulos e baptizava que Joaõ.

2 (Ainda que Jesus mesmo não baptizava, fenaõ seus discipulos.)

3 Deixou a Judea, e foi se outra vez a Galilea.

4 E. era mister que passasse por Samaria.

5 Veio pois a huã cidade de Samaria, chamada Sichar, junto á herdade que Jacob deu a Joseph seu filho.

6 E estava ali a fonte de Jacob; Jesus, pois, cansado do caminho, se assentou alli a par da fonte: Era isto quasi ás 2 feis horas.

7 Veio huã mulher de Samaria a tirar agoa; e Jesus lhe disse: Da me de beber.

8 (Porque seus discipulos eraõ idos á cidade a comprar de comer.)

9 E a mulher Samaritana lhe disse: Como, sendo tu, Judeo, me pedes a my de beber, que sou mulher Samaritana? (porque os Judeos não se comuñaõ com os Samaritanos.)

10 Respondeo Jesus, e disse-lhe: Se tu o dom de Deus conheceras, e quem he o que te diz: Da me de beber; tu lhe pedirias a elle, e elle te daria a ty agoa viva.

11 A mulher lhe disse: Senhor tu não tens com que a tirar, e o poço he fundo: Donde pois tens a agoa viva?

12 Es tu maior que nosso pae Jacob, que nos deo este poço: D'oqual elle mesmo bebeo, e seus filhos, e seus gados?

13 Respondeo Jesus, e disse-lhe: qualquer que d'esta agoa beber, ha de tornar a ter sede.

14 Porem aquelle que beber da agoa que eu lhe der, nunca mais sede ha de ter: Mas a agoa que eu lhe der, se fara nelle fonte de agoa que salte pera vida eterna.

15 Disse lhe a mulher: Senhor, da me d'esta agoa, peraque mais sede não tenha, nem aqui venha a buscala.

16 Jesus lhe disse: Vae, chama a teu marido, e vem cá.

17 Respondeo a mulher, e disse-lhe: Não tenho marido, disse-lhe Jesus: Bem disseste, não tenho marido,

mas tu tens cinco maridos tiveste; e o que agora tens, não he teu marido; isto disse com verdade.

19 Disse-lhe a mulher: Senhor, parece me que es Propheta.

20 Nossos paes neste monte adoraraõ, e voloutros dizeis, que em Hierusalem he o lugar, aonde amister se adorar.

21 Disse-lhe Jesus: Mulher, cre me que a hora vem quando, nem neste monte, nem em Hierusalem, a o Pae adorareis.

22 Vosoutros adoraes o que não sabeis; nos outros adoramos o que sabemos: Porque dos Judeos he a salvação.

23 Porem a hora vem, e agora he, quando os verdadeiros adoradores a o Pae adoraraõ em espirito e em verdade: Porque tambem o Pae a taes busca que o [affi] adorem.

24 Deus he Espiritõ, e os que o adoraõ, em espirito e em verdade he mister que o adorem.

25 Disse-lhe a mulher: Eu sei que ha de vir o Messias, que o Christo se chama; quando elle vier, elle nos declarará todas as cousas.

26 Disse-lhe Jesus: Eu sou, o que com tigo estou fallando.

27 E nisto vieraõ seus discipulos: E maravilhaõ se de que fallava com huma mulher: Mas nenhum delles lhe disse: Que perguntas? ou, que com ella estas fallando?

28 Entonces deixou a mulher seu cantaro, e foi á cidade, e disse a aquelles homens:

29 Vinde, vede hum homem, que me disse tudo quanto tenho feito; este não he o Christo?

30 Entonces sahiraõ d'a cidade, e vieraõ a elle.

31 E entre tanto lhe rogavaõ os discipulos, dizendo, Rabby, come.

32 Porem elle lhes disse: huã comida tenho que comer, que vosoutros não sabeis.

33 Entonces os discipulos diziaõ entre si: trouxelhe alguem de comer?

34 Disse-lhes Jesus: Minha comida he, que eu faça a vontade d'aquelle que me enviou, e que cumpra sua obra.

35 Não dizeis vosoutros, que ainda ha quatro meſes até a ſega? vedesaqui vos digo: Levantae voffos olhos, e vede as terras, que ja eſtaõ brancas pera a ſega.

36 E o que ſega, recebe galardão, e achega fruto pera vida eterna; pera que ambos ſe gozem, aſſi o que ſemea como tambem o que ſega.

37 Porque niſto he o dito verdadeiro; que hum he o que ſemea, e outro o que ſega.

38 Eu vos enviei a ſegar o que vosoutros não lavraes; outros lavraraõ, e vosoutros entraſtes em ſuas layouras.

39 E muitos dos Samaritanos d'aquella cidade creraõ nelle pola palavra da mulher, que dava teſtemunho, dizendo, a mi me diſſe tudo quanto tenho feito.

40 Mas vindo os Samaritanos a elle, rogaraõ lhe que ſe ficaffe com elles; e ficou ſe ali dous dias.

41 E creraõ ainda muitos mais por ſua palavra d'elle.

42 E diziaõ á mulher: Ja não cremos por teu dito; porque nos meſmos [e] temos ouvido, e ſabemos que verdadeiramente eſte he o ſalvador do mundo, o Chriſto.

43 E dous dias deſpois, ſahio dali, e foife a Galilea.

44 Porque o meſmo Jeſus deu teſtemunho, que não tem o Propheta honra em ſua patria.

45 E como veio a Galilea, os Galileos o recebêraõ, viſtas todas as couſas que em Hieruſalem no dia da feſta fizera; porque tambem elles tinhaõ vindo a o dia da feſta.

46 Veio pois Jeſus outra vez a Cana de Galilea, aonde da agoa fizera vinho: E eſtava ali hum a da corte del Rey, cujo filho eſtava enfermo em Capernaum. a Ou, Regulo

47 Eſte, como ouviu que Jeſus vinha de Judea a Galilea; foi ter com elle, e rogavalhe que deſcendeffe, e faraffe a ſeu filho, porque ja hia morrendo.

48 Entonces Jeſus lhe diſſe: Se ſinaes e milagres não virdes, não aveis de crer.

49 O da corte del Rey lhe diſſe: Senhor, deſcende, antes que meu filho morra.

50 Diſſelhe Jeſus: Vae, teu filho vive. Creio o homem a a palavra que Jeſus lhe diſſe, e foife.

51 E indofe elle ja, ſeus ſervos lhe ſairaõ a o encontro, e lhe dêraõ novas, dizendo: Teu filho vive.

52 En-

52 Entonces elle lhes perguntou, a que hora comêçara a estar melhor? e differaõ lhe: Honté a as sete o deixou a febre.

53 O paç, entonces, entendeo que aquella [era] mesma hora, quando Jesus lhe disse: Teu filho vive. E creo elle e toda sua casa.

54 Elle segundo final tornou Jesus a fazer quando veio de Judea a Galilea.

C A P I T U L O V.

1 Christo se 1. - a Jerusaleem e Sara em Sabado a hum bonõ que avia estado trinta e oitè annos enfermo. 2 A quem, tomando elle sua cama conforme a palavra de Sedar, os Judeos reprehendem. 16 por isso procurãõ de matar a Christo como que quebrantava o Sabado, e fazia se igual a Deus. 19 Christo defende seu feito, e testifica que em todas suas obras he igual a seu Paç, como em dar a vida. 22 Em julgar. 23 em receber divina honra. 24 Em salvar. 25 Em resuscitar os mortos. 31 Remite os a o testemunho de seu paç. 33 De Joãõ. 36 E de suas maravilhas. 38 Reprende a incredulidade do Judeos. 39 Remite os a as Escrituras. 45 Ate a si de Moyses.

1 **D**espois destas cousas, era hum dia de festa dos Judeos e sobio Jesus a Hierufalem.

2 E estava em Hierufalem, [á porta] das ovelhas hú tanque, que em Hebreo se chama Bethesda, o qual tem cinco alpendres.

3 Nestes estava deitada grande multidaõ de enfermos, cegos, mancos, dessecados, que estavaõ esperando o movimento da agoa.

4 Porque hum Anjo descendia a certo tempo a o tanque, e revolvía a agoa; e o que primeiro descendia no tanque, despois do movimento da agoa, ficava saõ de qualquer enfermidade que tivesse.

5 E estava ali hum homem, que avia estado trinta e oito annos enfermo.

6 Vendo Jesus a este deitado, e entendendo que ja avia muito tempo que estava deitado, disse-lhe: Queres ser saõ.

7 E o enfermo lhe respondeo: Senhor, não tenho homem nenhum que, quando a agoa se revolve, me meta no tanque: Porque entre tanto que eu venho ja outro antes de my tem descendido.

8 Disse-lhe Jesus: Levantate, toma tua cama e anda.

9 E logo aquelle homem foi saõ; e tomou sua cama, e hiasè. E era Sabado aquelle dia.

10 Entoncez os Judeos diziaõ a aquelle que avia sido fãrado: Sabado he, não te he licito levar tua cama.

11 Respondeulhes elle: Aquelle que me fãrou, esse mesmo me disse: Toma tua cama, e anda.

12 Per-

12 Perguntaraõ lhe entoncos: Quem he o que te disse: Toma tua cama e anda?

13 E o que avia sido sarado não sabia quem fosse; porque Jesus se tinha retirado da companhia que estava naquelle lugar.

14 Depois achou o Jesus no templo e disse-lhe: Vefiqui ja estas são; não peques mais, porque te não succeda alguã cousa peor.

15 Foi [então] aquelle homem, e deu aviso a os Judeos, que Jesus era o que o tinha sarado.

16 E por esta causa perseguiã os Judeos a Jesus. E procuravaõ matalo; porque fazia estas couzas em Sabado.

17 E Jesus lhes respondeo: Meu Pae ate agora esta obrando, e eu [tambem] obro.

18 Porisso tanto mais procuravaõ ainda os Judeos matalo; porque não só quebrantava o Sabado, mas ainda tambem dizia que Deus era seu proprio Pae, fazendo-se igual a Deus.

19 Respondeo pois Jesus, e disse-lhes: Em verdade, em verdade vos digo, que não pode o Filho couza alguã fazer de per si mesmo, se o não vir fazer a o Pae: Porque tudo quanto elle faz, o faz tambem semelhantemente o Filho.

20 Porque o Pae ama a o Filho, e todas as couzas que faz, lhe mostra: E maiores obras que estas lhe mostrará, para que vosoutros vos maravilheis.

21 Porque assi como a Pae refuscita a os mortos, e lhes da vida; assi tambem o Filho, a os que quer, dá vida.

22 Porque o Pae, a ninguem julga; mas todo o juizo deo a o Filho.

23 Pera que todos honrem a o Filho, assi como honraõ a o Pae; quem não honra a o Filho, não honra a o Pae, que o enviou.

24 Em verdade, em verdade vos digo, que quem ouve minha palavra, e cre a o que me enviou, tem vida eterna, e não virá a condemnação; mas passou da morte á vida.

25 Em verdade, em verdade vos digo, que virá hora, e agora he, quando os mortos ouviraõ a voz do Filho de Deus; e os que a ouvirem, viviraõ.

26 Porque assi como o Pae tem vida em si mesmo, assi deo tambem a o Filho que tivesse vida em si mesmo.

27 E tambem lhe deu poder para fazer juizo, por em quanto he o Filho do homem.

28 Não vos maravilheis disto: Porque virá hora, quando todos os que estaõ em os sepulcros ouviraõ sua voz.

29 E os que fizeraõ bem, fairão à resurreiçaõ de vida; mas os que fizeraõ mal, à resurreiçaõ de condemnaçaõ.

30 Naõ posso eu de per my mesmo fazer alguã cousa. assi como ouço, julgo; e meo juizo he justo, porque naõ busco minha vontade, mas a vontade do Pae que me enviou.

31 Se eu dou testemunho de my mesmo, meo testemunho naõ he verdadeiro.

32 Mas o que de my da testemunho, e sei que o testemunho que de my he verdadeiro.

33 Vos outros enviastes a Joaõ, e elle deo testemunho da verdade.

34 Mas eu naõ tomo testemunho de homem: Mas digo isto, pera que vos salveis.

35 Elle era candeia que ardia e alumiaua: E vos outros vos quisestes por hum pouco de tempo alegrar em sua luz.

36 Mas eu tenho maior testemunho que o de Joaõ, porque as obras que o Pae me deo que cumprilhe, as mesmas obras que eu faço, dam testemunho de my, que o Pae me tenha enviado.

37 E o Pae que me enviou, elle mesmo deu testemunho de my. Nem nunca ouvistes sua voz, nem vistes seu parecer:

38 Nem tendes sua palavra em vos outros permanente; porque a o que elle enviou, a esse vos outros naõ credes.

39 Esquadrinhae as Escrituras; porque a vos outros vos parece que nellas tendes a vida eterna, e ellas faõ as que de my dam testemunho.

40 E naõ quereis vir a my, pera que tenhaes vida.

41 honra de homens naõ aceito.

42 Mas bem vos conheço, que naõ tendes amor de Deus em vos mesmos.

43 Eu em nome de meo Pae vim, e vos outros me naõ recebeis; se outro vier em seu proprio nome, a esse recebereis.

44 Como podeis vos outros crer, pois aceitaes a honra os huns dos outros? e naõ buscaes a honra que de so Deus vem?

45 Naõ cuideis que diante do Pae vos aja eu de acusar: Moyfes, em quem vos outros esperaes, he, o que vos acusa.

46 Porque se vos outros a Moyfes crereis, tambẽ a my me crereis: Porque de my elle escreveu.

47 E se a seus escritos naõ credes, como a minhas palavras crereis?

CAPITULO VI.

1 Christo com cinco paens e dous peixes farta a cinco mil homens. 14 Querendo elles por isso fazelo Rey, se retirã d'elles. 16 Anda a noite sobre mar e vem a seus discipulos. 22 A companha vem a Capernaum em busca de Jesus, e o achão. 26 Amostra os que buscassẽ pela fe hua comida que não perece. 41 Murmurã d'isso os Judeos. 43 Respondendo Jesus que a fe so do seu Pae vem, ensina que sua carne he a verdadeira comida e seu sangue a verdadeira bebida pera a vida eterna. 59 Do que muitos se escandalizã. 61 Por isso explica Christo suas palavras. 66 Muitos de seus discipulos o deixã. 67 Porem os doze se ficã com elle, e confessaõ que elle tem as palavras da vida. 70 ...ura que hum d'elles era diabe.

1 **P**assãdas estas cousas, passouse Jesus da outra banda do mar de Galilea, que he o [mar] de Tiberias.

2 E seguia o grande multidaõ; porque viaõ os sinais que fazia n'os enfermos.

3 Sobio pois Jesus a hum monte, e assentouse ali com seus discipulos.

4 E ja era perto da Paschoa, o dia da festa dos Judeos.

5 E levantando Jesus os olhos, e vendo que tinha vindo a elle grande multidaõ, disse a Phelippe: D'onde compraremos pam, pera que estes comaõ?

6 (Mas isto dizia atentando o; porque bem sabia elle o que avia de fazer.)

7 Respondeulhe Phelippe: Duzentos dinheiros de paõ lhes não bastaraõ, pera que cada hum d'elles tome hum pouco.

8 Disselhe hum de seus discipulos [a saber] Andre, irmaõ de Simaõ Pedro:

9 Hum menino está aqui, que tem cinco paens de cevada, e dous peixinhos; mas que he isto entre tantos?

10 Entõces Jesus disse: Fazei assentar a gente; e avia muita erva n'aquelle lugar: e assentaraõ se como numero de cinco mil varoens.

11 E tomou Jesus aquelles paens, e avendo dado graças, repartio os a os discipulos, e os discipulos a os que estavaõ assentados; affi mesmo dos peixes quanto queraõ.

12 E como ja estiveraõ fartos, disse a seus discipulos: Recolhei os pedaços que tem sobejado, pera que nada se perca.

13 Recolheraõ os pois, e encheraõ doze cestos dos pedaços d'os cinco paens de cevada, que sobejaraõ a os que aviaõ comido.

14 Vendo aquelles homens, entõces, o final que Jesus tinha feito, disseraõ: Este he verdadeiramente o Propheta que a o mundo avia de vir.

15 E entendendo Jesus que aviaõ de vir, pera o arrebatar, e fazelo Rey, tornou se elle lo a retirar a o monte.

16 E como ja se fez tarde, descendéraõ seus discipulos a o mar.

17 E entrando em hum barco, passáraõ da outra banda do mar, até Capernaum: e era ja escuro; e ainda Jesus não tinha vindo a elles.

18 E o mar se começou a levantar com hú grande pé de vento.

19 E avendo ja navegado ate vinte e cinco, ou trinta estadios, viraõ a Jesus que vinha andando sobre o mar, e se vinha chegando a o barco, e ouveraõ medo.

20 Mas elle lhes disse: Eu sou, não tenhaes medo.

21 E elles o receberaõ de boa vontade no barco; e logo o barco chegou á terra a onde hiaõ.

22 O dia seguinte, vendo a companhia que estava da outra banda do mar, que não avia ali mais que hum barquinho, em que seus discipulos aviaõ entrado, e que Jesus não entrara com seus discipulos naquelle barquinho, mas seus discipulos sos se aviaõ ido:

23 Mas outros barquinhos arribavaõ de Tiberias, perto do lugar aonde aviaõ comido o paõ, despois de o Senhor aver dado graças.

24 Vendo pois a companhia que Jesus não estava ali, nem seus discipulos, entraraõ elles tambem n'os barquinhos, e vierã a Capernaum em busca de Jesus.

25 E achando o da outra banda do mar, disserãõ lhe: Rabbi, quando chegaste cá?

26 Respondeolhes Jesus, e disse: Em verdade, em verdade vos digo, que me buscaes, não polos finaes que vistes, mas polo pam que comestes, e vos fartastes.

27 Trabalhae, não [pola] comida que perece, mas [pola] comida que pera vida eterna permanece, aqual o Filho do homem vos dará: Porque a este assinalou Deus Pae.

28 E disserãõ lhe: Que faremos para obrarmos as obras de Deus?

29 Respondeo Jesus, e disselhes: Esta he a obra de Deus, que creaes naquelle que elle enviou.

30 Dissleraõ lhe entonces que final pois fazes tu, peraque o vejamos, e te creamos? que obras?

31 Nossios paes comeraõ o Maõa no deserto, como está escrito: Pam do Ceo lhes deu a comer.

32 E Jesus lhes disse: Em verdade, em verdade vos digo, que não vos deu Moyfes o paõ do Ceo; mas meu Pae vos dá o verdadeiro paõ do Ceo.

33 Porque o pão de Deus he aquelle que descende do Ceo, e dá vida a o mundo.

34 E disserão lhe: Senhor, da nos sempre este pam.

35 E Jesus lhes disse: Eu sou o pão da vida; quem a my vier, nunca terá fome; e quem em my crer, ja mais não terá sede.

36 Mas ja vos tenho dito, que me vistes, e não credes.

37 Todo aquelle que o Pae me da, virá a my; e a o que a my vem, não o lançarei fora.

38 Porque eu descendi do Ceo, não para fazer minha vontade, mas a vontade daquelle que me enviou.

39 E esta he a vontade do Pae que me enviou, que tudo quanto me der, não perca delle, mas que no dia derradeiro o resuscite.

40 Esta he tambem a vontade d'aquelle que me enviou que todo quelle que vé a o Filho, e nelle cre, tenha vida eterna; e eu o resuscitarei no dia derradeiro.

41 Murmuravaõ entonces d'elle os Judeos, porque tinha dito: Eu sou o pão que descendi do Ceo.

42 E diziam: Não he este Jesus, o filho de Joseph, cujos pae e maẽ nosoutros conhecemos? como pois diz este: D'o Ceo tenho descendido?

43 E Jesus respondeo, e disse: Não murmureis entre vosoutros.

44 Ninguem pode vir a my, se o Pae que me enviou, o não puxar: E no dia derradeiro eu o resuscitarei.

45 Escrito está n'os prophetas: E feroõ todos ensinados de Deus. Assim que, todo aquelle que do Pae o ouvio, e aprendeo, esse vem a my.

46 Não que alguẽ aja visto a o Pae, senão aquelle que he de Deus; esse tem visto a o Pae.

47 Em verdade, em verdade vos digo, que aquelle que em my cre, tem vida eterna.

48 Eu sou o pão da vida.

49 Vossos paes comeraõ o maõna no deserto, e morrerão.

50 Este he o pam que descende do Ceo, pera que o que delle comer, não morra.

51 Eu sou o pão vivo, que descendi do Ceo; se alguẽ deste pão comer, para sempre ha de viver: E o pão que eu hei de dar, he minha carne, aqual hei de dar pola vida do mundo.

52 Entonces os Judeos contendiaõ entre si, dizendo, como nos pode este dar [sua] carne a comer?

53 E Jesus lhes disse: Em verdade, em verdade vos digo, que se

a carne d'o Filho do homem não comedes, nem seu sangue beberdes, não tereis vida em vos mesmos.

54 Quem come minha carne, e bebe meu sangue, tem vida eterna, e no dia derradeiro eu o resuscitarei.

55 Porque minha carne verdadeiramente he comida; e meu sangue verdadeiramente he bebida.

56 Quem comer minha carne, e beber meu sangue, em my permanece, e eu nelle.

57 Assim como o Pae vivente me enviou, e eu vivo pelo Pae; [*afsi tambem*] quem a my me comer, tambem por my ha de viver.

58 Este he o paõ que do Ceo descendeo; não como vossos paes, que comeraõ o mañã, e morreraõ; quem deste paõ comer, eternalmente ha de viver.

59 Estas cousas disse na Synagoga, ensinando em Capernaum.

60 E muitos de seus discipulos, ouvindo [*isto,*] disseraõ: Dura he esta palavra; e quem a pode ouvir?

61 E sabendo Jesus em si mesmo que seus discipulos d'isto murmuravaõ, disse-lhes: Isto vos escandaliza?

62 Pois [*que será*] se virdes a o Filho do homem, sobir a onde estava primeiro?

63 O Espirito he o que dá vida, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos digo, Espirito e vida saõ.

64 Mas haõ alguns de vosoutros, que não crem. Porque bem sabia Jesus ja desde principio, quem eraõ os que não aviaõ de crer, e quem o avia de entregar.

65 E dizia: por isso vos tenho dito, que ningué a my pode vir, se de meu Pae lhe não for dado.

66 Desd'então se tornavaõ muitos de seus discipulos a tras, e ja não andavaõ com elle.

67 Disse entonces Jesus a os doze: não quereis vos vosoutros tambem ir?

68 E respondeulhe Simaõ Pedro: Senhor, a quem iremos? de vida eterna tens tu as palavras.

69 E ja nos outros cremos, e conhecemos, que tu es o Christo, o Filho do Deus vivente.

70 Jesus lhes respondeo: não vos escolhi eu doze; e hum de vosoutros he diabo?

71 E fallava isto de Judas de Simaõ Iscariota; porque este era o que o avia de entregar, que era hum dos doze.

CAPITULO VII.

1 Andado Jesus em Galilea amosftaõ o seus irmaos, de ir a Jerufalem pera festa das cabanas. 6 O que entoncos nega. 10 Mas segue ds pois em secreto. 14 Enfina no Templo, e defende fua doutrina, como tambem a maravilha feita d'elle no Sabado. 25 Diverfas opinioens que o povo delle tinba. 30 Alguns procuraõ prendelo, mas naõ podiaõ. 32 Os Principes dos Sacerdotes e os Pharifeos mandaõ servidores que o prendeffem. 33 Ameaça a os incredulos Judeos que ds pois o naõ acharaõ. 37 Convida a todos os fedentes, e promete o Espirito Sancto a os feis. 40 Dande avia diffençaõ na companha. 45 Os servidores se tornaõ sem trazelo preso, e louvãõ fua doutrina delle. 47 Indignados os Pharifeos injuriaõ a Christo e a pov. 50 Nicodemus os redargui, e avendo diffençaõ entre elles foraõ se.

1 E passãdas estas coufas, andava Jesus em Galilea; que ja naõ queria andar em Judea: por quanto os Judeos procuravaõ de o matar.

2 E estava ja perto o dia da festa das cabanas dos Judeos.

3 E diffieraõ lhe seus irmaõs: Passã te daqui e vaete a Judea, pera que tambem teus discipulos vejaõ tuas obras que fazes.

4 Que ninguem que procura ser nomeado, faz alguã coufa em secreto; se estas coufas fazes, manifesta te a o mundo.

5 Porque nem ainda seus irmaõs criaõ nelle.

6 Disselhes entoncos Jesus: meu tempo ainda naõ he vindo; mas voffo tempo sempre esta prestes.

7 Naõ vos pode o mundo aborrecer a vosoutros, mas a my me aborrece; porque delle dou testemunho, que fuas obras faõ más.

8 Vosoutros sobi a esta festa: Eu naõ subo ainda a esta festa, porque ainda meu tempo naõ he cumprido.

9 E avendolhes dito isto, ficouse em Galilea.

10 Mas avendo seus irmaõs ja sobido, entoncos sobio elle tambem á festa, naõ manifestamente, mas como em secreto.

11 E buscavaõ o os Judeos no dia da festa, e diziaõ: Aonde esta elle?

12 E avia grande murmuraçaõ delle na companha, porque huns diziaõ: bom he; e outros diziaõ: Naõ, antes engana a as companhas.

13 Mas ninguem fallava delle abertamente, com medo dos Judeos.

14 E no meio da festa sobio Jesus a o Templo, e ensinava.

15 E maravilhavaõ se os Judeos, dizendo, como sabe este letras, naõ as avendo aprendido?

16 Respondeolhes Jesus, e disse: Minha doutrina naõ he minha, senaõ d'aquelle que me enviou.

17 Quem quizer fazer sua vontade, da mesma doutrina conhece-
rá, se vem de Deus, [ou] se eu fallo de my mesmo.

18 Quem falla de si mesmo, honra propria busca; mas quem bus-
ca a honra daquelle que o enviou, cite he verdadeiro, e não ha
nelle injustiça.

19 Não vos deu Moyses a ley, e nenhum de vosoutros faz a ley?
porque me procuraes matar?

20 Respondeo a companhia, e disse: O demonio tens; quem te
procura matar?

21 Respondeo, Jesus e disse-lhes: Huã obra fiz, e todos vos maravilhaes.

22 Por isso; Moyses vos deu a circuncisão (não porque de Moyses seja,
mas dos paes:) e no Sabado circuncidaes a o homem.

23 Se o homem em Sabado recebe a circuncisão, peraque a ley
de Moyses não seja quebrantada; indignaes vos comigo, porque em
Sabado farei a todo hum homem?

24 Não julgueis segundo o que de fora aparece, mas julgae ju-
sto juizo.

25 Diziaõ entonces alguns dos de Hierusalem: Não he este a o que
buscãõ pera o matar?

26 E eis aqui falla publicamente, e não lhe dizem nada: Quem
sabe se verdadeiramente tem entendido os Principes, que este seja
o Christo.

27 Mas este, bem sabemos d'onde he: Porem quando o Christo
vier, ninguem saberá d'onde seja.

28 Entonces clamava Jesus no Templo, ensinando, e dizendo: E
a my me conheceis, e sabeis d'onde sou; Porem eu não tenho vin-
do de my mesmo; mas aquelle que me enviou, he verdadeiro, a o
qual vosoutros não conheceis.

29 Porem eu o conheço; porque delle sou, e elle me enviou.

30 Entonces procuravaõ prendelo, mas ninguem lançou nelle a
maõ, porque ainda sua hora não era vinda.

31 E da companhia, muitos crêraõ nelle; e diziaõ: Quando o
Christo vier fará mais sinais do que os que este fez?

32 Ouviraõ os Phariseos que a companhia murmurava delle estas
couzas: E mandaraõ os Principes dos Sacerdotes, e os Phariseos, ser-
vidores que o prendessem.

33 E Jesus lhes disse: Ainda hum pouco de tempo estarei com
vosco, e entaõ me irei a aquelle que me enviou.

34 Buscarmeheis, e não [me] achareis; e a onde eu estiver, vos-
outros não podeis vir.

35 En-

35 Entõnces disserão os Judeos entre si: Aonde se irá este, que não o achemos? Porventura ir se ha a os esparzidos entre os Gregos? e a ensinar a os Gregos?

36 Que dito he este que disse: Buscarmeheis, e não [me] achareis; e aonde eu estiver, vosoutros não podeis vir?

37 Porem no ultimo dia grande da festa, se pôs Jesus empé, e clamou, dizendo, se alguem tem sede, venha a my e beba.

38 Quem cré em my, como a Escriitura diz, rios de agoa viva correrão de seu ventre.

39 (E isto disse elle do Espirito que avião de receber aquelles que nelle cresem: Porque ainda o Espirito sancto não era, por quanto ainda Jesus não era glorificado.)

40 Entõnces muitos da companhia, ouvindo este dito, diziaõ: Verdadeiramente este he o Propheta.

41 Outros diziaõ: Este he o Christo; mas alguns diziaõ: De Galilea ha de vir o Christo?

42 Não diz a Escriitura que da semente de David, e da aldeia de Betlehem, donde era David, ha de vir o Christo?

43 Assi que avia dissensão na companhia por amor delle.

44 E alguns delles o queriaõ prender, mas ninguem lançou mão delle.

45 E viéraõ os servidores a os Pontifices e Phariseos; e elles lhes disserão: Porque o não trouxestes?

46 Respondéraõ os servidores: Nunca homé nenhú fallou como este homem.

47 Entõnces lhes respondéraõ os Phariseos: Tambem vosoutros estaes enganados?

48 Por ventura creu nelle algum dos Principes ou dos Phariseos?

49 Senão este vulgo, que não sabe a ley, malditos são:

50 Disselhes Nicodemus (o que a elle de noite viera, que era hum delles.)

51 Julga nossã ley a o homem, sem primeiro o ouvir, e d'elle o que tem feito entender?

52 Respondéraõ elles, e disserão lhe: Não és tu tambem Galileo? esquadrinha, e vé, que nunca de Galilea se alevantou Propheta.

53 E tornáraõ se cada hum para sua caza.

CAPITULO VIII.

1 Christo pela manhã ensina no templo. 3 O successo da mulher adúltera. 12 Manifesta ser elle a luz do mundo. 13 E defende se contra os Phariseos assi com seu proprio testemunho como com o de seu Pat. 21 Diz a os Judeos que de balde lhe buscarão, e que em seus peccados haõ de morrer, se não n'elle creem. 25 Promette a os que nelle creem noticia da verdade, e liberdade do serviço do peccado. 37 Demonstra que os incredulos Judeos não são filhas de Abraham, nem de Deus, mas do demônio. 46 Reprende a incredulidade d'elles. 48 Sobre o que os Judeos o injurião. 50 Testifica que Abraham viu seu dia, e que era antes que Abraham fosse, 59 Por isso o querem apedrejar.

- 1** E foi se Jesus a o monte das oliveiras.
2 E pela manhã tornou a o Templo: E todo o povo veio a elle. E affentando se, os ensinava.
3 Entõces lhe trouxeraõ os Escribas e Phariseos huã mulher tomada em adulterio:
4 E pondo a no meio, disserão lhe: Mestre, esta mulher foi tomada no mesmo feito, adulterando.
5 E na ley nos mandou Moyses apedrejar a as taes, tu pois que dizes?
6 Mas isto diziaõ elles, atentando o, para o poderem acufar: Mas inclinando se Jesus para baixo, pos se a escrever com o dedo no chaõ.
7 E como perseverassem, perguntandolhe, endereitou se, e disse-lhes: Aquelle que de vosoutros sem peccado está, seja o primeiro que pedra alguã contra ella atire.
8 E tornando se a inclinar para baixo, escrevia no chaõ.
9 Ouvindo pois elles [*isso,*] e redarguidos da consciencia, foraõ se saindo hum a hum, começando dos mais velhos até os derradeiros, e ficou so Jesus, e a mulher que no meio estava.
10 E endereitando se Jesus, e não vendo a ningué mais que a mulher, disse-lhe: Mulher, aonde estão os que te acufavaõ? ninguem te condenou?
11 E disse ella: ninguem, Senhor. Entõces lhe disse Jesus: Nem eu te condeno; va te, e não peques mais.
12 E falloulhes Jesus outra vez, dizendo, eu sou a luz do mundo; quem me seguir, não andarã em trevas, mas terá lume de vida.
13 Entõces lhe disserão os Phariseos: Tu de ty mesmo dás testemunho, teu testemunho não he verdadeiro.
14 Respondeo Jesus, e disse-lhes: Ainda que eu de my mesmo dou testemunho, meo testemunho he verdadeiro; porque sei d'onde vim, e parã onde vou: porem vosoutros não sabeis donde venho, nem para onde vou.

- 15 Vosoutros segundo a carne julgaes; eu não julgo a ninguém.
- 16 E se também julgo, meu juizo he verdadeiro: Porque não sou só, mas eu, e o Pae que me enviou.
- 17 Porem também em vossa ley está escrito, que o Testemunho de dous homens he verdadeiro.
- 18 Eu sou o que de my mesmo dou testemunho, e dá testemunho de my o Pae que me enviou.
- 19 Disserão lhe pois: Aonde está teu Pae? respondeo Jesus: Nem a my me conheceis, nem a meo Pae: Se vos a my me conhecesses, também a meo Pae conhecereis.
- 20 Estas palavras fallou Jesus na thesouraria, estando ensinando no Templo; e ninguém o prendeo, porque ainda sua hora não era vinda.
- 21 E disselhes Jesus outra vez: Eu me vou e buscareis; mas em vossò peccado morrereis: Aonde eu vou, não podeis vosoutros vir.
- 22 Diziaõ entonces os Judeos: Hase de matar a si mesmo, que diz: Aonde eu vou, vosoutros não podeis vir?
- 23 E disselhes: Vosoutros sois de baixo, eu sou de riba; vosoutros sois deste mundo, eu não sou deste mundo.
- 24 Por isso vos disse, que em vossos peccados morrereis; porque se não crerdes que eu o sou, em vossos peccados morrereis.
- 25 E diziaõ lhe: Tu quem és? entonces Jesus lhes disse: O que desde principio ja também vos tenho dito.
- 26 Muitas cousas tenho que dizer e julgar de vosoutros: Mas verdadeiro he aquelle que me enviou; e eu o que delle tenho ouvido, isso fallo a o mundo.
- 27 Mas não entendiaõ que lhes falava do Pae.
- 28 Disselhes pois Jesus: Quando levantardes a o Filho do homem, entaõ entendereis que eu o sou, e [que] nada faço de my mesmo: Mas isto digo assi como o Pae me ensinou.
- 29 Porque aquelle que me enviou, comigo está: Não me tem o Pae deixado só; porque sempre faço o que a elle lhe agrada.
- 30 Fallando elle estas cousas, crearaõ muitos nelle.
- 31 E dizia Jesus a os Judeos que nelle aviaõ crido: Se vosoutros em minha palavra permanecerdes, fereis verdadeiramente meos discipulos.
- 32 E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.
- 33 E responderaõ lhe: Semente de Abraham somos, e nunca a ninguém servimos; como dizes tu, livres fereis?

34 Respondeo lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo, que todo aquelle que faz peccado, he seruo do peccado.

35 E o seruo não fica em casa para sempre, mas o Filho pera sempre fica.

36 Assi que, se o Filho vos libertar, verdadeiramente fereis livres.

37 Bem sei que sois semente de Abraham; Porem. Procuraes matarme, porque minha palavra não cabe em vosoutros.

38 Eu, o que junto a meu Pae vi, fallo; e vosoutros, o que junto a voffo pae vistes, fazeis.

39 Responderão, e disserão lhe: Nossõ pae he Abraham. Disse-lhes Jesus: Se filhos de Abraham foreis, as obras de Abraham fizereis.

40 Porem agora procuraes matarme, homem que vos tenho fallado a verdade que de Deus tenho ouvido: Não fez isto Abraham.

41 Vosoutros fazeis as obras de voffo pae. Disserão lhe pois: nosoutros não fomos nacidos de fornicação; hum Pae temos, [*a saber*] Deus.

42 Jesus entonces lhes disse: Se Deus fora voffo Pae, verdadeiramente me amareis: Porque eu de Deus tenho saído, e vindo; que não tenho vindo de my mesmo, porem elle me enviou.

43 Porque não reconheceis minha linguagem? [*he*] porquanto não podeis ouvir minha palavra.

44 Vosoutros de pae diabo sois, e os desejos de voffo pae quereis cumprir: Elle homicida foi desde principio, e não permaneceo na verdade; porque não ha verdade nelle; quando falla mentira, de si proprio falla: Porque he mentiroso, e pae [*da mentira*.]

45 Porem a my, que [*vos*] digo a verdade, não me credes.

46 Quem de vosoutros me convence de peccado? e se vos digo a verdade, porque me não credes?

47 Quem he de Deus, as palayras de Deus ouve; portanto as não ouvis vosoutros, porquanto não sois de Deus.

48 Responderão então os Judeos, e disserão lhe: Não dizemos nos mui bem, que es Samaritano, e tens o demonio?

49 Respondeo Jesus: Eu não tenho o demonio, antes honro a meu Pae; Mas vosoutros me deshonaes a my.

50 Nem tão pouco busco minha honra, ha que a busque, e a julgue.

51 Em verdade, em verdade vos digo, que quem minha palavra guardar, nunca pera sempre a morte verá.

52 Entonces lhe disserão os Judeos: Agora conhecemos que tens o demonio.

o demonio: Morreo Abraham, e os Prophetas; e dizes tu: Quem minha palavra guardar, nunca pera sempre a morte gostará?

53 És tu maior que nollõ pae Abraham, o qual morreo, e morreraõ os Prophetas: Quem te fazes a ty mesmo?

54 Respondeo Jesus: Se eu a my mesmo me honro, nada minha honra he; meo-Pae que vosoutros dizeis que he vossõ Deus, he o que me honra.

55 Porem vos naõ o conheceis, mas eu o conheço: E se digo, que o naõ conheço, ferei, como vosoutros, mentiroso; mas conheço o, e guardo sua palavra.

56 Abraham vossõ pae se alegrou com desejo de ver meu dia; e vio [o,] e alegrouse.

57 Disseraõ lhe entonces os Judeos: Ainda naõ tens cincoenta annos, e viste a Abrahão?

58 Disselhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo, que Antes que Abraham fosse, sou eu.

59 Tomáraõ entonces pedras para lhe atirarẽ, mas Jesus se encobrio, e sahio do Templo, e atravessando assi por meyo delles, se passou.

CAPITULO IX.

1 Christo da vista em Sabado a hum cego de nascimento. 8 O que o cego a seus vizinhos conta. 13 E tambem a os Pharisceos. 16 Que blasphemãõ por isso a Christo. 18 Chamaõ a os paes do cego para ouvir, se avia sido cego. 24 Chamaõ outra vez a o cego e o examinaõ. 27 Que lhes responde, e testifica que Christo naõ he peccador, senaõ de Deus vindo. 34 Por isso lançaõ o fora. 35 O cego sendo ainda mais por Christo informado, cre n'elle, e o adora. 40 Christo a os Pharisceos condena por cegos espirituaes.

1 **E** indo Jesus passando, vio a hum homẽ cego desde seu nascimento.

2 E perguntaraõlhe seus discipulos, dizendo, Rabbi, quem peccou? este, ou seus paes, pera que nasceo cego?

3 Respondeo Jesus: Nem este peccou, nem seus paes; mas [isto succeden] pera que as obras de Deus nelle se manifestem.

4 A my me convem obrar as obras daquelle que me enviou, entretanto que o dia dura: a noite vem, quando ninguem pode obrar.

5 Entre tanto que no mundo estou, do mundo eu a luz sou.

6 Isto dito, cospio no chaõ, e fez lodo do cuspo, e untou com aquelle lodo os olhos d'o cego.

7 E disselhe: Vae, lava te no tanque de Siloẽ, (que declarado, significa, enviado) foi pois, e lavouse; e tornou vendo.

8 Entoncez os vizinhos, e os que d'antes o avião visto que era cego, diziam: Não he este aquelle que amentado estava mendigando?

9 Outros diziaõ: que este he, e outros: parece se com elle; e elle dizia; que eu sou.

10 E diziam lhe: Como se te abrião os olhos?

11 Respondeo elle e disse: Aquelle homem que se chama Jesus, fez lodo, e me untou os olhos, e me disse: vaç a o tanque de Siloé, e lavate; e fui, e laveime, e recebi a vista.

12 E disserão lhe: Aonde está elle? disse elle: não o sei.

13 Levãraõ a o que dantes [*avia fido*] cego a os Phariseos.

14 E era Sabado quando Jesus fez aquelle lodo, e lhe abriu os olhos.

15 E tornãraõ lhe tambem os Phariseos a perguntar, de que manci-
ra recebera a vista? e elle disse: pôs me lodo sobre os olhos, e lavei-
me, e vejo.

16 Entoncez alguns dos Phariseos lhe diziaõ: Este homé não he de Deus, pois não guarda o Sabado. E outros diziaõ: como pode hum homem peccador fazer estes sinais? E avia dissensaõ entre elles.

17 Tornaõ [*pois*] a dizer a o cego: tu que dizes daquelle que te abriu os olhos? e elle disse: que he Propheta.

18 Mas os Judeos não criaõ delle que avia sido cego, e ouvêsse recebido a vista; até que chamãraõ a os paes do que avia recebido á vista.

19 E perguntaraõ lhes dizendo: He este vossõ filho, aquelle que vosoutros dizeis que naceo cego? como pois vé agora?

20 Responderãõ lhes seus paes, e disserãõ: bem sabemos que este he nossõ filho, e que naceo cego:

21 Mas como agora veja, não o sabemos; ou, que lhe aja aberto os olhos, taõ pouco o sabemos; idade tem, perguntaelhe a elle mesmo, que elle fallará por si.

22 Isto disserãõ seus paes, porque temiaõ a os Judeos: Porquanto ja os Judeos tinhaõ concluido, que se alguem confessasse ser elle o Christo, fosse lançado da Synagoga.

23 Por isso disserãõ seus paes: idade tem, perguntaelhe a elle.

24 Tornãraõ pois a chamar a o homem que fora cego, e disserãõ lhe: Dá gloria a Deus; nosoutros sabemos que este homem he peccador.

25 Entoncez elle respondeo, e disse: Se he peccador, não o sei; huã cousa sei, que avendo eu sido cego, agora vejo.

26 E tornãraõ lhe a dizer: que te fez? como te abriu os olhos.

27 Respondeulhes: Ja volo tenho dito, e ainda o não ouvistes:

Porque

Porque o quereis ainda outra vez ouvir? Por ventura quereis vos também fazer seus discipulos?

28 Entõces o injuriãõ, e differaõ: Tu sejas seu discipulo; que nosoutros discipulos de Moyfes fomos.

29 Bem sabemos nosoutros que a Moyfes fallou Deus; mas este; Nem de donde he sabemos.

30 Respondeo lhes aquelle homem, e disselhes: Na verdade que maravilhoza cousa he esta, que vosoutros não sabeis de donde este seja! e a my me abriu os olhos!

31 Ora bem sabemos que Deus não ouve a os peccadores, mas se alguẽ he temeroso de Deus, e faz sua vontade, a este ouve.

32 Nunca em tempo nenhum se ouvio, que alguẽ os olhos a hum, que naceo cego, abrisse.

33 Se este de Deus vindo não fora, nada fazer pudera.

34 Responderãõ elles e differaõ lhe: Em peccados es todo nacido, e nos enmas a nos? e lançaraõ o fora.

35 Ouvio Jesus que o aviam lançado fora, e achando o, disselhe: crestu no Filho de Deus?

36 Respondeo elle, e disse: quem he, Senhor, peraque nelle crea?

37 E disselhe Jesus: Ja o tens visto; e o que com tigo estã fallando, esse he.

38 E elle disse: Creo, Senhor; e adorou o:

39 E disse Jesus: Eu pera juizo tenho vindo a este mundo, peraque os que não vem, vejaõ; e os que vêm, ceguẽm.

40 E ouviraõ isto [alguns] dos Pharisios, que com elle estavaõ; e differaõ lhe: somos nosoutros também cegos?

41 Disselhes Jesus: se cegos foreis, peccado não tiverẽis; mas por quanto agora dizeis, vemos: por tanto vossõ peccado permanece.

CAPITULO X.

1 Com exemplo do bom pastor demonstra Christo que elle era o verdadeiro pastor das suas ovelhas e não jornaleiro. 19 Houve differença sobre isso entre os Judeos. 22 Os Judeos, sendo Christo em Jerusaleem na festa, o rodeaõ, e perguntaõ se elle era o Christo. 25 O que testifica, e demonstra pelas suas obras. 26 Diz que elles não crem por quanto de suas ovelhas não saõ. 27 Que suas ovelhas nulle crem, e que pera sempre nunca pereceraõ. 31 Os Judeos querem o apedrejar como bom blasphemador. 34 Mas defende se com a Escriitura e com suas obras. E sabio de suas maõs pera a Jordão.

1 **E**m verdade, em verdade vos digo, que aquelle que no curral das ovelhas pela porta não entra, mas por outra parte sobe, ladraõ he o tal, e roubador.

2 Mas aquelle, que pela porta entra, o pastor das ovelhas he.

3 A este abre o porteiro, e as ovelhas ouvem sua voz, e a suas ovelhas chama nome por nome, e as leva fora.

4 E tirando fora suas ovelhas, se vae diante dellas, e as ovelhas o seguem, porque conhecem sua voz.

5 Mas a o estranho não seguiraõ, antes delle fogiraõ; porquanto a voz dos estranhos não conhecem.

6 Esta parabola lhes disse Jesus; porem elles não entenderaõ que era o que lhes dizia.

7 Tornoulhes pois Jesus a dizer: Em verdade, em verdade vos digo, que eu sou a porta das ovelhas.

8 Todos quantos antes de my vieraõ, ladroens sam, e roubadores: mas não os ouviraõ as ovelhas.

9 Eu sou a porta; Quem por my entrar, hafe de salvar: e entrará, e fará, e pastos achará.

10 O Ladraõ não vem senão pera roubar, e matar, e destruir: eu vim pera que tenhaõ vida, e pera que tenhaõ abundancia.

11 Eu sou o bom pastor: O bom pastor, polas ovelhas sua vida poem.

^a Ou, Mer-
cenario.

12 Mas o ^a jornaleiro, e que não he o pastor, cujas não são proprias as ovelhas, vé vir a o lobo, e deixa as ovelhas, e foge: e o lobo arrebatá e dissipá as ovelhas.

13 E o jornaleiro foge, porquanto he jornaleiro, e das ovelhas não tem cuidado:

14 Eu sou o bom pastor, e conheço as minhas, e as minhas me conhecem a my.

15 Como o Pae me conhece a my, [*affi*] conheço eu a o Pae: e minha vida polas ovelhas ponho.

16 Ainda

16 Ainda tenho outras ovelhas, que deste curral não são; aquellas tambem me convem trazer, e ouvirão minha voz, e farão hum curral e hum pastor.

17 Por isto me ama o Pai, porquanto minha vida ponho, para tornala a tomar.

18 Ninguem m'a tira a my, mas de my mesmo a ponho: porquanto para a pôr tenho, e tenho poder para a tornar a tomar. Este mandamento recebi de meo Pai.

19 E tornou a aver dissenção entre os Judeos, por estas palavras.

20 E muitos delles diziaõ, o demonio tem, e está fora de si, para que o ouvis?

21 Diziaõ outros: Estas palavras não são de endemoninhado; pode o demonio abrir os olhos a os cegos?

22 E celebrava-se entãõ a renovação do Templo em Hierusalem; e era inverno.

23 E andava Jesus passeando no Templo, no alpendre de Salomão.

24 E rodeáraõ o os Judeos, e disserãõ lhe, até quando teras em suspenso nossa alma? se tu es o Christo, dizeno-lo abertamente?

25 Respondeulhes Jesus, dito volo tenho ja, e não o credes, as obras que eu em nome de meo Pai faço, ellas dam testemunho de my.

26 Mas vosoutros não credes, porquanto de minhas ovelhas não sois, como ja dito volo tenho.

27 Minhas ovelhas ouvem minha voz, e eu as conheço, e ellas me seguem.

28 E eu lhes dou a vida eterna, e para sempre nunca perecerãõ, e ninguem as arrebatará de minha mão.

29 Meu Pai que m'as deu, maior que todos he, e ninguem as pode arrebatá-las da mão de meu Pai.

30 Eu e o Pai, hum somos.

31 Entõces tornáraõ os Judeos a tomar pedras, para o apedrejar.

32 Respondeulhes Jesus, muitas boas obras de meo Pai vos tenho mostrado; por qual obra destas me apedrejaes?

33 Responderãõ lhe os Judeos, dizendo, pola boa obra não te apedrejamos, senãõ pola blasfemia, e porque sendo tu homem, te fazes Deus.

34 Respondeulhes Jesus, não está em vossa Ley escrito, eu disse, deuses sois?

35 Pois se [a ley] a aquelles chamou deuses, a quem a palavra

de Deus era encaminhada, e a Escritura não pode ser quebrantada:

36 [*Amy,*] a quem o Pai sanctificou, e a o mundo mandou, dizeis vosoutros, blasfemas, porque disse, Filho de Deus sou?

37 Se as obras de meo Pai não faço, não me creaes.

38 Porem se he que as faço, ainda que a my me não creaes, crede a as obras; pera que conheçaes e creaes, que o Pai está em my, e eu nelle.

39 E procuravaõ outra vez prendelo; porem eu se sahio de suas mãos.

40 E passou se torno da outra banda do Jordão, a aquelle lugar aonde Joam primeiro bautizava. E ficou se ali.

41 E muitos vinhaõ a elle, e diziaõ, em verdade que nenhum final fez João; mas tudo quanto João deste disse, era verdade.

42 E muitos creãõ ali nelle.

CAPITULO XI.

2 De como o Lazaro estava enfermo, morreu, e foi resuscitado pelo Christo. 45 Por isso muitos nelle crem. 46 E os outros dão as graças a os Phariseos. 47 Que convocação por isso o Concilio. 50 Aonde Cajaphas, sem saber o que dizia, profetiza do fruto da morte de Christo. 53 E consultaõ de matalo. 54 Mas se retira a Ephraim. 55 Buscaõ o na festa da Paschoa. 57 Os Principes dos Sacerdotes dão mandamento que se alguém souberse aonde estivesse, que o manifestasse.

1 **E** estava enfermo hum certo [*homem chamado*] Lazaro de Bethania da aldea de Maria, e de Martha, suas irmaãs.

2 (E era Maria a que a o senhor ungiõ com o unguento, e com seus cabellos lhe alimpou os pees, cujo irmaõ Lazaro era o que enfermo estava.)

3 Enviãõ pois suas irmaãs a elle, dizendo, senhor, vés aqui aquelle que amas está enfermo.

4 E ouvindo [*o*] Jesus disse, esta enfermidade não he para morte, mas para gloria de Deus; paraque o Filho de Deus por ella seja glorificado.

5 E amava Jesus a Martha, e a sua irmaã; e a Lazaro.

6 Ouvindo pois, que estava enfermo, ficou se com tudo [*ainda*] dous dias naquelle mesmo lugar aonde estava.

7 Despois disto disse a seus discipulos, vamos outra vez a Judea.

8 Dizem lhe os discipulos, Rabbi, indá agora te procuravaõ os Judeos apedrejar; e ainda te tornas para lá?

9 Respondeo Jesus, não tem doze horas o dia? quem de dia anda, não tropeça; por quanto vé a luz deste mundo.

10 Mas

- 10 Mas quem de noite anda, tropeça; porquanto nelle luz não ha.
- 11 Dito isto, disse-lhes depois: Lazaro, nosso amigo, dorme; mas vou a despertalo do sono.
- 12 Disse-lhe entonces seus discipulos: Senhor se dorme, salvo estará:
- 13 Mas isto dizia Jesus de sua morte; porem elles cuidavaõ que fallava do uso de sono.
- 14 Entonces pois lhes disse Jesus claramente: Lazaro he morto.
- 15 E folgome, por amor de vosoutros, que eu la não estiveße, para que creaes: Mas vamos ter com elle.
- 16 Disse entonces Thomas, chamado o Didymo, a os condiscipulos: Vamos nosoutros tambem, pera que com elle morramos.
- 17 Veio pois Jesus, e achou que ja avia quatro dias que na sepultura estava.
- 18 E Bethania estava como quasi quinze estadios perto de Hierusalem;
- 19 E muitos dos Judeos tinhaõ vindo á Martha, e á Maria, a consolalas acerca de seu irmaõ.
- 20 Entonces Martha, ouvindo que Jesus vinha, sahio o a receber; mas Maria se ficou em casa.
- 21 E disse Martha a Jesus, Senhor se tu aqui estiveras, não fora morto meu irmaõ.
- 22 Porem tambem sei agora, que tudo o que a Deus pedires, t'o dará Deus.
- 23 Disse-lhe Jesus, Teu irmaõ resuscitará.
- 24 Martha lhe disse: Eu sei que ha de resuscitar, na resurreiçaõ, em o dia derradeiro.
- 25 Disse-lhe Jesus, Eu sou a resurreiçaõ, e a vida; quem em my cré, ainda que morto esteja, vivirá.
- 26 E todo aquelle que vive, e em my cré, não morrerá eternamente. crés isto?
- 27 Disse-lhe ella, Si senhor, ja tenho crido que tu es o Christo, o Filho de Deus, que a o mundo avia de vir.
- 28 E dito isto, foise, e chamou em segredo a Maria sua irmaã, dizendo, aqui está o Mestre, e te chama.
- 29 E assi como ella [o] ouvio, logo se levantou, e foi ter com elle.
- 30 Que ainda não era chegado Jesus á aldea; mas estava naquelle lugar, aonde Martha o faira a receber.
- 31 Entonces os Judeos que com ella em casa estavaõ, e a consola-

lavaõ, vendo que Maria aprefuradamente se levantára, e fãira, feguirãõ a, dizendo a a fepultura vae, a lá prantear.

32 Mas vindo Maria aonde Jefus estava, e vendo o, derribou fe a feus pees, dizendolhe, Senhor, fe tu por cá eftiveras, não fora meo irmaõ morto.

33 Jefus entoncos como a vio chorando, e a os Judeos que juntamente com ella tinhaõ vindo [*tambem*] chorando, moveu fe em fpirito, e alvoroçou fe a fi mefmo.

34 E diffe, aonde o pufefte? Differaõ lhe, Senhor, vem e vé o.

35 E chorou Jefus.

36 Differaõ entoncos os Judeos, vede como o amava!

37 E alguns delles differaõ, não podia efte, que abrio os olhos a o cego, fazer que efte não morrera?

38 E Jefus embravecendofe outra vez em fi mefmo, veio a o fepulchro, e era huã fpelunca, que tinha huã pedra em cima.

39 Diffe Jefus, tirae a pedra. Martha, a irmaã do defunto, lhe diffe, Senhor, ja fede, que he ja quatro dias [*ali pofto.*]

40 Jefus lhe diffe, não te tenho dito, que fe creres, verã a gloria de Deus?

41 Entoncos, tirãõ a pedra d'onde o defunto fora pofto, e levantando Jefus pera riba os olhos diffe, Pac, graças te dou, que ja me tens ouvido.

42 Que bem fabia eu, que fempres me ouves; mas por cauza da companhia que efte a o redor, o diffe; pera que creaõ que tu es o que me tens enviado.

43 E avendo dito ifto, clamou com grande voz, Lazaro, vem fora.

44 Entoncos fãhio o defunto atadas as maõs e os pees com tiras, e com o rofto envolto em hum fudario. Difselhes Jefus, defatae o, e deixae o ir.

45 Polo que muitos dos Judeos, que a Maria tinhaõ vindo, e o que Jefus fizera, aviam vifto, creãõ nelle.

46 Mas alguns delles foraõ a os Pharifeos, e differaõ lhes o que Jefus tinha feito.

47 E os Pontifices, e os Pharifeos, ajuntãõ confelho, e diziaõ: que faremos? que efte homem faz muitos finaes!

48 Se affi o deixamos, todos nelle creãõ, e viraõ os Romanos, e tomarnos haõ o lugar e a naçaõ.

49 Entoncos Cayphas, hum delles, fumõ Pontifece d'aquelle anno, lhes diffe, vosoutros não sabeis nada:

50 Nem consideraes que nos convem, que morra polo povo hum homem: e naõ que toda a nação se perca.

51 Mas isto naõ o disla de si mesmo, senaõ que como era o summo pontifece d'aquelle anno, profetizou que polo povo avia Jesus de morrer.

52 E naõ fomite por aquelle povo, mas tambem peraque em hum ajuntassẽ a os Filhos de Deus, que espalhados andavaõ.

53 Assim e de d'aquelle dia consultavaõ juntos de o matarem.

54 Demanda que ja Jesus naõ andava mais manifestamente entre os Judeos, mas foi se dali á terra, que está junto a o deserto, a huã cidade chamada Ephraim; e conversava ali com seus discipulos.

55 E estava perto a Paschoa dos Judeos, e muitos d'aquelle terra sobiraõ a Hierusalẽm antes da Paschoa, perá se irem a purificar.

56 E buscavaõ a Jesus; e estando ja no Templo diziaõ huns a os outros: Que vos parece? parece vos a vos que naõ virá a o dia da festa?

57 E os Pontifeces, e os Phariseos, tinhaõ dado mandamento, que se alguem foubessẽ aonde estivesse, que o manifestassẽ, pera que prender o pudessẽm.

CAPITULO XII.

1 Christo ceando com Lazaro, Maria o ungui. 4 Aqual Judas reprende. 7 Mas Christo a defende. 9 Muitos Judeos vem por ver a Lazaro. 10 E por isso consultaõ os Principes dos Sacerdotes de tambem a elle matarem. 12 Christo entra gloriosamente em Jerusalem. 20 Alguns gregos chegando a Philippe rogavaõ lhe de ver a Christo. 23 E por esta occasiã Christo fala do fruto da sua morte pela parabola do graõ de trigo. 27 Sua alma esta turbada, ora a seu Pai e fica glorificado pela huã voz do ceo. 28 Inferna torne a companhia do fruto e da maneira de sua morte, e amoesa pera andar na luz. 37 Os Judeos permanecem endurecidos como era predito pelo Esaias. 42 Muitos Principes crem nelle em secreto. 44 Amoesa torne a se, e a confessãõ da se.

1 **V**icio pois Jesus, seis dias antes da Paschoa, a Bethania, aonde Lazaro estava que falecẽra, a quem Jesus dos mortos refuscitara.

2 E fizeraõ lhe ali huã cea, e Martha servia; e Lazaro era hum dos que juntamente com elle [*á mesa*] estavaõ assentados.

3 Entoncestomou Maria hum arratel de unguento de nardo puro de muito preço, e ungiõ os pees a Jesus, e alimpou seus pees com seus cabellos; e encheo se a casa do cheiro do unguento.

4 E disse Judas de Simaõ Iscariota, hum de seus discipulos, que era o que o avia de entregar:

5 Porque se naõ vendeo este unguento por trezentos ⁴ dinheiros, e a Ou, *Cristo*. se deu a os pobres?

6 Mas isto disse elle, não polo cuidado que dos pobres tivesse; mas porque era ladrao, e tinha a bolsa, e trazia o que nella se lançava.

7 Entonces disse Jesus, deixa a, que para o dia de minha sepultura tem guardado isto.

8 Porque a os pobres sempre com vosco os tereis, porem a my não me tereis sempre.

9 Entendeo pois muita companhia dos Judeos que elle ali estava: e vieraõ, não somente por causa de Jesus, mas tambem por ver a Lazaro: a quem dos mortos resuscitára.

10 E consultáraõ os Principes dos Sacerdotes de tambem a Lazaro matarem.

11 Porque muitos dos Judeos hiaõ, e criaõ em Jesus por amor d'elle.

12 O seguinte dia, ouvindo huã grande companhia que a o dia da festa viera, que Jesus vinha a Hierusalem.

13 Tomáraõ ramos de palmas, e sahiraõ o a receber; e clamavaõ: Hosanna. Bendito aquelle que vem em o nome d'o Senhor, o [que he] Rey de Israel.

14 E achou Jesus hum asninho, e assentouse sobre elle, como está escrito.

15 Não temas o filha de Siao, eis aqui teu Rey vem assentado sobre o burrico de huã burra.

16 Porem isto não entenderaõ seus discipulos a o principio: mas sendo Jesus ja glorificado, entonces se lembráraõ que isto d'elle estava escrito, e [que] isto lhe fizeraõ.

17 E a companhia que com elle estava, dava testemunho de como da sepultura a Lazaro chamára, e dos mortos o resuscitára.

18 Polo que tambem a companhia o viera a receber, por quanto ouviraõ que fizera este sinal.

19 Mas os Phariseos disseraõ entre si, vedes bem que nada aproveitae? Eis que o mundo se vae a pos elle.

20 E avia certos Gregos d'os que no dia da festa a adorar aviaõ sobido.

21 Estes pois se chegáraõ a Philippe, (que era de Bethsaida de Galilea) e rogáraõ lhe, dizendo, Senhor, queremos ver a Jesus.

22 Veio Philippe, e disse o a André; André, entonces, e Philippe, o disseraõ a Jesus.

23 Entonces Jesus lhes respondeo, dizendo, a hora vem que o Filho do homem ha de ser glorificado.

24 Em verdade, em verdade vos digo, que se o graõ de trigo que

caer na terra, não morrer, elle se fica; porem se morrer, muito fructo traz.

25 Quem sua vida ama perdelaha; e quem neste mundo sua vida aborrece, para vida eterna a guardará.

26 Quem me serve, sigame; e aonde eu estiver, ali esterá tambem meu servidor. E quem me servir, meu Pae o ha de honrar.

27 Agora está turbada minha alma; e que direi? Pae, salvame desta hora; mas por... tenho eu vindo nesta hora.

28 Pae, glorifica teu Nome, entonces veio hua voz d'o Ceo: [*dizendo*] ja [o] tenho glorificado, e tambem outra vez [o] glorificarei.

29 E a companhia que estava presente, e a avia ouvido, dizia, que avia sido trovaõ; outros diziaõ, algum Anjo lhe tem fallado.

30 Respondeo Jesus e disse, não veio esta voz por amor de my, senão por amor de vosoutros.

31 Agora he deste mundo o juizo: agora sera lançado fora o Principe deste mundo.

32 E eu, se da terra levantado for, a todos a my trarei.

33 E isto dizia, dando a entender de que morte avia de morrer.

34 Respondeulhe a companhia, d'a Ley temos ouvido, que pera sempre o Christo permanece; como dizes tu logo convem que o Filho do homem seja levantado? Quem he este Filho do homem?

35 Entonces lhes disse Jesus, ainda por hum pouco estará entre vosoutros a luz; andae entre tanto que luz tiverdes, peraque as trevas vos não comprehendaõ; porque que em trevas anda, não sabe para onde vae.

36 Entre tanto que luz tendes, crede na luz, peraque da luz sejaes filhos. Estas cousas fallou Jesus, e foise, e escondeose delles.

37 E ainda que perante elles tantos sinaes tinha feito, nem por isso n'elle criaõ.

38 Peraque se cumprisse a palavra que disse o Propheta Esayas: Senhor, quem deu credito a nosso dito? E o braço do Senhor, a quem he revelado?

39 Por isto não podiaõ crer, porquanto outra vez disse Esayas:

40 Os olhos lhes cegou, e o coração lhes endureceu, peraque dos olhos não vejaõ, nem de coração entendaõ, e se convertaõ, e eu os sare.

41 Estas cousas disse Esayas, quando sua gloria vio, e delle fallou.

42 Com tudo isso, ainda até dos Princeses creraõ muitos tambem nelle: Mas não o confessavaõ por causa dos Phariseos, por da Synagoga não serem lançados.

43 Porque amavaõ mais a honra dos homens, do que a honra de Deus.

44 Mas

44 Mas Jesus clamou, e disse, quem em my cré, não cré em my, senão n'aquelle que me enviou :

45 E que a my me vé, vé a aquelle que me enviou.

46 Eu sou a luz que a o mundo vim, para que todo aquelle que em my crer, não permaneça em trevas.

47 E quem minhas palavras ouvir, e as não crer, não o julgo eu; porque não vim a julgar a o mundo, mas a o mundo salvar.

48 Quem a my me engeitar, e minhas palavras não receber, ja quem o julgue, tem; a palavra que fallado tenho, está o ha de julgar no dia derradeiro.

49 Porque não tenho eu fallado de my mesmo : porem o Pae que me enviou, elle me deu mandamento do que hei de dizer, e do que hei de fallar.

50 E sei que seu mandamento he vida eterna ; assi que o que eu fallo, como o Pae m'õ tem dito, assi o fallo.

C A P I T U L O X I I I .

1 Christo levantandose da cea, cingi se, e lava os pees a seus Apostolos. 12 Os exhorta a seguirem isto exemplo de sua humildade. 18 lhes descubri a traição de Judas, e consola seus Apostolos. 31 Fala depois com os outros discipulos de sua glorificação. 34 Exhorta os a amar huns a os outros. 37 A o Pedro, que queria por sua vida por Christo, prediz, que tres vezes o avia de negar.

1 **E** antes do dia da festa da Paschoa, sabendo Jesus que ja sua hora era vinda, pera que deste mundo passasse a o Pae, avendo amado a os seus, que no mundo estavaõ, amou os até o fim.

2 E acabada a Cea (avendo ja o diabo metido no coração de Judas de Simão Iscariota, que o entregasse)

3 Sabendo Jesus que ja o Pae todas as cousas em as mãos lhe tinha dado, e que de Deus avia faido, e a Deus se hia,

4 Levantouse da Cea, e tirandose os vestidos, e tomando huá toalha, cingio se.

5 E logo deitou agoa em huá bacia, e começou a lavar os pees a os discipulos, e a alimparlhos com a toalha com que estava cingido.

6 Veio pois a Simão Pedro; e Pedro lhe disse : Senhor, tu a my me lavas os pees?

7 Respondeo Jesus, o que eu faço, não o sabes tu agora, mas depois o saberás.

8 Disselhe Pedro, Nunca jamais a my os pees me lavarás. Respondeo lhe Jesus, se eu a ty te não lavar, parte comigo não teins.

9 Disselhe Simão Pedro, Senhor, não só meos pees, mas ainda as mãos e a cabeça.

10 Disselhe Jesus, Aquelle que está lavado, não necessita de mais, que de lavar os pees, mas todo está limpo. E vosoutros limpos estaes, ainda que não todos.

11 Porque bem sabia quem era o que o avia de entregar: por isso disse, i. ^o todos estaes limpos.

12 Assim que avendo lhes lavado os pees, e tomado seus vestidos, e tornando se a assentar [*á mesa*] disselhes: Sabeis o que vos tenho feito.

13 Vosoutros me chamaes Mestre, e Senhor, e bem dizeis, porque eu o sou:

14 Pois se eu, o Senhor, e o Mestre, vos tenho lavado os pés, tambem vosoutros vos deveis lavar os pees huns a os outros.

15 Porque exemplo vos tenho dado, paraque como eu vos tenho feito, façaes vosoutros tambem.

16 Em verdade, em verdade vos digo, que não he o servo maior que seu Senhor, nem he maior o embaixador, que aquelle que o enviou.

17 Se estas cousas sabeis, bemaventurados sereis, se as fizerdes.

18 Não fallo de todos vosoutros; que bem sei a os que escolhi de tenho; mas [*isto acontece*] paraque se cumpra a Escritura, o que comigo paõ come, contra my seu calcanhar levantou.

19 Desd'agora, antes que se faça, volo digo, paraque, quando se fizer, creaes que eu o sou.

20 Em verdade, em verdade vos digo, que [*quẽ*] a o que eu enviar, receber, a my me recebe: e quem a my me receber, recebe a aquelle que me enviou.

21 Avendo Jesus dito isto, cõmoveu se em espirito, e protestou, e disse: Em verdade, em verdade vos digo, que hum de vosoutros me ha de entregar.

22 Entõces os discipulos se olhavaõ huns para os outros, duvidando de quem [*isto*] dizia.

23 E hum de seus discipulos, a quem Jesus amava, estava assentado [*á mesa*] no regaço de Jesus.

24 A este pois ^a fez final Simão Pedro, que perguntasse, quem era aquelle de quem dizia. ^{a Ou, Accan.}

25 Elle entõces, recostandose a o peito de Jesus, disselhe: Senhor, quem he?

26 Respondeo Jesus, aquelle he, a quem eu der o bocado molhado: E molhando o bocado, deu o a Judas de Simão Iscariota.

27 E a pos o bocado, entrou nelle satanas. Entonces Jesus lhe disse: O que fazes, fize o depressa.

28 Mas isto nenhum dos que [*á mesa*] estávaõ entendeo a que porposito lho dislêra.

29 Porque os huns cuidavaõ, que por quanto Judas tinha a bolsa, lhe dizia Jesus: Compra as coufas que pera o dia da festa nos são necessãrias; ou, que deslê alguã coufa a os pobres.

30 Avendo elle, pois, tomado a bocado, logo se sahio; e era ja noite.

31 E saido elle, disse Jesus: Agora he o Filho do homem glorificado, e Deus he glorificado nelle;

32 Se Deus nelle he glorificado, tambem Deus o glorificarã em si mesmo; e logo o ha de glorificar.

33 Filhinhos, ainda hum pouco estou com vosco; buscarmeheis: Mas, como a os Judeos disse, aonde eu vou, naõ podcis vosoutros vir: [*affi*] agora volo [*tambem*] digo.

34 Mandamento novo vos dou, que vos ameis huns a os outros; como eu vos amei a vos, que tambem vos huns a os outros vos ameis.

35 Nisto conhecerãõ todos que meus discipulos fois, se huns a os outros vos amardes.

36 Disse lhe Simão Pedro: Senhor, aonde vas? Respondeu lhe Jesus: Aonde eu vou, me naõ podes tu agora seguir; porem despois me seguirã.

37 Disselhe Pedro, Senhor, porque agora te naõ posso seguir? por ty minha vida porei.

38 Respondeu lhe Jesus, por my tua vida porã: Em verdade, em verdade te digo, que o galo naõ cantará, antes que tres vezes me negués.

CAPITULO XIV.

1 Christo consola a seus discipulas com promessa de aparelhar lhes lugar. 5 Declara a Thomas que elle he o caminho, a verdade, e a vida. 7 E a Philippe que quem a elle visto tem, tem visto a o Pae. 12 Prometelhes que grandes milagres aviaõ de fazer, e receber o Espirito sancto. 21 Exhorta pera amor e obediencia de seus mandamentos, com promessa que elle e mais seu Pae aviaõ de morar com elles. 26 E que o Espirito so. 27 todas as cosas lhes alombrara. 27 Deixelhes a sua paz. 28 Declara que per via sua ida pera o Pae, lhes convem de se alegrar. 30 Mostra sua promptidãõ pira ate a patxaõ obedecer a o Pae.

1 Não se turbe vossõ coração : credes em Deus , crede tambem em my.

2 Em caia de meo Pae, muitas moradas ha ; quando não , eu volo diria , eu vou a vos aparelhar lugar.

3 E se eu me for, e lugar vos aparelhar ; outra vez virei , e comigo vos tomarei , peraque , aonde eu estiver , vosoutros tambem estejaes.

4 E ja sabeis aonde vou , e ja o caminho sabeis.

5 Disselhe Thomas : Senhor , não sabemos aonde vas , como pois o caminho podemos saber ?

6 Jesus lhe disse : Eu sou o caminho , e a verdade , e a vida , ninguém vem a o Pae senaõ por my.

7 Se vos a my me conhecereis , tambem a meu Pae conhecereis , e ja desdagora o conheceis , e ja o tendes visto.

8 Disselhe Philippe : Senhor , mostra nos a o Pae , e bastanos.

9 Jesus lhe disse : Tanto tempo ha que com vosco estou , e ainda conhecido me não tendes Philippe ? quem a my visto me tem , ja tem visto a o Pae : como dizes tu logo , mostranos a o Pae ?

10 Não cres tu que eu [estou] no Pae , e que o Pae está em my ? as palavras que eu vos fallo , não as fallo de my mesmo , mas o Pae que em my permanece , elle he o que as obras faz.

11 Credeme que no Pae [estou] e que o Pae está em my : quando não , crede me polas mesmas obras.

12 Em verdade , em verdade vos digo , que aquelle que em my crer , as obras que eu faço , tambem elle as fará : e maiores que estas as fará ; porquanto eu vou a o Pae.

13 E tudo quanto em meo nome pedirdes eu o farei : peraque o Pae em o Filho seja glorificado.

14 Se alguã couã em meo nome pedirdes , falahei.

15 Se me amaes , guardae meos mandamentos.

E c 2

16 E

16 E eu rogarei a o Pae, e elle vos dará outro Consolador, peraque para sempre com vosco permaneça.

17 [*Convem a saber*] o Espírito de verdade, a quem o mundo receber não pode, porquanto nem o vé, nem o conhece; mas vosoutros o conheceis, porque com vosco permanece, e com vosco hade estar.

18 Nem orfaõs vos deixarei; [*outra vez*] a vos venho.

19 Ainda hum pouco, e não me verá o mundo mais: mas vosoutros me vereis: porquanto vivo eu, e vosoutros vivereis.

20 Naquelle dia conhecereis que eu em meu Pae [*estou*] e vosoutros em my, e eu em vosoutros.

21 Quem tem meos mandamentos e os guarda, effe he o que a my me ama: e quem a my me ama, será amado de meo Pae, e eu a elle o amarei, e a elle me manifestarei.

22 Disse lhe Judas: (não o Iscariota) Senhor, que ha, porque a nosoutros te has de manifestar, e não a o mundo?

23 Respondeo Jesus, e disse lhe: Quem a my me ama, minha palavra guardara, e meu Pae o amará, e a elle viremos, e com elle morada faremos.

24 Quem a my me não ama, minhas palavras não guarda, e a palavra que ouvis não he minha, fenaõ do Pae que me enviou.

25 Estas cousas vos tenho dito, permanecendo ainda com vosco.

26 Mas aquelle Consolador, o Espírito sancto, a o qual o Pae em meu nome hade enviar, effe vos ensinará todas as cousas, e todas as cousas que dito vos tenho, vos alembrará.

27 A paz vos deixo, minha paz vos dou: não como o mundo [*a*] dá, vola dou. Não se turbe nem tema vosso coração.

28 Ja ouvistes como vos tenho dito: Vou, e [*outra vez*] venho a vosoutros: se me amáreis, vos gozariéis, porque tenho dito, a o Pae vou: Pois maior he o Pae que eu.

29 E ja agora, antes que se faça, dito volo tenho, peraque quando se fizer, o creaes.

30 Ja com vosco muito não fallarei; pois ja o principe deste mundo vem; porem nada em my tem.

31 Mas pera que o mundo conheça, que eu amo a o Pae; e como o Pae me deu o mandamento, assi o faço, levantaes vos, vamos nos d'aqui.

CAPITULO XV.

1 Christo compara a si mesmo com huã videira, e seus Apostolos com as vides. 9 Testifica seu especial amor com que os amava, e exhorta os a guardar seus mandamentos, e a amar huns a os outros. 13 Este seu amor ostende com sua morte por elles, e nomeando os seus amigos e eleitos. 18 Consola os contra a irveja do mundo com seu exemplo. 22 Mostra que os Judeos pela sua palavra e obras são inexcusaveis. 26 E que o espirito sancto e mais seus Apostolos darão testemunho d'elle.

1 Eu sou a verdadeira videira, e meo Pae he o lavrador.
2 Toda vide que em my fruto não traz, a tira: e toda aquella que trax fruto, a limpa pera que mais fruto traga.

3 Ja vosoutros estaes limpos pela palavra que dito vos tenho.

4 Ficae em my e eu em vosoutros: como a vide de si mesma dar fruto não pode, se na videira não fica, assi taó pouco vosoutros, se não ficaes em my.

5 Eu sou a videira, vosoutros as vides: que em my fica, e eu nelle, esse traz muito fruto; porquanto sem my nada podeis fazer.

6 Quem em my não ficar he lançada fora como a vide, e he seca: e colhem as, e lançaõ as no fogo, e ardem.

7 Se vos em my permancerdes, e minhas palavras em vosoutros, tudo o que quizerdes pedireis, e ser vos ha feito.

8 Nisto he glorificado meo Pae, em que muito fruto deis, e meus discipulos sejaes.

9 Assi como o Pae a my me amou, tambem eu a vosoutros vos amei, permaneci em meu amor.

10 Se meus mandamentos guardardes, em meu amor permanecereis. Como eu tambem os mandamentos de meu Pae guardado tenho, e em seu amor permaneço.

11 Estas cousas vos tenho dito, peraque meu gozo em vos permaneça, e vosso gozo seja cumprido.

12 Este he meu mandamento, que vos ameis huns a os outros, assi como eu vos amei.

13 Ninguem tem maior amor que este, que por amor de seus amigos alguem sua vida ponha.

14 Meus amigos sois vosoutros, se as cousas que eu vos mando, fizerdes.

15 Ja vos não chamo mais servos, porquanto o servo não sabe que he o que seu Senhor faz: Mas tenho vos chamado amigos, porquanto tudo quanto de meu Pae ouvi, vos tenho feito notorio.

16 Não me elegestes vosoutros a my; porem eu vos elegi a vosoutros:

tros: e vos tenho posto peraque vades, e fruto deis, e vossô fruto permaneça, peraque tudo quanto a o Pae em meo nome pedirdes, elle volo de.

17 Isto vos mando, que huns a os outros vos ameis.

18 Se o mundo vos aborrece, fabei que antes que a vosoutros, me aborreceu a my.

19 Se vos do mundo foreis, o mundo amaria o que se feu: mas porquanto do mundo não sois, antes eu do mundo vos seigi, por isso vos aborrece o mundo.

20 Lembraevos da palavra que dito vos tenho: Não he o servo maior que seu Senhor, se a my me perseguirão, também a vos vos perseguirão; se minha palavra guardarão, também a vossa guardarão.

21 Mas tudo isto vos faço por amor de meo nome: porquanto não conhecem a aquelle que me enviou.

22 Se eu não viera, nem fallado lhes ouvera, peccado não terião; mas ja de seu peccado agora não tem escusa.

23 Quem a my me aborrece, também a meo Pae aborrece.

24 Se eu entre elles obras não fizera, quaes nenhum outro tem feito, peccado não terião; mas agora ja as tem visto, e aborrecerão me a my, e a meu Pae.

25 Porem [isto he] peraque se cumpra aquella palavra que em sua Ley esta escrita: sem causa me aborrecerão.

26 Mas quando vier aquelle Consolador, que eu d'o Pae vos hei de enviar [a saber] aquelle Espirito de verdade, o qual procede do Pae, elle dara testemunho de my.

27 E também vosoutros dareis testemunho, porquanto comigo desde o principio estivestes.

CAPITULO XVI.

1 *Prophetiza o Christo a seus discipulos as afflicções. 5 E consola os com promessa do Espirito sancto. 16 Declara que depressa d'elles sera tirado, mas que hum pouco de tempo torne o veraõ. 20 E que a tristeza d'elles depressa se tornara em gozo, como as dores da mulher que para. 23 Os exhorta a em seu nome orarem com promessa de ouvidos serem. 28 Claramente e sem parabolâs falla que deixa a o mundo. 31 Avisa os de serem espalhados, e promete lhes sua paz.*

1 Estas coufas vos tenho dito, peraque vos não escandalizeis.

2 Lançarvos haõ fora das Synagogas: e ainda a hora vem, quando qualquer que vos matar, cuidará que a Deus faz serviço.

3 Estas coufas vos faraõ, porque nem a o Pae, nem a my me conhecem.

4 Porem

4 Porem isto vos tenho dito, peraque quando aquella hora vier, vos lembreis que ja dito volo tenho: mas isto vos não disse eu a o principio, porquanto com vosco estava.

5 E agora vou a aquelle que me enviou, e nenhum de vosoutros me pergunta, aonde vas?

6 Antes, porque estas cousas vos tenho dito, de tristeza se encheo vósco com.

7 Porem a verdade, vos digo, que proveitoso vos he, que eu me vá: porquanto se eu me não for não vira a vosoutros o Consolador; porem se eu me for, hei volo de enviar.

8 E quando elle vier, a o mundo ha de convencer de peccado, e de justiça, e de juizo.

9 De peccado, porquanto em my não crem.

10 E de justiça, porquanto a o Pae vou, e mais me não aveis de ver.

11 Mas de juizo, porquanto ja o principe deste mundo esta julgado.

12 Ainda tenho muitas cousas que vos dizer, mas agora ainda as não podeis soportar.

13 Porem quando aquelle Espirito de verdade vier, elle vos guiará em toda verdade: Porquanto de si mesmo não ha de fallar; mas tudo o que ouvir ha de dizer: e as causas que ham de vir, vos ha de anunciar.

14 Elle me ha de glorificar, porquanto ha de tomar do meu, e volo ha de anunciar.

15 Tudo quanto o Pae tem, meo he: por isso disse, que ha de tomar do meu, e volo ha de anunciar.

16 Hum pouco, e não me vereis; e outra vez, hum pouco, e vérmeheis: porquanto vou a o Pae.

17 Entonces disserão [*alguns*] de seus discipulos huns a os outros, que he isto que nos diz. Hum pouco, e não me vereis; e outra vez, hum pouco, e vérmeheis: porquanto vou a o Pae.

18 Assim que diziam: que he isto que diz? hum pouco? Não sabemos o que diz.

19 E conhecia Jesus que lhe querião perguntar, e disselhes: Perguntaes entre vosoutros acerca disto que disse: Hum pouco, e não me vereis; e outra vez, hum pouco, e vérmeheis?

20 Em verdade, em verdade vos digo, que vosoutros chorareis, e lamentareis; e o mundo se alegrará, e vosoutros estareis tristes: Mas em gozo se tornará vossa tristeza.

21 A mulher quando pare, dores tem, porquanto sua hora ja he vinda: mas avendo parido a criança, ja se não lembra do aperto, polo gozo que tem de que hum homem no mundo ja nacido.

22 Tambem pois agora vosoutros, na verdade tristeza tendes: mas outra vez vos verei, e gozar se ha vossó coração, e ninguem tirará de vos vossó gozo.

23 E n'aquelle dia nada mais me perguntareis. Em verdade, em verdade vos digo, que tudo quanto a meu Pae em meo nome pedirdes, volo ha o dar.

24 Até agora nada em meo nome pedistes; pedi, e recebereis, peraque vossó gozo se cumpra.

25 Estas cousas vos tenho dito em parabolos: a hora vem quando ja por parabolos vos não fallarei, mas claramente ácerca do Pae vos annunciarei.

26 Naquelle dia em meu nome pedireis; e não vos digo, que por vosoutros eu a o Pae rogarei.

27 Pois o mesmo Pae vos ama, porquanto vosoutros me amastes, e que de Deus fahi crestes.

28 Do Pae fahi, e a o mundo vim; outra vez a o mundo deixo, e me vou para o Pae.

29 Dizemlhe seus discipulos: Eisaqui claramente agora fallas, e nenhuã parabola dizes.

30 Agora entendemos que sabes todas as cousas; e não has mister que ninguem te pergunte, por isso cremos que de Deus saiste.

31 Respondeulhes Jesus: Agora credes?

32 Vedes aqui a hora vem, e ja he vinda, quando cada hum por seu cabo espalhados fereis, e sô me deixareis: porem sô não estou, pois comigo esta o Pae.

33 Estas cousas vos tenho dito, peraque em my paz tenhaes: em o mundo tereis aperto; mastende bom animo, ja eu venci a o mundo.

CAPITULO XVII.

1 *Christo aparelhando se a paixão e morte, faz sua sumô sacerdotal oração rogando a seu Pae, que lhe glorificasse, e a vida eterna desse a os seus. 4 Conta quam fielmente e com que gozo a obra cumprio que lhe tinha dado que fizesse. 9 Ora por seus Apostolos que o Pae os guardasse na unidade e amor. 15 De mal. 17 E santificasse na sua verdade. 20 Ora por todos os de mais que por sua palavra d'elles nelle aciaõ da. 21 Paraque todos hum sejaõ. 24 E estivessem elles com fogo, paraque vissem sua gloria.*

1 **E**stas cousas fallou Jesus; e levantando os olhos ao Ceo, disse: Pae, chegada he a hora, glorifica a teu Filho, peraque tambem teu Filho te glorifique a ty.

2 Como tambem sobre toda carne lhe tens dado poder, peraque a todos aquelles que lhe deste, a vida eterna lhes dê.

3 Esta porem he a vida eterna, que a ty te conheçaõ só Deus verdadeiro, e a Jesu Christo a quem tens enviado.

4 Ja eu na terra te glorifiquei, acabado tenho a obra que me deste que fizesse.

5 Agora pois, o Pae, glorificame em ty mesmo com aquella gloria que em ty tive antes que o mundo fosse.

6 Manifestado tenho teu nome a os homens, que d'o mundo me deste: teus eraõ, e tu m'os deste, e guardaraõ tua palavra.

7 Agora tem ja conhecido, que de ty he tudo quanto me deste.

8 Porquanto as palavras que me deste, lhes tenho dado a elles. E ja elles as receberaõ, e verdadeiramente tem conhecido, que de ty faido tenho, e crearaõ que me enviaсте.

9 Eu por elles rogo, não rogo polo mundo, senaõ por aquelles que me deste, porque teus saõ.

10 E todas minhas cousas, saõ tuas; e tuas cousas saõ minhas: e n'elles sou glorificado.

11 E eu ja no mundo não estou: porem estes ainda estaõ no mundo, e eu a ty venho. Pae sancto, guarda em teu nome a aquelles que me tens dado, peraque hum sejaõ, como tambem nos.

12 Quando eu no mundo com elles estava, em teu nome eu os guardava: A aquelles que tu me deste, guardado os tenho, e nenhũ d'elles se perdeu, senaõ o filho de perdiçaõ, peraque a Escriitura se cumprisse.

13 Mas agora venho a ty, e fallo isto no mundo, peraque em si mesmos minha perfeita alegria tenhaõ.

Ff

14 Tua

14 Tua palavra lhes dei, e o mundo os aborreceo, porquanto do mundo não são, como tão pouco eu do mundo sou.

15 Não rogo que do mundo os tires, senão que de mal os guardes.

16 Não são do mundo, como tampouco eu do mundo sou.

17 Sanctifica os na tua verdade, tua palavra he a verdade.

18 Como tu a o mundo me enviaste, também eu a o mundo os enviei.

19 E por elles a my mesmo me sanctifico, para que também elles na verdade sejaõ sanctificados.

20 Porem não somente por elles rogo, senão também por aquelles que em my, por sua palavra, hande crer.

21 Paraque todos hum sejam, como tu, ó Pae, em my, e eu em ty, que também elles em nos sejaõ hum: peraque o mundo crea que tu me tens enviado.

22 E eu a gloria que a my me deste, lhes tenho dado a elles: paraque hum sejaõ, como também nos somos hum.

23 Eu nelles, e tu em my; pera que perfeitamente em hũ sejaõ; e que o mundo conheça que tu me enviaste amy, e que a elles os tens amado, como a my me amaste.

24 Pae, aquelles que me tens dado, quero que aonde eu estou, estejaõ elles comigo também, para que vejaõ minha gloria que me tens dado, porquanto tu me amaste desdantes da fundação do mundo.

25 Pae justo, o mundo te não tem conhecido, mas eu te tenho conhecido, e estes tem conhecido que tu a my me enviaste.

26 E eu lhes fiz saber teu nome, e lho farei saber; peraque o amor com que me amaste, nelles esteja, e eu nelles.

CAPITULO XVIII.

1 Estando Christo na huã horta, vinha ali Judas com hum esquadrão pera prendelo. 4 O esquadrão com a palavra do Christo cabio em terra. 10 Pedro corta a orelha do Malico, a quem Christo reprende. 13 Christo foi preso, e levado a Annas, depois a Cayphas. 15 Seguido de Pedro e negado. 19 Examinado de Cayphas. 22 De hum dos criados bofetado, a quem reprende. 25 Negado ainda duas vezes de Pedro. 28 Depois foi levado a casa de Pilatos, a qual pergunta a os Judeos de sua accusação delles, e a Christo de seu reino, e ouvindo que seu reino não era deste mundo, logo por innocente o declara, e quere soltalo. 40 Mas os Judeos que soltasse lhes a Barabbas.

1 **A**vendo Jesus dito estas cousas, sahiose com seus discipulos para além do ribeiro de Cedraõ, aonde estava huã horta, em que entrou elle e seus discipulos.

2 E tambem Judas, o que o entregava, sabia aquelle lugar; porque muitas veze se ajuntava ali Jesus com seus discipulos.

3 Judas pois te mando hum esquadrão [*de soldados,*] e [*alguns*] ministros dos Pontifices e dos Phariseos, vicio ali com lanternas, e com fochas, e com armas.

4 Mas sabendo Jesus todas as cousas que sobre elle avião de vir, se adiantou, e lhes disse: A quem buscaes?

5 Responderão lhe: A Jesus Nazareno. Diz lhes Jesus: Eu sou. E estava tambem com elles Judas, o que o entregava.

6 E como lhes disse: Eu sou, tornáráo pera tras, e cairão em terra.

7 Tornoulhes pois a perguntar: A quem buscaes? e elles disserão: A Jesus Nazareno.

8 Respondeo Jesus: Ja vos tenho dito que eu sou: portanto se a my me buscaes, deixae ir a estes.

9 Peraque se cumprisse a palavra, que dito tinha: dos que me deste, a nenhum delles perdi.

10 Entonces Simão Pedro que tinha espada, puxou d'ella, e ferio a hum servo do Pontifice, e cortoulhe a orelha direita. E o servo se chamava Malco.

11 Jesus entonces disse a Pedro: Mete tua espada na bainha; não eu beberei o copo que o Pae me deu?

12 Entonces o esquadrão, e o Tribuno, e os servidores dos Judeos prenderão a Jesus, e o amarrarão.

13 E trouxerão o primeiramente a Annás, porque era sogro de Cayphas, o qual era Pontifice d'aquelle anno.

14 E era Cayphas o que avia dado o conselho a os Judeos, que era util que hum homem morresse polo povo.

15 E léguia a Jesus Simão Pedro, e outro discipulo: e aquelle discipulo era conhecido do Pontifice, e entrou com Jesus no pateo do Pontifice.

16 Mas Pedro estava fora á porta, e sahio aquelle discipulo que era conhecido do Pontifice, e fallou á porteira, e meteo dentro a Pedro.

17 Entonces a criada porteira disse a Pedro: Não es tu tambem dos discipulos deste homem? disse elle, não sou.

18 E estavam ali os servos, e os criados, que avião feito brasas, porque fazia frio, e aquetavao se: e estava tambem com elles Pedro aquestandose.

19 E o Pontifice perguntou a Jesus acerca de seus discipulos, e de sua doutrina.

20 Jesus lhe respondeo: Eu manifestamente te ho fallado a o mundo; eu sempre enlinci na Synagoga e no Tempio, aonde se ajuntao os Judeos de todos os lugares, e nada tenho fallado em occulto.

21 Que me perguntas a my? pergunta a os que ouviraõ, que he o que fallado lhes tenho? vés aqui estes sabem que he o que tenho fallado.

22 E dizen'lo elle isto, hum dos criados, que ali estava, deu a Jesus huã bofetada, dizendo assi respondes a o Pontifice?

23 Respondeolhe Jesus; Se mal fallei, dá testemunho do mal; e se bem, porque me feres?

24 (Assi amarrado o mandára Annas a o Pontifice Cayphas:)

25 E estando se Simão Pedro aqueitando, disseraõ lhe: Não es tu de seus discipulos? E elle negou, e disse: Não sou.

26 Hum dos servos do Pontifice, parente d'aquelle a quem Pedro avia cortado a orelha, lhe disse: Não te vi eu na horta com elle?

27 E negou Pedro outra vez, e logo o galo cantou.

28 E de Cayphas leváraõ a Jesus á Audiencia; e era pela manhaã: e não entraraõ na Audiencia, por não serem contaminados, mas que pudessem comer a Paschoa.

29 Entonces sahio Pilatos á elles fora, e disse: que acufação trazeis contra este homem?

30 Responderaõ, e disseraõ lhe: se este malfeitor não fora, não t'o entregáramos.

31 Disselhes entonces Pilatos: Tomae o vosoutros, e segundo vossa ley o julgae. E os Judeos lhe disseraõ: A nos não nos he licito matar a ninguem.

32 Para que se cumprisse a palavra de Jesus, que tinha dito, dando a entender de que morte avia de morrer.

33 Assi que Pilatos tornou a entrar na Audiencia, e chamou a Jesus, e disse-lhe: Es tu o Rey dos Judeos.

34 Respondeolhe Jesus: Dizes tu isso de ty mesmo? ou disseraõ t'o outros de my?

35 Pilatos respondeo: Por ventura sou eu Judeo? tua gente, e os Pontifices te entregáraõ a my, que fizeste?

36 Respondeo Jesus: Meu Reyno não he deste mundo: se meu Reyno deste mundo fora, meus servidores pelejaraõ, peraque eu a os Judeos entregue não fosse: agora, pois, meu Reyno não he d'aqui.

37 Disselhe entoncos Pilatos: logo Rey es tu? Respondeo Jesus: tu dizes que eu sou Rey; eu pera isto sou nacido, e pera isto a o mundo vim, pera dar testemunho á verdade: todo aquelle que he da verdade, ouve minna voz.

38 Disselhe Pilatos: que cousa he verdade? E, avendo dito isto, tornou a os Judeos, e disselhes, Nenhũ crime acho nelle.

39 Mas, outros tendes por costume, que eu vos solte hum pela Paichoa: quereis pois que vos solte a o Rey dos Judeos?

40 Entoncos todos bradáraõ outra vez, dizendo. Naõ a este, senaõ a Barabbas. E este Barabbas era hum salteador.

CAPITULO XIX.

1 Pilatos manda a aqoutar, e os soldados o escarnecem e o afrontaõ. 4 Foi assi apresentado a os Judeos. 6 Que bradavaõ, crucifica o: mas Pilatos por innocente o declara. 12 E procura tornel soltalo, mas os Judeos o ameaçaõ com desfavor de Cesar. 16 E por isso entrega a Christo para ser crucificado. 17 Leva sua cruz. 18 Foi crucificado no meio de dous salteadores. 19 O titulo da cruz. 23 Os soldados repartem vestidos d'elle. 25 Encomenda sua mae a o discipulo, a quem amava. 28 Tem sede, e daõ lhe de beber vinagre. 30 Espira na cruz. 31 Os ossos de salteadores se quebraõ. 34 O lado de Christo se abri com huã lança. 38 Joseph de Arimathea mais Nicodemus o enterraõ.

1 **A**ssi que entoncos tomou Pilatos a Jesus, e aqoutou [o].

2 E entretecendo os soldados huã coroa de espinhos, puseraõ [a] sobre sua cabeça, e vestiraõ o de hum roupaõ de graã.

3 E diziaõ: Deus te salve, Rey dos Judeos; e davaõ lhe de bofetadas.

4 Entoncos Pilatos sahio outra vez fora, e disselhes: Vedes aqui volo trago fora, peraque entendaes que nenhum crime nelle acho.

5 Sahio pois Jesus fora, levando a coroa de espinhos, e o roupaõ de graã; e [Pilatos] disselhes: Vedes aqui o homem.

6 E vendo o os Principes dos Sacerdotes, e os fervidores, deraõ brados, dizendo, Crucifica [o] Crucifica [o] disselhes Pilatos: Tomae o vosoutros, e crucificae [o] porque eu nenhum crime nelle acho.

7 Responderaõ lhe os Judeos: Nosoutros temos ley, e segundo nossa ley deve morrer: porque se fez Filho de Deus.

8 Como pois Pilatos ouvio esta palavra, teve mais temor.

9 E entrou outra vez na Audiencia, e disse a Jesus: D'onde es tu? Mas Jesus naõ lhe deu resposta.

10 Entoncos lhe disse Pilatos: A my me naõ fallas? Naõ sabes que

tenho poder pera te crucificar, e que tenho poder pera te soltar?

11 Respondeo Jesus, Nenhum poder contra my terias, se de riba dado te não fosse; por tanto o que a ty me entregou, maior peccado tem.

12 Desdentonces procurava Pilatos soltalo, mas os Judeos bradavaõ, dizendo, se a este soltas, de Cesar não es amigo; qualquer que Rey se faz, a Cesar contradiz.

13 Ouvindo Pilatos entonces este dito, levou fora a Jesus, e a sentou se no tribunal, no lugar que se chama lithostrotos, e em Hebraico, Gabbatha.

14 E era a vespora da Paschoa, e como a as seis horas: entonces disse a os Judeos: Vedesaqui vossõ Rey.

15 Mas elles bradaraõ: Tira, tira, crucifica o. Disselhes Pilatos: A vossõ Rey hei de crucificar? Responderaõ os Pontifices: Não temos outro Rey senaõ a Cesar.

16 Entonces lho entregou, pera que fosse crucificado: e tomáraõ a Jesus, e levaráõ [o].

17 E levando elle sua cruz veio a o [lugar] [chamado o Calvario e em Hebraico Golgotha.

18 Aonde o crucificáraõ, e com elle outros dous, de cada banda, hum, e Jesus no meio.

19 E escreveu tambem Pilatos hum titulo que pos em cima da cruz, em que estava escrito: JESUS NAZARENO REY DOS JUDEOS.

20 E leraõ este titulo muitos dos Judeos; porque o lugar aonde Jesus estava crucificado, era perto da cidade; e estava escrito em Hebraico, e em Grego, e em Latim.

21 E diziaõ a Pilatos os Pontifices dos Judeos, Não escrevas Rey dos Judeos: senaõ que disse, Rey sou dos Judeos.

22 Respondeo Pilatos: [O] que escrevi, escrevi.

23 E avendo os soldados crucificado a Jesus, tomáraõ seus vestidos, e fizeraõ quatro partes, a cada soldado huã parte, e a tunica. A tunica era sem costura, toda tecida desde riba até baixo.

24 E disseraõ entre si: Não a partamos, senaõ lancemos sortes sobre ella, a cuja será: Para que se cumprisse a Escritura, que diz: Entre si partiraõ meus vestidos, e sobre minha tunica lançaraõ sortes. E os soldados pois fizeraõ isto.

25 Estavaõ junto á cruz de Jesus, sua mãe, e a irmaã de sua mãe, Maria [mulher] de Cleophas, e Maria Magdalena.

26 E

tenho poder pera te crucificar, e que tenho poder pera te soltar?

11 Respondeo Jesus, Nenhum poder contra my terias, se de riba dado te não fosse; por tanto o que a ty me entregou, maior peccado tem.

12 Desdentonces procurava Pilatos soltalo, mas os Judeos bradavaõ, dizendo, se a este soltas, de Cesar não es amigo; qualquer que Rey se faz, a Cesar contradiz.

13 Ouvindo Pilatos entonces este dito, levou fora a Jesus, e a sentouse no tribunal, no lugar que se chama lithostrotos, e em Hebraico, Gabbatha.

14 E era a vespora da Paschoa, e como a as seis horas: entonces disse a os Judeos: Vedesaqui vossõ Rey.

15 Mas elles bradaraõ: Tira, tira, crucifica o. Disselhes Pilatos: A vossõ Rey hei de crucificar? Responderaõ os Pontifices: Não temos outro Rey senão a Cesar.

16 Entonces lho entregou, pera que fosse crucificado: e tomaraõ a Jesus, e levarão [o].

17 E levando elle sua cruz veio a o [lugar] [chamado o Calvario e em Hebraico Golgotha.

18 Aonde o crucificaraõ, e com elle outros dous, de cada banda, hum, e Jesus no meio.

19 E escreveu tambem Pilatos hum titulo que pos em cima da cruz, em que estava escrito: JESUS NAZARENO REY DOS JUDEOS.

20 E leraõ este titulo muitos dos Judeos; porque o lugar aonde Jesus estava crucificado, era perto da cidade; e estava escrito em Hebraico, e em Grego, e em Latim.

21 E diziaõ a Pilatos os Pontifices dos Judeos, Não escrevas Rey dos Judeos: senão que disse, Rey sou dos Judeos.

22 Respondeo Pilatos: [O] que escrevi, escrevi.

23 E avendo os soldados crucificado a Jesus, tomaraõ seus vestidos, e fizeraõ quatro partes, a cada soldado huã parte, e a tunica. A tunica era sem costura, toda tecida desde riba até baixo.

24 E disseraõ entre si: Não a partamos, senão lancemos sortes sobre ella, a cuja será: Para que se cumprisse a Escritura, que diz: Entre si partiraõ meus vestidos, e sobre minha tunica lançaraõ sortes. E os soldados pois fizeraõ isto.

25 Estavaõ junto á cruz de Jesus, sua maê, e a irmaã de sua maê, Maria [mulher] de Cleophas, e Maria Magdalena,

26 E vendo Jesus a [sua] mãe, e a o discipulo que elle amava, que estava presente, disse a sua mãe: Mulher, ve teu filho.

27 E depois disse a o discipulo: Ve tua mãe. E des daquella hora a recebeo em sua casa o discipulo.

28 Depois sabendo Jesus que todas as cousas ja estavaõ cumpridas, pera que a Escritura se cumprisse, disse: sede tenho.

29 Estava pois ali hum vaso cheio de vinagre, entonces encheraõ huã esponja de vinagre, e envolvendo a com hyfopo chegaraõ lha á boca.

30 E como Jesus tomou o vinagre, disse: Consumado he; e abaixando a cabeça, deu o Espirito.

31 Entonces os Judeos, porque os corpos não ficassẽm o sabado na cruz; (porquanto entãõ era a preparaçaõ, porque era o grande dia do Sabado) rogãrao a Pilatos, que se lhes quebratsem os ossos, e fossem tirados.

32 E vierãõ os soldados, e na verdade quebrãraõ os ossos a o primeiro, e a o outro que juntamente com elle fora crucificado.

33 Mas como vierãõ a Jesus, e o viraõ ja morto, não lhe quebrãraõ os ossos.

34 Mas hum dos soldados lhe abriu com huã lança o lado, e logo sahio sangue e agoa.

35 E o que isto vio, o testificou; e seu testemunho he verdadeiro, e sabe que verdade diz, paraque vosoutros tambem creaes.

36 Porque estas cousas aconteceraõ paraque se cumprisse a Escritura [que diz] nenhum osso delle sera quebrado.

37 E outra vez diz outra Escritura: Verãõ a o que traspallãraõ.

38 Passadas estas cousas, rogou a Pilatos Joseph de Arimathea (que era discipulo de Jesus, porem oculto por medo dos Judeos) que lhe permitisse tirar o corpo de Jesus; o que Pilatos lhe permitio. Entonces veio e tirou o corpo de Jesus.

39 Entonces veio tambem Nicodemos (aquelle que dantes de noite a Jesus tinha vindo) trazendo huã composto de mirra, e de aloes, como quasi cem arrateis.

40 Tomãraõ pois o corpo de Jesus, e envolverãõ o em lençoes com as especiarias, como he costume dos Judeos sepultar.

41 E avia huã horta naquelle lugar, aonde fora crucificado; e na horta hum sepulchro novo, em que ainda ninguem avia sido posto.

42 Ali pois (por causa da vespora da Paschoa dos Judeos, e porque aquelle sepulchro estava perto) puserão a Jesus.

CAPITULO XX.

1 Maria Magdalena vai a o sepulchro, e achando o vazio, da as novas a o Pedro e João. 3 Que ambos juntos correm a o sepulchro, e allí o achão. 11 Maria ve no sepulchro dous Anjos. 14 Christo apparece a ella, e lhe manda a dar as ovas de sua resurreição a os discipulos. 19 A os quais tambem a tarde ap- .. 22 Da lhet o Espirito sancto, e poder pera perdoar e viter os peccados. 24 A o que Thomas não quer dar credito por se não aver achado presente. 26 Mas oito dias depois ve a Christo, e o cony Ja. 30 João declara, porque de muitas entros sinas se estes estão escritos.

E no primeiro [dia] da semana veio Maria Magdalena pela manhaazinha, sendo ainda escuro, a o sepulchro; e vio a pedra ja do sepulchro tirada.

2 Entonces correo, e veio a Simão Pedro, e a o outro discipulo a quem amava Jesus, e disselhes: do sepulchro levado haó a o Senhor, e não sabemos aonde o puserão.

3 E sahio Pedro e o outro discipulo, e vieraó a o sepulchro.

4 E corriaó ambos juntos: mas o outro discipulo correo mais depressa que Pedro, e veio primeiro a o sepulchro.

5 E abaixandose, vio estar os lençoes: mas não entrou.

6 Veio pois Simão Pedro seguindo o, e entrou no sepulchro, e vio estar os lençoes.

7 E o fudario que sobre sua cabeça fora posto, não [vio] estar com os lençoes, senão envolto em hum lugar à parte.

8 Entonces pois entrou tambem o outro discipulo, que viera primeiro a o sepulchro, e vio, e creo.

9 Porque ainda não sabião a Escritura, que era necessario que dos mortos resuscitase.

10 E tornáraó os discipulos a os seus.

11 Mas Maria estava fora chorando junto a o sepulchro e estando allí chorando, abaixouse a o sepulchro.

12 E vio a dous Anjos [vestidos] de branco, que estavaó assentados o hum a cabeceira, e o outro a os pees, aonde o corpo de Jesus avia sido posto.

13 E dilicraó lhe, mulher, porque choras? disselhes ella: leváraó a meu Senhor, e não sei aonde o puserão.

14 E avendo dito isto, virouse pera tras, e vio a Jesus, que estava ali: porem não sabia que era Jesus.

30 Outros muitos sinais fez tambem Jesus em presenca de seus discipulos, que neste livro naõ estaõ escritos.

31 Porem estes estaõ escritos, peraque creas que Jesus he o Christo, o Filho de Deus, e peraque, crendo, tenhaes vida em seu nome.

CAPITULO XXI.

1 Estando alguns discipulos pescando, o Senhor lhes apparece. 6 E as com lha grande presa dos peixes, por d'onde o conhecem. 7 O Pedro lança se a o mar pera chegar a elle, e os outros com o barco seguem. 9 Christo janta com elles. 15 E a Pedro tres vezes pergunta se o amava, e suas ovelhas lhe encomenda. 18 Lhe profetisa a morte comque a Deus avia de glorificar. 20 Reprende sua pergunta d'elle acerca Joã. 24 Conclui Joã seu Evangelho.

1 Despois disto se manifestou Jesus outra vez a seus discipulos no mar de Tiberias; e manifestouse desta maneira.

2 Estavaõ juntos Simaõ Pedro, e Thomas que se diz o Didimo, e Nathanael o que era de Cana de Galilea, e [os filhos] do Zebedeo, e outros dous de seus discipulos.

3 Dislhelhes Simaõ: A pescar vou; dizem lhe elles: Vamos nos outros tambem contigo. Foraõ, e sobiraõ logo em hum barco; porem aquella noite nada tomaraõ.

4 E vinda a manhaõ, Jesus se foi por na praia; porem os discipulos naõ sabiaõ que era Jesus.

5 Assi que Jesus lhes disse: Filhinhos, tendes alguã coufa que comer? Responderaõlhe: Naõ.

6 E elle lhes disse: Lançae a rede da banda direita do barco, e achareis: entonces a lançaõ, e em maneira nenhuã a podiaõ tirar pola multidaõ dos peixes.

7 Disse entonces aquelle discipulo, A quem Jesus amava, a Pedro: O Senhor he. Ouvindo pois Simaõ Pedro que era o Senhor, cingiose com o capote, porque estava despido, e lançou se a o mar.

8 E os outros discipulos vieraõ com o barco, trazendo a pos si a rede de peixes, porque naõ estavaõ fenaõ como duzentos covados longe de terra.

9 E como desceraõ à terra, viraõ ja as brasas postas, e hum peixe em cima dellas, e mais pam.

10 Dislhelhes Jesus: Trazei des peixes que agora tomastes.

11 Sobio Simaõ Pedro, e trouxe a rede a terra, cheia de cento e cincoenta e tres grandes peixes; e sendo tantos, a rede naõ se rompeo.

12 Dissêlhes Jesus: Vinde, jantae; e nenhum dos discipulos lhe ouſava perguntar, tu quem es? sabendo que era o Senhor.

13 Assi que vei Jesus, e tomou o pam; e deu lho; e assi mesmo tambem do peixe.

14 ⁶ Esta era ja a terceira vez que Jesus a seus discipulos se manifestou de p. de dos mortos aver resuscitado.

15 E avendo ja jantado, disse Jesus a Simão Pedro: Simão, [filho] de Jonas, amas me ainda mais que estes? dissêlhe elle: Si Senhor, tu sabes que te amo. Dissêlhe: Apacenta meus cordeiros.

16 Tornoulhe a dizer a segunda vez: Simão, [filho] de Jonas, amas me? Respondeu lhe: Si Senhor, tu sabes que te amo. Dissêlhe: Apacenta minhas ovelhas.

17 Dissêlhe a terceira vez: Simão, [filho] de Jonas, amas me? Entristeceuse Pedro de que ja pela terceira vez lhe dissêlhe: amas me? E dissêlhe: Senhor, tu sabes todas as cousas, tu sabes que eu te amo. Disse lhe Jesus: Apacenta minhas ovelhas.

18 Em verdade, em verdade te digo, que quando eras mais moço, cingias te, e hias aonde querias; mas quando ja fores velho, estenderas tuas mãos, e outro te cingira, e te levará aonde tu não quizeras.

19 E isto disse dando a entender com que morte a Deus avia de glorificar. E dito isto, dissêlhe: segue me.

20 E virandose Pedro, vio que o seguia aquelle discipulo a quem amava Jesus, e que tambem na cea a seu peito se recoſtara, e lhe dissera: Senhor, quem he o que te ha de entregar?

21 Assi que vendo Pedro a este, disse a Jesus: Senhor, e este que?

22 Dissêlhe Jesus: se eu quero que elle se fique ate que eu venha, que se te da a ty? segue me tu.

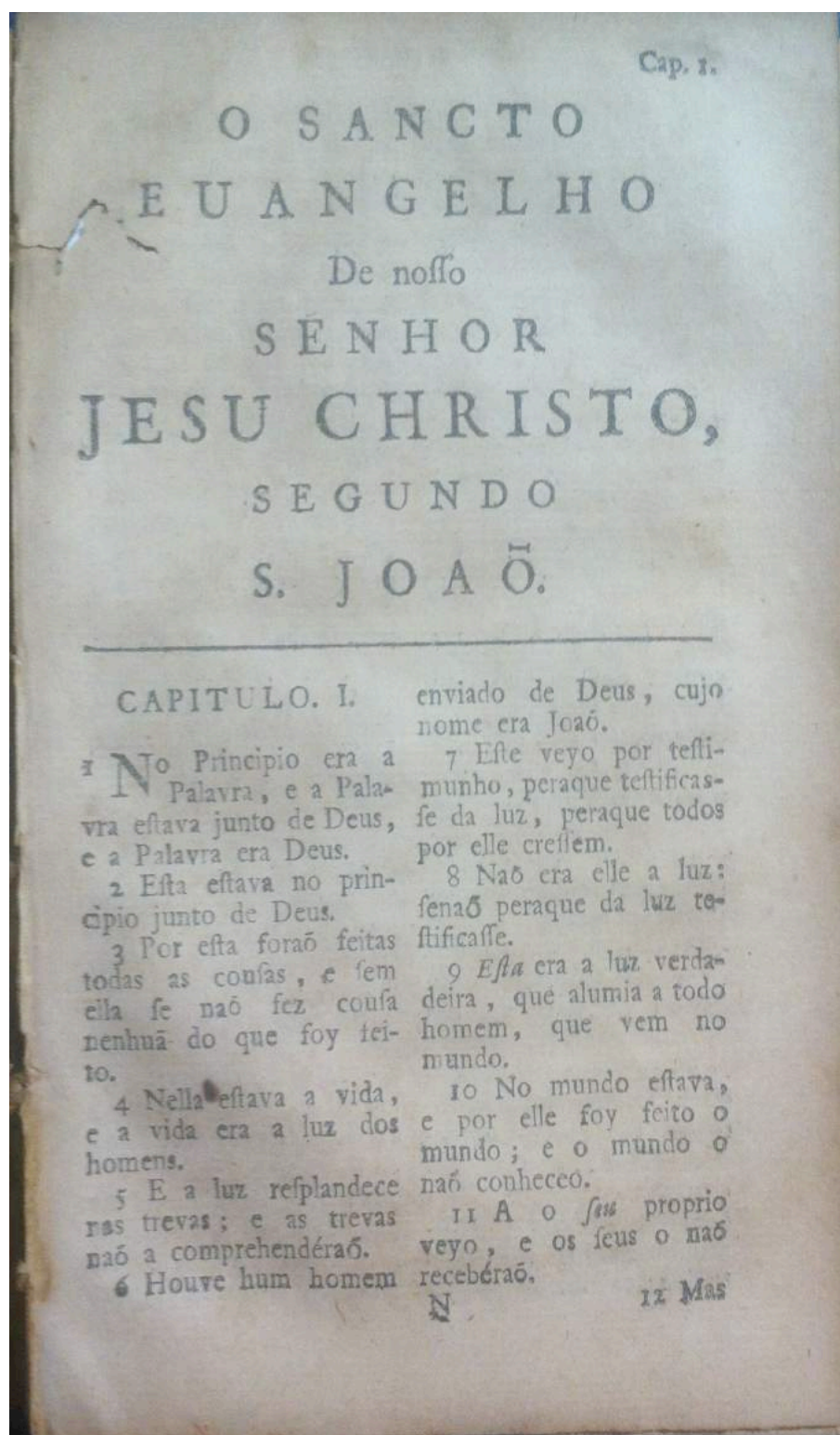
23 Sabio pois este dito entre os irmaos, que aquelle discipulo não avia de morrer. Porem Jesus não lhe disse, que elle não morreria, senão; se eu quero que elle se fique ate que eu venha, que se te da a ty?

24 Este he aquelle discipulo que destas cousas da testemunho, e estas cousas escreveo; e sabemos que seu testemunho he verdadeiro.

25 Ainda porem ha outras muitas cousas que Jesus fez, que se cada huã de por si se escrevessem, nem ainda no inteiro mundo, cuido, que caberiaõ os livros que dellas se averiaõ de escrever. Amen

Fim do sancto Evangelho segundo S. João.

Anexo J – Reprodução integral do Evangelho de João de O NOVO TESTAMENTO; Isto he Todos os Sacro Santcos Livros e Escritos Evangelicos e Apostolicos do Novo Concerto do nosso Fiel Senhor Salvador Redemptor JESU CHRISTO, 1773.



12 Mas a todos quantos o recebêro, lhes deu potestade de serem feitos filhos de Deus, *conuitem a saber a os que crem em seu nome.*

13 Os quaes não são gerados de sangue, nem de vontade de carne, nem de vontade de varão, senão de Deus.

14 E aquella Palavra encarnou, e habitou entre nos: (e vimos sua gloria, como glorioso unigenito do Pai) cheyo de graça e de verdade.

15 João d'elle testificou, e clamou, dizendo: Este era aquelle, de quem eu dizia: o que vem após my, he antes de my: porque era primeiro que eu.

16 E de sua plenidão recebemos todos tambem graça por graça.

17 Porque a Ley foy dada por Moyses: a graça e a verdade foy feita por Jesu Christo.

18 A Deus nunca ninguém o viu: o unigenito Filho, que está no regaço do Pai, elle *meis* declarou.

19 E este he o testimunho de João, quando os Judeos mandáro ab-

gungos Sacerdotes e Levitas de Jerusaleem, que lhe perguntassem: Tu quem és?

20 E confessou, não negou; e confessou: Eu não sou o Christo.

21 E perguntáro lhe, Que pois? Es tu Elias? e disse: não sou. Es tu Propheta? e respondeo: não.

22 Dixerão lhe pois: Quem es? para que demos resposta a os que nos enuviarão: Que dizes de ty mesmo?

23 Disse: Eu sou a voz do que clama no deserto; endereçae o caminho do Senhor, como disse o Propheta Isayas.

24 E os enuviarão a rão dos Phariseos.

25 E perguntáro lhe, e disserão lhe: Porque pois baptizas, se tu não es o Christo, nem Elias, nem o Propheta?

26 João lhes respondeo, dizendo: Eu baptizo com agoa; mas em meyo de vosoutros está, a quem vosoutros não conheceis,

27 Este he aquelle, que vem após my, o qual ja foy antes de my, do qual eu não sou digno,

de lhe desatar a correia da alparca.

28 Estas cosas acontecerão em Bethabara, da outra banda do Jordão, aonde João estava baptizando.

29 O seguinte dia viu João a Jesus vir a elle, e disse: Vedes aqui o Cordeiro de Deus, que tira o peccado do mundo.

30 Este he aquelle, do qual eu disse: após my vem hum varão, que ja foy antes de my: porque ja era primeiro que eu.

31 E eu não o conhecia; mas paraque fosse manifesto a Israel, por isso vim eu baptizando com agoa.

32 E João testificou, dizendo: Eu vi a o Espirito como pomba descender do ceo, e repousou sobre elle.

33 E eu não o conhecia, mas aquelle que me mandou a baptizar com agoa, esse me disse: Sobre aquelle que vires descender a o Espirito, e repousar sobre elle, esse he o que baptiza com Espirito sancto.

34 E eu vi, e testi-

ficado tenho, que este he o Filho de Deus.

35 O seguinte dia estava outra vez a João, e dous de seus Discipulos.

36 E vendo *per ali* andar a Jesus, disse: Vedes aqui o Cordeiro de Deus.

37 E ouvirão *lho* os dous Discipulos dizer *aquillo*, e seguirão a Jesus.

38 E virandose Jesus, e vendo os seguir, disse-lhes:

39 Que buscaes? e elles lhe disserão: Rabbi, (que traduzido, quer dizer, Mestre) aonde moras?

40 Disse-lhe elle: Vinde, e vede: e viraõ, e viraõ aonde morava, e ficaraõ se com elle aquelle dia: e ja era quasi a hora decima.

41 Era André, o irmão de Simão Pedro, hum dos dous, que ouvira aquillo de João, e o aviaõ seguido.

42 Este achou primeiro a seu irmão Simão, e disse-lhe: Ja achamos a o Messias, que traduzido, he o Christo.

43 E levou o a Jesus.

N 2

E olhando Jesus para elle, disse: Tu es o filho de Jonas; tu seras chamado Cephas, que se interpreta, Pedro.

44 O dia seguinte quiz Jesus ir a Galilea, e achou a Philippe, e disse-lhe: Segue me.

45 E era Philippe de Bethsaida, da cidade de André e de Pedro.

46 Philippe achou a Nathanael, e disse-lhe: achado avemos a *aquelle* de quem Moyses escreveu na Ley, e os Prophetas, a saber a Jesus, o filho de Joseph, de Nazareth.

47 E disse-lhe Nathanael: pode de Nazareth aver cousa alguma boa? disse-lhe Philippe: vem, e vé o.

48 Vio Jesus vir a si a Nathanael, e disse d'elle: Vedes aqui verdadeiramente hum Israelita, em quem não ha engano.

49 Disse-lhe Nathanael: d'onde me conheces tu a my? Respondeo Jesus, e disse-lhe: antes que Philippe te chamara, estando tu de baixo da figueira, te vi eu.

50 Respondeo Nathanael, e disse-lhe: Rabbi,

tu es o Filho de Deus, tu es o Rey de Israel.

51 Respondeo Jesus, e disse-lhe: Porque te dize de baixo da figueira te vi, crês: cousas mayores que estas veras.

52 E disse-lhe: Em verdade, em verdade vos digo, que d'aqui em diante vereis aberto o Ceo, e a os Anjos de Deus subir e descender sobre o Filho do homem.

CAPITULO II.

E a o terceiro dia se fizeram huas bodas em Cana de Galilea: e estava ali a mãe de Jesus.

1 E foy tambem convidado Jesus, e seus Discipulos a as bodas.

3 E faltando o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Vinho não tem.

4 Disse-lhe Jesus: Que tenho eu comtigo, mulher? anda minha hora não he vinda.

5 Disse sua mãe a os servidores: Tudo quanto elle vos disser, fazei.

6 E estava ali postas seis talhas de pedra, conforme a purificação dos Judeos, em cada huã *das*

guas

guas cabião dous ou tres annudes.

7 Disse-lhe Jesus: enchem estas talhas de agua. E encherão as até riba.

8 E disse-lhe: Tirae agora, e a leve a o Meirefala. E apresentaráo *lá*.

9 E como o Meirefala gestou a agua, feita vinho (e não sabia d'onde era, porem os servidores, que a agoa avião tirado, o sabião) chamou o Meirefala a o esposo:

10 E disse-lhe: Todo homem poem primeiro o bom vinho, e quando ja tem bem bebido, entonces o fomenos: *mas* tu guardaste o bom vinho até agora.

11 Este principio de sinais fez Jesus em Cana de Galilea, e manifestou sua gloria; e creião seus Discipulos nelle.

12 Depois d'isto descendeu a Capernaum, elle e sua mãe, e seus irmãos, e seus Discipulos, e ficaraõ ali não muytos dias.

13 E estava perto a Paschoa dos Judeos, e sobio Jesus a Jerusalem.

14 E achou no Templo a os que vendião boys e ovelhas, e pom-

bas, e a os cambiadores alentados.

15 E feito hum açoute de cordes, a todos os lançou fora do Templo, como tambem as ovelhas, e os boys; e o dinheiro dos cambiadores derramou, e as meias trastornou.

16 E a os que vendião as pombas, disse: Tirae d'aqui isto; e não façaes caia de venda, a casa de meu Pae.

17 E lembraraõse seus Discipulos, que está escrito: o zelo de tua casa me comeo.

18 Responderão pois os Judeos, e disserão lhe: Que final nós mostras de que fazes estas cousas?

19 Respondeo Jesus, e disse-lhe: Derribae este Templo, e em tres dias o levantarei.

20 Disserão pois os Judeos: Em quarenta e seis annos foy este Templo edificado, e levantalo has tu em tres dias?

21 Porem elle fallava do Templo de seu corpo.

22 Portanto, quando dos mortos resuscitou, se lembraraõ seus Discipulos, que isto lhes avia dito; e creião á Escritura, e á palavra.

lavra, que Jesus *lhes* dissera.

23 E estando elle em Jenufalem pola Pachoa, no dia da Festa, eráo muytos em feu nome, vendo os finaes que fazia.

24 Mas o mesmo Jesus a si mesmo d'elles se não confiava, porquanto a todos os conhecia.

25 E não necessitava de que alguém do homem *lhes* testificasse, porque bem sabia elle o que avia no homem.

CAPITULO III.

2 **E** avia hum homem dos Phariseos, cujo nome era Nicodemus Príncipe dos Judeos.

2 Este veyo a Jesus de noite, e disse-lhe: Rabbi, bem sabemos que es Mestre de Deus vindo: porque ninguém pode fazer estes finaes que tu fazes, se Deus não for com elle.

3 Respondeo Jesus e disse-lhe: em verdade, em verdade te digo, que aquelle que não tornar a nacer, não pode ver o Reyno de Deus.

4 Disse-lhe Nicodemus: como pode o homem na-

cer, sendo ja velho? porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nacer?

5 Respondeo Jesus: em verdade, em verdade te digo, que aquelle que não nacer de agoa e de Espirito, não pode entrar no Reyno de Deus.

6 O que he nacido de carne, carne he; e o que he nacido de Espirito, Espirito he.

7 Não te maravilhes, de que te disse: necessario vos he tornar a nacer.

8 O vento sopra a d'onde quer, e ouves seu soido; porem não sabes d'onde vem, nem para onde vai; assi he todo aquelle que he nacido do Espirito.

9 Respondeo Nicodemus, e disse-lhe: como se pode isto fazer?

10 Respondeo Jesus, e disse-lhe: es tu Mestre de Israel, e isto não sabes?

11 Em verdade, em verdade te digo, que o que sabemos, *isso* fallamos; e o que visto temos, *isso* testificamos; e não accitacs nosso testimonho.

12 Se confus terrecas vos disse, e não credes; co-

como credes, se vos disser as celestiaes:

13 E ninguém sobio a o ceo, senão o que descendeu do ceo; a saber o Filho do homem, que está no ceo.

14 E como Moyses levantou a serpente no deserto, assi importa que o Filho do homem seja levantado.

15 Peraque todo aquelle que nelle crer, não pereça, mas tenha a vida eterna.

16 Porque de tal maneira amou Deus a o mundo, que deu a seu Filho unigenito; pera que todo aquelle que nelle cré, não pereça, mas tenha a vida eterna.

17 Porque não mandou Deus a seu Filho a o mundo, pera que condemnasse a o mundo; mas peraque o mundo por elle fosse salvo:

18 Quem nelle crer, não he condenado; mas quem não cré, ja está condenado: porquanto não creu no nome do unigenito Filho de Deus.

19 E esta he a condemnação, que a luz veyo a o mundo, e os homens amaram mais as trevas

que a luz; porque suas obras eráo más.

20 Porque todo aquelle que faz mal, aborrece a luz, e não vem a luz, paraque suas obras não sejam redarguidas.

21 Mas quem obra verdade, vem a luz, paraque suas obras sejam manifestas, que são feitas em Deus.

22 Depois d'isto veyo Jesus com seus Discipulos a terra de Judea; e estava ali com elles, e baptizava.

23 E baptizava tambem Joáo em Enon, junto a Salim, porquanto avia ali muytas agoas; e vinhaõ ali, e eráo baptizados.

24 Porque ainda Joáo não fora lançado na prisão.

25 Houve pois questáo movida, dos Discipulos de Joáo, com os Judeos, sobre a purificação.

26 E vieráo a Joáo, e disseráo-lhe: Rabbi, a quelle que contigo estava d'alem do Jordão, a qual tu deste testimonho, vas aqui baptiza, e todos vem a este.

27 Respondeo Joáo, e disse: não pode o ho-

mem receber cousa alguã, se lhe não for dado do ceo.

28 Vosoutros mesmos me foydes testimunhas, que disse: Eu não sou o Christo; mas que sou enviado diante d'elle.

29 Aquelle que tem a esposa, he o esposo; mas o amigo do esposo, que lhe assiste, e o ouve, com alegria se goza pola voz do esposo. Assim pois ja este meu gozo he cumprido.

30 A elle convem creder, porem a my diminuir.

31 Aquelle que vem de riba, he sobre todos; aquelle que da terra vem, da terra he, e da terra falla. Aquelle que vem do ceo, he sobre todos.

32 E aquillo que vio e ouviu, isso testifica; e ninguem accita seu testimunho.

33 Aquelle que accitou seu testimunho, esse fellou, que Deus he verdadeiro.

34 Porque aquelle que Deus enviou, as palavras de Deus falla; porque não lhe dá Deus o Espirito por meda.

35 O Pai ama a o

Filho, e todas as cousas lhe deu em sua mão.

36 Aquelle que creô no Filho, tem vida eterna; mas aquelle que a o Filho desobedece, não verá a vida, mas a ira de Deus está sobre elle.

CAPITULO IV.

1 Como pois o Senhor entendeu, que os Phariseos ouviraõ, que Jesus fazia e bautizava mais Discipulos que Joaõ:

2 (Ainda que Jesus mesmo não bautizava, senão seus Discipulos)

3 Deixou a Judea, e foyse outra vez a Galileia.

4 E era mister, que passasse por Samaria.

5 Veyo pois a huã cidade de Samaria, chamada Sichar, junto á herdade, que Jacob deu a Joseph seu filho.

6 E estava ali a fonte de Jacob. Jesus pois cansado do caminho, se assentou alli junto á fonte: Era isto quasi á hora sexta.

7 Veyo huã mulher de Samaria, a tirar agoa: Disse lhe Jesus: dá me de beber.

8 (Por

8 (Porque seus Discipulos eraõ idos a cidade, a comprar de comer.)

9 Disse lhe pois a mulher Samaritana: Como, sendo tu judeo, me pedes a my de beber, que sou mulher Samaritana? porque os judeos não se communicã com os Samaritanos.

10 Respondeo Jesus, e disse-lhe: Se tu conheceras o dom de Deus, e quem he o que te diz, da me de beber; tu lhe pedirias, e elle te daria agoa viva.

11 Disse lhe a mulher: Senhor, tu não tens com que a tirar, e o poço he fundo: d'onde pois tens a agoa viva?

12 Es tu mayor que nosso pai Jacob, que nos deu o poço? e elle mesmo d'elle bebeu, e seus filhos, e seu gado?

13 Respondeo Jesus, e disse-lhe: Qualquer que beber d'esta agoa, tornará a ter sede:

14 Porem aquelle que beber da agoa, que eu lhe der, para sempre não terá sede, mas a agoa que eu lhe der, se fará nelle fonte de agoa, que salte para vida eterna.

15 Disse lhe a mulher: Senhor, dá me d'esta agoa, peraque não mais tenha sede, nem aqui venha a tirar.

16 Disse lhe Jesus: Vae, chama a teu marido, e vem cá.

17 Respondeo a mulher, e disse: não tenho marido. Disse-lhe Jesus: bem disseste, marido não tenho.

18 Porque cinco maridos tiveste, e o que agora tens, não he teu marido; isto com verdade disseste.

19 Disse-lhe a mulher: Senhor, vejo que es Profeta.

20 Nossos pais adorão neste monte, e vosoutros dizeis, que em Jerusalem he o lugar, aonde importa adorar.

21 Disse-lhe Jesus: Mulher, cre me, que a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalem, adorareis a o Pai.

22 Vosoutros adorais o que não sabeis; nos outros adoramos o que sabemos: porque a salvação vem dos judeos.

23 Porem a hora vem, e agora he, quando os

N 5 ver.

verdadeiros adoradores a
o Pai adorará em espiri-
to e em verdade: por-
que também o Pai busca
a estes que o adorem.

24 Deus he Espírito,
e os que o adorão, im-
porta que o adorem em
espírito e em verdade.

25 Disse-lhe a mulher:
Eu sei que o Messias
vem, (que se chama o
Christo;) quando elle
vier; todas as cousas nos
denunciará.

26 Disse-lhe Jesus: Eu
sou, o que comtigo fal-
lo.

27 E nisto vierão seus
Discipulos; e maravilha-
ra-se de que fallasse com
aquella mulher: toda via
ninguém lhe disse: que
perguntas? ou que com
ella fallas?

28 Deixou pois a mu-
lher seu cântaro, e foy á
cidade, e disse á gente
della:

29 Vinde, vede hum
homem, que me disse
tudo quanto tenho feito;
não he este porventura
o Christo?

30 Sahirão pois da ci-
dade, e vierão a elle.

31 E entre tanto lhe
rogavão os Discipulos,
dizendo: Rabbi, come.

32 Porem elle lhes dis-
se: huã comida tenho
que comer, que vosou-
tros não sabeis.

33 Diziaõ pois os Dis-
cipulos hums a os outros:
porventura trouxe lhe al-
guem de comer?

34 Disse-lhes Jesus: mi-
nhã comida he, que faça
a vontade d'aquelle que
me enviou, e cumpra
sua obra.

35 Não dizeis vosou-
tros, que ainda ha qua-
tro meses até que venha
a sega? vedesaqui vos di-
go: levantai vossos o-
lhos, e vede as terras;
que ja estão brancas para
a sega.

36 E o que sega, re-
cebe galardão, e ajunta
fructo para vida eterna;
pera que arabos se go-
zem, assi o que semea,
como o que sega.

37 Porque nisto he o
dito verdadeiro; que hum
he o que semea, e outro
o que sega.

38 Eu vos enviei a
segar e em que vosoutros
não trabalhastes; outros
trabalháraõ, e vosoutros
entraistes em seu trabalho.

39 E muytos dos Sa-
maritanos d'aquelle cidade
cêraõ nelle pela palavra

da

41 mulher, que testifica-
va, dizendo: tudo quan-
to tenho feito, me disse.

40 Vindo pois os Sa-
maritanos a elle, rogavão
lhe, que se ficasse com
elles; e ficou se ali dous
dias.

41 E crerão ainda
muytos mais por sua pa-
lavra d'elle.

42 E diziaõ á mulher:
Ja não cremos por teu
dito; porque nos mes-
mos o temos ouvido, e
sabemos que verdadeira-
mente este he o Christo
o Salvador do mundo.

43 E depois de dous
dias partio d'ali, e foy
se a Galilea.

44 Porque o mesmo
Jesus testificou, que não
tem o Propheta honra
em sua propria patria.

45 Vindo pois a Gali-
lea, os Galileos o recebê-
rão, vistas todas as cons-
tas, que fizera em Jeru-
salem no dia da Festa,
porque também elles fo-
rão a o dia da Festa.

46 Veyo pois Jesus
outra vez a Cana de Ga-
lilea, aonde da agoa fizé-
ra vinho. E estava ali
hum regulo, cujo filho
estava enfermo em Ca-
pernaum.

47 Ouvindo este, que
Jesus vinha de Judea a
Galilea, foy ter com el-
le, e rogavalle que des-
cendesse, e curasse a seu
filho, porque ja estava á
morte.

48 Disse lhe pois Je-
sus: Se não virdes sinais
e milagres, não avais de
crer.

49 O regulo lhe disse:
Senhor, descende, antes
que meu filho morra.

50 Disse-lhe Jesus: Vae,
teu filho vive. E creu o
homem a a palavra, que
Jesus lhe disse, e foyse.

51 E descendendo elle
ja, seus servos lhe fazaõ
a o encontro, e lho de-
nunciavão, dizendo: teu
filho vive.

52 Perguntou lhes pois,
a que hora se achara
melhor: e disserão lhe:
hontem a as sete horas o
deixou a febre.

53 Entendeu pois o
Pai, que aquella era a
mesma hora, em que Je-
sus lhe disse: teu filho
vive. E creu elle, e to-
da sua casa.

54 Este segundo final
tornou Jesus a fazer,
quando de Judea veyo a
Galilea.

CA-

CAPITULO V.

1 Depois d'isto era hum dia de Festa dos Judeos, e subio Jesus a Jerusa'em.

2 E ha em Jerusa'em á porta das ovelhas hum tanque, que em Hebreo se chama Bethesda, e tem cinco alpendres.

3 Nelles jazia grande multidão de enfermos, cegos, mancos, e desfigados, aguardando o movimento da agoa.

4 Porque hum Anjo descendia a certo tempo a o tanque, e revolvia a agoa; e o primeiro que descendia nelle, depois do movimento da agoa, sa'ava de qualquer enfermidade que tivesse.

5 E estava ali hum certo homem, que avia trinta e oito annos, que estava enfermo.

6 Vendo Jesus a este deitado, e sabendo, que ja avia muito tempo que ali jazia, disse-lhe: queres sa'ar?

7 Respondeo lhe o enfermo: Senhor, não tenho homem nenhum, que quando a agoa se revolva, me metta no tanque: e em quanto eu ven-

ho, outro antes de my descende.

8 Disse-lhe Jesus: levante-te, toma teu catre, e anda.

9 E logo aquelle homem sa'ou; e tomou seu catre, e hia-se. E era Sabbado aquelle dia.

10 Disse-raõ pois os Judeos a aquelle, que fora curado: Sabbado he, não te he licito levar o catre.

11 Respondeolhes elle: aquelle que me curou, elle me disse: toma teu catre, e anda.

12 Perguntáraõ lhe pois: quem he o homem que te disse: toma teu catre e anda?

13 E o que fora curado, não sabia quem fosse: porquanto Jesus se avia retirado, porquanto naquelle lugar avia huã grande companhia.

14 Depois Jesus achou o no Templo, e disse-lhe: vesaqui ja estãõ saõ; não peques mais, porque te não succeda alguã cousa peyor.

15 Foy aquelle homem, e denunciou a os Judeos, que Jesus era o que o curara.

16 E por isto perseguiãõ os Judeos a Jesus, e procuravaõ matalo, porque fazia estas cousas em Sabbado.

17 E

17 E Jesus lhes respondeo: meu Pae ate agora obra, e eu *tambem* obro.

18 Por isto pois tanto mais procuravaõ os Judeos matalo, porque não só quebrantava o Sabbado, mas *tambem* dizia, que Deus era seu proprio Pae, fazendo-te igual a Deu.

19 Respondeo pois Jesus, e disse-lhes: em verdade, em verdade vos digo, que não pode o Filho fazer cousa alguã de per si mesmo, se o não vir fazer a o Pae: porque tudo quanto elle faz, o faz *tambem* semelhantemente o Filho.

20 Porque o Pae ama a o Filho, e todas as cousas que faz, lhe mostra: e maiores obras que estas, lhe mostrarã, para que vosoutros vos maravilheis.

21 Porque como o Pae a os mortos resuscita, e zeraõ bem, a o Filho a os que quer, vivifica.

22 Porque *tambem* o Pae a ninguem julga, mas todo o juizo deu a o Filho.

23 Pera que todos honrem a o Filho; como honraõ a o Pae. Quem não honra a o Filho, não honra a o Pae, que o enviou,

24 Em verdade, em verdade vos digo, que quem ouve minha palavra, e creõ a o que me enviou, tem vida eterna, e não passou da morte a vida.

25 Em verdade, em verdade vos digo, que a hora vem, e agora he, quando os mortos ouvirãõ a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirẽ, viviraõ.

26 Porque como o Pae tem vida em si mesmo, assi deu *tambem* a o Filho, que tivesse vida em si mesmo.

27 E deu lhe poder, pe-ra fazer juizo, por quanto he o Filho do homem.

28 Não vos maravilheis d'isto: porque a hora vem, em que todos os que estãõ em os sepulcros, ouvirãõ sua voz.

29 E sa'iraõ os que fi-zeraõ bem, a resurreiçaõ de vida; e os que fizeraõ mal, a resurreiçaõ de condemnaçaõ.

30 Não posso eu de per my me mo fazer alguã cousa. Como ouço, *assi* julgo: e meu juizo he justo; porque não busco minha vontade, mas a vontade do Pae, que me enviou.

31 Se

31 Se eu testifico de my mesmo, meu testemunho não he verdadeiro.

32 Outro ha que testifica de my, e sei que o testemunho, que testifica de my, he verdadeiro.

33 Vos outros enviastes a João, e elle deu testemunho á verdade.

34 Porém eu não tomo testemunho de homem: mas digo isto, para que vos salvais.

35 Elle era huã candeia ardente e resplandecente: e vos outros vos quiseistes por hum pouco de tempo alegrar em sua luz.

36 Mas eu tenho mayor testemunho que o de João. Porque as obras que o Pae me deu, que cumpriõ, as mesmas obras que eu faço, testificacão de my, que o Pae me enviou.

37 E o Pae que me enviou, elle mesmo testificou de my. Nunca ouvistes sua voz, nem vistes seu parecer.

38 E não tendes sua palavra permanente em vos outros; porque a o que elle enviou, a esse vos outros não credes.

39 Esquadrinhe as Escrituras; po. que vos outros

cuidaes que nellas tendes a vida eterna, e ellas são as que de my testificão.

40 E não quereis vir a my, para que tomades vida.

41 Não tomo honra de homens.

42 Mas bem vos conheço, que não tendes o amor de Deus em vos mesmos.

43 Eu vim em nome de meu Pae, e vos outros me não acetaes; se outro vier em seu proprio nome, a esse acetaeis.

44 Como podeis vos outros crer, tomando honra hums dos outros? e não buscaes a honra, que de só Deus he?

45 Não cuidéis, que eu vos aja de acufar para com o Pae: o que vos acufa, he Moyses, em quem vos outros esperaes.

46 Porque se vos outros credes a Moyses, também a my me credes: porque elle escreveu de my.

47 Porém se não credes a seus escritos, como credes a minhas palavras?

CAPITULO. VI.

1 Depois d'isto partio se Jesus da outra banda

banda do mar de Galilea, que he o de Tiberias.

2 E seguia o grande companha; porque viaõ os pescadores que fazia nos enfermos.

3 E subio Jesus a o monte, e assentouse ahi com seus Discipulos.

4 E ja a Paschoa, a Festa dos Judeos, estava perto.

5 Levantando pois Jesus os olhos, e vendo que huã grande companha vinha a elle, disse a Philippe: d'onde compraremos paens, para que estes comão?

6 (Mas isto dizia, atentando o; porque bem sabia elle o que avia de fazer.)

7 Respondeolhe Philippe: duzentos dinheiros de paõ lhes não bastarão, porque cada hum d'elles tome hum pouco.

8 Disse-lhe hum de seus Discipulos, a saber, André, o irmão de Simão Pedro:

9 Hum menino está aqui, que tem cinco paens de cevada, e dous peixinhos; mas que he isto entre tantos?

10 E disse Jesus: fazei assentar os homens; e avia muytaerva naquella lan-

gar. Assentaráõ se pois os homens, como numero de cinco mil.

11 E tomou Jesus os paens, e avendo dado graças, repartio os a os Discipulos, e os Discipulos a os que estavam assentados, semelhantemente também dos peizes, quanto quariõ.

12 E como ja estiverãõ feitos, disse a seus Discipulos: recolhei os pedaços que sobejaráõ, para que nada se perca.

13 Recolherãõ os pois, e encherãõ doze cestos dos pedaços dos cinco paens de cevada, que sobejaráõ a os que comerãõ.

14 Vendo pois aquelles homens o final, que Jesus fizera, disserãõ: este he verdadeiramente o Propheta, que avia de vir a o mundo.

15 Sabendo pois Jesus que avião de vir, e arrebatado, para o fazer Rey, tornou se elle só a retirar a o monte.

16 E como ja se fez tarde, descenderaõ seus Discipulos a o mar.

17 E entrando no barco, vieraõ da outra banda do mar a Capernaum. E era ja escuro, e ainda

Jesus não tinha vindo a elles.

18 E o mar se levantou, porquanto hum grande vento soprava.

19 E avendo ja navegado quaõ vinte e cinco, ou trinta estadios, virão a Jesus vir andando sobre o mar, e chegando a o barco; e temerão.

20 Mas elle lhes disse: Eu sou, não temae.

21 Elles pois o receberam de boamente no barco; e logo o barco chegou á terra aonde hião.

22 O dia seguinte vendo a companhia, que estava da outra banda do mar, que não avia ali mais que hum barquinho, em que seus Discipulos entrãõ; e que Jesus não entrãõ com seus Discipulos naquelle barquinho, mas que seus Discipulos sós se avião ido:

23 (Porem que outros barquinhos vierão de Tiberias, perto do lugar, aonde comerão o pão, avendo o Senhor dado graças.)

24 Vendo pois a companhia, que Jesus não estava ali, nem seus Discipulos, entrãõ elles tambem nos barcos, e vierão

a Capernaum em busca de Jesus.

25 E achando o da outra banda do mar, disserão lhe: Rabbi, quando cá chegaste?

26 Respondeo lhes Jesus, e disse: em verdade vos digo, que me buscaes, não polos sinais que visles, mas pelo pão que comistes, e vos fartastes.

27 Obrar não pois comida que perece, mas pois comida que permanece para vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará: porque a este sellou Deus Pae.

28 Disserão lhe pois: que faremos, para obrarmos as obras de Deus?

29 Respondeo Jesus, e disse-lhes: esta he a obra de Deus, que creaes naquelle que elle enviou.

30 Disserão lhe pois: que sinal pois fazes tu, para que o vejamos, e te creamos? que obras?

31 Nossos paes comerão o Manna no deserto, como está escrito: pão do ceo lhes deu a comer.

32 Disse lhes pois Jesus: em verdade, em verdade vos digo, que não vos deu Moyses o pão do ceo;

ceo; mas meu Pae vos dá o verdadeiro pão do ceo.

33 Porque o pão de Deus he aquelle, que do ceo descende, e dá vida a o mundo.

34 Disserão lhe pois: Senhor, dá nos sempre este pão.

35 E Jesus lhes disse: Eu sou o pão da vida; quem vem a my, em maneira nenhuma terá fome; e quem cre em my, nunca terá sede.

36 Mas ja vos tenho dito, que tambem me visles, e não credes.

37 Tudo o que o Pae me dá, virá a my; e a o que vem a my, em maneira nenhuma o lançarei fora.

38 Porque eu descendi do ceo, não para fazer minha vontade, senão a vontade d'aquelle que me enviou.

39 E esta he a vontade do Pae, que me enviou, que de tudo quanto me deu, nada perca, mas que o resuscite no ultimo dia.

40 E esta he a vontade d'aquelle que me enviou, que todo aquelle que vé a o Filho, e nelle cre, tenha a vida eterna; e eu o resuscitarei no ultimo dia.

41 Murmuravaõ pois d'elle os Judeos, porque dissera: Eu sou o pão, que descendeo do ceo.

42 E diziaõ: não he este Jesus, o filho de Joseph, cujos pae e mãe nosoutros conhecemos? como pois diz este: do ceo descendo tenho?

43 Respondeo pois Jesus, e disse-lhes: não murmureis entre vosoutros.

44 Ninguem pode vir a my, se o Pae que me enviou, o não puxar: e eu o resuscitarei no ultimo dia.

45 Escrito está nos Prophetas: e ferão todos ensinados de Deus. Assim que, todo aquelle que do Pae o ouviu, e aprendeo, elle vem a my.

46 Não que alguém visse a o Pae, senão aquelle que he de Deus; esse tem visto a o Pae.

47 Em verdade, em verdade vos digo, que aquelle que cre em my, tem vida eterna.

48 Eu sou o pão da vida

49 Vossos paes comerão o Manna no deserto, e morrerão.

50 Este he o pão, que descendeo do ceo, para que

o homem d'elle coma, e não morra.

51 Eu sou o pão vivo, que descende do ceo; se alguém comer d'este pão, para sempre ha de viver. E o pão que eu hei de dar, he minha carne, a qual hei de dar pola vida do mundo.

52 Contentião pois os Judeos entre si, dizendo: Como este nos pode dar sua carne a comer?

53 Jesus pois lhes disse: em verdade, em verdade vos digo, que se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes seu sangue, não tereis vida em vos mesmos.

54 Quem come minha carne, e bebe meu sangue, tem vida eterna, e eu o resuscitarei no ultimo dia.

55 Porque minha carne verdadeiramente he comida; e meu sangue verdadeiramente he bebida.

56 Quem come minha carne, e bebe meu sangue, em my permanece, e eu nelle.

57 Como o Pae vivente me enviou, e eu vivo pelo Pae; assi quem a my me come, tambem por my ha de viver.

58 Este he o pão, que descende do ceo. Não como vossos paes, que comerao o Manna, e por-tárao; quem comer este pão, para sempre ha de viver.

59 Estas cousas disse elle na Synagoga, ensinando em Capernaum.

60 Muitos pois de seus Discipulos, ouvindo isto, disserão: dura he esta palavra; quem a pode ouvi?

61 Sabendo pois Jesus em si mesmo, que seus Discipulos murmuravao d'isto, disse-lhes: isto vos escandaliza?

62 Que seria pois, se visseis a o filho do homem subir aonde estava primeiro?

63 O Espirito he o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos digo, espirito e vida saõ.

64 Mas alguns de voutros ha, que não creem. Porque bem sabia Jesus ja desde principio, quem erraõ os que não criaõ, e quem era o que o avia de entregar.

65 E dizia: Por isso vos tenho dito, que ninguem pode vir a my, se lhe não for dado de meu Pae.

66 Des-

66 Desd'então se tornaraõ muitos de seus Discipulos a tras, e ja não andavaõ com elle.

67 Assi que disse Jesus a os doze: Por ventura quereis vosoutros tambem ir?

68 Respondeo lhe pois Simão Pedro: Senhor, a quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna.

69 E ja nos outros cremos, e conhecemos, que tu es o Christo, o Filho do Deus vivente.

70 Jesus lhes respondeu: não eu vos escolhi doze; e hum de vosoutros he Diabo?

71 E isto dizia elle de Judas de Simão-Isariota; porque este o avia de entregar, o qual era hum dos doze.

CAPITULO VII.

1 E depois d'isto andava Jesus em Galilea; que ja não queria andar em Judea, por quanto os Judeos procuravaõ matá-lo.

2 E estava ja perto a Festa das Cabanas dos Judeos.

3 Disserão lhe pois seus irmaõs: passa te d'aqui, e

vaete a Judea, pera que tambem teus Discipulos vejaõ as obras, que fazes.

4 Que ninguem, que procura ser nomeado, faz alguma cousa em oculto. Se fazes estas cousas, manifesta te a o mundo.

5 Porque nem ainda seus irmaõs criaõ nelle.

6 Disse-lhes pois Jesus: meu tempo ainda não he chegado; mas vosso tempo sempre está prestes.

7 Não vos pode o mundo aborrecer a vosoutros, mas a my me aborrece, porquanto d'elle testifico, que suas obras são mas.

8 Vosoutros subi a esta Festa: eu não subo ainda a esta Festa, porque ainda meu tempo não he cumprido.

9 E avendolhes dito isto, ficou em Galilea.

10 Mas avendo seus irmaõs ja subido, entoncez subio elle tambem a Festa, não manifestamente, mas como em oculto.

11 Buscavaõ o pois os Judeos na Festa, e diziaõ: aonde elle está?

12 E avia grande murmuração d'elle nas companhias. Alguns diziaõ: Bom he; e outros diziaõ:

O 2

não

Phariseos; e elles lhes disserão: Porque o não trouxestes?

46 Responderão os servidores: nunca homem nenhum assim fallou, como este homem.

47 Responderão lhes pois os Phariseos: estas vosoutros também enganados?

48 Por ventura creu nelle algum dos Principes, ou dos Phariseos?

49 Senão esta companhia, que não sabe a Ley, maldita he.

50 Disse-lhes Nicodemus, o que viéra a elle de noite, que era hum d'elles.

51 Porventura julga nossa Ley a o homem, sem primeiro o ouvir, e entender o que faz?

52 Responderão elles, e disserão lhe: es tu também de Galilea? esquadrinha, e ve, que nenhum Propheta se levantou de Galilea.

53 E foy se cada hum para sua casa.

CAPITULO VIII.

1 Porem Jesus se foy a o monte das Oliveiras.

2 E pelamanhã cedo tornou a o Templo, e todo o povo veyo a elle: e assentando se, ensinava os.

3 E trouxerão lhe os Escribas e Phariseos huã mulher tomada em adultério:

4 E pondo a no meyo, disserão lhe: Mestre, esta mulher foy tomada no mesmo leito, adulterrando.

5 E na Ley nos mandou Moyses, que as taes sejaõ apedrejadas; Tu pois que dizes?

6 E isto diziaõ elles, atentando o, para que tivessem de que o acusar. Mas inclinando se Jesus, escrevia com o dedo em terra.

7 E como perseverasse perguntandolhe, endereitoule, e disse-lhes: aquelle que de vosoutros está sem peccado, seja o primeiro, que atire pedra contra ella.

8 E tornando se a inclinar, escrevia em terra.

9 Porem ouvindo elles isso, e redarguidos da consciencia, fairo se hum a hum, começando dos mais velhos até os ultimos; e Jesus ficou só, e

a mulher, que estava no meyo.

10 E endereitando se Jesus, e não vendo a mulher, disse-lhe: Mulher, aonde estão aquellos teus acusadores? ninguem te condenou?

11 E disse ella: ninguem, Senhor. E disse lhe Jesus: nem eu também te condeno: vai te, e não peques mais.

12 Fallou lhes pois Jesus outra vez, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me seguir, não andarã em trevas, mas terá lume de vida.

13 Disserão lhe pois os Phariseos: Tu testificas de ty mesmo; teu testemunho não he verdadeiro.

14 Respondeo Jesus, e disse-lhes: ainda que eu testifico de my mesmo, meu testemunho he verdadeiro; porque sei d'onde vim, e para onde vou: porem vosoutros não sabeis, d'onde venho, nem para onde vou.

15 Vosoutros julgades segundo a carne, eu não julgo a ninguem.

16 E se eu também julgo, meu juizo he ver-

dadeiro: porque não sou eu só, mas eu, e o Pai que me enviou.

17 E também em vossa Ley está escrito, que o Testimunho de dous homens he verdadeiro.

18 Eu sou o que testifico de my mesmo, e também de my testifica o Pai, que me enviou.

19 Disserão lhe pois: aonde está teu Pai? respondeu Jesus: nem a my me conheceis, nem a meu Pai: se vos a my me conheceis, também conheceis a meu Pai.

20 Estas palavras fallou Jesus junto á arca do thesouro, ensinando no Templo; e ninguem o prendeo, porque ainda sua hora não era chegada.

21 Disse-lhes pois Jesus outra vez: eu me vou, e buscarmeis, e morireis em vosso peccado: aonde eu vou, vosoutros não podeis vir.

22 Diziaõ pois os Judeos: porventura ha se de matar a si mesmo, que diz: aonde eu vou, vosoutros não podeis vir?

23 E dizia lhes: vosoutros sois de baixo, eu sou de riba; vosoutros sois d'e-

d'este mundo; eu não sou d'este mundo.

24 Por isso vos disse, que morrereis em vossos peccados; porque se não crederdes, que eu sou, morrereis em vossos peccados.

25 Disse-lhe pois: Tu quem es? Jesus lhes disse: ó que já desde principio também vos digo.

26 Muytas cousas tenho que dizer e julgar de voutros: mas verdadeiro he aquelle, que me enviou; e eu o que d'elle tenho ouvido, isso fallo a o mundo.

27 Mas não entenderão, que lhes fallava do Pae.

28 Disse-lhes pois Jesus: quando levantardes a o Filho do homem, então entenderes que eu sou, e que nada faço de my mesmo: mas isto digo, como meu Pae m'o en-
viou.

29 E aquelle que me enviou, está comigo. O Pae não me tem deixado só, porque sempre faço o que lhe agrada.

30 Fallando elle estas cousas, muytos creião nelle.

31 Dizia pois Jesus a os Judeos, que criaõ

nelle: se voutros pera manecerdes em minha palavra, verdadeiramente fereis meus Discipulos.

32 E entenderes a verdade, e a verdade vos libertará.

33 Responderão lhe: somente de Abraham somos, e nunca servimos a ninguém; como dizes tu logo: libertos fereis?

34 Respondeo lhes Jesus: em verdade, em verdade vos digo, que todo aquelle que faz peccado, servo he do peccado.

35 E o servo não fica em casa para sempre; o Filho fica para sempre.

36 Assim que, se o Filho vos libertar, verdadeiramente fereis libertos.

37 Bem sei que fois somente de Abraham; porque procuraes matarme, vos não cabe.

38 Eu, o que vi junto a meu Pae, isso fallo; e voutros, o que também vistes junto a vosso pae, isso fazeis.

39 Responderão, e disserão lhe: nosso pae he Abraham. Disse-lhes Jesus: se foreis filhos de Abraham, fizereis as obras de Abraham.

40 Po

40 Porem agora procuraes matarme, homem que vos tenho fallado a verdade, que de Deus tenho ouvido: não fez isto Abraham.

41 Voutros fazeis as obras de vosso pae. Disse-lhe pois: nosoutros não somos nacidos de fornicação; hum Pae temos, a saber Deus.

42 Disse lhes pois Jesus: se Deus fora vosso Pae, verdadeiramente me amariis: porque eu sahi e venho de Deus; que não vin de my mesmo, porem elle me enviou.

43 Porque não entendeis minha lingoagem? porquanto não podeis ouvir minha palavra.

44 Voutros fois de pae Diabo, e quereis fazer os desejos de vosso pae: elle foy homicida desde principio, e não permaneceu na verdade, porque nelle verdade não ha; quando falla mentira, do seu proprio falla: porque he mentiroso, e pae da mentira.

45 Porem a my, porque vos digo a verdade, não me credes.

46 Quem de voutros me convence de peccado?

e se digo a verdade, porque me não credes?

47 Quem he de Deus; ouve as palavras de Deus; portanto as não ouvis voutros, porquanto não fois de Deus.

48 Responderão pois os Judeos, e disserão lhe: não dizemos nos bem, que es samaritano, e tens o Demonio?

49 Respondeo Jesus: Eu não tenho Demonio, antes honro a meu Pae; e voutros me deshonraes.

50 Eu porem não busco minha gloria; ha quem a buique, e a julgue.

51 Em verdade, em verdade vos digo, que se alguem guardar minha palavra, não verá a morte para sempre.

52 Disse-lhe pois os Judeos: agora conhecemos que tens o Demonio. Morreo Abraham, e os Prophetas; e dizes tu: se alguem guardar minha palavra, não gostará a morte para sempre?

53 Es tu mayor que nosso pae Abraham, o qual morreo? e morrerão os Prophetas: Quem te fazes a ty mesmo?

54 Respondeo Jesus: se

cu

eu me glorifico a my mesmo, nada he minha gloria; meu Pae he o que me glorifica: o qual dizeis que he vosso Deus.

55 E vos outros não o conheceis, mas eu o conheço: e se disser, que o não conheço, farei mentiroso como vos outros; mas conheço o, e guardo sua palavra.

56 Abraham vosso pae saltou de prazer por ver meu dia; e vio o, e alegrouse.

57 Dixerão lhe pois os Judeos: ainda não tens cincoenta annos, e viste a Abraham?

58 Dissenhes Jesus: em verdade, em verdade vos digo, que antes que Abraham fosse, eu sou.

59 Tomarão pois pedras, pera lhe atirarem. Mas Jesus se escondeo, e sahio do Templo, atravessando por meyo d'elles, e assi se foy.

CAPITULO IX.

1 **E** indo Jesus passando, vio a hum homem cego desde seu nascimento.

2 E perguntarão lhe seus Discipulos, dizendo: Rabbi, quem pecou? este,

ou seus paes, pera que nasceisse cego?

3 Respondeo Jesus: nem este pecou, nem seus paes; mas *assi he* pera que as obras de Deus nelle se manifestem.

4 A my me convem obrar as obras d'aquelle que me enviou, entretanto que he de dia: a noite vem, quando ninguem pode obrar.

5 Em quanto no mundo estou, eu tou a luz do mundo.

6 Isto dito, cospio em terra, e fez lodo do cuspo, e untou com aquelle lodo os olhos a o cego.

7 E disse-lhe: Vae, lava te no tanque de Siloé, (que se interpreta Enviado) Foy pois, e lavouse: e tornou vendo.

8 Assi que os vizinhos, e os que d'antes o viam, que era cego, diziam: não he este aquelle que estava assentado, e mendigava?

9 Outros diziam: este he. E outros: parece se com elle. Elle dizia: Eu sou.

10 Diziam lhe pois: Como se te abrirão os olhos?

11 Respondeo elle, e disse:

disse: aquelle homem chamado Jesus, fez lodo, e me untou os olhos, e me disse: vae a o tanque de Siloé, e lava te. E fui, e lavei me, e vi.

12 Dixerão lhe pois: aonde está elle? disse elle: não o sei.

13 Levaram o pois a os Phariseos, a saber a o d'antes cego.

14 E era Sabbado, quando Jesus fez o lodo, e lhe abriu os olhos.

15 Tornarão pois tambem os Phariseos a perguntar lhe, como vira? e elle lhes disse: pos me lodo sobre os olhos, e lavei me, e vejo.

16 Assi que alguns dos Phariseos diziam: este homem não he de Deus; pois não guarda o Sabbado. Outros diziam: como pode hum homem peccador fazer taes sinais? E avia dissensao entre elles.

17 Tornão pois a dizer a o cego: Tu que dizes d'elle, pois os olhos te abriu? e elle disse: que he Propheta.

18 Assi que os Judeos não criam d'elle, que ouvesse sido cego, e agora visse; até que chamarão a os paes do que agora via.

19 E perguntarão lhes, dizendo: he este vosso filho, aquelle que dizeis que nasceo cego? como pois agora vê?

20 Responderão lhes seus paes, e disserão: sabemos que este he nosso filho, e que nasceo cego.

21 Mas como agora veja, não o sabemos; ou, quem lhe aja aberto os olhos, não o sabemos; idade tem, perguntae lhe a elle mesmo, elle fallará por si mesmo.

22 Isto disserão seus paes, porque temião a os Judeos. Porquanto ja os Judeos a huã tinham conciuído, que se alguem confessasse, ser elle o Christo, fosse lançado da Synagoga.

23 Por isso disserão seus paes: idade tem, perguntae-lhe a elle mesmo.

24 Chamarão pois segunda vez a o homem que fora cego, e disserão lhe: Da gloria a Deus; nos sabemos, que este homem he peccador.

25 Respondeo pois elle, e disse: Se he peccador, não o sei; huã cont'a sei, que, avendo eu sido cego, agora vejo.

26 E

26 E tornaráo lhe a dizer: que te fez? como te abriu os olhos?

27 Respondeolhes: Ja voio tenho dito, e ainda o não ouvistes: que quereis tornar a ouvir? porventura quereis vos tambem fazer seus Discipulos.

28 Assi que o injuriaráo, e disseráo: tu sejas seu Discipulo; que nos outros somos Discipulos de Moyses.

29 Bem sabemos nosotros, que Deus fallou a Moyses; mas este nem de d'onde he, não sabemos.

30 Respondeo aquelle homem, e disselhes: na verdade, que maravilhosa cousa he esta! que voutros não sabeis de d'onde seja este; e a my me abriu os olhos.

31 E bem sabemos, que Deus não ouve a os peccadores; mas se alguem he temente a Deus, e faz sua vontade, a este ouve.

32 Desde *toada*: os seculos se não ouvio, que alguem os olhos abrisse a hum, que nasce cego.

33 Se este não fora vindo de Deus, nada pudera fazer.

34 Respondéráo elles; e disseráo lhe: em peccados es todo nacido, e nos enfiás a nos? e o lançaráo fora.

35 Ouvio Jesus que o aviao lançado fora, e achando o, disselhe: Cres tu no Filho de Deus?

36 Respondeo elle, e disse: Quem he, Senhor, pera que nelle crea?

37 E disselhe Jesus: Ja o tens visto; e o que falla comtigo, esse he.

38 E elle disse: Creyo, Senhor; e adorou o.

39 E disse Jesus: Eu vim a este mundo pera juizo, pera que os que não vêm, vejaõ; e os que vêm, ceguem.

40 E ouviráo isto alguns dos Phariseos, que estavaõ com elle; e disseráolhe: Somos nosotros tambem cegos?

41 Disselhes Jesus: Se foreis cegos, não tvereis peccado; mas agora dizeis: Vemos; por tanto voio peccado permanece.

CAPITULO X.

Em verdade, em verdade vos digo, que aquelle que no curral das ovelhas não entra pela

porta, mas sobe por outra parte, he ladraõ, e saltador.

2 Mas aquelle, que entra pela porta, he o pastor das ovelhas.

3 A este o porteiro abre, e as ovelhas ouvem sua voz, e a suas ovelhas chama nome por nome, e as leva fora.

4 E quando tira fora suas ovelhas, vae diante d'ellas, e as ovelhas o seguem, porquanto conhecem sua voz.

5 Mas a o estranho em maneira nenhuma seguiráõ, antes d'elle fogiráõ; porquanto não conhecem a voz dos estranhos.

6 Esta parabola lhes disse Jesus; porem elles não entenderáõ, que era o que lhes fallava.

7 Tornoulhes pois Jesus a dizer: Em verdade, em verdade vos digo, que eu sou a porta das ovelhas.

8 Todos quantos viéõ antes de my, são ladroens e saltadores: mas as ovelhas não os ouviráõ.

9 Eu sou a porta; se alguem entrar por my, Pae, porquanto ponho salvar se ha: e entrará, e sairá, e achará pasto.

10 O ladraõ não vem senão a roubar, e matar, e destruir: eu vim pera que tenhaõ vida, e teanhaõ abundancia.

11 Eu sou o bom Pastor: o bom Pastor pelas ovelhas poem sua vida.

12 Mas o jornaleiro, e que não he o pastor, e que não são proprias as ovelhas, vé vir a o lobo, e deixa as ovelhas, e foge: e o lobo as arrebatá, e dissipa as ovelhas.

13 E o jornaleiro foge, porquanto he jornaleiro, e das ovelhas não tem cuidado.

14 Eu sou o bom Pastor, e as minhas conheço, e das minhas sou conhecido.

15 Como o Pae me conhece a my, *assi* conheço eu tambem a o Pae: e ponho minha vida pelas ovelhas.

16 Ainda tenho outras ovelhas, que não são d'este curral; a estas tambem me convem trazer, e ouviráõ minha voz, e farsêha huã grey, e hum pastor.

17 Por isso me ama o Pae, porquanto ponho minha vida, pera tornála a tomar.

18 Nin-

18 Ninguem m'a tira a de minhas ovelhas, como my, mas eu de my me- ja dito volo tenho.
 19 Tornou pois a aver 27 Minhas ovelhas ou- nho pera a pôr, e poder vem minha voz, e eu as tenho pera a tornar a to- conheço, e ellas me le- mar. Este mandamento guem.
 20 E muytos d'elles 28 E eu lhes dou a recebi de meu Pae. vida eterna, e pera sem- pre não perecerão, e nin- guem as arrebatara de minha mão.

21 Dizião outros: estas 29 Meu Pae que m'as palavras não são de en- deu, mayor he que to- demoninhado; pode por- dos; e ninguem as pode ventura o Demonio abrir arrebaar da mão de meu os olhos a os cejos? Pae.
 22 E era a festa da 30 Eu e o Pae somos hum. renovação do Templo em Jerusalem, e era inverno.

23 E andava Jesus pas- 31 Tornarão pois os seando no Templo, no Judeos a tomar pedras, no alpendre de Salamao. pera o apedrejarem.
 24 Rodearão o pois 32 Respondeolhes Jesus: Muytas excellentes obras de meu Pae vos tenho mostrado; por qual obra d'ellas me apedrejaes?

25 Respondeolhes Je- 33 Responderão lhe os sus, ja dito volo tenho, Judeos, dizendo: Por boa e não o credes. As obras obra te não apedrejam, e porque sendo tu homem, que eu faço em nome a ty mesmo te fazes Deus.
 26 Mas vosoutros não 34 Respondeo lhes Je- sús: não está escrito em vossa Ley: Eu disse, Deuses sois?

35 Pois se a Ley cha- mou Deuses a aquelles, a quem a palavra de Deus

Deus foy endereçada, e mado Lazaro, de Betha- a Escritura não pode ser nia, da aldeia de Maria, quebrantada: e de Martha sua irmã.

36 A my, a quem o 2 (E era Maria a que Pae sanctificou, e a o ungiu a o Senhor com o mundo enviou, dizeis unguento, e com seus vo. outros: Blasfemas; por- cabellos lhe a'impou os que disse: Filho de Deus pés; cujo irmão Lazaro era o que estava enfer- mou.)
 37 Se não faço as o- 3 Enviarão pois suas bras de meu Pae, não irmaãs a elle, dizendo: me creaes. Senhor, vés aqui aquelle que amas, esta enfermo.
 38 Porem se as faço, 4 E ouvindo o Jesus, crede a as obras; pera disse: esta enfermidade que conheçaes e creaes, não he para morte, mas que o Pae está em my, para gloria de Deus; para- que eu nelle. raque o Filho de Deus por ella seja glorificado.

39 Procuravaõ pois ou- 5 E amava Jesus a Mar- tra vez prendelo; e elle tha, e a sua irmã, e a se sahio de suas mãos. Lazaro.

40 E tornou se a ir da 6 Ouvindo pois que e- outra banda do Jordão, a stava enfermo, ficouse en- o lugar aonde Joao pri- taõ ainda dous dias no lu- meiro bautizava; e ficou gar aonde estava.
 41 E muytos vinhaõ a 7 Depois d'isto tornou a elle, e diziaõ: em ver- a dizer a os Discipulos: dade que nenhum final Vamos outra vez a Judea.
 42 E muytos ali creãõ 8 Dizem lhe os disci- pulos: Rabbi, ainda agora se ali. pouco ha te procuravaõ os Judeos apedrejar; e tor- nas te para lá?

43 E muytos ali creãõ 9 Respondeo Jesus: se ali.

44 E muytos ali creãõ 10 Respondeo Jesus: se ali.

45 E muytos ali creãõ 11 Respondeo Jesus: se ali.

46 E muytos ali creãõ 12 Respondeo Jesus: se ali.

47 E muytos ali creãõ 13 Respondeo Jesus: se ali.

48 E muytos ali creãõ 14 Respondeo Jesus: se ali.

49 E muytos ali creãõ 15 Respondeo Jesus: se ali.

50 E muytos ali creãõ 16 Respondeo Jesus: se ali.

51 E muytos ali creãõ 17 Respondeo Jesus: se ali.

52 E muytos ali creãõ 18 Respondeo Jesus: se ali.

53 E muytos ali creãõ 19 Respondeo Jesus: se ali.

54 E muytos ali creãõ 20 Respondeo Jesus: se ali.

55 E muytos ali creãõ 21 Respondeo Jesus: se ali.

56 E muytos ali creãõ 22 Respondeo Jesus: se ali.

57 E muytos ali creãõ 23 Respondeo Jesus: se ali.

58 E muytos ali creãõ 24 Respondeo Jesus: se ali.

59 E muytos ali creãõ 25 Respondeo Jesus: se ali.

60 E muytos ali creãõ 26 Respondeo Jesus: se ali.

61 E muytos ali creãõ 27 Respondeo Jesus: se ali.

62 E muytos ali creãõ 28 Respondeo Jesus: se ali.

63 E muytos ali creãõ 29 Respondeo Jesus: se ali.

64 E muytos ali creãõ 30 Respondeo Jesus: se ali.

65 E muytos ali creãõ 31 Respondeo Jesus: se ali.

66 E muytos ali creãõ 32 Respondeo Jesus: se ali.

CAPITULO XI.

1 E estava enfermo hum certo homem, cha-

quanto vé a luz d'este mundo.

10 Mas se alguem anda de noite, tropeça; porquanto nelle não ha luz.

11 Isto fallou; e disse lhes despois: Lazaro nosso amigo dorme; mas vou a o despertar do sonho.

12 Disserão pois seus Discipulos: Senhor, se dorme, será salvo.

13 Mas *isto* dizia Jesus de sua morte; porem elles cuidavaõ, que fallava do reponso do dormir.

14 Entõces pois lhes disse Jesus claramente: Lazaro he morto.

15 E folgo, por amor de vosoutros, que eu lá não estivesse, para que creaes: porem vamos ter com elle.

16 Disse pois Thomas, chamado o Didymo, a os condiscipulos: Vamos nosoutros tambem, pera que com elle morramos.

17 Vindo pois Jesus, achou que ja avia quatro dias que estava na sepultura.

18 (E Bethania estava como quasi quinze estadios perto de Jerusale.)

19 E muytos dos Judeos tinhaõ vindo a Mar-

tha, e a Maria, a consolalas acerca de seu irmão.

20 Ouvindo pois Martha que Jesus vinha, sahio lhe a o encontro; mas Maria se ficou allentada em casa.

21 Disse pois Martha a Jesus: Senhor, se tu estiveras aqui, não morrerá meu irmão.

22 Porem tambem sei agora, que tudo quanto pedires a Deus, Deus t'o dará.

23 Disse lhe Jesus: Teu irmão ha de resuscitar.

24 Martha lhe disse: Eu sei que ha de resuscitar, na resurreiçãõ, em o ultimo dia.

25 Disse lhe Jesus: Eu sou a resurreiçãõ, e a vida; quem cré em my, ha de viver, ainda que esteja morto.

26 E todo aquelle que vive, e cré em my, para sempre não ha de morrer. Crés isto?

27 Disse lhe ella: Si senhor; Ja cri que tu es o Christo, o Filho de Deus, que avia de vir a o mundo.

28 E dito isto, foyse, e chamou em segredo a Maria sua irmã, dizendo;

do: aqui está o Mestre, e te chama.

29 Ouvindo ella *isto*, logo se levantou, e foy ter com elle.

30 (Que ainda Jesus não era chegado á aldea; mas estava no lugar, aonde Martha lhe saira a o encontro.

31 Vendo pois os Judeos, que com ella estava em casa, e a consolavaõ, que Maria apresuradamente se levantara, e saira, seguirão a, dizendo: á sepultura vae, a chorar lá.

32 Vindo pois Maria aonde Jesus estava, e vendo o, derribou se a seus pees, dizendolhe: Senhor, se tu estiveras aqui, não morrerá meu irmão.

33 Vendo a pois Jesus chorar, e a os Judeos, que com ella *tambem* vinhaõ chorando; moveu se muyto em espirito, e turbou se em si mesmo.

34 E disse: aonde o pudesstes? disserão lhe: Senhor, vem e vé o.

35 E chorou Jesus.

36 Disserão pois os Judeos: Vede como o amava!

37 E alguns d'elles disserão: não podia este, que

abrio os olhos a o cego, fazer que tambem este não morresse?

38 Movendo se pois Jesus outra vez muyto em si mesmo, veyo á sepultura: e era *esta* huã caverna, e estava huã pedra posta sobre ella.

39 Disse Jesus: Tira a pedra. Martha, a irmã do defunto, lhe disse: Senhor, ja féde, que ja he de quatro dias.

40 Jesus lhe disse: não te tenho dito, que se creeres, verás a gloria de Deus.

41 Tirarão pois a pedra d'onde o defunto jazia. E levantou Jesus os olhos pera riba, e disse: Pae, graças te dou, que ja ouvido me tens.

42 Porem bem sabia eu, que sempre me ouves; mas por amor da companhia, que está a o redor, o disse; pera que creas que tu me enviasse.

43 E avendo dito isto, clamou com grande voz: Lazaro, sae fora.

44 E sahio o defunto liadas as mãos e os pees com fayxas, e seu rosto envolto em hum sudario.

Disse lhe Jesus: desliae o, e deixae o ir.

P

45 Po-

quanto vé a luz d'este mundo.

10 Mas se alguém andá de noite, tropeça; porquanto nelle não ha luz.

11 Isto fallou; e disse lhes despois: Lazaro não fo amigo dorme; mas vou a o despertar do sonho.

12 Disserão pois seus Discipulos: Senhor, se dorme, será salvo.

13 Mas *isto* dizia Jesus de sua morte; porem elles cuidavaõ, que fallava do reponso do dormir.

14 Entonces pois lhes disse Jesus claramente: Lazaro he morto.

15 E folgo, por amor de vósoutros, que eu lá não estivesse, para que creaes: porem vamos ter com elle.

16 Disse pois Thomas, chamado o Didymo, a os condiscipulos: Vamos nosoutros também, pera que com elle morramos.

17 Vindo pois Jesus, achou que ja avia quatro dias que estava na sepultura.

18 (E Bethania estava como quasi quinze estadios *perto* de Jerusaleem.)

19 E muytos dos Judeos tinhaõ vindo a Mar-

tha, e a Maria; a consolálas acerca de seu irmão.

20 Ouvindo pois Martha que Jesus vinha, sahio lhe a o encontro; mas Maria se ficou assentada em casa.

21 Disse pois Martha a Jesus: Senhor, se tu estiveras aqui, não morrerá meu irmão.

22 Porem também fei agora, que tudo quanto pedires a Deus, Deus t'o dará.

23 Disselhe Jesus: Teu irmão ha de resuscitar.

24 Martha lhe disse: Eu fei que ha de resuscitar, na resurreiçãõ, em o ultimo dia.

25 Disselhe Jesus: Eu sou a resurreiçãõ, e a vida; quem cré em my, ha de viver, ainda que esteja morto.

26 E todo aquelle que vive, e cré em my, pára sempre não ha de morrer. Crés isto?

27 Disse lhe ella: Si senhor; Ja cri que tu es o Christo, o Filho de Deus, que avia de vir a o mundo.

28 E dito isto, foyse, e chamou em segredo a Maria sua irmã, dizendo;

do: aqui está o Mestre, e te chama.

29 Ouvindo ella *isto*, logo se levantou, e foy ter com elle.

30 (Que ainda Jesus não era chegado á aldeia; mas estava no lugar, aonde Martha lhe saira a o encontro.)

31 Vendo pois os Judeos, que com ella estava em casa, e a consolavaõ, que Maria apresuradamente se levantara, e saira, seguirão a, dizendo: á sepultura vae, a chorar lá.

32 Vindo pois Maria aonde Jesus estava, e vendo o, derribou se a seus pees, dizendolhe: Senhor, se tu estiveras aqui, não morrerá meu irmão.

33 Vendo a pois Jesus chorar, e a os Judeos, que com ella *tambem* vinhaõ chorando; moveu se muyto em espirito, e turbou se em si mesmo.

34 E disse: aonde o puestes? disserão lhe: Senhor, vem e vé o.

35 E chorou Jesus.

36 Disserão pois os Judeos: Vede como o amava!

37 E alguns d'elles disserão: não podia este, que

abrio os olhos a o cego; fazer que também este não morresse?

38 Movendo se pois Jesus outra vez muyto em si mesmo, veyo á sepultura: e era *esta* huã caverna, e estava huã pedra posta sobre ella.

39 Disse Jesus: Tira a pedra. Martha, a irmã do defunto, lhe disse: Senhor, ja féde, que ja he de quatro dias.

40 Jesus lhe disse: não te tenho dito, que se creeres, verás a gloria de Deus.

41 Tirarão pois a pedra d'onde o defunto jazia. E levantou Jesus os olhos pera riba, e disse: Pae, graças te dou, que ja ouvido me tens.

42 Porem bem sabia eu, que sempre me ouvies; mas por amor da companhia, que está a o redor, o disse; pera que creas que tu me enviasse.

43 E avendo dito isto, clamou com grande voz: Lazaro, sae fora.

44 E sahio o defunto liadas as maõs e os pees com fayxas, e seu rosto envolto em hum sudario. Disselhes Jesus: desliae o, e deixae o ir.

45 Polo que muytos dos Judeos, que a Maria tinhao vindo, e aviaõ visto o que Jesus fizera, creãõ nelle.

46 Mas alguns d'elles foraõ a os Phariseos, e disserao lhes o que Jesus tinha feito.

47 Os Pontifices pois, e os Phariseos, ajuntãõ o Concilio, e diziaõ: Que faremos? que este homem faz muytos sinais.

48 Se assi o deixamos, todos creãõ nelle, e virãõ os Romanos, e tomarnos haõ assi o lugar, como a naçaõ.

49 E Cayphas, hum d'elles, que era Summo Pontifice d'aquelle anno, lhes disse: Vosoutros nada sabeis:

50 Nem consideras que nos convem, que hum homem morra polo povo, e toda a naçaõ não pereça?

51 E isto não disse elle de si mesmo; senãõ, que como era o Summo Pontifice d'aquelle anno, prophetizou, que Jesus polo povo avia de morrer.

52 E não somente por aquelle povo, mas tambem peraque ajuntasse em hum a os filhos d-

Deus, que espargidos andavaõ.

53 Assi que d'essaquelle dia consultavaõ juntos de o matarem.

54 De maneira que ja Jesus não andava mais manifestamente entre os Judeos, mas foy se d'ali a terra, junto a o deserto, a huã cidade chamada Ephraim; e ali andava com seus Discipulos.

55 E estava perto a Paschoa dos Judeos, e muytos d'aquelle terra sobiraõ a Jerusalem antes da Paschoa, pera se purificarem.

56 Buscavaõ pois a Jesus; e diziaõ huns a os outros estando no Templo: que vos parece? que não virã a Festa?

57 E os Pontifices e os Phariseos tinhaõ dado mandamento, que se alguem foubesse aonde estava, o notificasse, pera que o pudessem prender.

CAPITULO XII.

Veyo pois Jesus seis dias antes da Paschoa a Bethania, aonde estava Lazaro, o que falecêra, a quem resuscitara dos mortos.

2 Fizerãõ lhe pois ali huã cca, e Martha servia; e

e Lazaro era hum dos que juntamente com elle a mesa estavaõ assentados.

3 Tomando pois Maria hum arratel de unguento de nardo puro, de muyto preço, ungiõ os pees a Jesus, e alimpou lhe os pees com seus cabellos; e encheo se a casa do cheiro do unguento.

4 Entãõ disse Judas de Simãõ Iscariota, hum de seus Discipulos, o que o avia de trahir:

5 Porque se não vendeo este unguento por trezentos dinheiros, e se deu a os pobres?

6 E isto disse elle, não polo cuidado, que tiveuse dos pobres; mas porque era ladraõ, e tinha a bolsa, e trazia o que se lançava nella.

7 Disse pois Jesus: Deixa a; para o dia de meu enterro guardou isto.

8 Porque a os pobres sempre com vosco os tendes, porem a my sempre me não tendes.

9 Entendeo pois muyta companhia dos Judeos, que elle estava ali: e viãõ, não somente por amor de Jesus, mas tambem por ver a Lazaro, a quem resuscitara dos mortos.

10 E consultãõ os Principes dos Sacerdotes, de tambem matarem a Lazaro.

11 Porque muytos dos Judeos hiaõ por amor d'elle, e criãõ em Jesus.

12 O seguinte dia, ouvindo huã grande companhia, que viãra a o dia da Festa, que Jesu vinha a Jerusalem.

13 Tomãõ ramos de palmas, e lhe fãõ a o encontro, e clamavaõ: Hofanna: Bendito aquelle que vem em o nome do Senhor, o Rey de Israel.

14 E achou Jesus hum afinho, e assentouse sobre elle, como está escrito:

15 Não temas ó filha de Sãõ; eis aqui teu Rey vem assentado sobre o poldro de huã asna.

16 Porem isto não entenderãõ seus Discipulos a o principio; mas sendo Jesus ja glorificado, entõces se lembrãõ, que isto d'elle estava escrito, e que isto lhe fizeraõ.

17 A companhia pois, que estava com elle, testificava, que a Lazaro chamaõ da sepultura, e o resuscitara dos mortos.

18 Polo que tambem a

companha lhe falio a o
encont.o, por quanto ou-
vira, que fizera este sinal.

19 Disserão pois os Pha-
riseos entre si; vedes que
nada aproveitacs? eis que
o mundo se vae após elle.

20 E avia alguns Gre-
gos, dos que avião subido,
a adorarem no dia
da Festa.

21 Estes pois vierão a
Philippe, que era de Beth-
saida de Galilea, e rogá-
rão lhe, dizendo: Senhor,
queriamos ver a Jesus.

22 Veyo Philippe, e
disse o a André; e André
então e Philippe o disserão
a Jesus.

23 Porem Jesus lhes re-
spondeo, dizendo: Vinda
he a hora, que o Filho
do homem ha de ser glo-
rificado.

24 Em verdade, em
verdade vos digo, se o
grão de trigo, que cae na
terra, não morrer, elle
se fica só; porem se mor-
rer, muyto fructo dá.

25 Quem ama sua vida,
perdelaha; e quem neste
mundo aborrece sua vida,
a guardará para a vida e-
terna.

26 Se alguém me serve,
figa ne; e onde eu edi-
ver, ali estará também

meu servidor. E se al-
guem me servir, o Pae o
ha de honrar.

27 Agora está turbada
minha alma; e que direi?
Pae, salva me d'esta ho-
ra: mas por isso vim a
esta hora.

28 Pae, glorifica teu
Nome. Veyo pois huã
voz do ceo, que dizia: e
ja o tenho glorificado, e
outra vez o glorificarei.

29 A companha pois
que ali estava, e a ouvio,
dizia: que avia sido tro-
vaç. Outros diziaõ: al-
gum Anjo lhe tem fallado.

30 Respondeo Jesus e
disse: não veyo esta voz
por amor de my, senão
por amor de vosoutros.

31 Agora he o juizo
d'este mundo: agora será
lançado fora o Principe
d'este mundo.

32 E eu, quando for
levantado da terra, a to-
dos trarei a my.

33 (E isto dizia, signifi-
cando de que morte avia
de morrer.)

34 Respondeolhe a
companha: da Ley te-
mos ouvido, que o Chri-
sto permanece pera sem-
pre; e como dize: tu,
que convem, que o Filho
do homem seja levantado?
quem

quem he este Filho do
homem?

35 Disse lhes pois Je-
sus: ainda por hum pouco
de tempo a luz está com
vosco; andae em quanto
tendes luz, peraque as
trevas vos não apanhem.

E quem anda em trevas,
não sabe aonde vae.

36 Em quanto tendes
luz, crede na luz, peraque
sejacs filhos da luz. Estas
coizas fallou Jesus, e indo
se, escondeuse d'elles.

37 E ainda que perante
elles tinha feito tantos si-
naes, nem por isso criaõ
nelle.

38 Paraque se cumprif-
se a palavra do Propheta
Isayas, que disse: Senhor,
quem creio noia prega-
çãõ? e a quem o braço
do Senhor foy revelado?

39 Por isso não podiaõ
crer, porquanto outra vez
Isayas disse:

40 Os olhos lhes ce-
gou, e o coração lhes en-
dureceo; paraque dos o-
lhos não vejaõ, e de co-
ração não entendaõ, e se
convertaõ, e eu os cure.

41 Isto disse Isayas,
quando vio sua gloria, e
fallou d'elle.

42 Comtudo ainda até
dos Principes também

creião muytos nelle: mas
não o entendavaõ por a-
mor dos Phariseos; por
não serem lançados da sy-
nagoga.

43 Porque amavaõ mais
a gloria dos homens, do
que a gloria de Deus.

44 E clamou Jesus, e
disse: Quem cre em my,
não cre em my, senão na-
quelle que me enviou:

45 E quem a my me
vé, vé a aquelle que me
enviou.

46 Eu sou a luz que
vim a o mundo, para que
todo aquelle que cre em
my, não permaneça em
trevas.

47 E se alguém ouvir
minhas palavras, e as não
crer, não o julgo eu. Por-
que não vim a julgar a o
mundo, mas salvar a o
mundo.

48 Quem a my me en-
geitar, e minhas palavras
não receber, ja tem quem
o julgue; a palavra que te-
nho fallado, essa o ha de
julgar no ultimo dia.

49 Porque eu não te-
nho fallado de my mes-
mo: porem o Pae que
me enviou, elle me deu
mandamento do que hei
de dizer, e do que hei
de fallar.

50 E sei que seu mandamento he vida eterna. Alli que o que eu fallo, assi o fallo, como o Pae me tem dito.

CAPITULO XIII.

1 Antes da Festa da Paschoa, sabendo Jesus que ja sua hora era vinda, peraque d'este mundo passasse a o Pae, avendo amado a os seus, que estavao no mundo, até o fim os amou.

2 E acabada a Cea (avendo ja o Diabo metido no coraçõ de Judas de Simão Iscariota, que o trahisse.)

3 Sabendo Jesus que ja o Pae todas a cosas lhe tinha dado em as mãos, e que de Deus avia saído, e a Deus se hia.

4 Levantouse da Cea, e tirou os vestidos, e tomando huã toalha, cingio se:

5 Depois deitou agoa em huã bacia, e comecou a lavar os pees a os Discipulos, e alimpar *lhos* com a toalha, com que estava cingido.

6 Veyo pois a Simão Pedro; e elle lhe disse: Senhor, tu a my me lavas os pees?

7 Respondeo Jesus, e disse lhe: o que eu faço, não o sabes tu agora; mas despois o entenderas.

8 Disselhe Pedro: nunca jamais me lavarás os pees. Respondeo lhe Jesus: Se eu te não lavar, não terás parte comigo.

9 Disselhe Simão Pedro: Senhor, não só meus pees, mas ainda as mãos e a cabeça.

10 Disselhe Jesus: aquelle que esta lavado, não necessita senão de lavar os pees, mas todo esta limpo. E vosoutros limpos estaeis, porem não todos.

11 Porque bem sabia elle, quem o avia de trahir: por isso disse; todos não estaeis limpos.

12 Assi que avendo lhes lavado os pees, e tomado seus vestidos, tornou se assentar *á mesa*, e disselhes: entendeis o que vos tenho feito?

13 Vosoutros me chamaes Mestre, e Senhor, e bem dizeis; que eu o sou:

14 Pois se eu, o Senhor e o Mestre, vos tenho lavado os pés, também vosoutros vos deveis lavar os pees huns a os outros.

15 Por-

15 Porque vos tenho dado exemplo, paraque como eu vos tenho feito, façaes vosoutros também.

16 Em verdade, em verdade vos digo, *que* não he o servo mayor que seu Senhor; nem o embaixador mayor, que aquelle que o enviou.

17 Se sabeis estas cosas, fereis bemaventurados, se as fizerdes.

18 Não digo de todos vosoutros; bem sei eu a os que tenho escolhido; mas peraque se cumpra a Escritura, *que diz*: o que come comigo, levantou contra my seu calcanhar.

19 Desd'agora, antes que se faça, volo digo, peraque, quando se fizer, creaes que eu o sou.

20 Em verdade, em verdade vos digo; *que* se algum receber a o *que* eu enviar, a my me recebe: e quem a my me receber, recebe a aquelle que me enviou.

21 Avendo Jesus dito isto, turbou se em espirito, e testificou, e disse: em verdade, em verdade vos digo, que hum de vosoutros me ha de trahir.

22 Polo que os Disci-

pulos se olhavao huns para os outros, duvidando de quem *isso* dizia.

23 E hum de seus Discipulos, a quem Jesus amava, estava assentado *á mesa recostado* no regaço de Jesus.

24 A este pois fez sinal Simão Pedro, que perguntasse, quem era aquelle, de quem *isso* dizia?

25 E derribando se elle a o peito de Jesus, disse-

lhe: Senhor, quem he? Respondeo Jesus: aquelle he, a quem eu dei o bocado molhado. E molhando o bocado, deu o a Judas de Simão Iscariota.

27 E após o bocado, entrou nelle Satanás. Disse lhe pois Jesus: o que fazes, faze o depressa.

28 E nenhum dos que *á mesa* estavao assentados, entendeo a que *proposio* lh'o dizzera.

29 Porque alguns cuidavao, que por quanto Judas tinha a bolsa, lhe dizia Jesus: Compra o que para o dia da Festa nos he necessario: ou, que alguã cousa desse a os pobres.

30 Avendo elle pois tomado o bocado, logo

se sahio. E era ja noite.

31 Saindo elle pois, disse Jesus: agora he o Filho do homem glorificado, e Deus he glorificado nelle.

32 Se Deus nelle he glorificado, tambem Deus o glorificará em si mesmo, e logo o ha de glorificar.

33 Filhinhos, ainda hum pouco estou com vosco. Bulcarmeheis; e, como a os judeos disse; aonde eu vou, vosoutros não podeis vir: *assi* volo digo eu agora tambem.

34 Hum mandamento novo vos dou, que vos ameis huns a os outros: como eu vos amei a vos, que tambem vos huns a os outros vos ameis.

35 Nisto conhecerão todos, que sois meus Discipulos, se vos tiverdes amor huns entre os outros.

36 Disse lhe Simão Pedro: Senhor, aonde vas? Respondeo lhe Jesus: aonde eu vou, me não podes tu leguir agora; porem despois me seguirás.

37 Disse lhe Pedro: Senhor, porque agora te não posso seguir? por ty pores minha vida.

38 Respondeo lhe Jesus: por my porás tua vida? em verdade, em verdade te digo, que o galo não cantará, até que tres vezes me não negues.

CAPITULO XIV.

1 Não se turbe vossa coraçã: credes em Deus, crede tambem em my.

2 Em casa de meu Pae muytas moradas ha; quando não, eu volo diria; vou a vos aparelhar lugar.

3 E quando eu for, e vos aparelhar lugar, outra vez virei, e vos tomarei comigo, peraque vosoutros tambem estejais aonde eu estiver.

4 E ja sabeis aonde vou, e sabeis o caminho.

5 Disse lhe Thomas: Senhor, não sabemos aonde vas; e como podemos saber o caminho?

6 Jesus lhe disse: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguem vem a o Pae, senao por my.

7 Se vos a my me conhecereis, tambem conhecereis a meu Pae; e ja

desd'agora o conheceis, e o tendes villo.

8 Disse lhe Philippe: Senhor, mostra nos a o Pae, e basta nos.

9 Jesus lhe disse: tanto tempo ha que estou com vosco, e ainda me não tens conhecido Philippe? Quem a my me tem visto, ja tem visto a o Pae; e como dizes tu; mostra nos a o Pae?

10 Não crês tu que eu estou no Pae, e que o Pae está em my? as palavras que eu vos fallo, não as fallo de my mesmo, mas o Pae que está em my, elle ha o que faz as obras.

11 Crede me que estou no Pae, e que o Pae está em my: e quando não, crede me pelas minhas obras.

12 Em verdade, em verdade vos digo, que aquelle que cre em my, as obras que eu faço, tambem elle as fará; e fará mayores que estas. Porque eu vou a meu Pae.

13 E tudo quanto pedirdes em meu nome, eu o farei: peraque o Pae seja glorificado em o Filho.

14 Se alguã cousa pedirdes em meu nome, fahel.

15 Se me amaes, guardae meus mandamentos.

16 E eu rogarei a o Pae, e elle vos dará outro Consolador, peraque para sempre fique com vosco.

17 A o Espirito de verdade, a quem o mundo não pode receber; porque não o vê, nem o conhece; mas vosoutros o conheceis, porque habita com vosco, e em vosoutros ha de estar.

18 Orsaõs vos não deixarei; outra vez a vos virei.

19 Ainda hum pouco, e mais o mundo me não verá: mas vosoutros me vereis: porquanto eu vivo, e vosoutros vivereis.

20 Naquelle dia conhecereis, que estou em meu Pae, e vosoutros em my, e eu em vosoutros.

21 Quem tem meus mandamentos, e os guarda, esse he o que me ama; e quem a my me ama, será amado de meu Pae, e eu o amarei, e a elle me manifestarei.

22 Disse lhe Judas, não o Iscariota: Senhor, que ha,